

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Bárbara Aparecida Bepler Pires

**Relações interpessoais entre treinadores/as e atletas no futsal de
mulheres**

Juiz de Fora

2023

Bárbara Aparecida Bepler Pires

Relações interpessoais entre treinadores/as e atletas no futsal de mulheres

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Exercício e Esporte.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ludmila Nunes Mourão

Juiz de Fora

2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Bepler Pires, Bárbara Aparecida.

Relações interpessoais entre treinadores/as e atletas no futsal de mulheres / Bárbara Aparecida Bepler Pires. -- 2023.
249 f.

Orientadora: Ludmila Nunes Mourão

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, 2023.

1. Relações interpessoais.. 2. Violências de gênero no esporte.. 3. Mulheres atletas.. 4. Futsal.. 5. Treinadores e treinadoras.. I. Nunes Mourão, Ludmila, orient. II. Título.

Bárbara Aparecida Bepler Pires

Relações interpessoais entre treinadores/as e atletas no futsal de mulheres

Dissertação
apresentada ao
Programa de Pós-
graduação em
Educação Física
da Universidade
Federal de Juiz de Fora
como requisito parcial
à obtenção do título de
Mestra em Educação
Física. Área de
concentração: Exercício
e Esporte

Aprovada em 12 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Ludmila Nunes Mourão - Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Mariana Zuaneti Martins

Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Dilson Borges Ribeiro Junior

Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora, 14/11/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Ludmila Nunes Mourao, Professor(a)**, em 13/12/2023, às 11:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariana Zuaneti Martins, Usuário Externo**, em 13/12/2023, às 15:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Dilson Borges Ribeiro Junior, Professor(a)**, em 14/12/2023, às 09:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1575779** e o código CRC **A9CB120C**.

A todas meninas e mulheres atletas de
futsal e futebol do nosso país.

AGRADECIMENTOS

Dou o pontapé inicial neste texto de agradecimento já mencionando a tremenda dificuldade em colocar em palavras o imenso sentimento de gratidão à toda minha rede de apoio: de familiares às atletas; amigos/as às professoras. Inúmeras pessoas, de núcleos e cidades diferentes, me acompanharam durante esses dois anos e meio de estudo e foram imprescindíveis para que este trabalho fosse concluído.

Lud, minha querida orientadora, meus agradecimentos parecem insuficientes perante à grandiosa gratidão que sinto em ser sua orientanda. É um privilégio inenarrável aprender, conviver e compartilhar tantos momentos contigo. Você é meu maior exemplo! Obrigada por tudo e por tanto!

Mari, meus sinceros agradecimentos pela nossa valiosa amizade. Agradeço também pelo acolhimento em sua casa, pelas ricas orientações e por tantos conselhos que extrapolam a produção deste trabalho.

Ayra, muito obrigada pelos ensinamentos e por toda disposição em me auxiliar sempre de forma esplendorosa. Aprendo muito contigo e sempre serei grata por você ter acendido a chama da temática desta dissertação em minha vida.

Optei por agradecer primeiramente a essas três mulheres porque é certo que sem elas ao meu redor em Juiz de Fora, sendo apoio tanto no quesito acadêmico quanto pessoal, a realização deste trabalho não seria sequer sonhada.

Ainda em solos juiz-foranos, muitíssimo obrigada, Vi, pelas trocas e por também me receber tão bem em sua casa. E um agradecimento especial ao GEFSS por tantos aprendizados compartilhados e principalmente ao Igor e Bruna por contribuírem enormemente com o meu crescimento durante essa jornada.

Já em Belo Horizonte, com outros núcleos de apoio, consegui sentir esperança em me realizar dentro do ambiente acadêmico, recebi conselhos e muito afeto com duas grandes inspirações: Filipe e Carol. E junto, como um combo de amor, ainda fui agraciada por todo o acolhimento, atenção e carinho do Felipe. Vocês não tem noção do quanto me ajudaram e me ensinaram. Sinto uma profunda admiração e muitíssimo amor por vocês!

Às minhas amigas e meus amigos, obrigada por contribuírem enormemente com todo esse processo, seja me incentivando, me fazendo sorrir ou até compreendendo as minhas ausências e falhas. Sou demasiada abençoada e tenho muitas pessoas incríveis ao meu lado (mesmo a quilômetros de distância), então mesmo não colocando o nome de todas/os, sintam-se abraçadas/os! Entretanto, irei enfatizar o suporte da Brendinha e Raíssa por estarem presentes em momentos difíceis e reforçarem o quanto acreditavam em mim.

Um agradecimento especial ao Brabas que, pela maior parte do tempo, foi minha principal válvula de escape. Obrigada por entenderem minhas faltas e sempre estarem de braços abertos para mim!

Minhas atletas e ex-atletas, vocês são sensacionais! Àquelas que vestiram branco e preto ao meu lado, vocês me ensinaram TANTO todos os dias! Dizer a vocês que eu não seria capaz de conciliar “dois mundos” foi uma das coisas mais tristes que vivenciei em minha, ainda curta, carreira como treinadora. Entretanto, mesmo depois disso, continuar me sentindo amada e apoiada por cada uma foi uma das minhas maiores alegrias. Àquelas que vestem amarelo e preto... Sem vocês este trabalho definitivamente não seria finalizado. Vocês me ajudaram imensamente a suportar o processo, amadurecer, reconhecer um pouco mais de quem sou e, mais do que tudo, me fizeram sorrir. Obrigada, obrigada, obrigada!

Nesse período do mestrado tive a sorte de encontrar a Ágatha ainda no segundo semestre dessa trajetória e ainda bem que você vive comigo, meu amor! Foi para você que demonstrei minhas vulnerabilidades e fui acolhida; com você tomei decisões difíceis e enfrentei pensamentos negativos; ao seu lado compartilhei momentos incríveis e desafiadores. Você me ensina a viver mais e melhor! Obrigada por tanta paciência, afeto, carinho, suporte, cuidado, gentileza e amor durante essa jornada, que apesar de ser individual, só pôde ser concluída ao seu lado. Muito amor e muita sorte para nós, sempre.

E por meio da presença dela na minha vida, ganhei vários outros presentes: Ana e Laila, quanto amor por vocês! Obrigada por serem família para nós! À minha sogra, Analuce, que tanto admiro... Você me ensina todos os dias a ser melhor! À Tia Rô, Tio Júnior e Diego... Os finais de semana de jogos foram fundamentais para que tudo isso fosse possível! À Jojo que esteve comigo em

uma das noites mais difíceis da minha vida e à Lu, que sem você, o seu trabalho e o seu amor, a jornada seria ainda mais tortuosa.

E mesmo de longe, recebi diariamente um infinito suporte da minha família de sangue. Mãe, pai, irmão, vô, Nã e Di, obrigada por tudo que vocês já fizeram e seguem fazendo por mim! A certeza do amor e todo o apoio que vocês me proporcionaram foram essenciais para que eu permanecesse firme no meu propósito.

À Thaís, psicóloga que me acompanhou durante metade dessa jornada, que em diversos momentos foi bastante conturbada, **MUITO** obrigada!

Minha profunda gratidão à Professora Mariana e ao Professor Dilson por aceitarem o nosso convite de contribuírem na banca. Vocês, cada um a sua maneira, são verdadeiras inspirações profissionais para mim.

Não poderia deixar de agradecer às atletas participantes deste estudo. Muito obrigada pela disponibilidade e principalmente confiança em mim.

Agradeço ao PPGEF pela oportunidade de seguir estudando o que amo e na Universidade que sigo chamando de “casa”. Também gostaria de agradecer à CAPES pelo financiamento desta pesquisa, e principalmente ao Governo Lula pelo aumento concedido durante o meu segundo ano como bolsista.

E por último, um agradecimento especial aos meus treinadores e minhas treinadoras (Samir, você é o cara!), aos meus amigos e amigas que também exercem essa difícilíssima função e à todos/as que já esbarrei por aí durante a minha caminhada como atleta e treinadora. Vocês são mais importantes do que imaginam e também me motivaram, mesmo que indiretamente, a realizar esta pesquisa.

Na certeza de que eu não ando só, depois de muitas velas acendidas, diversas lágrimas e inúmeras renúncias, **NÓS CONSEGUIMOS!**

*“Quando o tempo for propício
De modo que o meu espírito
Ganhe um brilho definido
E eu espalhe benefícios”
(Velloso, 1979)*

RESUMO

Este trabalho contextualizou as origens e desenvolvimento do futebol e futsal no Brasil e os modos como eles foram moldados por ideais patriarcais e marginalizando as mulheres. Apesar de todos os entraves sociais e legais impostos, elas seguem subvertendo as matrizes de inteligibilidade e lutando por espaços nas modalidades. Entretanto, as relações de poder estão imbricadas nesses ambientes esportivos e algumas delas são vítimas de casos de abuso e assédio. Considerando a importância dos/as treinadores/as nesse contexto, este estudo objetivou compreender como se estabelecem as relações interpessoais entre treinadores/as e atletas no futsal de mulheres. Essa pesquisa é de natureza qualitativa e o instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. As participantes foram seis mulheres atletas de futsal de Juiz de Fora/MG e as entrevistas foram realizadas virtualmente, gravadas e posteriormente, transcritas. A análise de conteúdo temática foi escolhida como a técnica para as transcrições. Os resultados da pesquisa foram analisados em duas categorias: a) Violências protagonizadas por treinadores/as nas relações com atletas e b) Impactos das relações com treinadores/as na vida dos atletas. Os resultados mostraram que todas as participantes sofreram ou testemunharam algum tipo de violência no esporte, mas não relataram abuso ou assédio sexual. Observou-se que há uma naturalização de situações de assédio moral experienciadas por elas e que ainda não são suficientemente letradas em violências do esporte. Todas as atletas tiveram experiências positivas e negativas com seus/suas treinadores/as e demonstraram que todos/as impactaram suas trajetórias de vida de diferentes maneiras. As participantes destacaram como positivas suas relações com mulheres treinadoras. E, além disso, algumas destacaram os aprendizados e as relações de amizade construídas entre eles/as. Concluiu-se que há necessidade de prevenir e combater as situações de violência que ocorrem na modalidade; insistir no letramento das violências do esporte para atletas e treinadores/as; e, investir na formação de treinadores/as que querem trabalhar no futsal de mulheres, abordando as questões de gênero imbricadas na modalidade.

Palavras-chave: Relações interpessoais. Violências de Gênero. Violências no esporte. Futsal. Treinadores. Treinadoras. Mulheres atletas.

ABSTRACT

This work contextualized the origins and development of football and futsal in Brazil and the ways in which they were shaped by patriarchal ideals and marginalizing women. Despite all the social and legal obstacles imposed, women continue to subvert the matrices of intelligibility and fight for spaces in these sports. However, power relations are intertwined in these sports environments and some of them are victims of abuse and harassment. Considering the importance of coaches in this context, this study aimed to understand how interpersonal relationships between coaches and athletes in women's futsal are established. This research is qualitative in nature and the instrument used for data collection was the semi-structured interview. The participants were six female futsal athletes from Juiz de Fora/MG and the interviews were conducted virtually, recorded, and transcribed. Thematic content analysis was chosen as the technique for the transcriptions. The research results were analyzed in two categories: a) Violence perpetrated by coaches in relationships with athletes and b) Impacts of relationships with coaches on athletes' lives. The results showed that all participants had experienced or witnessed some sort of violence in sport but did not report sexual abuse or harassment. It was observed that there is a naturalization of situations of moral harassment experienced by them and that they are still not sufficiently literate in sports violence. All athletes had positive and negative experiences with their coaches and demonstrated that they all impacted their life trajectories in different ways. The participants highlighted their relationships with women coaches as positive. Additionally, some highlighted the lessons learned and the friendship built between them. It was concluded that there is a need to prevent and combat situations of violence that occur in the sport; insist on sports violence literacy for athletes and coaches; and, invest in the training of coaches who want to work in women's futsal, addressing the gender issues imbricated in the sport.

Keywords: Interpersonal relationships. Gender-Based Violence. Violence in sports. Futsal. Coaches. Female Coaches. Women athletes.

RESUMEN

Este trabajo contextualizó los orígenes y el desarrollo del fútbol y el fútbol sala en Brasil y las formas en que fueron moldeados por los ideales patriarcales y la marginación de las mujeres. A pesar de todas las trabas sociales y legales impuestas, siguen subvirtiendo las matrices de inteligibilidad y luchando por espacios en las modalidades. Sin embargo, las relaciones de poder están entrelazadas en estos entornos deportivos y algunos de ellos son víctimas de abusos y acoso. Teniendo en cuenta la importancia de los entrenadores en este contexto, este estudio tuvo como objetivo comprender cómo se establecen las relaciones interpersonales entre entrenadores y atletas en el fútbol sala femenino. Esta investigación es de naturaleza cualitativa y el instrumento utilizado para la recolección de datos fue la entrevista semiestructurada. Las participantes fueron seis atletas femeninas de futsal de Juiz de Fora/MG y las entrevistas se realizaron de manera virtual, grabadas y posteriormente transcritas. Se eligió el análisis de contenido temático como técnica para las transcripciones. Los resultados de la investigación se analizaron en dos categorías: a) Violencia perpetrada por entrenadores en las relaciones con los atletas y b) Impactos de las relaciones con los entrenadores en la vida de los atletas. Los resultados mostraron que todos los participantes habían experimentado o presenciado algún tipo de violencia en el deporte, pero no denunciaron abuso o acoso sexual. Se observó que existe una naturalización de las situaciones de acoso moral que viven y que aún no están suficientemente alfabetizadas en violencia deportiva. Todos los atletas tuvieron experiencias positivas y negativas con sus entrenadores y demostraron que todos impactaron sus trayectorias de vida de diferentes maneras. Los participantes destacaron sus relaciones con las entrenadoras como positivas. Y, además, algunos destacaron las lecciones aprendidas y las relaciones de amistad construidas entre ellos. Se concluyó que existe la necesidad de prevenir y combatir las situaciones de violencia que se presentan en la modalidad; insistir en la alfabetización de los atletas y entrenadores sobre la violencia en el deporte; y, invertir en la formación de entrenadores que quieran trabajar en el fútbol sala femenino, abordando las cuestiones de género imbricadas en el deporte.

Palabras clave: Relaciones interpersonales. Violencia de género. Violencia en el deporte. Fútbol. Entrenadores. Entrenadoras. Mujeres deportistas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Exemplo de categorização: “Violências protagonizadas por treinadores nas relações com atletas”.....	78
Quadro 2 – Exemplo de categorização: “Impactos das relações com treinadores/as na vida das atletas”.....	79
Quadro 3 – Caracterização das participantes.....	81
Diagrama 1 – Correlação atletas-treinadores/as.....	84
Infográfico 1 – Comparativo no número de treinadoras (apito roxo) <i>versus</i> número de treinadores (apito preto).....	85
Diagrama 2 – Locais comuns de prática do futsal.....	87

SUMÁRIO

1 AQUECIMENTO E ATIVAÇÃO	16
1.1 Preleção.....	17
2 PRIMEIRO TEMPO	22
2.1 Os minutos iniciais – Contextualizando o jogo	22
2.2 Metade da primeira etapa – Tempo técnico	30
2.3 Ainda tem jogo – O retorno	35
2.4 Instantes antes da pausa – Últimas ações da primeira etapa.....	63
3 INTERVALO DE JOGO	66
3.1 Percursos metodológicos (e estratégicos).....	66
3.2 Elas como protagonistas.....	69
3.3 Prancheta na mão.....	71
4 SEGUNDO TEMPO	80
4.1 A etapa final é delas – Comandando a partida.....	81
4.2 Um duro golpe – Pressão total adversária	88
4.3 A última cartada – Lapsos de esperança	101
5 CONVERSA FINAL	108
5.1 Limitações táticas e estratégicas.....	112
5.2 Recomendações e prospecções	114
REFERÊNCIAS.....	117
ANEXO I.....	137
ANEXO II.....	141
APÊNDICE A – Roteiro da entrevista.....	143
APÊNDICE B – Documento de apoio da entrevista.....	148
APÊNDICE C – Transcrição das entrevistas	150

1 AQUECIMENTO E ATIVAÇÃO

Antes do início do jogo convoco as atletas para uma habitual conversa sobre quais serão as nossas estratégias para a partida e iniciamos os movimentos de ativação muscular.

Inicialmente, já me apresentando brevemente, sou uma mulher de 28 anos, lésbica e branca. E é preciso dizer que estou pesquisadora, atleta e treinadora de futsal. Discernindo que estou em muitos lugares, ocupando muitas funções, mas que sou uma só, além de não querer e não conseguir me afastar completamente das quatro linhas, resolvi trazer para este texto uma parte da “Bárbara treinadora”. Sendo assim, disserto sobre minha temática narrando algumas ações minhas antes, durante e depois de uma fictícia partida de futsal, mas contra um verdadeiro adversário: o patriarcado.

Certamente são muitas as fontes onde poderíamos buscar uma conceituação de patriarcado. Em todas elas teremos, é óbvio, uma característica comum: a ideia de uma organização ou regime social em que o pai (o homem, o chefe) exerce a maior autoridade (ou a ‘autoridade preponderante’ cf. Dicionário do Aurélio). (Louro, 1990, p. 41)

O Brasil, por toda a sua construção histórica, cultural, social e política, ainda é um país regido por ideais patriarcais que “[...] engendram e sustentam relações e modos de produção nos quais os homens como categoria social levam vantagens sobre as mulheres, nas mesmas condições” (Paim, 2006, p. 17). Além disso, o esporte, com ênfase para o futebol/futsal, é uma das ferramentas utilizadas pelo patriarcado para manter a dominação dos homens sobre as mulheres (Kessler, 2015), sejam atletas, torcedoras, jornalistas, gestoras e/ou treinadoras. É nesse cenário complexo, tortuoso e envolto por uma paixão que não é só minha, mas de toda uma nação, que este trabalho se situa.

Como já é possível observar no título deste capítulo, o formato apresentado neste estudo é inspirado na dissertação da amiga, professora/pesquisadora Mariana Novais (2018) que, por meio dos títulos dos seus capítulos, referenciou alguns dos momentos de um jogo de futebol. Além dela, reverencio a jornalista/pesquisadora Luciane de Castro e o escritor/pesquisador Darcio Ricca (2020), autora e autor do livro “Futebol Feminista - Ensaios” que nos contam sobre séculos de histórias do futebol de mulheres nos moldes do jogo protagonizado por elas.

Dito isso, nomeamos cada capítulo com os momentos do jogo, a saber: “Preleção”, “Primeiro tempo”, “Intervalo de Jogo”, “Segundo tempo” e “Conversa final”;

assim como definimos os subcapítulos considerando, também, a narrativa da fictícia partida de futsal. Para isso, consideramos solicitações de tempos técnicos, os gols sofridos e convertidos, os comportamentos das atletas e os meus, que assumo a dupla função de treinadora e narradora deste jogo. Sendo assim, no início de cada novo capítulo e/ou subcapítulo, é possível observar cada novo lance narrado.

1.1 Preleção

Agora, deixando um pouco a prancheta de lado, o momento é de permitir que o coração bata ainda mais forte antes do apito inicial.

O verbo “escrever”, desde que aprendi como fazê-lo, está em ação e em constante aprimoramento. A exceção é minha caligrafia, que cumpre sua função, mas por genética e/ou personalidade, segue não sendo nada parecida com os cadernos que usávamos quando criança e talvez por isso, agradeço a tecnologia e o aprendizado de outro verbo com a mesma finalidade: digitar.

Pois bem, a escrita, seja ela feita por digitação ou caligrafia, foi minha aliada na escola com suas redações; em casa com meus infinitos pensamentos e sentimentos que pareciam se acomodar melhor quando os colocava em palavras; na faculdade com as provas da Selva (e meu esforço para que ela compreendesse minha caligrafia) e outros trabalhos acadêmicos. Escrevendo realizei o sonho de passar no vestibular, estudar e me formar nesta Universidade. Escrevendo também compreendi quem eu sou e é escrevendo, dia após dia, que construí (e sigo construindo) minha trajetória como professora e como acadêmica.

Invadida por ideais românticos, a escrita, mesmo quando obrigatória, nunca me assustou ou cerceou. Todavia, a chamada “escrita acadêmica” já me causou estranhamento e repulsa. No meu caminhar na graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), escutei que: “ela nunca pode ser produzida com verbos em primeira pessoa” e “é impessoal e fria”. Desta forma, com as emoções e individualidade longe da ponta da caneta ou dedos, essa escrita me parecia forçada, rígida e não fazia meu coração bater mais forte.

Até que certa vez, também durante a graduação, conversei com uma professora muitíssimo querida, Alice, sobre o mundo capitalista contemporâneo e debatemos sobre as diferenças dos álbuns para os lançamentos individuais (*singles*) na indústria musical; e da efervescência por (muitas) produções de (curtos) artigos no

mundo acadêmico. Nesse contexto, ela me dizia que diferentemente de alguns artigos científicos que por tantas vezes precisam de sínteses de parágrafos, e até de pensamentos, a produção de uma dissertação poderia ser enormemente especial porque possibilita a escrita de uma história com um início, meio e fim; aceita a narrativa com riqueza de detalhes; e conflui, também, com aspectos da trajetória de quem a protagoniza.

Depois dessa conversa com a Alice, mesmo distante de uma dissertação, mas já vislumbrando os dois trabalhos de conclusão de curso que eu deveria fazer, comecei a me questionar como a minha escrita acadêmica poderia ser diferente da que eu havia tido contato. Seria possível retomar aquele meu romantismo? Os semestres se passaram e comecei a ver, ler, ouvir e escrever academicamente de outra forma por meio das experiências de participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e no Grupo de Pesquisa em Educação Física, Gênero, Saúde e Sociedade (GEFSS). Se me perguntassem para encontrar impessoalidade nos relatos de experiência sobre as aulas de Educação Física nas escolas, eu não saberia responder. Ou, se me questionassem para procurar frieza nas análises sobre as mulheres lutadoras de boxe, eu também não teria como responder. Nesse instante, a escrita acadêmica começava a ser sentida e fazer sentido.

Com isso em mente, e no coração, a cada trabalho de conclusão de curso (TCC) que fiz, tentei colocar em prática essa escrita que estava ressignificando e contei com o carinho imenso das minhas orientadoras, Ludmila e Lídia, para isso. Consegui compreender, e elas me ajudaram muito com isso, que para além da obrigatoriedade para conquistar meu título de bacharela e licenciada (que eu tanto sonhava), as produções eram, sobretudo, parte da minha própria história como mulher, amante de futebol e futsal, professora, treinadora e pesquisadora. Isso posto, escrevi, em primeira pessoa, sobre a trajetória de mulheres atletas de futsal; e sobre as contribuições do PIBID para discutir gênero na Educação Física Escolar. Esses trabalhos, que ainda me dão frutos, foram peças cruciais para que eu estivesse, atualmente, escrevendo uma dissertação (veja bem, Alice!) muitíssimo bem acompanhada, novamente, pela Ludmila. Não estou nem perto de dizer que a tarefa de dissertar sobre algo é fácil, mas afirmo que senão houvesse o processo de ressignificação, o suporte de tantas pessoas, em especial da Ludmila, ela beiraria o impossível e, por um período deste mestrado, acreditei que fosse.

Não conseguia focar. Escrever, menos ainda. Ia para as análises e voltava. Agora nas transcrições das entrevistas e nada. Meu pensamento se esvaía em segundos, minha atenção evaporava. Como eu vou continuar a escrever uma dissertação? Me perguntava diariamente. Chorava. Não pensava em desistir um segundo sequer, mas já não sabia mais como resolver os problemas com a tal da escrita acadêmica. Percebo, hoje, que no fundo eu já sabia por onde eu deveria recomeçar a escrever: a parte que faria meu coração bater mais forte.

Então, foi por este capítulo aqui que (re)comecei e me (re)encontrei.

Apesar da escrita dele me ansiar de todas as formas, afinal, seria o momento para externar os meus sentimentos e sentidos para investigar esta temática; apesar da construção dele ter sido tardia, se formos considerar os meses que me restavam para apresentar este documento a uma banca avaliadora; ela aconteceu no Tempo (és um Senhor tão bonito) que deveria e me permitiu a imersão que precisava para conseguir, finalmente, acreditar na ressignificação da minha escrita e na concepção da minha dissertação.

Compreendi nesse período de estudos do mestrado que, verdadeiramente, eu pesquiso o que me move neste mundo, sendo assim, escrevo em primeira pessoa, com o coração vibrando nas pontas dos dedos, imersa neste universo do futebol e futsal de mulheres¹ e sempre com o intuito de produzir, compartilhar e disseminar conhecimentos sobre (e para) as modalidades que tanto amo. Então, nada mais justo do que este texto perpassar a minha trajetória desde que me vi encantada com o futsal e o futebol aos oito anos de idade.

No final de década de 90 e início dos anos 2000, eu estava sempre no meio dos meninos e dos homens porque a paixão pela bola, prioritariamente controlada pelos pés, já transbordava. Eu chutava bola em todos os lugares: sala de estar, quintal, quadra, rua, campo de futebol. Meu pai, atleta amador de futebol na época, era um grande incentivador; e eu, filha única na época, o acompanhava nos finais de semana pelos campos de várzea de Pinheiral/RJ, cidade pequena que nasci e cresci.

¹ Durante nossa escrita, optamos por utilizar os termos *futebol e/ou futsal de mulheres* conforme proposto e justificado por Kessler (2015) que, ao relacioná-los “a um universo complexo e heterogêneo [...]” (p. 25) composto por mulheres constituídas por seus diferentes corpos e subjetividades, por feminilidades e masculinidades, propõe uma fuga à norma dicotômica de gênero. As exceções são os momentos que referenciamos nomes de campeonatos e/ou instituições; ou quando os termos *futebol e/ou futsal feminino* estão presentes em citações diretas.

Meu primo, e melhor amigo na época, tinha idade próxima a minha e nos divertíamos brincando de futebol tanto com video game quanto com golzinhos de chinelo montados no terraço da casa dos meus avós, ou na rua de pedras de Jaciara/MT, cidade dos meus bisavós. Na escola e mais especificamente na Educação Física, inúmeras medalhas de jogos escolares no futsal e uma admiração enorme pelo meu professor e treinador da época, Samir.

Minha infância foi pensando, brincando, jogando futsal/futebol e o Samir foi meu treinador nas quadras durante anos. Sob o apelido de “Barbie”, que ele me presenteou, tive a oportunidade de treinar em uma turma só com meninas no “Galera 10”, escolinha de futsal que segue sendo comandada por ele, e tive o privilégio de compartilhar diversos conhecimentos e experiências com elas. Como consequência de tudo que permeou a minha convivência com ele, almejei cursar Educação Física porque gostaria de inspirar outras alunas assim como ele fez comigo e essa história eu conto para todo mundo. Atualmente, formada e atuando na área, consigo compreender ainda mais a importância que ele teve na minha vida como professora e treinadora.

Ele foi o primeiro, e bastante especial, mas não foi o único treinador de futsal/futebol que eu tive contato durante minha trajetória. Como atleta de futsal, fui treinada por vários homens (e ainda sou treinada por um) e algumas, poucas, mulheres. Como atleta e, também como treinadora, observei muitos/as outros/as nas beiradas de campos/quadras. Como professora e treinadora, trabalhei e convivi com diversos/as treinadores/as; e participei de vários cursos de formação tanto com quem já está nas quadras/campos há anos quanto com quem está começando a trilhar seu caminho. Cada um deles e cada uma delas, com suas especificidades, metodologias e personalidades, são também responsáveis pela escolha do objeto de estudo desta pesquisa ser as relações interpessoais² entre treinadores/as e atletas de futsal de mulheres e ao longo da dissertação explicarei mais sobre isso.

Próximo a finalizar este capítulo que está sendo narrado pelas batidas do meu coração e não por uma linha do tempo, gostaria de compartilhar que no exato momento em que concorria a uma vaga para me tornar mestrandia desta Instituição que tanto amo, ocupava o cargo de auxiliar técnica da base feminina de um clube de

² Interações que acontecem entre no mínimo, duas pessoas e envolvem aspectos cognitivos, emocionais, comportamentais e sociais.

futebol. Nessa mesma semana, apesar de não termos conseguido conquistar o nosso objetivo de classificação em uma competição nacional, voltávamos para nossas casas com olhos marejados, com muito orgulho da nossa trajetória e, aproveitando a emoção do momento, fiz um discurso no ônibus. Obviamente, as palavras exatas não serão replicadas, mas disse a elas que antes, quando mais nova, eu sonhava em ser atleta; mas sozinha. Sonhava em ver o futebol/futsal de mulheres evoluir como modalidade; mas ainda um pouco sozinha. E que agora, com o passar dos anos e com os espaços conquistados por meio de muita luta coletiva, eu sonho pela evolução e crescimento do futebol/futsal de mulheres COM e POR cada uma dessas atletas que tive (tenho) o privilégio de conviver, aprender e ensinar.

É em primeira pessoa (mas sob olhares e abraços de tantas pessoas queridas) que observo, estudo, escrevo e, também vivo as relações interpessoais entre treinadores/as e atletas no futsal de mulheres. Se há algo que eu possa fazer para contribuir com a experiência delas como atletas; melhorar as minhas ações, e de tantas/os outros/as treinadores/s, como profissionais; e auxiliar para que as modalidades que amo alcancem patamares cada vez mais elevados, eu farei.

2 PRIMEIRO TEMPO

Abraçadas e com os pés lado a lado, formamos uma roda, proferimos algumas palavras de motivação e realizamos uma ou duas orações. Olho nos olhos de cada uma delas, emana minha confiança na equipe e, também comunico quais as atletas que iniciarão a partida.

Neste primeiro capítulo almejamos contextualizar o futebol e futsal de mulheres no Brasil fazendo uma revisão da literatura sobre as origens e o desenvolvimento das modalidades e destrinchando como elas foram moldadas por ideais patriarcais, marginalizando assim as mulheres que as praticavam.

Referenciamos teoricamente nossa pesquisa conceituando gênero, identidades e sexualidades a partir de uma perspectiva pós-estruturalista. Ademais, orientamos e baseamos todo o nosso trabalho no conceito de relações interpessoais entre treinadores/as e atletas e nas manifestações de violência no esporte. Portanto, consideramos ser importante destacar que

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação. [...] A inclusão da palavra 'poder', completando a frase 'uso de força física', amplia a natureza de um ato violento e expande o conceito usual de violência para incluir os atos que resultam de uma relação de poder, incluindo ameaças e intimidação. (Dahlberg; Krug, 2007, p. 1165)

Além disso, discutimos algumas questões de gênero e relações de poder que estão imbricadas e perpetuadas nesses ambientes esportivos e apresentamos alguns casos de abuso e assédio que vitimizaram meninas e mulheres atletas de futebol/futsal em todo o mundo. Ao final do capítulo apresentamos nossas justificativas para pesquisar o futsal de mulheres na cidade de Juiz de Fora e descrevemos os nossos objetivos para a realização deste texto.

2.1 Os minutos iniciais – Contextualizando o jogo

Começa o jogo e já nos minutos iniciais sofremos um gol. Peço calma à equipe e digo que ainda temos muito jogo pela frente.

Certa vez, em uma das minhas infinitas pesquisas sobre o futebol e o futsal, li uma frase que foi proferida por um treinador italiano, Arrigo Sacchi que dizia: “o futebol é a coisa mais importante entre as coisas sem importância”. Depois de tudo que escrevi no capítulo anterior, e do que senti enquanto o fazia, é inevitável que eu não

concorde com o referido treinador. E, assim como eu, grande parte da população mundial e principalmente brasileira.

Na apresentação do livro da Karine Nascimento, “A verdadeira regra do impedimento: a história do futebol feminino cearense”, o jornalista Diego Morais menciona sobre a importância do futebol no nosso país quando diz: “Não estamos falando de coisa qualquer. É futebol. Coisa que se conversa, se joga, se vive em quase todos os lares brasileiros.” (Nascimento, 2020, pg. 10).

Essa “coisa” que vive nos lares brasileiros desembarcou no país tropical no final do século XIX e aqui fez morada. Desde que chegou transformou vidas, construiu histórias, formou pessoas e encantou gerações inteiras sendo responsável por inúmeras emoções, sorrisos e lágrimas. Ronaldo Helal (2021, p. 42-43), diz que “frequentemente escutamos e lemos na mídia o epíteto ‘Brasil, o país do futebol’ [...]” e essa alcunha não foi criada e tão pouco difundida de um dia para o outro. Ela é, sob influências das produções de Gilberto Freyre e Mario filho, “[...] uma construção social realizada por jornalistas e intelectuais em um momento de consolidação do ‘Estado Nação’, acompanhada por formulações acadêmicas sobre a sociedade [...]”. (Helal, 2021, p. 42-43).

Mesmo que a paixão pelo futebol seja um fenômeno mundial, o apelido brasileiro é repetido “[...] diversas vezes e vendido para o exterior como uma das imagens que melhor retratam o país [...]” e contém “[...] expressiva força simbólica que contribuiu para a construção da ideia de identidade brasileira” (Helal, 2021, p. 42-43).

Para dissertar mais sobre a construção dessa identidade sendo subsidiada pelo futebol, poderíamos recorrer ao antropólogo Roberto DaMatta (et al, 1986; 2006), citar Nelson Rodrigues (1993), Eduardo Galeano (2004), José Wisnik (2008) ou Mouzar Benedito (2013). Mas essas histórias, em sua maioria, dizem respeito somente aos homens e por isso, contá-las isoladamente neste trabalho pouco nos interessa. Nosso objetivo, ao chamar a atenção brevemente para a temática é contextualizar o futebol no Brasil para que possamos, finalmente, começar a inserir as mulheres como protagonistas na narrativa.

Desta forma, citamos Giovana Capucim e Silva (2023) que define a constituição da modalidade no país, e conseqüentemente dessa identidade brasileira, como um:

[...] espaço representativo dos homens nacionais, não das mulheres. Ao passo que o futebol, nesta interpretação, cria uma mimese dos confrontos nacionais, as mulheres não poderiam tomar parte neles, haja vista que não são enviadas à guerra para medir forças com

grupos oriundos de outros países. Desta maneira, o futebol alçado ao lugar de esporte nacional, representativo da força nacional e da autoestima da nação, só poderia ser um lugar de homens. E apenas deles. (Silva, 2023, p. 193)

Não podemos desconsiderar o contexto de supremacia europeia no que diz respeito ao poder econômico, militar e cultural, além do período predominante dos ideais militaristas em solos brasileiros (Nolasco, 2023). É no seio dessa conjuntura que tanto a política quanto o futebol não são considerados como possíveis de serem apreciados, discutidos e muito menos protagonizados por mulheres, haja vista os preconizados valores pertencentes ao mundo masculino (DaMatta et al., 1982) e seus prestigiados lugares no imaginário nacional como elementos de integração e representações do povo. À vista disso, a modalidade se torna um instrumento valioso demais para ser apropriado pelas mulheres (Silva, 2023) e o cognome “país do futebol” não diz respeito a elas.

Notório não deixarmos de citar que Aira Bonfim, referenciada no livro de Luciane de Castro e Darcio Ricca (2020), não nos deixa esquecer que, realizando um recorte de classe social e raça, além das mulheres, os trabalhadores braçais, negros e imigrantes também não eram bem-vindos na prática do chamado “*football*”, que chegou:

[...] ao Brasil como atividade voltada à valorização da nobreza dos *sportmen*³. Sua popularização se deu à revelia deste grupo, que se empenhou em manter o esporte somente para si, ou ao menos separar os espaços de seus jogos de outros “populares”. (Silva, 2003, p. 183).

Isso posto, o esporte carrega consigo os valores políticos e estruturais dessa sociedade (Kupper, 2018), sendo caracterizado como um espaço de reserva masculina (Mascarin; Oliveira; Marques, 2017), excludente e demarcado por ideais escravocratas, eurocêntricos e patriarcais.

No livro de Marcos Guterman (2009) denominado “O futebol explica o Brasil”, não há qualquer referência ao futebol praticado por elas. Pois bem, se a história do futebol de homens pode explicar o Brasil, ousar dizer que a história do futebol de mulheres escancara sua verdadeira realidade. Para contarmos parte dessa crônica, referenciamos Aira Bonfim (2019), conhecida pesquisadora e historiadora do futebol de mulheres no Brasil.

³ “[...] O *sportman* é uma versão particular do *gentleman* e ambos remontam à noção de cavalheirismo.” (Damo, 2016, p. 7).

Começando em 1915, há registro no jornal “A Época”, de uma equipe feminina de futebol do time Villa Izabel F.C, do Rio de Janeiro (Bonfim, 2019; Castro; Ricca, 2020). Desse ano até 1929, há registros em jornais noticiando partidas mistas⁴ ou só de mulheres tanto na cidade do Rio de Janeiro como nos estados de São Paulo, Pará e Rio Grande do Norte (Bonfim, 2019).

Concomitantemente às realizações dessas esporádicas partidas, a contar da década de 1920, os picadeiros dos principais circos brasileiros começaram a exhibir atrações artísticas e teatrais denominadas “*football feminino*”. “Esse jogo de futebol era performado, ou mesmo jogado, por atrizes de grandes e conhecidas companhias de circo como Irmãos Queirolo, Nerino e Irmãos Garcia (Bonfim, 2019, p. 74).

Além da presença delas nos circos brasileiros, Aira Bonfim (2019) destaca a participação das mulheres nas festas esportivas organizadas pelos clubes do Rio de Janeiro, fomentados pela elite e burguesia:

Instituições que serviram à diáspora e à popularização dos esportes permitiram uma inserção seletiva de mulheres em alguns jogos e atividades atléticas. Ainda em tom de brincadeira e pouca seriedade, elas passaram a dirigir-se para as ‘festas sportivas’ não apenas para a assistência, mais aos poucos, como protagonistas de pequenas disputas e certames feitos por seus próprios corpos. (Bonfim, 2019, p. 52).

Mas, do outro lado da cidade, enquanto a burguesia se divertia nas suas festas, as mulheres negras e marginalizadas, lideradas por Dona Carlota, faziam do subúrbio do Rio de Janeiro palco para seus torneios de futebol. Contagiadas pelo fenômeno Leônidas da Silva, homem brasileiro, negro e periférico, que foi reconhecido como craque no mundo inteiro após a Copa do Mundo masculina de 1938, as mulheres mais pobres treinavam incansavelmente para ocuparem um espaço dentro do universo do futebol nacional (Castro; Ricca, 2020), mas, considerando o contexto previamente apresentado, a tarefa não era fácil.

“A história do futebol feminino mostra-se inversa à do masculino, no sentido de que este último, quando foi implantado no Brasil (por volta de 1893), era um esporte de elite, praticado em alguns clubes aristocratas, sendo os times, em sua maioria, constituídos por ingleses. O grupo feminino sempre pertenceu às classes menos favorecidas, razão pela qual as atletas apresentarem comportamentos bastante repudiados pela elite, numa atitude de evitação, recebendo julgamentos como ‘falta de classe’, ‘mau cheiro’, ‘povo grosseiro’ e outras denominações atribuídas àquela camada da população duplamente marginalizada: do ponto de vista geográfico (pois

⁴ Essas partidas eram realizadas ou entre homens e mulheres, ou com a presença de uma mulher no meio dos homens, ou entre mulheres e meninos.

geralmente essa camada social mora na periferia) tanto quanto do ponto de vista social e político.” (Bruhns, 2000, p. 47).

Ao passo que elas lutavam, resistiam e intentavam ambientes para jogarem nas gramas e o futebol dos homens se consolidava cada vez em solos brasileiros, outra modalidade (e opção para o jogo com a bola nos pés) surgia: o futebol de salão.

Como nos mostra Paulo Vicari (2015), não há unanimidade quanto a origem da modalidade, sendo difundidas duas possíveis versões: uma uruguaia e outra brasileira. A primeira é bastante admissível, haja vista a crescente popularização do futebol no país depois do bicampeonato olímpico do Uruguai em 1924 e 1928, e do título em casa da primeira Copa do Mundo Masculina de Futebol. Alguns anos depois, em 1933, Juan Carlos Ceriani, um professor de Educação Física da Associação Cristã de Moços (ACM) em Montevideu, observou seus alunos se divertindo com futebol nas quadras de basquete. A partir disso, Ceriani criou regras para o jogo que prometia suprir os problemas da falta de espaços propícios para o futebol. Nesse cenário, origina-se o “*Indoor-Foot-Ball*”, sendo traduzido para o português como “futebol em lugar fechado”, nas quadras de basquete e hóquei da Associação (Vicari, 2015).

Já a história brasileira nos conta que em meados de 1940, também na Associação Cristã de Moços (ACM), mas agora em São Paulo/Brasil, a ideia era a mesma: espaços mais acessíveis para praticar a modalidade mais popular do país. Os frequentadores da ACM começaram a jogar futebol nas quadras de basquete e hóquei, definiram cinco atletas para cada equipe e mudaram o tamanho e o peso da bola – inclusive, essa apelidou a modalidade como “esporte da bola pesada” (Vicari, 2015).

Contudo, é possível pontuar dois consensos nessa história: (1) Os motivos para criação da modalidade são os mesmos: falta de espaços propícios para a prática do futebol; (2) O Brasil é o país que consolidou e difundiu o futebol de salão para o mundo. Além disso, pontuamos que ele se apresentava como uma nova possibilidade de prática para a mulheres, entretanto, o futebol de salão herdou todos os valores preconizados no futebol.

Sendo o futebol um esporte destinado a eles, os jogos das mulheres não eram socialmente aceitos. Exemplificando algumas das opiniões públicas, uma nota não assinada no jornal A Gazeta/SP, em agosto de 1930, é exposta por Luciane de Castro e Darcio Ricca (2020, p. 41):

“[...] Entre nós houve uma tentativa para implementação do soccer para mulheres, mas a gritaria foi medonha e o juiz de menores do Rio, quase teve que intervir na questão! Felizmente, a iniciativa fracassou a tempo e não mais se falou em futebol para... senhoritas.”

Coniventes a essas visões preconceituosas impregnadas na sociedade⁵, o governo brasileiro outorgava o Decreto-Lei nº 3.199 de 1941, que criava o Conselho Nacional dos Desportos (CND) e proibia a prática de desportos considerados incompatíveis com a natureza da mulher, mas sem citar exatamente quais seriam essas. Só em 1965, a Deliberação nº 7 do CND menciona o futebol, o futebol de salão e diversas outras modalidades como proibidas para elas (Bonfim, 2019; Castellani Filho, 2011). Mas, não podemos esquecer que desde a década de 40, “[...] já se compreendia publicamente que o futebol era considerado um esporte desaconselhável, violento e incompatível com a natureza feminina⁶, e por isso proibido de ser praticado” (Bonfim, 2019, p. 184).

Entretanto, a pesquisadora Silvana Goellner ressalta que:

[...] a existência oficial de tais restrições não significa dizer que todas as mulheres deixaram de praticar as modalidades contraindicadas para seu sexo. Elas não o fizeram ‘oficialmente’. As práticas esportivas, desde o início do século XX seduziam e desafiavam muitas mulheres que indiferentes às convenções morais e sociais aderiram a sua prática independente do discurso da interdição [...]. (Castro; Ricca, 2020, p. 50-51).

Mesmo que elas pudessem ir para a prisão somente por estarem jogando (Carvalho; Prado, 2023), as mulheres resistiam e por vezes, utilizaram o futebol de salão como subterfúgio aos inúmeros impedimentos impostos a elas à prática do jogo com a bola nos pés. Um exemplo é o festival de futebol de salão para mulheres organizado pela Associação Cultural dos Negros de São Paulo⁷, com a proibição já em vigor registrado, registrado no jornal “A Gazeta Esportiva”, no dia 19 de fevereiro de 1957 (Castro; Ricca, 2020). Elas não se submeteram, transgrediram as normas e lutaram incansavelmente para “jogarem bola” (Nascimento, 2020).

⁵ Vale destacar a carta de José Fuzeira, em 25 de abril de 1940, enviada ao Presidente da época, Getúlio Vargas, sobre a proibição do futebol de mulheres, em especial. Disponível em: <<https://medium.com/museu-do-futebol/quem-ser%C3%A1-esse-senhor-jos%C3%A9-fuzeira-220218b2254e>>. Acesso em 27 set, 2023.

⁶ As justificativas para a proibição, assim como suas problematizações, serão desveladas no próximo subcapítulo.

⁷ Fundada em 1954, a Associação era “destinada a congregar as pessoas interessadas no movimento [...] que tivesse por finalidade fundamental a desmarginalização e recuperação social de todos os elementos que vivem em situação marginal, principalmente o elemento negro brasileiro”. (Domingues, 2018, p. 172).

Conforme demonstrado pela literatura, apesar dos entraves sociais e legais, elas continuaram praticando a modalidade, mesmo que informalmente, durante os quase 40 anos que o Decreto vigorou. Importante salientarmos que a maior entidade do futebol mundial não estava ao lado delas, haja vista que em 1974 o brasileiro João Havelange, recém-eleito presidente da FIFA (Federação Internacional de Futebol), disse não ser contrário ao futebol de mulheres, mas que acreditava na existência de outras modalidades esportivas que elas poderiam praticar com a mesma paixão e o mesmo proveito (Castro; Ricca, 2020).

Ao assumir a FIFA em 1974, Havelange renunciou ao cargo de presidente da FIFUSA (Federação Internacional de Futebol de Salão) que fora fundada em 1971 objetivando gerir a modalidade (Vicari, 2015). Após a troca de comando e o sucesso do primeiro mundial masculino de futebol de salão organizado pela FIFUSA em 1982, a FIFA “[...] passou a lutar pela apropriação desse esporte” (Vicari, 2015, p. 42). Depois de alguns anos de conflitos entre as duas entidades, por volta dos anos 1990 e agora sob tutela da FIFA, o futebol de salão com algumas modificações nas regras, foi rebatizado como futsal.

Se caracterizando como um dos esportes mais praticados no país (Marques; Marchi Júnior, 2019), o futsal está presente nas quadras de bairros, clubes, escolas e universidades. Cláudia Kessler (2010) já havia retratado a ascensão da modalidade no Brasil e com o passar dos anos, é notório o quanto o futsal se desenvolveu e efetivamente se consolidou em solos brasileiros. Para relatar apenas dois resultados expressivos: (1) somos a única seleção cinco vezes campeã da Copa do Mundo Masculina, chancelada pela FIFA; e a única seleção sete vezes campeã na Copa América Feminina, organizada pela CONMEBOL (Confederação Sul-americana de Futebol); (2) temos a atual melhor jogadora do mundo, Amandinha, eleita oito vezes consecutivas; e o atual melhor jogador, Ferrão, eleito pela terceira vez consecutiva⁸.

Apesar das célebres conquistas, o futsal brasileiro segue em processo de valorização midiática e de profissionalização. Mas, mesmo nesse contexto de busca por melhorias tanto dos homens quanto das mulheres, há diferenças quanto as condições para construção de carreiras profissionais oferecidas a eles e a elas (Marques; Marchi Júnior, 2019). Ana Cláudia de Souza e Mariana Martins (2018, p.

⁸ Ambas as eleições foram realizadas em 2021 pelo site Futsal Planet (<http://www.futsalplanet.com/>).

36) escrevem sobre o paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil e concluem que “[...] a conformação do futsal como profissão para mulheres ainda é bastante precária [...]”, mas que ele possibilita o acesso ao ensino superior por meio de bolsas de estudos e com isso, “[...] conforma um paradoxo, já que a profissão de futsal contribui para a mudança social destas meninas, na medida em que possibilita a formação superior para outra profissão melhor que o próprio futsal.”

Isto posto, não podemos desconsiderar que as mulheres ainda sofrem consequências dos ideais patriarcais impregnados na nossa sociedade e dos anos de proibições. A convocação da Maria Cristina Oliveira, técnica da primeira seleção brasileira de futsal de mulheres, só foi realizada em 2001, mais de 30 anos depois da masculina (Kessler, 2010); e a FIFA, que detém os direitos da modalidade masculina desde os anos 1990, só chancelaram o futsal de mulheres em 2015. Além disso, citamos as conquistas da Copa América Feminina porque a primeira Copa do Mundo de Futsal Feminino da FIFA⁹ está prevista para acontecer somente em 2025 (FIFA, 2023) e foi anunciada depois de diversas pressões realizadas por parte das jogadoras de futsal de diversos países do mundo¹⁰.

A fim de encerrar nossa contextualização do futebol e futsal de mulheres no Brasil, evocamos Arlei Damo (2016, p. 10) para afirmar que “[...] ainda há muito preconceito e ele não habita a legislação, mas a cultura” e para complementá-lo, trazemos mais uma contribuição de Giovana Capucim e Silva (2023, p. 204) e seu excelente capítulo de livro denominado “Nação, masculinidade e o futebol de mulheres no início do século XX”:

A construção do tripé masculinidade-nacionalidade-futebol no Brasil se sedimentou durante as mais de quatro décadas nas quais as mulheres foram proibidas de jogar futebol, colaborando para o abismo que há hoje na modalidade quando observamos as estruturas e condições de trabalho oferecidas para homens e mulheres no mesmo esporte. Ademias, este processo contribuiu para a geração e reprodução de diversos preconceitos sobre as atletas que praticam este esporte, além de evidentemente inviabilizar o desenvolvimento da modalidade por quase meio século. (Silva, 2023, p. 204).

⁹ Entretanto, é notório salientar a existência do Torneio Mundial de Futsal Feminino, uma competição organizada pelas Confederações nacionais, que aconteceu anualmente entre os anos de 2010 e 2015, e o Brasil se sagrou campeão em todas as edições do torneio (Dilascio, 2022).

¹⁰ Também é possível observar o vídeo da campanha protagonizada pelas atletas na reportagem do Flávio Dilascio (2022).

Compreendendo o cenário repleto de pensamentos machistas, racistas e misóginos que perpetuam na trajetória das modalidades em solos nacionais, é imprescindível focalizarmos na construção dos papéis sociais das mulheres brasileiras, além dos estereótipos nocivos que ainda são perpetuados na sociedade e conseqüentemente, no esporte.

2.2 Metade da primeira etapa – Tempo técnico

Apesar de termos resistido e tivemos a bola por alguns instantes, sofremos o segundo gol adversário e pedi um tempo para que possamos entender melhor o que está acontecendo conosco.

Desde a idealização dos Jogos Olímpicos modernos, Barão Pierre de Coubertin, considerado o fundador da competição, preconizava que “[...] o esporte representava um pilar essencial na educação de homens fortes e sadios, que seriam os futuros líderes das nações.” (Silva, 2023, p. 184-185). E a partir desse ideal, o esporte brasileiro foi se constituindo no projeto eugenista, militarista e higienista do Estado Novo.

Focalizando nossa escrita nas mulheres no cenário estadonovista apresentado, a maternidade era uma tarefa fundamental da mulher, sendo considerada como o seu objetivo de vida (Louro, 1997). Desta forma, partir da década de 1930, a prática de exercícios era estimulada a elas a fim de fortalecer seus corpos para a maternidade¹¹ (De Paula, 2014; Moura, 2003; Mourão, 2000; Oliveira, 2014; Souza Júnior, 2013), mas também para a realização dos afazeres domésticos, reforçando assim, seu papel social (Silva, 2023). As publicações da *Revista de Educação Physica* afirmavam a importância dos exercícios físicos para elas (Silva, 2023) e “o raciocínio era simples: mulheres fortes e sadias teriam mais condições de gerarem filhos saudáveis [...]” (Castellani Filho, 2011, p. 43).

Mas esses exercícios físicos eram limitados: a ginástica e alguns outros esportes eram permitidos, desde que não oferecessem perigo ao corpo delicado, grácil e frágil da mulher-mãe (Castro; Ricca, 2020). Sob os preceitos higienistas da época, a visão de que os corpos das meninas e das mulheres não estavam preparados para a prática de algumas modalidades e, portanto, deveriam ser

¹¹ Importante salientarmos que essa afirmação valia, especialmente, para as mulheres brancas “[...] porque estava atrelado a um projeto nacional que visava desenvolver ao máximo as virtudes da raça e as aptidões hereditárias de cada indivíduo.” (Goellner, 2021, p. 101).

preservados, era uma das justificativas para a criação do Decreto-Lei 3.199, que proibiu a prática do futebol, futebol de salão, halterofilismo, lutas e outros esportes a elas.

Além disso, a pesquisadora Silvana Goellner observa que:

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. (Castro; Ricca, 2020, p. 50).

A concepção hegemônica de feminilidade da mulher branca¹² estava atrelada a delicadeza, graciosidade, fertilidade e leveza (Goellner, 1999). Ao mesmo tempo, é nela “[...] que reside o maior encanto da mulher e, também, o que a diferencia do homem” (p. 49). Nicolau Sevcenko (1992) menciona que a níveis sociais, a inserção das mulheres no universo esportivo e a consequente mudança nos seus trajes e hábitos causou indignação na população. Segundo o pesquisador, quanto aos trajes, “o rosto ao natural, a cabeça descoberta e os cabelos cortados extremamente curtos, quase raspados na nuca, davam às meninas uma intolerável feição masculina, agressiva, aventureira, selvagem” (p. 49-50). Quanto aos hábitos, a presença delas nos espaços públicos, usualmente preteridos para a prática dos esportes, desagradava e não convergia com os ideias da época de que elas deveriam permanecer em suas casas (Giulianotti, 2002; Silva, 2023).

Baseados apenas em pressupostos prioritariamente biologicistas que preconizavam a anatomia como destino (Goellner, 2013), a “[...] construção da identidade de homens e mulheres [foi] constituída por meio de comportamentos esperados em que o gênero seja correspondente ao sexo de cada um deles (as)[...]” (Oliveira, 2014, p. 152). E o binarismo, ao opor (macho/fêmea; homem/mulher), não permite que as diversidades e pluralidades do ser (ou estar) sejam percebidas, e de certa forma, esconde as múltiplas identificações que possam existir (Scott, 1995).

¹² Cláudia Kessler (2023) escreveu, baseada em relatos de uma ex-escravizada afro-estadunidense Sojourner Truth, que as mulheres negras “[...] não eram tratadas da mesma forma que as mulheres brancas, pois tinham que trabalhar desde muito jovens e não eram tratadas com cortesia e deferência [...]” (p. 211). Desta forma, os ideais de feminilidade apresentados pela literatura tomam como referência a mulher branca.

Neste sentido, “[...] é importante atentar às coerções sociais que impelem os sujeitos a se adequarem a uma matriz de inteligibilidade¹³, ou seja, espera-se que uma mulher seja feminina [...]” (Kessler, 2023, p. 211) e se encaixe em um padrão já estabelecido socialmente (Oliveira, 2004). Dito isso, se ela não performar a feminilidade pré-determinada pelas normas binárias e dicotômicas (masculino *versus* feminino) de gênero¹⁴, seu corpo é considerado como abjeto, não pertencente (Butler, 2003).

Nossa sociedade também é pautada em padrões heteronormativos (Louro, 2009) que preconizam “[...] como natural a coerência entre sexo (nasceu macho, nasceu fêmea), gênero (tornou-se homem, tornou-se mulher) e orientação sexual (se é um homem, irá manifestar interesse afetivo e sexual por mulheres, e vice-versa)” (Seffner, 2013, p.150). Essa heteronormatividade “[...] faz com que estes (as) [homens e mulheres] fiquem reféns de rótulos que estabelecem o feminino à mulher heterossexual e o masculino ao homem heterossexual” (Oliveira, 2014, p. 152). Dito isso, as mulheres que não fazem parte desse alinhamento entre sexo-gênero-sexualidade são punidas e conseqüentemente, marginalizadas (Knijnik, 2006).

Considerando que “[...] o jogo de futebol se presta para dramatizar determinados códigos éticos e estéticos associados ao masculino e ao feminino” (Damo, 2006, p. 1) e a “[...] força, virilidade, agressividade e coragem, são características valorizadas no jogo de futebol e futsal e, para além disso, esses atributos são tidos como prerrogativa do masculino” (Pires et. al., 2019, p. 123). A partir dessa outra matriz de inteligibilidade, da mesma forma que os meninos que não praticam a modalidade podem ter sua masculinidade confrontada por outros; as meninas que a praticam têm as suas sexualidades colocadas em suspeição (Pires et. al., 2019; Kessler, 2020), “sendo atribuído a elas o estereótipo da homossexualidade” (2019, p. 118) e por isso, as reconhecendo como não naturais (Goellner, 2021). Acerca disso, Cláudia Kessler (2020, p. 56), afirma que “é comum a associação entre

¹³ De acordo com Judith Butler (2003), ela é um conjunto de normas e expectativas sociais que estabelecem uma relação binária e fixa entre sexo, gênero e desejo, excluindo ou marginalizando outras formas de identidade e expressão de gênero que não se encaixam nesse padrão. Neste caso, estamos trabalhando momentaneamente com a de gênero, ou seja, as normas que dizem respeito ao que é considerado como masculino ou feminino.

¹⁴ Joan Scott (1995) define gênero como sendo “(1) um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (p. 86). Desta forma, compreendemos que as relações de gênero estão presentes em todas as formas de convivência humana (Goellner, 2013) e funcionam enquanto uma categoria analítica e organizacional do social.

uma estética diferente (que foge da regra) com a lesbianidade [...]. Essas pressuposições, em parte, reforçam a necessidade de adequação das mulheres (lésbicas ou não) à feminilidade tradicional, para que assim sejam mais aceitas na sociedade”.

Pelo outro lado, elas ainda tinham (e têm) seus corpos objetificados e erotizados, conforme observamos no excerto de nota anônima postada pelo Diário da Noite de São Paulo, em 21 de agosto de 1970: “Concorrência desleal, repetimos, pois que, mercê de atrações subalternas a atenção dos aficionados da bola se desviaria para o vulgar rebolado” (Castro; Ricca, 2020, p. 56). Por conseguinte, Silvana Goellner (2021, p. 103) reflete que:

Além de tensionar argumentos pautados pelo determinismo biológico, a presença das mulheres no ambiente esportivo foi crucial para mostrar o quanto este espaço é generificado (marcado pela diferença de gênero) e generificador (produz a diferença de gênero). O sistema binário sexual, que categoriza sua prática a partir da designação de feminino para elas e masculino para eles, não apenas apartou o fruir plural de sua vivência como também hierarquizou os sujeitos que o praticam. Não sem razão, quando se faz referência ao esporte praticado por elas, utiliza-se a adjetivação de feminino, diferentemente do praticado por homens que sequer é nomeado. Essa designação pode parecer sem relevância, no entanto, é extremamente significativa se a observarmos a partir de sua dimensão política. Se o adjetivo masculino não é agregado ao esporte vivenciado por eles é porque já está naturalizado o seu pertencimento.

O futebol e futsal não era considerado como possível para elas. Nelson Rodrigues (1993, p. 160) escreve para o jornal “O Globo, em 1969: “[...] meu assunto de hoje é supostamente *antifeminino*. Simplesmente, vou escrever sobre futebol”. Nas crônicas jornalísticas e outros relatos sobre jogo da bola nos pés da época, as mulheres (quando citadas) eram lembradas apenas como torcedoras histéricas e ignorantes e/ou como objeto de desejo dos jogadores, demonstrando como as matrizes de inteligibilidade agiam sob os valores, pensamentos e ideais sociais. Almejando representar esse pensamento, trazemos uma escrita de Arno Vogel, importante antropólogo brasileiro:

O jogo de futebol é ‘um jogo para homens’, como gostam de lembrar os comentaristas, diante de algum lance mais ríspido, no decorrer de uma partida muito disputada. Os valores dramatizados são, em princípio, os valores do mundo masculino. Futebol é coisa de homem, da mesma forma que automóveis, mulheres e jogo. A macheza é atributo essencial da personalidade masculina entre nós. (DaMatta et al., 1982, p. 99)

Notório salientar que durante esse mesmo período, a Educação Física Escolar estava imersa nos ideais positivistas, higienistas, eugenistas e militaristas da época e construiu seus currículos baseados nas normas binárias e dicotômicas (Castellani Filho, 2011; Pires, 2021). As atividades oferecidas para os meninos eram diferentes das oportunizadas para as meninas, como por exemplo, o futebol para eles e as brincadeiras de corda para elas (Nicolino; Silva, 2013) e conforme as aulas de Educação Física Escolar iam acontecendo, “as diferenças socialmente construídas acabam sendo consideradas naturais, inscritas no biológico e legitimadoras de uma relação de dominação” (Souza; Altmann, 1999, p. 54). Reafirmando os papéis sociais preconizados, a EF contribuiu para uma formação generificada e generificante de crianças e jovens naquele presente, e adultos no futuro.

Depois de apresentado todo esse contexto, não é surpresa ainda vivermos em um país que se encontra imerso em um universo patriarcal e, conseqüentemente, nos depararmos com pensamentos preconceituosos enraizados nessa cultura como os expressos por Marco Aurélio Cunha, coordenador do futebol de mulheres da CBF em 2015:

As mulheres estão ficando mais bonitas, passando maquiagem. Elas vão a campo de uma maneira mais elegante. Futebol feminino costumava copiar o futebol masculino. Até nos modelos de camisa, que eram masculinos. Nós vestíamos as meninas como garotos. Então, faltava o espírito de elegância, de feminilidade. Agora, os shorts são mais curtos, os cabelos são bem-feitos. Não são mulheres vestidas como homens. (Castro, Ricca, 2020, p. 108)

É evidente que evoluímos enquanto sociedade, haja vista os avanços e conquistadas dos esportes de mulheres no país, mas “dentro de uma estrutura de poder opressiva, as mulheres precisam ter resiliência para superar discursos que as exigem agir com passividade e submissão.” (Kessler, 2023, p. 210). Os seus corpos seguem sendo sexualizados e por mais que “a figura da mãe de contornos corporais harmônicos e delicados [...]” tenha perdido força na narrativa social, “[...] a mulher bela, sensual, ativa, saudável e sexualmente atrativa [...]” é valorizada (Goellner, 2021, p. 106). Sendo assim, é preciso estarmos sempre atentas e fortes para combater os padrões idealizados que ainda nos são impostos, principalmente pelas mídias, e combatermos qualquer discurso falacioso de que, para os esportes serem rentáveis, é preciso “embelezar”, e “embranquecer” as protagonistas dos jogos de futebol/futsal pelo país. Isso posto, é e sempre será necessário “observar, apontar e estudar as questões que envolvem esta maneira de padronizar o esporte praticado

por mulheres [...]” (Castro; Ricca, 2020, p. 110) para seguirmos transformando o campo esportivo e entendendo que a mulher pode ocupar o espaço que ela almejar na sociedade.

2.3 Ainda tem jogo – O retorno

Depois de mapear as vantagens do adversário, voltamos para o jogo mais conscientes e conseguimos comandar as posteriores ações de ataque.

O esporte é objeto de análise de diferentes campos disciplinares por não ser um elemento separado da sociedade, sendo constituído por suas contradições, problemas, enfrentamentos e subversões. Dito isso, por meio das expressões concretas de realidade social, ele pode ser uma ferramenta de compreensão dos fenômenos sociais.

Nessa seara, “é impossível não considerar o enorme acontecimento denominado futebol, pois envolve multidões e movimenta um infinito de significações simbólicas, psíquicas, sociais, culturais, históricas, políticas e econômicas abundantes” (Chelles, 2023, p. 55). Portanto, ter o futebol/futsal como “campo e quadra de estudo” nos permite discutir ainda mais sobre essas questões que estão imbricadas entre eles e a sociedade devido aos seus processos de significação, relevância e identificação no Brasil e no mundo. Todos esses temas possíveis de problematização são potencializados por focalizarmos esse estudo no futebol e futsal protagonizado por mulheres.

Elas foram modalidades pensadas da “elite para a elite, dos brancos e para os brancos, e finalmente, dos homens e para os homens” (Silva, 2023, p. 204), que estão imersas “nesse universo permeado pelo que há de mais perverso no masculino [...]” (Helal, 2021, p. 118) e “entre surtos e chilikues disfarçados de português rebuscado nos jornais, mulheres seguiam ocupando espaços importantes [...]” (Castro; Ricca, 2020, p. 51), resistindo bravamente sustentadas pelos pés que marcavam (e seguem marcando) gols em seus futebóis¹⁵.

¹⁵ Arlei Damo (2005) cunhou o termo “futebóis” ao considerar que existem muitas representações do jogo com a bola nos pés, como o futebol de rua, o futsal, o futebol de areia entre outros. Em 2018, ele aglutina o futebol de mulheres como um novo circuito (anteriormente, ele dividiu os futebóis em quatro matrizes, a saber: “bricolada”, “espetacularizada”, “comunitária”, “escolar”) e justifica que “este futebol tem uma história singular; sua diáspora foi bloqueada e, de certo modo, ela pouco tem a ver com questões de ordem geográfica. Também não é um circuito exclusivo de mulheres, porque embora estas sejam as praticantes, boa parte dos times/clubes e competições é dirigida por homens – ainda

A fim de contrapor esses ideais hegemônicos que foram apresentados, os estudos feministas, gênero e pós-estruturalistas subsidiaram (e seguem subsidiando) as pesquisas acadêmicas e produções de conhecimentos que almejaram (e seguem com esse objetivo ainda hoje) romper com as matrizes de inteligibilidade (Goellner, 2013). Esses estudos atingiram gradativamente a Educação Física, e conseqüentemente, a EF Escolar, e trouxeram para o nosso campo de pesquisa ao menos uma possibilidade de percorrer caminhos menos tortuosos no que tange as discussões de gênero, raciais, sociais e sobre as sexualidades (Altmann, 2015; Devidé; Rocha; Moreira, 2020; Goellner, 2013).

Apresentando alguns conhecimentos oriundos desses estudos, e que irão seguir fundamentando nossas discussões, evocamos Judith Butler (2003, p. 20) para nos dizer que:

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica do seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas.

Sendo assim, considerando a complexidade e infinitude de possibilidades contidas no “ser” mulher, as identidades são construídas, estabelecidas e mantidas socialmente. Os estudos pós-estruturalistas eliminam das análises os determinismos biológicos e binários, além de observarem a “[...] permeabilidade entre fronteiras corporais e a não fixidez das identidades (Goellner, 2013, p. 29), portanto, compreendemos que as mulheres não deveriam ser condicionadas a uma só feminilidade, mas terem liberdade de viver diferentes construções e expressões de feminilidadeS e de masculinidadeS. Além do pensamento no plural, evidenciamos que essas feminilidades/masculinidades “constroem-se na relação entre si e na articulação destas com outras categorias [...] tendo no corpo uma materialização dessa construção” (p. 26), portanto, não estão em oposição. Joan Scott (1995, p. 75) afirma que o pós-estruturalismo:

é; talvez isso mude rapidamente. Há muitos embates em termos de políticas de corpo e de gênero associadas a este circuito e a maneira como eles são enfrentados serve para repensar a história social do futebol dos homens, algo um tanto naturalizado pelo fato de que são homens quem têm escrito esta narrativa.” (Damo, 2018, p. 50). Sendo assim, corroborando ao autor, também utilizamos “futebóis” durante a nossa escrita.

[...] rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres.

Assim como as identidades são debatidas nos estudos pós-estruturalistas, as sexualidades também ganham notoriedade nas produções acadêmicas, especialmente, se considerarmos o futebol/futsal de mulheres. Apesar das mulheres lésbicas/bissexuais estarem sempre suscetíveis a terem patrocinadores, treinadores ou gestores, que por vezes, ainda desejam que elas performem a feminilidade tradicional (Pires et. al., 2019), sofrerem com cerceamentos e perseguições por visibilizarem seus relacionamentos com outras mulheres (Kessler, 2020) e/ou expressarem suas sexualidades e identidade dissidentes,

o futebol pode ser um espaço de expressão e legitimidade da sexualidade lésbica. Nele, as mulheres homossexuais podem se sentir mais à vontade e acolhidas em sua expressão sexual, visto que socialmente esse já é considerado um espaço de mulheres lésbicas. (Rosa et. al., 2020, p. 206)

Considerando o país misógino, preconceituoso e conservador que vivemos, o futebol/futsal é um dos poucos espaços de acolhimento, descobertas e liberdade para as sexualidades e expressões de identidades de mulheres, principalmente as lésbicas e bissexuais. Particularmente, experimentei uma sensação única de pertencimento ao integrar uma equipe de futebol de mulheres durante a minha adolescência, me descobrir lésbica e compartilhar com minhas companheiras os mesmos anseios, medos e até desilusões amorosas. Observei o mesmo com as minhas ex-atletas que tinham idades entre 13 e 20 anos e que por diversas vezes me confidenciaram os seus problemas de aceitação familiar, dúvidas sobre as descobertas de suas sexualidades e suas diversas expressões de feminilidades e masculinidades.

Atualmente, “[...] muitas futebolistas se sentem confortáveis em expressar nos ambientes de jogo seus desejos e afetos em relação a outras mulheres” (Kessler, 2020, p. 58) e são esses atos de desobediências às normas de gênero, que extrapolam as fronteiras da binaridade e visibilizam possibilidades de vida, como a minha. Por conseguinte, é imperativo afirmar que as mulheres atletas de futebol/futsal eram (e seguem sendo) as protagonistas de muitas subversões de normas no esporte e na sociedade, e “[...] explicitam, através da sua diferença, quão tênues são os

discursos e as práticas que buscam atestar a supremacia deles em relação a elas; desestabilizam os jogos de poder que asseguram o machismo, a misoginia, o sexismo, o racismo, o capacitismo e a heteronormatividade” (Goellner, 2021, p. 106).

Após assistir, pela primeira vez, uma partida de futebol masculino arbitrada pela Edina Alves Batista em 2019, Ronaldo Helal (2021, p. 117-118) diz que começou:

[...] a refletir sobre a longa luta das mulheres para adentrar um universo tradicionalmente masculino, e mais do que isso, do pior que pode existir neste masculino: machismo e homofobia. O espaço recente conquistado pelas mulheres no futebol pode ser visto nas bancadas das mesas redondas de televisão e na quantidade de mulheres repórteres de campo. O que seria motivo de chacota há décadas, passou a ser encarado como algo rotineiro.

Nos últimos anos temos acompanhado esse crescimento das modalidades em diversos âmbitos, desde o aumento no número de mulheres praticando os futebóis até os recentes holofotes proporcionados pelo maior interesse midiático, os incentivos do poder público e dos investidores; além dos projetos cada vez mais consolidados nos clubes e dos direcionamentos da FIFA e CONMEBOL para a evolução das modalidades.

Todos esses holofotes iluminam não somente as atletas, mas todas as pessoas envolvidas nas modalidades, especialmente os/as treinadores/as. Nas transmissões pelas televisões, os microfones captam os áudios durante toda a partida, deixando o público à par de todas as instruções nos tempos técnicos e/ou durante as partidas; as câmeras não perdem nem uma reação com os gols sofridos ou feitos; e as preleções se tornaram conteúdo nas redes sociais dos clubes. Neste sentido, com olhos e ouvidos atentos, os/as treinadores/as entram em cena e se tornam pautas dos jornais, das conversas informais e de pesquisas acadêmicas.

O Conselho Internacional para a Excelência de Treinadores (ICCE) reconhece três bases de conhecimento para quem exerce a função de treinador/a esportiva, sendo elas: Conhecimento Profissional, Conhecimento Interpessoal e Conhecimento Intrapessoal (Milistetd et al, 2017). O que nos interessa, neste momento, é o Conhecimento Interpessoal pois está relacionado com as interações sociais que se estabelecem entre o/a treinador/a e todas as pessoas que o/a cerca (atletas, familiares, equipe de trabalho, treinadores/as adversários/as, entidades esportivas, árbitros/as e jornalistas). De acordo com o Modelo de Desenvolvimento esportivo do COB (Diretoria de Desenvolvimento e Ciências do Esporte do COB, 2022), ter uma relação saudável e de confiança com atletas e familiares é um dos pilares desse

conhecimento e Michel Milistetd, um dos pesquisadores brasileiros que mais produz sobre a temática de formação de treinadores/as, disserta, em um artigo com colabores/as (2017, p. 3), sobre a importância da relação interpessoal:

De fato, a eficácia dos treinadores depende das relações individuais e de grupo, onde o sucesso necessita de interações regularmente com os seus atletas e assistentes, dirigentes, pais e outros profissionais. Em decorrência de tais interações, os treinadores poderão desenvolver maneiras mais eficazes e adequadas de comunicação com todos os envolvidos com o processo de desenvolvimento esportivo. Dessa maneira, o treinador terá maiores capacidades de auxiliar seus atletas a partir das especificidades de diferentes idades, níveis competitivos, significados da prática esportiva e o contexto social particular.

Andréia Rosa (2023), ex-atleta profissional e hoje, auxiliar técnica da equipe da Ferroviária/SP, menciona o carinho pelos seus dois primeiros treinadores de futebol na infância e da contribuição de outros/as mais de 25 que passaram pela sua carreira. Apesar de “absorver o máximo de aprendizagem com cada um deles, cada um com a sua identidade, perfil e especificidade” (p. 342), ela afirma que também teve contato com algumas situações caracterizadas como negativas que lhe ensinaram o que não fazer ao ocupar um cargo em uma comissão técnica.

Segundo Michelle Guiramand (2017), a aproximação entre treinadores/as e atletas cria uma conexão profunda e complexa que ultrapassa as correções sobre as ações dentro das quatro linhas. Esta relação transpassa significados e emoções devido a construção de “[...] um forte vínculo, permeado por um misto de sentimentos que oscilam entre o afeto, a raiva, a admiração, a confiança e até mesmo a decepção” (Guiramand, 2017, p. 8).

Em qualquer relação humana, seja amorosa, institucional ou econômica, o poder está presente (Foucault, 2022). Portanto, pode-se afirmar que os laços entre treinadores/as e atletas não escapam a esta realidade e com o passar do tempo, a convivência e rotina, o/a treinador/a pode também acumular funções diferentes e importantes na vida da atleta (Guiramand, 2017). A figura dele/a ultrapassa os limites dos conselhos técnicos e táticos, das dicas sobre o jogo e pode interferir em outras relações comuns da vida humana, sendo inclusive referenciados como “pai” e/ou

“irmão”¹⁶ como duas das atletas entrevistadas em nosso estudo realizado em 2018¹⁷ relataram:

A relação com os meus treinadores sempre foi muito boa. Sempre tive eles como meus amigos mesmo, sabe? E quando eu era mais nova até como meu pai porque como passava mais tempo no campo, mais tempo com ele, então eu meio que adotei como um pai para mim [...] (Pires, 2018, p. 120)

O treinador era maravilhoso... Sem palavras... Tenho ele como irmão para mim hoje. (Pires, 2018, p. 79-80)

Michel Foucault (2022) entende que essas relações acontecem desde as pequenas vivências dentro dos relacionamentos humanos até os mais altos níveis do Estado. Nesse sentido, ele entende que “[...] o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (Foucault, 2022, p. 101). Ainda, nas palavras do autor:

Parece-me que se deve compreender o poder primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de forças encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. (Foucault, 2022, p. 100-101).


Mesmo que haja, essencialmente, possibilidade de mobilidade nas relações de poder (Foucault, 2022), geralmente, a atleta é o lado mais fraco e frágil; e o/a treinador/a é o lado mais forte desse elo (Guiramand, 2017). Nesse cenário, elas não estão imunes a experiências violentas de assédio e abuso físico, sexual e emocional (Stirling; Kerr, 2009) que podem ser cometidos por treinadores/as, gestores/as, médicos/as, outros profissionais que compõe as comissões técnicas e até atletas mais velhos/as que as vítimas¹⁸.

¹⁶ Há predomínio dos homens na função principal do treinamento na pesquisa que realizamos em 2018 (Pires, 2018), sendo assim, as atletas fizeram apenas referências às relações próximas utilizando termos masculinos.


¹⁷ As participantes do nosso estudo (Pires, 2018) foram mulheres atletas amadoras de Juiz de Fora/MG que representaram a cidade nos Jogos do Interior de Minas (JIMI) em 2017.

¹⁸ Importante destacar que os crimes de abuso e assédio não são exclusivos do esporte de mulheres e as vítimas também podem ser homens, principalmente quando mais novos (Cavalcanti; Capraro, 2019). Porém, entendendo a hegemonia social na qual ainda se vive, ele é mais recorrente entre homens-mulheres (Brasil, 2018).

ATENÇÃO!

A partir deste momento teremos alguns relatos de abusos e assédios, principalmente sexuais, inseridos no texto. Se esse assunto for delicado para você, sugerimos que não faça a leitura dos trechos em destaque quando este ícone aparecer: 

Na dissertação da Caroline de Almeida (2013, p. 112), há relato da atleta Rose sobre casos de assédio sexual por membros da comissão do Esporte Clube Radar, equipe pioneira no futebol de mulheres brasileiro:

 A comissão técnica do Radar era composta por homens – técnicos, dirigentes, treinadores, massagistas. A existência de homens em cargos tanto de chefia quanto de proximidade, de toque, geravam reclamações já que muitas jogadoras sentiam-se assediadas ou molestadas sexualmente: E massagista? Massagista é homem. [...] Mesmo que seja profissional. O cara começa a fazer massagem na perna de uma mulher, ainda mais perna de jogadora que é bonita. O cara se excita. Acontecia comigo, acontecia com outras jogadoras. [...] Um técnico de escolinha de base, para fazer a seleção abusava das meninas. Agora já pensou também se pegar as meninas. E aconteceu de treinador na época engravidar jogadora. Eles colocam, mas tem que transar com eles. Se você pegasse essas meninas que jogaram com o Eurico você ia saber quanta história tem do Eurico. Tem muita história.
[...]
Então ele [treinador] achava que tinha que ser da maneira que ele quisesse porque ele gostava de umas meninas lá. E eu não aceitava isso. Eu sempre dizia: - Não faça isso. [...] Tanto que ele me deixou num jogo no Morumbi no banco. Aliás, não foi nem no banco foi lá em cima. Ai o Seu Oscar perguntou: o que que está acontecendo com a Rose? Ah, ela está machucada. Ai ele foi lá na pra me chamar: Rose, você está machucada? Eu não! Então porque você não está nem no banco. Ué, pergunta para o treinador. Rapidinho o treinador me mandou descer. Senão ia ter bronca né. Agora eu não sou liderança pra nada não. Eu não briguei, não continuo brigando pelo futebol feminino por acaso.

Os riscos e oportunidades para crianças e adolescentes no futebol foi o tema de um estudo realizado em 2014 pelo Centro de Defesa da Criança e do Adolescente Yves de Roussan (CEDECA), no estado da Bahia. Dentre os riscos mais frequentes no cotidiano de jovens atletas, em segundo lugar e mencionados por quase todos os adultos entrevistados, está a exploração e o abuso sexual (CEDECA, 2014), índices que vão ao encontro da matéria produzida por Breiller Pires (2013) para a Revista Placar intitulada: “O lado sombrio da bola”. Mesmo sem dados oficiais de violência

sexual no futebol, o jornalista encontrou 22 casos registrados em ocorrências policiais, em dois anos de investigação, e apresentou um mapa com mais informações sobre os atos¹⁹.

A partir de estudos na literatura sobre o futsal e futebol de mulheres, verifica-se que não há, no Brasil, satisfatórias produções acadêmicas que tematizem as relações entre treinadores/as e atletas, e, também o abuso, assédio, exploração sexual e demais violências contra mulheres no meio esportivo. Concomitantemente, as recorrentes situações de denúncias²⁰ por parte das atletas chamam a atenção para um problema ainda pouco estudado, divulgado e notificado.

No documento de apoio das entrevistas desta pesquisa (Apêndice B) produzido por nós com base na Política de Prevenção do Comitê Olímpico Brasileiro (2018, constam as definições dos abusos, assédios e violências no esporte. Corroborando, segundo as definições do CEDECA (2014, p. 41):

Assuntos tabus em qualquer meio, o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes é uma realidade no ambiente futebolístico. No primeiro caso, o abusador ou a abusadora usa suas vítimas como elementos de jogos sexuais, que podem envolver ou não o contato direto com o corpo da criança ou do adolescente. Já a exploração sexual ocorre quando o adulto obtém ganhos financeiros, ao intermediar e facilitar o acesso do abusador a meninos e meninas.

Entretanto, “[...] com medo do estigma e de perder sua grande chance no futebol, muitas vítimas se refugiam no silêncio (p. 41), e quando denunciam, “[...] a punição dos culpados ainda esbarra em preconceitos arraigados ou mesmo em uma perversa lógica que deposita sobre as vítimas parte da responsabilidade pela violência cometida contra elas” (p. 41). Dito isso, os casos de assédios, abusos, situações de explorações e violências no universo do futebol e futsal ainda são subnotificados e por isso, reforçamos o papel da mídia em dar visibilidade as denúncias e o nosso papel de pesquisadoras em abordar, investigar e discutir cada vez mais o tema.

¹⁹ É possível observar a produção do jornalista por meio do link: <https://issuu.com/breiller/docs/abuso_sexual_futebol_revista_placar>. Acesso em: 23 nov, 2023.

²⁰ Como exemplos, podemos citar as denúncias feitas por Joanna Maranhão contra seu ex-treinador Eugênio Miranda (2008); atletas da Seleção Norte-americana de ginástica contra o médico Larry Nassar (2017); atletas do Sanrosé Futsal contra o treinador Reginaldo Vieira (2022); atletas de uma equipe de Fortaleza contra o treinador (2023); atletas da Seleção Espanhola de Futebol contra ex-treinadores e ex-presidentes (2015/2022/2023) e atletas do Santos Futebol Clube contra o ex-treinador Kleiton Lima (2023). Os quatro últimos casos, por serem pertinentes ao futebol e futsal, serão discutidos com mais detalhes posteriormente e daremos ênfase no caso espanhol.

Em razão disso, em setembro de 2023, uma denúncia feita por atletas profissionais do futebol de mulheres brasileiro veio à tona. O acusado é o Kleiton Lima, hoje, ex-treinador do Santos Futebol Clube, sendo essa equipe mais conhecida como Sereias da Vila, e na reportagem veiculada pelo Globo Esporte (Matos; Giufrida, 2023), as 19 cartas anônimas e escritas à mão pelas atletas podem ser lidas na íntegra. As alegações são de assédio moral e sexual por parte do então treinador, que, segundo os relatos, as humilhava, faltava com respeito e utilizava vestimentas não adequadas para o ambiente de trabalho. Também acusado de assédio moral, o nome de Julio Resende, analista de desempenho, constava em algumas dessas cartas que foram entregues à Aline Xavier, supervisora da equipe.

Kleiton, depois de tomar conhecimento das reclamações do elenco, colocou o cargo à disposição da diretoria do clube, negou as acusações e disse que as queixas de assédio lhe causaram estranheza e revolta. Ele e sua comissão técnica foram demitidos e o clube se comprometeu a apurar o caso (Matos, Giufrida, 2023).

Continuando no alto rendimento e focalizando um dos maiores escândalos da história do futebol de mulheres, o assédio não só entrou em campo, como subiu ao pódio da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2023²¹. Haja vista a participação de trinta e duas seleções pela primeira vez; os recordes de renda, público nos estádios e audiência nas transmissões; a evolução da performance dentro das quatro linhas e o impacto que o esporte praticado por mulheres promoveu em diversos países (Carp; Dixon, 2023), essa foi considerada a maior Copa do Mundo feminina.

No nosso país, mesmo que o desempenho esportivo da Seleção Brasileira não tenha sido conforme o esperado e tenhamos sido eliminadas na fase de grupos, o saldo da Copa do Mundo foi positivo em outras vertentes porque pela primeira vez na história: (1) a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) criou um núcleo de saúde e performance para a Seleção Feminina; (2) a delegação viajou em um avião fretado (Teixeira, 2023); (3) os uniformes foram confeccionados com exclusividade (Granchi, 2023); (4) a comissão técnica foi composta majoritariamente por mulheres (Marche; Knoploch, 2023); (5) a cobertura jornalística nas TVs também foi feita, principalmente, por mulheres (Souza, 2023); (6) as transmissões pelos canais de televisão²² e por


²¹ Esse trecho da dissertação foi modificado e publicado na newsletter do Empório do Futebol Feminino, perfil das redes sociais dedicado ao futebol de mulheres que faço parte.

²² Em TV aberta, a Rede Globo transmitiu os jogos da Seleção Brasileira (três) e depois, um jogo para cada fase da competição (totalizando sete jogos). Na TV por assinatura, o SporTV transmitiu trinta e quatro jogos, incluindo os da Seleção Brasileira (Souza, 2023).

streaming²³ atingiram recordes nacionais e internacionais de público, respectivamente (Pessoa, 2023); e (7) o Governo Federal decretou ponto facultativo durante os jogos da Seleção Brasileira Feminina (Brasil, 2023).

Propositalmente, optamos por relatar todas as conquistas e a magnitude desta Copa do Mundo, visto que, contextualiza e demarca historicamente o importante momento pelo qual o futebol jogado por mulheres perpassa e, ao mesmo tempo, contrasta o outro lado desta mesma Copa do Mundo: abuso e assédio sofridos pelas atletas viraram pauta nas redes sociais, nas entrevistas coletivas e na mídia esportiva.

Um dos casos a estampar os jornais do mundo foi sobre o treinador da Seleção Feminina de Futebol da Zâmbia, Bruce Mwape. Ele está sendo acusado por abuso sexual e em entrevista para o *The Guardian*, uma atleta que não quis se identificar disse:

 Se ele [Mwape] quiser dormir com alguém, você precisa dizer sim. [...] É normal que o treinador durma com as atletas na nossa equipe. (Aarons; Molina, 2023, recurso *online*, tradução nossa).

A denúncia foi feita pela Associação de Futebol da Zâmbia para a FIFA em setembro de 2022 e o treinador da Seleção Feminina Sub-17, Kaluba Kangwa, também está sendo denunciado pelo mesmo motivo.

De acordo com reportagem veiculada pelo site do Globo Esporte (Redação do GE, 2023a), a coletiva de imprensa antes da importante partida contra a Espanha foi interrompida por um oficial da FIFA após a insistência de jornalistas em questionarem o treinador sobre os casos de abuso sexual e da sua permanência no comando da equipe. As investigações seguem sem resultado até o momento da escrita desta pesquisa.

Outro caso a vir à tona envolveu a Seleção do Haiti, estreantes na Copa do Mundo Feminina. Apesar das denúncias também serem de abuso sexual, o cargo de poder que o acusado, Yves Jean-Bart, ocupava, era outro: presidente da Federação. Em uma reportagem extensa, a jornalista do “*The Washington Post*”, Hensley-Clancy (2023), escreve que ele teve um julgamento realizado pelo Comitê de Ética da FIFA em 2020 cuja decisão foi de multá-lo e bani-lo do esporte de forma vitalícia por abusar sexualmente e assediar atletas menores de idade em um centro de treinamento no país. Entretanto, após três anos, causando revolta e decepção em organizações

²³ A CazéTV, um canal idealizado pelo influencer Casimiro, transmitiu todos os jogos ao vivo, de maneira gratuita, no Youtube (Redação, 2023).

como a “FIFPRO”²⁴ e o “Human Rights Watch”²⁵, a decisão foi anulada pela Corte Arbitral do Esporte (CAS) sob alegação de falta de evidências (Crane, 2023).

Mais dois casos serão explicados conjuntamente e com mais informações pela proporção mundial, por representarem um problema sistêmico e por envolver dois homens em posições de poder dentro da Seleção Espanhola de Futebol Feminino (SEFF): o então treinador da equipe feminina, Jorge Vilda, e o então presidente da Real Federação Espanhola de Futebol (RFEF), Luis Rubiales.

Segundo a RTVE, importante rede de televisão e rádio espanhola, antes de disputarem a Eurocopa 2022, a relação entre o treinador e as atletas já estava desgastada e com a posterior eliminação na competição, as atletas afirmaram que conversaram com a RFEF sobre um mal-estar generalizado dentro do vestiário e pediram por mudanças (Caleya, 2023).

Os problemas na relação entre o treinador e as atletas ficou ainda mais evidente durante o Mundial 2023. O sentimento de quem assistia aos jogos da Espanha era que elas estavam vencendo (e de fato, venceram!), com ele ou apesar dele. Nas comemorações depois dos gols e vitórias, e inclusive, após o título mundial inédito, imagens as mostram unidas; e ele quase sempre isolado. Era notório que alguma adversidade remanescente não foi completamente resolvida, mas as atletas que ali estavam concordaram que avanços aconteceram e, naquele momento, só gostariam de festejar o ápice de suas carreiras esportivas com a vitória da Copa.

Porém, no pódio da maior Copa do Mundo Feminina de todos os tempos, um caso de assédio contra uma atleta foi assistido por milhares de pessoas, e o título inédito da SEFF foi manchado pelo seu próprio presidente: Luis Rubiales. Ele estava no pódio como uma das autoridades presentes para entregar as medalhas às atletas. Entusiasmado, ele as recebia com abraços acalorados e beijos no rosto, até que Jenni Hermoso, maior artilheira da SEFF, se aproximou para lhe cumprimentar. Após abraços e sorrisos, ele segurou seu rosto com as duas mãos e a beijou na boca.

²⁴ FIFPRO significa “Federação Internacional de Atletas de Futebol Profissionais” e é a sigla de uma organização mundial visa defender os direitos e interesses de seus representantes, cerca de 65 mil jogadores/as profissionais de futebol, tanto homens quanto mulheres. O Brasil não faz parte da organização como país membro. Saiba mais em: <<https://fifpro.org/en>>. Acesso em: 19 set, 2023.

²⁵ A “Human Rights Watch” é uma organização internacional não governamental que defende os direitos humanos investigando e relatando abusos que acontecem no mundo. Saiba mais em: <<https://www.hrw.org/about/about-us>>. Acesso em: 19 set, 2023.

Demasiadamente eufórica com a conquista do título inédito, a atleta concede entrevista logo após levantar a taça, e ao ser questionada sobre o beijo, ela diz que não gostou, que foi uma surpresa e aconteceu na emoção do momento (COPE, 2023). Nos dias subsequentes, a Associação de Futebolistas Espanhóis (AFE)²⁶, a FIFPRO²⁷ e a Associação de Jogadores/as de Futebol de Salão (AJFSF)²⁸ são algumas das entidades que se posicionaram a favor da Hermoso e cobraram ações efetivas para proteção e respeito às mulheres. A atleta envolvida, por sua vez, se pronunciou oficialmente por meio do seu sindicato²⁹ solicitando que a RFEF implemente os protocolos indicados e adote medidas exemplares (FUTPRO, 2023) e, finalmente, após quatro dias do episódio, a Comissão Disciplinar da FIFA abriu um processo disciplinar contra Luis Rubiales³⁰.

Porém, como um estopim, Rubiales foi à público dizer que o beijo foi consentido, que não há posição de domínio por parte dele, que o falso feminismo é um flagelo e, sob aplausos de pé de quem o assistia, com foco para a presença do Vilda na primeira fileira, Rubiales finalizou dizendo que não iria renunciar³¹. Após a coletiva, atletas do mundo inteiro, em especial, as companheiras de Seleção, declararam apoio a Jenni em suas redes sociais³².

²⁶ Saiba mais em: <<https://www.afe-futbol.com/afe/afe-exige-que-se-aplique-lo-establecido-en-la-ley-del-deporte-con-luis-rubiales/>>. Acesso em: 23 nov, 2023.

²⁷ Confira a publicação na rede social “X” por meio do link: <<https://x.com/FIFPRO/status/1694394879516799288?s=20>>. Acesso em: 23 nov, 2023.

²⁸ Confira a publicação da AJFSF na rede social “X” por meio do link: <<https://x.com/AJFSFemenino/status/1694718622135210132?s=20>> Acesso em: 23 nov, 2023.

²⁹ FUTPRO é uma associação formada exclusivamente por mulheres futebolistas que competem na Espanha, cujo objetivo é defender os direitos trabalhistas das jogadoras, promovendo a mudança e evolução no mundo do futebol. É possível ter acesso ao comunicado oficial de Jenni por meio do link: <<https://futpro.es/2023/08/23/comunicado-oficial-jenni-hermoso/>>. Acesso em: 23 nov, 2023.

³⁰ Acesse a nota oficial da FIFA em: <<https://www.fifa.com/legal/media-releases/the-fifa-disciplinary-committee-opens-disciplinary-proceedings-against-luis-rubiales>>. Acesso em: 23 nov, 2023.

³¹ A notícia pode ser lida em: <<https://elpais.com/deportes/futbol/2023-08-25/video-la-comparedencia-integra-de-luis-rubiales-en-la-que-no-dimite-por-su-beso-a-jenni-hermoso.html>>. Acesso em: 23 nov, 2023.

³² No dia 25 de agosto de 2023, as atletas da Espanha que não estiveram na Copa do Mundo 2023 por decisão pessoal, Claudia Pina, Mapi León, Patri Guijarro e Sandra Paños se manifestaram em suas contas oficiais do Twitter. Os links de cada publicação estão disponíveis em: <<https://twitter.com/claudiaapinaa/status/1695083998152667566>>; <<https://twitter.com/MapiLeon16/status/1695071594362609882>>; <<https://twitter.com/Patri8Guijarro/status/1695063424999231683>>; <https://twitter.com/sandra_panos1/status/1695077970338083018>. Acesso em: 15 dez, 2023.

A partir desse momento, as partidas do futebol, principalmente o de mulheres, ao redor do mundo começaram a ser palco para manifestações de apoio a Hermoso com cartazes, camisetas e munhequeiras estampando os dizeres: “estamos contigo, Jenni”³³ e um movimento mundial orquestrado por mulheres começava a ser reconhecido por outra expressão: “Se acabó” em português sendo traduzido por “Acabou”, fazendo menção a luta pelo fim das violências, dos abusos e dos assédios não só no futebol, mas na sociedade.

Jenni Hermoso então, se sentindo apoiada, emite um pronunciamento³⁴ dizendo que se sentiu vulnerável, vítima de uma agressão e que não foi respeitada. Concomitantemente, mais de 80 atletas e ex-atletas da Seleção Espanhola assinaram um comunicado oficial via FUTPRO³⁵ afirmando que não voltariam a representar seu país se o dirigente atual continuasse no cargo. A FIFA reagiu imediatamente aos acontecimentos e suspendeu Luis por 90 dias³⁶.

Seguindo a ordem dos fatos, membros da comissão técnica do então treinador Jorge Vilda, em apoio a Jenni, colocaram seus respectivos cargos à disposição da RFEF e disseram que as mulheres que faziam parte daquela comissão foram obrigadas a sentar na primeira fileira no vergonhoso pronunciamento do Luis Rubiales³⁷. Vilda não assinou a carta junto a comissão.

A situação da Federação Espanhola perante o mundo se apresentava insustentável e a mídia, atletas e pessoas públicas do país pressionavam para que Rubiales e Vilda renunciassem. O então Presidente Pedro Rocha, que inclusive emitiu uma carta pedindo desculpas ao mundo do futebol pela conduta inapropriada do ex-presidente³⁸, demite Jorge como treinador e diretor esportivo no dia cinco de

³³ Confira a nota em: <<https://edition.cnn.com/2023/08/27/football/luis-rubiales-jenni-hermoso-reaction-spt-intl/index.html>>. Acesso em: 23 nov, 2023.

³⁴ Confira o comunicado da Jenni em: <<https://x.com/Jennihermoso/status/1695149241889403233?s=20>> Acesso em: 23 nov, 2023.

³⁵ Comunicado oficial: <<https://futpro.es/2023/08/25/comunicado-oficial-jugadoras/>> Acesso em: 23 nov, 2023.

³⁶ Nota oficial da FIFA: <<https://www.fifa.com/es/legal/media-releases/la-comision-disciplinaria-de-la-fifa-suspende-con-caracter-provisional-a>> Acesso em: 23 nov, 2023.

³⁷ É possível ter acesso a nota oficial dos profissionais em: <<https://x.com/Erafutbolfem/status/1695447118087877031?s=20>> Acesso em: 23 nov, 2023.

³⁸ Nota oficial da Federação Espanhola: <<https://rfe.es/sites/default/files/2023-09/DECLARACION%20DEL%20PRESIDENTE%200509.pdf>> Acesso em: 23 nov, 2023.

setembro³⁹; e Luis, em carta⁴⁰, renunciou oficialmente do cargo de presidente da RFEF e de vice-presidente da UEFA no dia dez de setembro de 2023, cerca de um mês após a final da Copa⁴¹.

O processo no Ministério Público Espanhol de agressão sexual e coerção contra Rubiales ainda não teve um veredicto final (Redação do GE, 2023b) e o processo disciplinar da FIFA resultou em (apenas) três anos de suspensão de qualquer atividade relacionada ao futebol⁴². E essa não foi a primeira vez que um treinador da Seleção Espanhola esteve envolvido em polêmicas e problemas com suas atletas. O ex-treinador Ignacio Quereda, que ficou no cargo durante 28 anos, foi demitido em 2015 após uma carta enviada para a RFEF pelas atletas expondo má conduta, falta de treinamento adequado e controle excessivo (Ibaceta, 2023; Rodríguez, 2021).

A jornalista Danae Boronat escreveu um livro sobre o caso cujo título pode ser traduzido como: “Não as chamem de meninas, chamem-nas de atletas de futebol. Do abuso ao reconhecimento: a luta pela igualdade no futebol” (Boronat, 2021). No mesmo ano, um documentário foi produzido pela Informe+ e intitulado, no português, “Quebrando o silêncio: a luta dos jogadores da Seleção”⁴³. Com duração de 30 minutos, a produção conta com vídeos de ações do Quereda, como por exemplo apertando as bochechas de uma jogadora que visivelmente não estava confortável, além dos fortes depoimentos de atletas como a Vicky Losada; ex-atletas, como Vero Boquete; e, também, da escritora/jornalista Danae Boronat. Elas relatam as falas homofóbicas, as ações humilhantes e diversos outros abusos do ex-treinador e evidenciam o respaldo que a RFEF o concedia sob ordens do ex-presidente Ángel María Villar, que ficou no cargo de 1988 a 2017. O mesmo, disse, em entrevista para a Rádio Marca (Parrado, 2023), que o comportamento de Rubiales

³⁹ Nota de demissão de Jorge: <<https://rfe.es/es/noticias/la-rfef-prescinde-de-jorge-vilda>> Acesso em: 23 nov, 2023.

⁴⁰ Carta de demissão do Rubiales: <<https://acesse.one/VXDgj>> Acesso em: 23 nov, 2023.

⁴¹ A RFEF confirmou sua demissão em: <<https://rfe.es/es/noticias/oficial-la-rfef-confirma-la-dimision-de-luis-rubiales>>. Acesso em: 23 nov, 2023.

⁴² Comunicado oficial da FIFA de banimento do Rubiales: <<https://www.fifa.com/legal/media-releases/former-spanish-football-association-president-luis-rubiales-is-banned-for-three-years>>. Acesso em: 23 nov, 2023.

⁴³ É possível assistir cerca de vinte e sete minutos do documentário por meio do link: <<https://vimeo.com/859635146>>. Acesso em: 19 set, 2023.

na final da Copa do Mundo não era o ideal, mas que o compreendia pois era um ser humano.

Apesar de não ser o objetivo deste trabalho, a Seleção Espanhola de Futebol Feminino evocou nossa atenção pelo problema patriarcal sistêmico que fora apresentado, desde Villar e Querada até Rubiales e Vilda. Além disso, outros fatores valiosos e, que suscitam estudos específicos posteriores, é a resiliência por parte das atletas em suas reincidentes denúncias; a repercussão mundial e a força coletiva demonstrada pelo movimento das mulheres no esporte⁴⁴; pelas mudanças conquistadas por elas e a sensação de que as próximas gerações de atletas espanholas não enfrentarão mais essas violências.

De acordo com os pensamentos foucaultianos, o que dá sentido às relações de poder é a possibilidade de mobilidade do poder (Foucault, 2022). A opressão unilateral é um conceito equivocado para definir essa relação, visto que só existem relações de poder em ambientes que podem coexistir movimentos de lutas, subversões e transformações da realidade. Desta forma, mesmo que as atletas sejam consideradas o “elo” mais fraco perante seus/suas treinadores/as, é possível que elas resistam às opressões. Acerca disso, é importante destacarmos as resistências, que conforme Foucault define (2022, p. 104-105):

Elas são outro termo nas relações de poder; inscrevem-se nessas relações como o interlocutor irredutível. Também são, portanto, distribuídas de modo irregular: os pontos, os nós, os focos de resistência disseminam-se com mais ou menos densidade no tempo e no espaço, às vezes provocando o levante de grupos ou indivíduos de maneira definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento.

Resistências, essas, que começaram a serem evidenciadas para nós, que não fazemos parte dos processos internos que permeiam o dia a dia das Seleções e/ou clubes de futsal e futebol, por intermédio das denúncias por parte das atletas e das consequentes repercussões nas mídias. Mas e o que acontece nas quadras e campos fora do alto rendimento? Sem contar com o apoio das redes sociais para pressionar as entidades objetivando melhorias, como aconteceu com as atletas do Santos

⁴⁴ Exemplificando, no referido jogo entre Espanha e Suécia pela Liga das Nações que ocorreu no dia 22 de setembro de 2023, ambas Seleções entraram em campo e sustentaram, juntas, uma faixa com os seguintes dizeres: “#SeAcabó, our fight is the global fight”. Em português, sendo traduzida como “Acabou. Nossa luta é uma luta mundial”. Disponível em: https://x.com/TABLERO_RNE/status/1705271203160547788?s=20. Acesso em: 22 set, 2023.

Futebol Clube e da Seleção Espanhola de Futebol, como será que elas tensionam essas relações de poder, resistem e subvertem as situações de violências que, infelizmente, também estão suscetíveis a viver?

Considerando que são as mulheres atletas de elite, principalmente, que tem maior risco de serem abusadas, assediadas e exploradas sexualmente por seus treinadores e membros da comissão técnica (Lang et. al., 2023), grande parte das pesquisas que tematizam as relações abusivas entre treinadores/as e atletas focam em atletas que já performaram no alto rendimento, sejam atletas aposentadas ou em atividade, como são exemplificadas pelos estudos de Ashley Stirling e Gretchen Kerr (2009; 2013). Por outro lado, não consideram os relatos, vivências e experiências de outras atletas que constituem a base da pirâmide do esporte, concentrando o maior número de praticantes espalhadas pelo desporto escolar, universitário, além das práticas amadoras.

Alguns desses casos repercutem na mídia, como aconteceu com as denúncias dentro da equipe de futsal do Sanrosé, de Santa Catarina. Segundo reportagem do Globo Esporte, 12 mulheres, entre vítimas e testemunhas, prestaram depoimento contra o então treinador e dirigente da equipe Reginaldo Vieira que importunava e abusava sexualmente de atletas menores de idade. Após as denúncias, o projeto que era financiado pela Fundação de Esportes de São José parou de receber os repasses financeiros e foi desfeito (Barcellos; Rangel, 2022).

Neste ano, mais um caso de abuso e violência sexual por parte de um treinador ficou em evidência na mídia, agora pelo portal de notícias G1. De acordo com as matérias (Sampaio; G1 CE, 2023; G1 CE, 2023), o caso aconteceu em Fortaleza e ao menos 12 atletas, entre 13 e 17 anos, foram assediadas por ele, que enviava mensagens com termos obscenos; fazia convites íntimos e indevidos; ameaçou de morte a uma delas por mensagem de áudio; e, tocou as partes íntimas das garotas durante massagens. O treinador não teve o nome divulgado, foi preso e cerca de dois meses depois, faleceu no presídio após passar mal. Não há informações sobre a continuidade da equipe.

Mas outros, ficam apenas na memória de quem presenciou uma companheira de equipe sofrendo ou foi vítima de alguma dessas violências. Duas atletas entrevistadas em pesquisa realizada por mim, também sob os cuidados e orientação da Professora Ludmila (Pires, 2018), relataram algumas dessas experiências de

assédio moral e sexual durante a convivência e a construção da relação com o homem-treinador:



[...] o treinador trabalhava com meninas mais velhas, então o papo dele era de meninas mais velhas. E aquilo me incomodava muito, eu ainda tinha quatorze anos na época, o papo dele era diferente e eu achava aquilo muito estranho e quando fui jogar a primeira vez com ele, ele gritou comigo, apontou o dedo na minha cara e eu fiquei sem entender muito a questão [...] (Pires, 2018, p. 42)

E homem, infelizmente, não são todos, mas assim, busca muito mais o prazer dele, muita das vezes, do que ver a menina crescer no futebol, entendeu? Isso é um ponto muito delicado que muita gente não sabe [...]. Então assim, é muito louco o 'cara' achar que é posse, que pode fazer o que quiser, falar o que quiser que te 'taca' medo. E você vai fazer porque senão você vai ser mandada embora. (Pires, 2018, p. 43)

A sociedade patriarcal que ainda é baseada nas normas da masculinidade hegemônica, entendida “como um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade), que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse” (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 245) e no universo do futebol e futsal, essas normas são sustentadas por questões hierárquicas do esporte que considera o/a treinador/a em uma posição de poder se comparada ao de suas atletas. Essas falas não podem ser normalizadas e acenderam um alerta em nós, enquanto Grupo de Pesquisa que trata o tema do Gênero nos esportes, para as relações entre treinadores/as e atletas. De maneira particular, também me fizeram refletir como tais relações impactam toda a minha trajetória de vida, seja como atleta ou como treinadora.

Recordo-me, quando adolescente, que participava de uma equipe de futsal na cidade de Volta Redonda/RJ e nós sempre eramos derrotadas por uma outra equipe da cidade nos campeonatos municipais. Eu era amiga de parte das jogadoras adversárias e elas me diziam que o treinador era bravo e grosseiro nos treinamentos. Na beirada de quadra, quando íamos nos enfrentar, mesmo no time contrário, eu ficava constrangida com os gritos e palavras que ele direcionava a elas nos tempos técnicos.

Não obstante, rememoro também quando era atleta do Samir (personagem que já comentara na apresentação desse trabalho), e o quanto as ações e falas dele me incentivavam a continuar praticando a modalidade que eu tanto amava. A responsabilidade que ele me transmitia ao solicitar, durante os treinamentos, que eu auxiliasse outras meninas que estavam começando e que, por vivências motoras

e incentivos divergentes, tinham menos experiência com a bola nos pés do que eu detinha na época, essas memórias estão vivas na minha vida. Considero, inclusive, que esse foi um despertar marcante para que eu me tornasse uma professora e uma treinadora que tem o privilégio de contribuir para que mais meninas joguem os seus futebóis.

Já apaixonada por ensinar e contribuir com a formação de melhores atletas desde que eu era pequena, mesmo sem perceber isso de maneira consciente, hoje, as frases de agradecimento e gratidão que já ouvi de atletas/ex-atletas que me impactam profundamente e ao mesmo tempo, me escancaram uma enorme responsabilidade: “Você me fez amar o futebol de novo” ou “você devolveu muito meu gosto por aprender e jogar mais futsal”. Ao escutá-las tive a certeza de que, agora assumindo a posição de treinadora, influenciaremos diretamente a vida de atletas e estaremos em suas memórias, seja de forma positiva ou negativa.

No clássico “A bola corre mais que os homens”, Roberto DaMatta (2006, p. 208-209) disserta sobre os significados da palavra “técnica” e discorre sobre os significados do que é ser treinador/a de futebol, ou melhor, técnico/a de futebol, no nosso país.

[...] Não é, pois, ao acaso que o papel de ‘técnico de futebol’ seja um dos cargos mais significativos e simbolicamente pesados da vida pública nacional. [...] Convenhamos que é um papel difícil de ser desempenhado, justamente pelo que contém de contraditório dentro do imaginário social brasileiro. [...] No futebol, o bode expiatório é o técnico. E ele, e somente ele, quem personaliza, cristalizando e agenciando na sua pessoa, o time que é, a rigor, uma coletividade. Temos, pois, 150 milhões projetando-se nos 11 membros do time nacional, e esses 11 heróis ou infelizes desembocando no ‘técnico’, o grande profeta, messias ou mediador entre ganhar e perder, superar os adversários pelo exercício mais puro da técnica e do físico, bem como o azar e o destino.

Sendo chamado/a de técnico/a ou treinador/a, ele/a é, segundo o Modelo de Desenvolvimento Esportivo do Comitê Olímpico do Brasil (Diretoria de Desenvolvimento e Ciências do Esporte do COB, 2022, p. 113), a pessoa responsável por: (1) “planejar, conduzir e avaliar sessões de treinamento e competições ao longo da temporada esportiva, de forma independente”; (2) “dominar conhecimentos e competências especializadas para planejar, conduzir e avaliar, de forma independente, sessões avançadas de treinamento”; (3) “realizar avaliação avançada dos resultados alcançados (treinamento e competição), visualizando estratégias alternativas que conduzam a soluções e mudanças significativas”; (4) “atuar de forma

independente e desempenhar um papel de liderança dentro de uma equipe interdisciplinar”; (5) “contribuir no desenvolvimento de treinadoras/es menos experientes, de treinadoras/es assistentes e auxiliares.”

E para desempenhar essas funções, os Conhecimentos Profissionais, Interpessoais e Intrapessoais que já mencionamos anteriormente devem ser dominadas a fim de fundamentar todas as suas decisões e ações (Diretoria de Desenvolvimento e Ciências do Esporte do COB, 2022). Salientamos que, dentre as seis competências centrais⁴⁵ que surgem a partir da prática dos Conhecimentos descritos, destaca-se uma delas: “Construir relações” (Milistetd et al, 2017), e seus indicadores são: (1) “Exercer influência positiva sobre atletas e demais pessoas/profissionais envolvidos no seu contexto/domínio de atuação”; (2) “Liderar sua equipe de trabalho positivamente (atletas, entusiastas, treinadoras/es, equipe de apoio e demais pessoas envolvidas)”; (3) “Gerenciar seus relacionamentos interpessoais”; (4) “Ser um/a educador/a e alguém que inspira os demais”; (5) “Construir e manter relações saudáveis com atletas, demais treinadoras/es, equipe técnica e outros profissionais presentes no seu contexto de trabalho”; (6) “Oferecer oportunidades e apoio para que a/o atleta se torne, gradativamente, mais independente e consciente de suas decisões e dos resultados delas” (Diretoria de Desenvolvimento e Ciências do Esporte do COB, 2022, p. 117).

Apesar de nomeá-lo/a coadjuvante, pois sempre consideramos que protagonistas são as jogadoras, sabemos que ele/a possui muitas responsabilidades, preocupações, anseios e que o/a treinador/a, vide tudo que já discorremos e influencia diretamente no desenvolvimento integral de uma equipe e principalmente, nas vidas de suas atletas.

Também já se sabe, desde a apresentação deste trabalho, que eu sou treinadora (às vezes *coach*⁴⁶, mas quase nunca técnica) de futsal e futebol de mulheres. Mas pode ser novidade que, entendendo toda a responsabilidade que é assumir uma função dessa em uma equipe, uma das minhas atuações profissionais é contribuir com a formação de treinadores/as de futsal e futebol, principalmente com aqueles/as que escolhem trabalhar com meninas e mulheres.

⁴⁵ As Competências Centrais são: (1) Aprender a refletir; (2) Definir Visão e Estratégia; (3) Organizar o Ambiente; (4) Conduzir Práticas; (5) Construir Relações; (6) Ler e Responder ao Campo de Ação (Milistetd et al, 2017).

⁴⁶ A tradução de *coach*, em inglês, é treinadora. Minha referência é justificada pelos momentos que estive trabalhando nos EUA e era reconhecida como “*Coach B*”.

Nesse caminhar já estive como coordenadora dos conteúdos sobre futsal de mulheres na Conferência Internacional de Treinadores de Futsal⁴⁷ e como produtora de conteúdo para a United Futsal University⁴⁸. Exercendo a função de professora, mas também como aprendiz, me inserindo em cursos de pós-graduação e outros específicos para treinadores/as das modalidades que são ofertados por Federações, por treinadores renomados no país e por instituições de ensino, a formação de treinadores/as me desperta preocupação pois mesmo como coadjuvantes, temos imensa responsabilidade para o crescimento e consolidação do futsal e futebol de mulheres no país.

Ao longo da pesquisa, como as experiências fora do esporte de alto rendimento são focalizadas, compreendemos que precisamos nos atentar ainda mais para as experiências das crianças e adolescentes que praticam a modalidade. A maior parte das meninas e mulheres no país jogam futsal/futebol em espaços não profissionais, e mesmo as atletas que hoje estão no alto rendimento, um dia já estiveram nas quadras dos projetos sociais, nos campeonatos escolares e nas equipes amadoras. E ao estudar a literatura específica, nos deparamos com a Doutrina de Proteção Integral, documento que reconhece a criança como sujeito de direitos humanos e merecedora de proteção especial, e que diz que é necessário garantir a formação específica dos profissionais do esporte (treinadores/as, técnicos/as e assistentes) e orientação sobre os direitos da criança e do adolescente (CEDACA, 2014).

Desta forma, assumimos o compromisso de ligar os refletores das quadras e dos campos e direcioná-los, também, para a formação de quem atua comandando as equipes de futsal/futebol em solo brasileiro. Para tanto, salientamos que tais modalidades sofrem influência direta de duas confederações: a Confederação Brasileira de Futsal (CBFS) e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF). A primeira foi fundada em 1979 e coordena a modalidade em solos brasileiros desde então, sendo responsável por competições, regulamentações e fomento da prática do futsal.

⁴⁷ A Conferência ocorreu de maneira remota durante o ano de 2020 e foi organizada pelo “Team Kbça”, sob responsabilidade do treinador Antônio Wagner “Kbça”. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PL_LLWY7FtJQkH0_wsWdz0Zzt6cuaZzETh&si=aD-Hvkv1ZwiHavhn>. Acesso em: 15 set, 2023.

⁴⁸ Durante o período de trabalho com a United Futsal University não me dediquei ao futsal de mulheres, especificamente. Criamos um curso de formação a longo prazo para treinadores/as de futsal, além de minicursos que tratavam sobre metodologia, currículo, pedagogia da rua e história da modalidade. Disponível em: <<https://university.unitedfutsal.com/pages/home>>. Acesso em: 15 set, 2023.

A segunda começou a se preocupar mais com o futsal recentemente e hoje, ela é a responsável por gerenciar as nossas seleções (Carvalho; Redação do GE, 2021) e, também contribui para a formação de treinadores/as das quadras e campos.

Antes de iniciar o tópico em questão, afirmamos que não discutiremos acerca das disputas sobre considerar obrigatório ou não o diploma em Educação Física, e a subsequente inscrição no Conselho Regional de Educação Física (CREF), para o exercício da função de treinador/a de futebol ou futsal⁴⁹ no país. O que está em pauta é somente a reflexão sobre a pergunta: será que as relações interpessoais com as atletas são abordadas durante a formação profissional de treinadores/as no Brasil?

De acordo com a Jornada de Aprendizagem e Desenvolvimento de Treinadores/as (JADT) definida pela Diretoria de Desenvolvimento e Ciências do Esporte do COB (2022), a formação profissional contempla, essencialmente, os cursos universitários e federativos; além das vivências em workshops, acampamentos e a própria experiência como treinador/a. A fim de discorrer um pouco mais sobre a temática, iremos considerar, como possibilidade de formação profissional, as Licenças “C” e “B” de futsal da CBF Academy⁵⁰, as Licenças “C” e “B” de futsal da CBFS Academy⁵¹ e o curso de Bacharelado em Educação Física. Existem diversas outras vias de formação como pós-graduações e cursos especializados, entretanto, como esses são numerosos e multifacetados, deixaremos para dissertar em momento posterior.

Ao verificar os conteúdos dos cursos disponíveis nos sites das entidades, nos chama a atenção que na Licença “C” da CBFS Academy, indicada para quem trabalha em categorias até o Sub-13, prevê, no módulo 07 com duração de 5 horas, ensinamentos sobre a “Relação: Família, Aluno(a) e o(a) Professor(a)”, mas não há um módulo sobre diretrizes éticas, por exemplo, na relação treinador/a-atleta. Já na Licença “B” da mesma instituição, indicada para categorias até o Sub-20, há um módulo (de número 04, com duração de 5 horas) sobre “Legislação Esportiva, Ética e

⁴⁹ A partir da Lei nº 9696/1998, que regulamentou a profissão de Educação Física no país, a atuação dos/as treinadores/as esportivos/as (com exceção do futebol, que possui legislação própria) passou a ser permitida apenas após a conclusão do curso de bacharelado em EF e da emissão da cédula do CREF (Diretoria de Desenvolvimento e Ciências do Esporte do COB, 2022).

⁵⁰ Instituição educacional do futebol brasileiro. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/cbfacademy/pt-br/sobre?csrt=17174247660927346860>>. Acesso em: 15 set, 2023.

⁵¹ CBFS Academy. <https://cbfsacademy.com.br/>. Acesso em 26 set, 2023.

Valores” que prioriza o ensino da legislação esportiva, ética e fair play, valores do esporte e sua transmissão aos jovens atletas, além das responsabilidades legais dos/as treinadores/as e dirigentes esportivos. O mesmo ocorre na CBF Academy, que consta um módulo com o mesmo nome “Legislação Esportiva, Ética e Valores” na Licença “B”, mas não na “C”.

Corroborando, em artigo produzido por Milistetd e colaboradores/as (2017, p.

4) acerca da formação de treinadores/as esportivos, ressalta-se que:

independentemente das situações de aprendizagem dos treinadores, é necessário que as condições éticas, pessoais e sociais sejam assumidas como suportes do processo de desenvolvimento profissional, o qual deve permitir a apreensão da dimensão situacional da competência. Os valores e princípios dos treinadores ganham destaque, pelo grande envolvimento que possuem com vários personagens (além de atletas, crianças, colegas de profissão, diretores, profissionais de outras áreas, pais, torcedores). Nesse caso, precisam refletir e dirigir suas ações de modo crítico, com preocupações que envolvam o praticante em sua totalidade.

Quais são os argumentos das entidades para as questões éticas não serem incluídas na formação de profissionais que atuarão no estágio de introdução e iniciação da prática da modalidade junto a crianças e adolescentes, geralmente com 02 a 12 anos de idade? Considerando a importância do Conhecimento Interpessoal para o desenvolvimento de treinadores/as, por que ela ocupa uma parte tão pequena no currículo de formação? Ademais, se as relações com os pais foram abordadas, o que consideramos um ponto positivo desse novo curso da CBFS, por que as relações com as/os atletas também não poderiam ser?

No Código de Ética da CBFS⁵² e no Código de Ética da CBF⁵³, há um item de condutas vedadas que prevê sanções em caso de prática “de assédio de qualquer natureza, inclusive moral ou sexual” por qualquer pessoa envolvida nas modalidades. Percebe-se que as entidades se preocupam em escrever, literalmente, o problema nos seus documentos oficiais, mas será que há uma preocupação legítima em preveni-los?

⁵² É possível ter acesso ao Código de Ética em: <http://cbfs.com.br/site/Codigo_de_etica.pdf>. Acesso em: 26 set, 2023.

⁵³ No momento da realização da pesquisa, o site www.eticadofutebolbrasileiro.com.br, que deveria conter os documentos oficiais da instituição, estava fora do ar. Sendo assim, o Código de Ética foi encontrado em: <https://www.estadao.com.br/blogs/blog/wp-content/uploads/sites/41/2016/06/Codigo-de-Etica.pdf>. Acesso em: 26 set, 2023.

Se pensarmos em nossa profissão, também temos um Código de Ética dos Profissionais de Educação Física⁵⁴, e, a partir da Resolução do CONFEF⁵⁵ nº 458/2023, consta no Art. 7º que é vedado ao Profissional de Educação Física no exercício de sua função praticar abuso ou assédio moral ou sexual. Destacamos essa passagem porque este item só foi incorporado ao Código de Ética neste ano, o que pode demonstrar, ao nosso ver, sinais de preocupação do Conselho em mitigar o problema perante o aumento dos casos denunciados. Sendo esse um cuidado recente tomado pelo Conselho, será que o tema começará a ser discutido também nas salas de aulas dos cursos de Educação Física? Esperamos que sim, pois, como já discutido, não é tarefa fácil obter uma formação que aborde maneiras de prevenir o abuso e o assédio no esporte brasileiro.

Antes mesmo de me formar, em 2017, trabalhei como treinadora de futebol nos Estados Unidos da América e me deparei com uma gama de cursos e diversas recomendações de prevenção ao abuso e assédio às crianças e adolescentes. A partir de então, comecei a me atentar mais acerca dessa questão e realizei diversos cursos como: “Esporte Seguro”, “*Safeguarding*⁵⁶”, “Prevenção ao abuso e assédio”, “Prevenção a má-conduta”, “Reconhecendo e denunciando má-conduta”, “Treinamento para políticas de prevenção ao abuso de atletas menores de idade” e “Criando um ambiente seguro no esporte”. Todos são gratuitos, mas estão disponíveis somente em inglês em plataformas *online* como a *U.S. Center for SafeSport*⁵⁷; *Athlete 365 by IOC*⁵⁸; *Safe To Compete*⁵⁹ e *FIFA Guardians*⁶⁰.

⁵⁴ A resolução que dispõe sobre o Código está disponível em: <<https://www.confef.org.br/confef/resolucoes/381>>. Acesso em: 15 set, 2023.

⁵⁵ Conselho Federal de Educação Física é a autoridade que regulamenta a profissão no país e é composto por Conselhos Regionais que atuam diretamente na normatização e fiscalização dos profissionais.

⁵⁶ Segundo a definição da FIFA, *Safeguarding* é um termo utilizado no Reino Unido e Irlanda para denotar medidas de proteção da saúde, bem-estar e direitos humanos das pessoas, que permitem que elas - especialmente crianças, jovens e adultos vulneráveis - vivam livres de abuso, dano e negligência.

⁵⁷ Link de acesso ao curso: <<https://safesporttrained.org/#/dashboard>>. Acesso: 23 nov, 2023.

⁵⁸ Link de acesso ao curso: <<https://olympics.com/athlete365/courses/safeguarding/>> Acesso: 23 nov, 2023.

⁵⁹ Link de acesso ao curso: <<https://connect.missingkids.org/products/safe-to-compet-coaches-training>> Acesso: 23 nov, 2023.

⁶⁰ Link de acesso ao curso: <<https://safeguardinginsport.fifa.com/>>. Acesso: 23 nov, 2023.

No nosso idioma, dois cursos são disponibilizados no site do Comitê Olímpico Brasileiro (COB): “Prevenção e Enfrentamento ao Abuso e Assédio⁶¹” e “Abuso e Assédio Fora de Jogo⁶²”. O primeiro é direcionado a treinadores/as de modalidades esportivas; o segundo, contém uma linguagem acessível e é dedicado à jovens atletas.

Sendo assim, gostaríamos de evidenciar dois problemas: (1) a maior parte dos cursos disponíveis sobre prevenção de abuso e assédio no esporte estão em língua inglesa e não possuem traduções para o português, o que pode tornar inacessível para grande parte dos/as treinadores/as de futsal e futebol no país; e, (2) o futsal e o futebol não estão diretamente ligados ao COB⁶³, mas sim à CBFS e CBF, que por mais que sejam filiadas ao Comitê, são elas que detêm o controle das modalidades no país, construindo assim, uma dificuldade para a ampla divulgação dos cursos e documentos norteadores para treinadores/as e atletas dos respectivos esportes.

É notório salientar o importante papel que o COB tem desempenhado nos últimos anos por meio da nova Diretoria de Desenvolvimento e Ciências do Esporte do COB, criada em 2018 e responsável pelo Modelo de desenvolvimento esportivo do Comitê Olímpico do Brasil (2022) e, pelo excelente trabalho realizado pelo seu Comitê de Ética, criado em 2018 e que conta com Joanna Maranhão como integrante. A ex-atleta de natação é sobrevivente do assédio sexual de um ex-treinador, tem uma Lei⁶⁴ batizada em seu nome e recentemente defendeu seu mestrado na Bélgica estudando as violências interpessoais que as atletas sofrem (Blower, 2021) e se tornou uma das referências mundiais nas pesquisas e discussões objetivando um esporte mais seguro.

Contando com o apoio de Joanna, o Comitê tem criado ações internas de combate às violências, uma ouvidoria especializada e acessível⁶⁵, além do curso em

⁶¹ Link de acesso ao curso: <<https://projetosdiversosioib.asdnet.com.br/index.T1p>>. Acesso em: 22 set, 2023.

⁶² Link de acesso ao curso: <<https://jovensatletasiob.asdnet.com.br/index.T1p>>. Acesso em: 22 set, 2023.

⁶³ O futsal não é considerado um esporte olímpico e por isso, não tem vínculo com o COB. O futebol de mulheres, por outro lado, poderia até ter os laços mais estreitos com a entidade visto que, diferentemente do que acontece no masculino, os Jogos Olímpicos é uma das competições mais importantes para a modalidade.

⁶⁴ A Lei 12.650/2012 foi sancionada pela ex-presidenta Dilma Rousseff e estabeleceu que o prazo de prescrição de abuso sexual de crianças e adolescentes seja contado a partir da data em que a vítima completa dezoito anos.

⁶⁵ Recentemente, as denúncias passaram a ser aceitas também por um aplicativo de mensagens, objetivando facilitar a comunicação das atletas. Disponível em:

questão que já abordamos no qual a ex-atleta tem participação. Entretanto, tais ações não são suficientes para atingir as comunidades dos esportes da bola nos pés e é preciso que a FIFA, CBFS e CBF⁶⁶ se mobilizem mais para ofertar oportunidades de práticas mais seguras para atletas, homens e mulheres.

No início dos anos 1980, a sociologia do esporte criticava uma frase do lendário ex-treinador de futebol americano, Vince Lombardi: 'winning is not everything; it is the only thing', com o jogo de palavras produzindo forte impacto no idioma inglês. Em português, seria algo como: 'vencer não é tudo; vencer é só o que importa'. A frase de Lombardi era vista como um passo para o 'vencer não importa como'. (Helal, 2021, p. 108).

Ao citarmos a frase associada ao ex-treinador Lombardi, que é considerado uma lenda nos Estados Unidos da América e tem seu nome gravado no troféu da NFL (National Football League), ainda atrelando às questões éticas destacadas anteriormente, gostaríamos de suscitar uma reflexão: as conquistas esportivas justificam violências na relação entre treinador/a-atleta?

Pensar em êxito no esporte em 2023 e não correlacionar com a Copa do Mundo de Futebol Feminino que acabara meses atrás beira o impossível, ainda mais depois de toda a trajetória da Seleção da Espanha antes, durante e depois que suas atletas ergueram o almejado troféu. Podemos dizer que tal triunfo foi um ato heroico e, com isso, (re)configurou idolatrias no país e no mundo. Alexia Putellas, Jenni Hermoso, Selma Paralluelo, Aitana Bonmatí e Olga Carmona são só algumas das atletas que serão para sempre as heroínas responsáveis pela conquista da primeira estrela para as mulheres espanholas.


[...] existe uma diferença entre ídolos do esporte e de outros universos, como música e dramaturgia, por exemplo. Os primeiros possuem características que os transformam em heróis, devido ao aspecto de luta que permeia o esporte. Ambos, ídolos do esporte e da música, se transformam em celebridades, no entanto, só os primeiros tendem a ser considerados heróis. A diferença entre celebridades e heróis se estabelece pelo fato de que os primeiros podem viver somente para si, já os heróis compartilham seus feitos com a comunidade. (Helal, 2021, p. 27).

<<https://www.cob.org.br/pt/galerias/noticias/cob-lanca-novo-canal-de-ouvidoria-e-etica---/>>.

Acesso em: 22 set, 2023.

⁶⁶ A Confederação Brasileira de Futebol, por sua vez, teve seu nome manchado pelo seu ex-presidente, Rogério Caboclo, que foi suspenso por assediar sexualmente de funcionárias da CBF. Um dos processos foi arquivado e outro, trancado, mas outros dois casos ainda tramitam, em segredo, na Justiça (Moreira; Fernández, 2022).

Outro personagem da campanha do triunfo foi justamente o treinador, Jorge Vilda, que tanto já comentamos, e agora, pensaremos sobre a transfiguração⁶⁷ de um candidato a herói em vilão e o que isso pode representar sobre o “vencer não importa como” para a sociedade atual, principalmente para o esporte de mulheres.

Na capa do dia 19 de agosto do jornal “Marca”, um dos mais importantes da Espanha, ele está estrelado como, naquele momento, finalista da Copa do Mundo Feminina. Escaneie o QR Code  ao lado para ver a capa e em detalhe, uma frase proferida por ele: “Se tudo o que aconteceu serviu para estar aqui hoje, então foi positivo” (tradução nossa). E, na reportagem do UOL, do dia 20 de agosto, agora com a Espanha já tendo se sagrada campeã do mundo, traz o título: “Renegado, técnico da Espanha dá a volta por cima mesmo sem clima com elenco” (Sá, 2023). O sucesso da campanha espanhola até proporcionou a criação de uma narrativa favorável ao Jorge Vilda, podendo o coroar como herói. Mas, caminhando para uma mudança social, o final da história se mostrou diferente.

O bom desempenho esportivo é utilizado como justificativa para que os atos de indisciplina de atletas sejam “perdoados” (Helal, 2021). É ele também que pode ser base para os “perdões” em outras ações de atletas fora das quatro linhas, sendo que algumas vezes, tais ações são até criminosas. Uma rápida passagem pelos sites de notícias, é possível rememorar os casos de violência contra mulheres protagonizados por jogadores do futebol masculino brasileiro, e em destaque, temos o caso do ex-jogador e hoje treinador, Cuca, condenado por estupro de vulnerável em 1987, na Suíça, quando representava a equipe do Grêmio/RS em uma competição internacional (Arcoverde, 2021).

Durante a sua carreira como jogador ou treinador, ele foi considerado um herói desde o momento em que voltou ao Brasil, após ter cometido o crime, até assumir o cargo de treinador principal do Corinthians/SP e dias depois, vencer uma partida pela Copa do Brasil, torneio importante no calendário nacional do futebol masculino brasileiro. É nesse momento que o bom desempenho esportivo não serviu mais como justificativa e, depois de 30 anos, com títulos e status de herói pelo território nacional,

⁶⁷ “A transfiguração pode ser compreendida como o processo pelo qual a percepção que temos de um determinado atleta se transforma e este passa ser concebido a partir de uma perspectiva que o diferencia dos demais” (Costa, 2020, p. 65).

o treinador é transfigurado em vilão, principalmente pela força das jogadoras e torcedoras do Timão, apelido do Corinthians/SP, além de mulheres jornalistas⁶⁸.

Ronaldo Helal (2021) e Leda Maria da Costa (2020) escrevem que, após as derrotas esportivas, há uma busca por culpados/as e uma conseqüente transfiguração dos/as candidatos/as a heróis/heroínas em vilões/vilãs. Dentre tais candidatos/as estão os/as melhores atletas e os/as treinadores/as, “para-raios de vilania” (Costa, 2020, p. 87). Essa procura rastreia inclusive os aspectos que extrapolam as quatro linhas, como por exemplo, os métodos de trabalho da comissão técnica, as reações dos/as treinadores/as e a relação entre treinador/a-atleta. Refletimos, então, que para ao menos parte da sociedade atual e com ênfase para a camada feminista, o vilão não é só aquele jogador que erra um passe e possibilita o gol do adversário; ou aquele treinador que planeja uma estratégia equivocada para um jogo importante da equipe. Vilão é também aquele que pode até vencer campeonatos e partidas importantes, mas que, por questões éticas e morais, não pode ocupar o status de herói.

Retornando então ao Vilda, naquela mesma noite triunfante do título mundial, em que tudo deveria ser apenas comemoração, o treinador foi vaiado pelo público espanhol em seu discurso⁶⁹, cerca de um mês depois da conquista do título inédito, ele foi demitido do cargo e agora está também sendo investigado pela Justiça Espanhola como parte do caso envolvendo o Luis Rubiales (Mosquera; Foster, 2023). Dadas as devidas proporções às diferenças dos casos entre Cuca e Vilda, sendo o primeiro condenado por um crime; mas, focando nas semelhanças das posições de poder ocupadas pelos dois, de forma inusitada ao que costuma acontecer no universo do futebol e futsal, já que “[...] a vitória redime tudo, ou quase tudo [...]” (Helal, 2021, p. 31), tendo as mulheres como protagonistas nos dois casos, houve a transfiguração de heróis em vilões.

Os casos citados demonstram que as atletas, torcedoras e jornalistas, estão colocando limites em questões inegociáveis, como é o caso das violências, o que

⁶⁸ Mais detalhes sobre o caso em: <https://open.spotify.com/episode/7s3eHlxsKkWrFdTTMbL0eY?si=1c382214a666413e>. Acesso em: 23 nov, 2023.

⁶⁹ Veja o vídeo do discurso na rede social de Tati Mantovani, jornalista brasileira que trabalha na Espanha cobrindo o futebol: <https://x.com/tatimantovani/status/1693754784262582465?s=20>. Acesso em: 23 nov, 2023.

consideramos um avanço para movimentos que lutam por um esporte mais seguro e humanizado. Joanna Maranhão em entrevista para o UOL no ano de 2022, diz:

Além da sociedade patriarcal e misógina que a gente vive, o esporte tem estruturas de poder muito peculiares. E no alto rendimento, nesse lugar de autoridade, as pessoas são, no geral, homens. Diariamente chegam para mim histórias de pessoas que a gente respeita, mas são extremamente abusivas, como treinadores, dirigentes. Por outro lado, os atletas estão questionando mais essa violência. Ninguém precisa de um ambiente violento e nocivo para atingir bons resultados. (Nina, 2022, recurso *online*).

Mas, desde a iniciação esportiva, essa já deve ser uma questão refletida e debatida por treinadores/as. Acerca disso, Arthur Pinto (2023, p. 109) atenta para o papel ético do profissional da Educação Física, que deve, acima de interesses de outrem, inclusive dos seus, ser responsável pelo processo de formação integral de seres humanos.

[...] para os clubes, importa menos a atuação ética do treinador do que o resultado esportivo, de curto e médio prazo, ou financeiro decorrente do seu trabalho. [...] Cabe então ao próprio treinador a escolha de aplicar ou não os valores em que acredita e/ou que foram absorvidos ao longo da sua própria formação em sua rotina de trabalho. (Pinto, 2023, p. 116).

A partir de tudo que foi exposto, gostaríamos de refletir sobre as condutas e os meios utilizados pelos/as treinadores/as para conquistarem resultados positivos e expressivos. Entendendo, ainda, que podem até buscar corresponder às pressões de dirigentes, torcedores/as, familiares de atletas e até de si mesmos/as, e estão inseridos/as em um ambiente onde ainda “ninguém vigia o vigilante” e a máxima que segue pairando é “o que acontece no vestiário, fica no vestiário”, reafirmamos que as violências não podem ser normalizadas, justificadas e/ou ocuparem qualquer lugar.

Ademais, são justamente os/as treinadores/as que, assumindo efetivamente o papel de heróis e heroínas, podem contribuir para a extinção desse tipo de comportamento no ambiente esportivo, já que ele/a:

[...] está em uma boa posição para ensinar a prevenção e promover a eliminação da violência no esporte, dada sua relação especial com atletas e a confiança que eles depositam nele. Isso tem o potencial de mudar a situação. Entender seu envolvimento não só na violência psicológica, mas também na promoção da super conformidade à ética esportiva demonstra que uma mudança seria favorável para o bem-estar e segurança dos atletas no ambiente esportivo (Fournier; Parent; Paradis, 2021, p. 14, tradução nossa).

Porém, refletindo sobre tudo que já foi abordado nesse trabalho quanto as questões identitárias do universo do futebol/futsal, a marginalização das mulheres na prática desses desportos e os ideais patriarcais presentes na sociedade brasileira e principalmente, nas origens da Educação Física, como treinadores/as poderão cumprir esse papel? Considerando que as questões de gênero ainda não aparecem de forma suficiente nas ementas das disciplinas dos cursos de bacharelado em Educação Física (Ramalho et. al, 2022) e que há defasagem na formação quanto às relações interpessoais nos cursos específicos, será que os/as treinadores de mulheres efetivamente possuem conhecimentos sobre as violências do esporte? E, por conseguinte, sabem como preveni-las e/ou denunciá-las?

Questões que ficarão para os próximos trabalhos, mas que já precisariam serem feitas para suscitar o debate e quem sabe, acender um sinal de alerta em pesquisadores/as, estudiosos/as, treinadores/as, professores/as, gestores/as e todas as pessoas que estão, de alguma forma, produzindo, escrevendo, pesquisando, consumindo, ensinando, trabalhando ou aprendendo acerca dos futebóis brasileiros, com prioridade para o futebol/futsal de mulheres.

2.4 Instantes antes da pausa – Últimas ações da primeira etapa

Com bolas na trave e bastante volume de jogo, apesar de não termos conseguido converter as chances em gol, finalizamos o primeiro tempo com fôlego para buscar o resultado na segunda etapa.

Sendo o futebol de mulheres um esporte de resistência por tudo que já foi apresentado neste trabalho, o futsal de mulheres também se estabelece nesse contexto. As trajetórias das duas modalidades no Brasil estão atreladas desde as suas raízes sendo a quadra uma solução de adaptação para se praticar o jogo da bola nos pés. Os vínculos perpetuam com as suas definições como Jogos Desportivos Coletivos (Bayer, 1994); e, com a FIFA gerindo o futsal a níveis mundiais e a CBF comandando as nossas seleções nos campos e nas quadras, cremos que os futuros de ambas seguirão atados.

Essa correlação entre as duas modalidades se faz presente nas trajetórias de resistências e lutas das mulheres atletas que jogam de chuteiras de travas ou de tênis; e, por inúmeras vezes, ora jogam de chuteiras, ora de tênis. Elas enfrentam obstáculos semelhantes no que concerne a prática de um desporto que já foi proibido por lei, que ainda sofre com preconceitos, falta de investimento e profissionalismo. Os problemas,

enfrentamentos e subversões se misturam e o que fica evidente é que elas são mulheres praticando um esporte feito pelo homem e para o homem, e as relações de poder imbricadas nele atuam diariamente sob seus corpos. Neste sentido, gostaríamos de finalizar esse primeiro capítulo apresentando algumas justificativas para que esse trabalho fosse realizado tendo o futsal como modalidade analisada, e não o futebol.

Iniciamos com uma afirmação simples, mas importante: as equipes de futsal, desde sua criação, conquistaram espaço pela facilidade em reunir dez a doze jogadoras, ao invés de, pelo menos vinte e duas; e pelo local para a prática ser mais acessível. Desta forma, por situarmos esse trabalho fora do esporte de alto rendimento, é o futsal que está predominantemente presente nas aulas cotidianas de Educação Física escolar; nos projetos sociais das quadras públicas dos bairros, nas equipes amadoras, no desporto escolar e no universitário.

Corroborando, na cidade de Juiz de Fora (JF), local onde essa pesquisa se localiza, não há, no momento da produção dessa, uma equipe consolidada de futebol de mulheres. Ao contrário disso, as atletas de JF participam recorrentemente de competições locais, regionais e estaduais de futsal de mulheres em níveis amadores, escolares e universitários.

Ademais, ele também é a porta de entrada para muitas mulheres que hoje são profissionais no futebol. Em um estudo feito com noventa e três atletas do Campeonato Paulista de Futebol Feminino de 2008 demonstrou que 97,85% delas jogaram futsal (Rosa; Costa; Navarro, 2009). Outro exemplo disso é que dez dentre as vinte e três atletas que representaram o Brasil na Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2023 foram registradas na Confederação Brasileira de Futsal quando eram mais novas. E esse número ainda pode ser maior se contarmos com as atletas que não foram registradas, como é o caso da lateral esquerda Tamires, que teve uma trajetória esportiva também nas quadras (Dilascio, 2023). Sendo assim, consideramos que compreender e analisar as relações entre treinadores/as e atletas no futsal para além do contexto do alto rendimento pode ser de grande valia também para a evolução da modalidade em níveis profissionais.

Ainda são poucas as produções acadêmicas no país que se voltam para o futsal de mulheres. Dito isso, considerando a importância da modalidade para o país, inclusive para a formação de atletas profissionais de futebol, é que esse trabalho se reafirma. Ainda sobre precariedade nas produções, a temática sobre relação entre

treinadores/as e atletas não é suficientemente abordada pela literatura atual, principalmente pela Educação Física, fora do esporte de alto rendimento e no Brasil.

À vista disso, o presente estudo acerca das relações interpessoais entre treinadores/s e atletas no futsal de mulheres se insere na lacuna destas investigações por considerar necessário ouvir e visibilizar o discurso delas sobre as relações com seus/suas treinadores/as durante sua trajetória esportiva, dado a sua importância do percurso durante a infância e adolescência, do momento de adesão ao esporte e da construção da sua personalidade até atingir a idade adulta.

Para tanto, delimitamos que o objetivo principal deste estudo é **compreender como se estabelecem as relações interpessoais entre treinadores/as e mulheres atletas em sua trajetória esportiva no futsal.**

E, completando nossos propósitos, balizamos dois objetivos específicos, a saber: **(a)** Identificar quais violências aparecem nas narrativas das atletas no futsal de mulheres; **(b)** analisar os impactos que as relações interpessoais entre treinador/a-atleta originaram nas trajetórias de vida das atletas.

3 INTERVALO DE JOGO

Terminamos o primeiro tempo no ataque, mas ainda batendo na trave. Agora é o momento de entender melhor o que podemos fazer para mudarmos os rumos da partida

Neste segundo capítulo apresentamos todos os nossos processos metodológicos bem como destacamos o contexto que esse estudo está inserido, almejando assim, justificar nossas escolhas baseando-as na literatura.

Descrevemos todas as etapas da pesquisa como a escolha do instrumento e os processos de elaboração dele; os procedimentos éticos; os convites e os contatos com as participantes, além da realização das entrevistas. Posteriormente, detalhamos passo a passo da análise dos dados obtidos.

3.1 Percursos metodológicos (e estratégicos)

Os primeiros minutos do intervalo servem para respirar fundo e ter clareza sobre quais serão nossos próximos passos. É preciso traçarmos as melhores estratégias juntas para nos mantermos no jogo.

Pensar em percursos, para mim, é refletir sobre a variabilidade de caminhos possíveis para chegar a um local específico e/ou a um objetivo, e, também no processo em si dessa trajetória. Sendo moradora de Juiz de Fora e de Belo Horizonte, cidades compostas por uma topografia acentuada, reconheço que nem sempre o trajeto mais rápido é o mais plano; e que, em muitas ocasiões, dirigindo ou a pé, seguindo o GPS⁷⁰, me deparei com obstáculos que exigiram um desvio na rota. E é com essa analogia, que, desde que me foi apresentada a possibilidade de utilizar a palavra “percursos” para esse momento da dissertação, me senti contemplada e confortável em narrar mais detalhes das decisões tomadas para cada caminho escolhido e quaisquer desvios de rotas posteriores a elas.

Devido à minha participação no GEFSS, grupo de pesquisa coordenado da professora Ludmila Mourão, e no PIBID, então coordenado pela professora Lídia Zacarias, reconhecendo assim o ser humano como sendo objeto e sujeito na construção do conhecimento (Silva; Velozo; Rodrigues Jr, 2008), me aproximei dos estudos qualitativos e das pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais.

⁷⁰ Sistema de Posicionamento Global.

Apoiando-me nos conceitos trazidos por Maria Cristina Minayo (2009⁷¹) e descritos por Cinthia Silva, Emerson Velozo e José Rodrigues Jr (2008), acredito em pesquisas que, por meio de uma correlação histórica, visam compreender o que as participantes são, como pensam e vivem; que consideram que outras pessoas, além da pesquisadora, também podem atribuir significados e sentidos às produções; que coloquem em evidência o substrato de identidade comum, qualquer que seja, que há entre investigadora e participantes; que permita emergir a parcialidade contida na relação entre a pesquisadora e seu campo de estudo, e das visões de mundo das investigadas; e que, estabelecem que a realidade social com toda sua riqueza de significados é o cerne dessas pesquisas, caracterizando-as como qualitativas.

Depois de explanadas as visões da autora, caracterizamos este estudo como qualitativo, pois trabalha com interpretações das realidades sociais (Bauer; Gaskell; Allum, 2008) que não podem e nem devem ser quantificadas (Minayo, 2009) e possui foco na análise de microprocessos, realizando uma análise intensiva dos dados correlacionando-os a heterodoxia do momento (Martins, 2004).

Ainda segundo Heloísa Martins (2004), o que caracteriza uma pesquisa qualitativa é a complexidade dos fenômenos estudados, que não podem ser reproduzidos e controlados em laboratórios. Além disso, a autora diz que a pesquisa qualitativa é “[...] o estudo em amplitude e em profundidade, visando a elaboração de uma explicação válida para o caso (ou casos) em estudo, reconhecendo que o resultado das observações é sempre parcial” (p. 295), sendo assim, não estamos preocupadas em generalizações, mas sim na compreensão do fenômeno social estudado de acordo com as vivências das participantes em questão.

Acreditando na afirmação de Heloísa Martins (2004, p. 295) de que “a neutralidade não existe” nas pesquisas qualitativas por não ser possível ignorar as influências das vivências de quem exerce a função de pesquisadora naquela momento, salientamos nossa preocupação em buscar compreender e interpretar a realidade sem esquecer que estabelecemos uma relação social e política com nossas investigadas (Martins, 2004). Concordamos com Silvana Goellner e colaboradores/as (2010, p. 382) ao afirmarem que:

A pesquisa qualitativa lida com a subjetividade, portanto implica organicamente os sujeitos que a empreendem. Também coloca a relação epistemológica, ao mesmo tempo uma relação de poder, sujeito-objeto de investigação em níveis de simetria aceitáveis,

⁷¹ O livro referenciado está na 28ª edição, mas seu lançamento foi em 1994.

diferentemente de outros desenhos metodológicos, que a instrumentalizam de modo perverso, transformando o objeto de investigação e seus colaboradores em função dos objetivos do pesquisador.

Ademais, conforme já fora apresentado no início deste texto, sou atleta de futsal há vinte anos e treinadora de futsal/futebol há oito anos. Como praticante, construí (e ainda construo) relações com diversos/as treinadores/as em diferentes contextos, desde o esporte escolar, passando pelo futsal e futebol amador e universitário. Por outro lado, como treinadora, entre períodos de estágios em escolinhas da cidade de Juiz de Fora, iniciei minha caminhada como auxiliar técnica do futsal masculino da faculdade e até me aventurei por outras culturas treinando crianças e adolescentes norte-americanas.

Novamente em solos brasileiros, me inseri no cenário do rendimento esportivo e ocupei o cargo de preparadora física das categorias de base feminina do clube celeste de Belo Horizonte. Posteriormente, estive como auxiliar técnica e então treinadora das categorias de base feminina de outro clube, agora, alvinegro. Ao ingressar no mestrado, o dia a dia do esporte de rendimento se tornou inviável, mas permanecer na beirada das quatro linhas era como algo vital para mim. Isso posto, optei por regressar ao futsal de universitário como treinadora enquanto seguia a trajetória da minha formação acadêmica.

Desta forma, compreendendo que as minhas experiências e vivências estão intimamente conectadas a minha escrita, encontramos uma possibilidade de amparar nossa pesquisa na autoetnografia (Ellis; Adams; Bochner, 2015). Percorrendo por novos caminhos metodológicos, recorreremos à pioneira Carolyn Ellis e seus colegas Tony Adams e Arthur Bochner (2015, p. 252, tradução nossa), ao afirmarem que a [...] “autoetnografia é uma das abordagens que reconhece e dá origem à subjetividade, à emotividade e à influência do pesquisador em seu trabalho, em vez de obscurecer essas questões ou fingir que não existem”. Sob meus olhares e sentidos, a autoetnografia nos permite “assumir uma realidade pessoal” (Gama; Raimondi; Barros, 2021, p. 3), além de possibilitar a escrita de algumas formas pelas quais esse tema de estudo impacta minha vida.

Unindo características da autobiografia ao ofertar espaço para dissertar sobre experiências passadas e epifanias; e da etnografia ao “estudar práticas relacionadas à cultura, valores e crenças comuns e experiências compartilhadas com o propósito de ajudar” (Ellis; Adams; Bochner, 2015, p. 253) [...] na compreensão de um fenômeno

social, a autoetnografia viabiliza a aproximação do/a leitor/a ao texto, mesmo aqueles/as não pertencentes à comunidade acadêmica.

A passagem do individual para o mais geral, a partir da epifania, se constitui numa importante estratégia literária que tem por objetivo aproximar o leitor dos acontecimentos, deixando que este participe de sua interpretação e facilitando um entendimento mais direto e pessoal sobre a cultura em questão. [...] (Maia; Batista, 2020, p. 241).

Ainda trilhando nossos percursos que são caracterizados por idas sempre repletas de aprendizados, fazemos uso da autoetnografia desde os capítulos iniciais deste trabalho. Ao consideramos como um excepcional auxílio na construção dos conhecimentos objetivados e recorreremos a ela até as considerações e reflexões finais.

Por fim, respaldadas na literatura apresentada por Augusto Triviños (1987), caracterizamos o caráter descritivo desta dissertação pela interpretação dos resultados surgir da percepção de um fenômeno impregnado de significados e produto de uma visão subjetiva das participantes.

3.2 Elas como protagonistas

Depois de respirar, e antes de explicar minhas projeções, passo a palavra para elas me contarem como estão se sentindo e o que estão achando da partida.

Assim como nas quadras, as mulheres atletas de futsal especificamente, as residentes na cidade de Juiz de Fora/MG, são as protagonistas deste estudo. Antes de falarmos mais sobre elas, salientamos que, conforme descrito por Augusto Triviños (1987), as pesquisas qualitativas optam pela qualidade das investigadas ao invés da quantidade. Por não buscarmos a generalização, podemos trabalhar com um menor número de participantes, mas que, por meio da intencionalidade, são escolhidas

[...] considerando uma série de condições (sujeitos que sejam essenciais, segundo o ponto de vista do investigador, para o esclarecimento do assunto em foco; facilidade para se encontrar com as pessoas; tempo dos indivíduos para as entrevistas etc.) [...]. (Triviños, 1987, p. 132).

Desta forma, durante o período de busca por participantes, utilizamos nossas redes sociais e redes de contatos para a divulgação da pesquisa. Oportuno comentar que, além de já ter realizado uma pesquisa acadêmica com atletas da cidade (Pires, 2018), eu também fiz parte do universo do futsal de mulheres em Juiz de Fora/MG,

tanto como atleta amadora e universitária quanto como treinadora universitária. Isto posto, conseguimos fazer uso desta rede de contato de quatro maneiras, a saber: (1) as possíveis participantes visualizaram as postagens nas redes sociais e entraram em contato conosco; (2) contactamos atletas que já tinham participado de pesquisas do GEFSS e poderiam integrar o grupo de investigadas novamente; (3) as atletas que não poderiam fazer parte da pesquisa por qualquer motivo, e treinadores/as⁷², conectaram outras atletas em potencial; (4) enviamos mensagens em grupos de futsal amador e universitário que eu ainda fazia parte e entramos em contato diretamente com diversas atletas as convidando para participar do estudo.

Como critério de inclusão, para fazer parte da pesquisa, decidimos que as participantes deveriam ser residentes da cidade de Juiz de Fora e terem 18 anos completos no momento da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Além disso, como critério de exclusão, consideramos que aquelas que foram treinadas por mim; não tiveram experiência com futsal e/ou não vivenciaram torneios e/ou competições durante infância e/ou juventude também não poderiam participar da pesquisa.

O primeiro critério de exclusão foi definido para que não tivéssemos vieses nas respostas, considerando que eu, assumindo a função de entrevistadora, já teria estabelecido uma relação interpessoal de treinadora-atleta com a participante. O segundo se baseou em nossos anseios de observar possíveis diferenças de comportamentos dos/as treinadores/as em situações de torneios e competições, levando em consideração a pressão por resultados, por exemplo. Portanto, as atletas entrevistadas deveriam ter vivenciado tais situações durante infância e/ou juventude para que fossem capazes de nos responder essa questão. Sendo assim, tendo em vista as equipes amadoras e universitárias de futsal de mulheres existentes em Juiz de Fora/MG, projetamos um universo de pelo menos 40 atletas passíveis de participarem do nosso estudo. Considerando as desistências e os critérios de exclusão, idealizamos, ao menos, 15 atletas concedendo-nos entrevistas.

⁷² Pelo meu envolvimento no cenário esportivo da cidade no passado, alguns/algumas treinadores/as pediram para que suas respectivas atletas me ajudassem com a pesquisa. Posteriormente, colocando o objeto de estudo em evidência, consideramos que isso possa ter sido um empecilho para adesão delas e discorreremos mais acerca disso ao final do texto.

Entretanto, a partir do contexto apresentado, entre diversas conversas informais pelo *Whatsapp*⁷³ ou *Instagram*⁷⁴, canais de comunicação escolhidos para o contato com as atletas, finalizamos nosso número de participantes em seis mulheres atletas. Com um número de participantes abaixo do que esperávamos, consideramos algumas limitações do estudo que serão descritas ao final do texto.

Salientamos, desde já, que preservaremos suas identidades durante toda a escrita deste trabalho, referenciando-as por A1, A2, A3, A4, A5 e A6 (sendo a letra “A” referente a palavra “atleta” e o número ao lado é correspondente a ordem cronológica de participação delas).

3.3 Prancheta na mão

Após ouvir as atletas, também explano algumas das minhas impressões e dou algumas instruções que considero primordiais para conseguirmos alcançar nosso objetivo com esse jogo.

O estudo foi desenvolvido somente após aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob Certificado de Apresentação de Apreciação Ética nº 60579622.1.0000.5147, de acordo com a Resolução 466/12 (ANEXO I). As participantes leram e assinaram o TCLE virtualmente⁷⁵, aceitando participar voluntariamente da pesquisa.

Em uma adaptação de Maria Cristina Minayo (2009), assimilando que as nossas participantes são as “atrizes” sociais e fazem parte de uma relação de intersubjetividade conosco, enquanto pesquisadoras, optamos pelas entrevistas qualitativas como técnica de pesquisa. Justificamos essa escolha pois George Gaskell (2008, p. 65) escreve acerca da capacidade que ela tem em fornecer os dados básicos para desenvolver e compreender as relações entre as atrizes sociais e sua situação. Ainda, salientamos a necessidade de obtenção de informações que não são encontradas em documentos, arquivos ou outros registros, ou seja, que só são conseguidos a partir da contribuição das participantes (Minayo, 2009). Isso posto, consideramos pertinente o uso das entrevistas

⁷³ *Whatsapp* é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para aparelhos celulares.

⁷⁴ Instagram é uma rede social que permite que você capture, crie e compartilhe os seus interesses com outras pessoas, sejam elas seguidores ou não.

⁷⁵ As assinaturas virtuais foram colhidas através de um site denominado “*SmallPDF*”. Dentre as ferramentas oferecidas, uma delas é a de assinar documentos virtualmente. Disponível em: <<https://smallpdf.com/sign-pdf>>. Acesso em 04 fev, 2023.

[...] pela possibilidade que tem a *fala* de ser reveladora de condições de vida, da expressão dos sistemas de valores e crenças, e ao mesmo tempo, ter a magia de transmitir [...]", por meio de uma porta voz, "[...] o que pensa o grupo dentro das mesmas condições históricas, socioeconômicas e culturais que o interlocutor. (Minayo, 2009, p. 63-64)

E dentre as possibilidades de entrevistas qualitativas, consideramos utilizar a semiestruturada pela possibilidade dada à entrevistada de discorrer de maneira livre sobre a temática em questão (Minayo, 2009) e não se sentir apenas dependente das minhas perguntas.

O roteiro de entrevista foi elaborado por mim, autora da pesquisa, com a colaboração crítica de membros do Grupo de Estudos em Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade (GEFSS) e foi dividido em blocos (I a V) (Apêndice A). Ele foi validado, via e-mail, por integrantes do GEFSS com experiência em metodologia da pesquisa e entre considerações, sugestões de retirada, alterações, manutenção e disposição das questões, foram produzidos, ao todo, cinco versões do roteiro até que conseguíssemos chegar a que seria utilizada nas entrevistas. Posteriormente a validação, um estudo piloto⁷⁶ foi feito para teste das ferramentas de gravação de áudio, aprimoramento do roteiro e treinamento da investigadora.

Concomitante a validação, me empenhei em finalizar e/ou atualizar alguns dos cursos *online*⁷⁷ que tematizam as definições e prevenções de violências do esporte para que eu pudesse dominar o assunto que seria abordado na entrevista. Destacamos que para a produção do roteiro e, para a construção deste trabalho, passamos por um processo que denominamos de letramento em violências do esporte.

O termo letramento pode ser entendido como usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou outra maneira, sejam eles socialmente valorizados ou não, locais (próprios de uma comunidade específica) ou globais, recobrando contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escolas etc.) em grupos sociais e comunidades culturalmente diversificadas e o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita em diferentes situações de uso dela. Constitui-se, portanto, um sujeito letrado aquele que domina essas práticas sociais de leitura e escrita. (Cazden et. al., 2021, p. 114).

⁷⁶ A participante do estudo piloto também leu e assinou o TCLE virtualmente. Sendo assim, conseguimos também testar e validar a ferramenta escolhida para esta ação.

⁷⁷ Os cursos já foram apresentados no final do segundo capítulo desta dissertação.

Desta forma, considerando os novos estudos em letramento⁷⁸, caracterizamos como letramento em violências do esporte o conhecimento das nomenclaturas e funcionamentos das possíveis formas de violências no esporte. Adquirindo esse conhecimento, estaremos mais próximas de proporcionar uma conscientização e posterior aptidão para reconhecer, criticar e combater atitudes violentas no cotidiano esportivo.

No Apêndice A, é possível notar observações em cada pergunta justificando suas realizações para a pesquisa. Elas foram produzidas para o processo de validação do roteiro e optei por mantê-las enquanto fazia as entrevistas objetivando não olvidar as motivações de cada indagação, além de conseguir acompanhar melhor o desenvolvimento do diálogo com as atletas. Desta forma, consegui preservar a conversa nos trilhos delimitados e retomar alguma questão que não havia sido respondida com clareza, por exemplo.

Atentamos para a criação do Bloco IV do roteiro que foi baseada em documentos oficiais, a saber: (1) Política de prevenção e enfrentamento ao assédio moral e sexual e ao abuso sexual no âmbito do Comitê Olímpico do Brasil (2018)⁷⁹; (2) Caderno de estudos de casos, com sugestão de ações de enfrentamento e acolhimento⁸⁰; (3) Folder dos cursos⁸¹: “Abuso e Assédio – Fora de Jogo” e “Protegendo o esporte contra o assédio e o abuso”, ambos do Instituto Olímpico Brasileiro (IOC).

As mesmas referências, com ênfase para a de número (1), foram utilizadas para a idealizarmos o documento de apoio da entrevista (Apêndice B). Como iria

⁷⁸ Ele foca em uma visão mais social do letramento, que começou a “[...] considerar leitura e escrita a partir do contexto das práticas sociais e culturais (históricas, políticas e econômicas) – ou seja, um aprofundamento das práticas sociais, culturais e locais de uso do letramento” (Cazden et. al., 2021, p. 114).

⁷⁹ Há um novo documento disponível no site do COB denominado “Política de prevenção e enfrentamento à violência, assédio e abuso” (2021). As informações são semelhantes às usadas na criação do roteiro e documento de apoio. Disponível em: <<https://www.cob.org.br/pt/documentos/download/aee6975bcc4d0>>. Acesso em: 23 nov, 2023.

⁸⁰ O documento é um material complementar do curso “Protegendo o esporte contra abuso e assédio” e pode ser visualizado aqui: <<https://cbesgrima.org.br/wp-content/uploads/2020/10/caderno-de-estudos-de-casos-ass%C3%A9dio-e-abuso-IOB.pdf>>. Acesso em: 23 nov, 2023.

⁸¹ Os folders foram atualizados para o ano de 2023, mas as informações seguem as mesmas dos documentos contidos nos cursos em questão e que foram utilizadas na confecção do roteiro: <<https://www.cob.org.br/pt/documentos/download/71155da422f46/>>; <<https://www.cob.org.br/pt/documentos/download/20d8c8d8b5431/>>. Acesso em: 23 nov, 2023.

conversar sobre casos de violência que contém nomenclaturas específicas, optamos por enviar o documento antes de iniciar a gravação da entrevista, aguardar que ela fizesse a leitura e posteriormente, começar a entrevista propriamente dita. Com isso, almejamos que a entrevistada pudesse ler e compreender as definições dos termos que iria abordar, além disso, o documento contém telefones de denúncia para que ela pudesse se sentir amparada caso rememorasse algum episódio sofrido por ela. O documento também tem a finalidade de difundir entre as atletas os vocabulários das violências no esporte, assim como dos números de emergência, podendo ser útil para reconhecer casos futuros contra ela, ou outras companheiras de equipe.

Por se tratar de uma temática delicada que pode gerar gatilhos emocionais, seguindo as diretrizes indicadas por Silvana Goellner e colaboradores/as (2010), nos atentamos para que as participantes tivessem uma clara compreensão de todas as motivações e objetivos do estudo, além de explicitar os possíveis desconfortos que poderiam ser gerados durante a entrevista. Dito isso, ao enviar a mensagem convidando ou confirmando a participação de uma atleta, escrevi uma prévia dos assuntos que seriam abordados para que ela não fosse surpreendida ao ser questionada sobre situações de violências, por exemplo. Ademais, expondo as temáticas investigadas, gostaríamos que cada uma delas tivesse a oportunidade de não aceitar o convite ou reclinar sua participação se assim desejasse.

Entre os meses de novembro (2022) e janeiro (2023), as entrevistas semiestruturadas foram realizadas virtualmente⁸², por meio de videochamada, utilizando o serviço de comunicação *Google Meet*⁸³. Efetuamos as entrevistas desta maneira por opção e disponibilidade das participantes do estudo, além disso, encontramos amparo para que elas pudessem ser realizadas em ambiente virtual em Jeane Félix (2014), não ocasionando prejuízos na coleta dos dados ou na qualidade deles. Importante afirmar que antes de iniciar cada uma das entrevistas, todos os procedimentos do estudo foram reapresentados e quaisquer outras dúvidas foram abordadas e esclarecidas, conforme indicado pelo TCLE.

Por intermédio do próprio serviço oferecido pelo *Google Meet*, gravamos as entrevistas para produzirmos as transcrições posteriormente. Além da gravação pela

⁸² Apenas uma entrevista, com a A3, foi realizada presencialmente e os meios de gravação foram os mesmos das entrevistas virtuais.

⁸³ O serviço de comunicação *Google Meet* está disponível em: <<https://meet.google.com/>>. Acesso em: 04 fev, 2023.

própria plataforma, também utilizamos o aplicativo *Zoom Meetings*⁸⁴ e o *Voice Recorder*⁸⁵ para garantirmos a qualidade e evitarmos perda de informação nas gravações por qualquer problema técnico.

Segundo Maria Virgínia Rosa e Marlene Arnoldi (2009), quanto mais completos e íntegros são as transcrições, maiores são as possibilidades de sucesso na análise, sendo assim, destaca-se que todas as entrevistas foram transcritas de forma literal (Apêndice C) de acordo com as orientações do Manual Básico de Transcrição do Centro de Memória do Esporte (CEME) (2012)⁸⁶. Após a transcrição, cada participante recebeu um documento contendo sua respectiva entrevista para que pudesse avaliar o conteúdo, sendo possível retificar seu depoimento, se julgasse necessário. As seis atletas ratificaram suas declarações.

Para analisar os dados que foram coletados na pesquisa optamos pela Análise de Conteúdo (AC). Segundo Martin Bauer (2008, p. 191-192), “ela é uma técnica para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada”, permitindo “reconstruir indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades” por meio de procedimentos sintáticos ou semânticos.

Romeu Gomes (2009, p. 79) afirma que o foco da AC é a “[...] exploração do conjunto de opiniões e representações sociais [...]” sobre um tema. Além disso, o pesquisador atenta para que as análises e interpretações desse material sejam feitas considerando as singularidades e diversidades de opiniões das participantes (Gomes, 2009). Por conseguinte, iremos apresentar um “recorte que represente a dinâmica que cerca os grupos estudados, reconhecendo que quaisquer descrições e análises serão sempre incompletas, imperfeitas e insatisfatórias” (Silva, Velozo, Rodrigues Jr, 2008, p. 45) e dito isso, não objetivamos generalizar as relações interpessoais entre treinadores/as e atletas, mas sim, compreender como se estabelecem a partir dos discursos das nossas participantes.

Compreender é exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista que, como seres humanos, temos condições de

⁸⁴ A plataforma em questão foi desenvolvida para realização de vídeo/web conferências e permite a gravação da tela em áudio e vídeo. Ela está disponível para download em: <<https://zoom.us/>>. Acesso em: 04 fev, 2023.

⁸⁵ O aplicativo de gravação de voz está disponível em: <shorturl.at/eQVY0>. Acesso em: 04 fev, 2023.

⁸⁶ O manual não está mais disponível online no site do CEME, entretanto, é possível verificar a autenticidade do documento pelo link: <<https://drive.google.com/file/d/1RvWCi-i2LLVON9eHfCmNKbZhSLnJil3z/view?usp=sharing>>. Acesso em 19, out, 2023.

exercitar esse entendimento. Para compreender, é preciso levar em conta a singularidade do indivíduo, porque sua subjetividade é uma manifestação do viver total. Mas também é preciso saber que a experiência e a vivência de uma pessoa ocorrem no âmbito da história coletiva e são contextualizadas e envolvidas pela cultura do grupo em que ela se insere. Toda compreensão é parcial e inacabada, tanto a do nosso entrevistado, que tem um entendimento contingente e incompleto de sua vida e de seu mundo, como a dos pesquisadores, pois também somos limitados no que compreendemos e interpretamos. (Minayo, 2012, p. 623)

Nos basearemos nos pressupostos elencados por Maria Cristina Minayo (2008; 2012) para realizar uma AC temática que “[...] consiste em descobrir os *núcleos de sentido* que compõem um comunicação, cuja *presença ou frequência* significa algo para o objeto analítico em questão”. (Minayo, 2006, p. 197, tradução nossa). Desta forma, seguiremos a proposta da pesquisadora em analisar nossos dados em três etapas: (1) pré-análise; (2) exploração do material; (3) tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

A pré-análise consiste na eleição dos documentos a serem analisados, e, sendo as participantes protagonistas dessa discussão, analisaremos as transcrições das suas entrevistas (Apêndice C) (Minayo, 2006). Essa etapa contempla três tarefas, a saber: leitura flutuante; constituição do *corpus*; formulação e reformulação de hipóteses e objetivos. Iremos descrever cada uma delas a seguir.

Objetivando cumprir a primeira tarefa, entrando em contato diretamente e intensamente com o material a ser analisado (Minayo, 2006), realizamos a leitura flutuante de forma “[...] atenta, reiterativa e cheia de perguntas”. A pesquisadora Maria Cristina Minayo denomina esse movimento como “impregnação” ou “saturação” (Minayo, 2012, p. 624) e certificamos que a constituição do *corpus* do trabalho está exaustiva, representativa, homogênea e pertinente, de modo que conseguimos ter uma visão do conjunto, ao mesmo tempo que observamos suas particularidades e elaboramos pressupostos iniciais que balizarão as análises posteriores (Gomes, 2009). Após esse momento, tendo em vista que nossos objetivos foram elaborados anteriormente à imersão no campo de pesquisa e às realizações das entrevistas, reformulamos alguns deles para se tornarem mais significativos.

Finalizando a primeira etapa de análise definimos duas categorias para análise: “Violências protagonizadas por treinadores nas relações com atletas” e “Impactos das relações com treinadores/as na vida das atletas”. Maria Cristina Minayo (2006) também sugere que sejam definidas unidades de contexto, delimitação do conjuntura

de compreensão da qual faz parte a mensagem; e unidades de registro, palavras e/ou frases que “[...] se referem aos elementos obtidos através da decomposição do conjunto da mensagem” (Gomes, 2009, p. 87). Ambas serão descritas e estão estarão representadas nos quadros subsequentes⁸⁷.

As unidades de contexto da primeira categoria analisada foram elaboradas dedutivamente de acordo com o folder do curso “Abuso e Assédio – Fora de jogo”⁸⁸ e da “Política de prevenção e enfrentamento à violência, assédio e abuso” (Comitê Olímpico Brasileiro, 2018)⁸⁹. As unidades definidas foram: “Violência Psicológica”, “Assédio Moral”, “Violência de gênero”, “Violência física”, “Negligência” e “Abuso ou Assédio Sexual”. Iniciando a exploração do material, a segunda etapa prevista por Maria Cristina Minayo (2006), começamos distribuindo trechos e frases de cada entrevista nas categorias predeterminadas.

Ao iniciarmos esse processo, percebemos narrativas de situações violentas em diversos momentos da entrevista, mesmo que as atletas não as tenham caracterizado como violentas. Dito isso, observamos um processo de naturalização de algumas violências no esporte e da falta de letramento (Cazden et. al, 2021) específico acerca da temática (mesmo com a nossa tentativa de minimizar esse problema, que já era previsto, com o documento de apoio). Discorreremos mais sobre isso nos próximos capítulos deste trabalho, mas por ora, faz-se necessário deixar evidente que partindo da descrição dos conteúdos explicitados pelas participantes em suas falas, utilizamos, conforme diz Gomes (2009), a inferência para conseguir compreender dimensões que estão além do que está sendo comunicado por elas, ou seja, interpretar essas mensagens de maneira mais profunda.

Desta forma, categorizamos os trechos utilizando o Guia de Orientações sobre assédio moral e sexual nos esportes (Brasil, 2018), o folder do curso acima já referenciado e as informações contidas no documento oficial do COB acerca da prevenção do abuso e do assédio (2018). Para esta análise problematizamos todas

⁸⁷ Uma cor foi atribuída para cada unidade de contexto para melhor visibilidade e diferenciação das unidades de registro correspondentes.

⁸⁸ O documento está disponível em: <<https://www.cob.org.br/pt/documentos/download/71155da422f46/>> Acesso em: 23 nov, 2023.

⁸⁹ Relembramos que o documento do COB (2018) foi utilizado na elaboração do roteiro e no documento de apoio que fora enviado às atletas antes do início da gravação da entrevista. Assim que o enviamos, solicitamos sua leitura e permitimos consulta quando as atletas achassem necessário para compreender melhor as questões do roteiro.

as situações apresentadas a partir da categoria gênero, visto que, em todas as evidências presentes nas narrativas acerca da temática violências no esporte, o treinador foi referenciado como homem (Lang et. al., 2023). Tomamos como princípio, então, que elas estão imbricadas nas relações de poder existentes entre treinador (homem) e atleta (mulher).

O documento com a categorização completa das violências nos esportes encontradas nas falas das atletas está disponível ao escanear o QR Code ao lado, mas é possível observar um exemplo de como ela foi realizada no quadro abaixo:



Quadro 1 – Exemplo de categorização: “Violências protagonizadas por treinadores nas relações com atletas”.

ENTREVISTADAS	UNIDADES DE CONTEXTO						UNIDADES DE REGISTRO
	Violência Psicológica	Assédio Moral	Violência de gênero	Violência física	Negligência	Abuso ou Assédio Sexual	Expressões, frases e/ou palavras
A1							<p>Quando questionada para descrever as relações com seus/suas treinadores/as: “[...] T5, ele sempre foi um cara muito machista, assim, eu lembro que eu comecei até treinar lá no Clube não por ele querer me dar treino, não por ele querer inserir mulheres no time dele, né? Que aí comecei a treinar só com homens e fiquei treinando só com homens lá no Clube. [...] então ele nunca foi uma pessoa que dava muita atenção para mim, tipo assim, largar lá, deixava rolar um negócio não era uma coisa muito. ‘Ah, quero colocar meninas no meu time, né?’”</p> <p>Quando questionada como ela, criança, via essa relação com o treinador dela naquele momento: “[...] Eu já não gostava tanto assim, né? Não tinha esse apego do T5 porque eu me sentia excluída. ‘Ah, tipo assim, só porque eu sou mulher, eu não posso aprender, eu não posso jogar da mesma forma que os meninos.’”</p> <p>Quando questionada se já tinha se sentido humilhada por ser mulher: “Eu me senti assim só com o T5, né? Porque era essa coisa ele: ‘Ah, nossa, A1 joga muito, que não sei o quê, ((nãñãñã)), fazia mil elogios, mas aí na hora da competição, quase que não colocava, só deixava os meninos jogarem, não era uma pessoa que achava que devia ter futsal feminino ou futebol society, né, no Clube.... A única pessoa é ele.”</p> <p>Quando questionada se percebia mudanças significativas de comportamento dele ou dela em treinos e competições: “O T2 ele já era uma pessoa um pouco mais, vamos dizer assim, estressada nos jogos, principalmente quando a gente fazia coisas que a gente sabe que a gente errava de bobeira assim, ele ficava puto mesmo com a gente. Falava assim: ‘porra, vocês sabem fazer isso no treino porque não vai fazer no meio do jogo? Sendo que você sabe fazer isso muito bem, né?’”</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Para a segunda temática elencamos indutivamente as unidades de contexto acerca dos impactos das relações com treinadores/as na vida das atletas que emergiram em seus discursos. Desse modo, inferindo e interpretando cada uma de suas falas, escolhemos as seguintes unidades para representar esses impactos: “Aprendizagem e evolução”, “Relação de Amizade”, “Inspiração profissional”, “Admiração”, “Traumas”, “Abrangentes”.

Igualmente às violências, um documento com a categorização completa dos impactos dos/as treinadores/as na vida das atletas está disponível ao escanear o QR Code ao lado e é possível observar um exemplo de como ela foi realizada no quadro abaixo:



Quadro 2 – Exemplo de categorização: “Impactos das relações com treinadores/as na vida das atletas”.

ENTREVISTADAS	UNIDADES DE REGISTRO						Expressões, frases e/ou palavras
	Aprendizagens e Evoluções	Relação de Amizade	Inspiração Profissional	Admiração	Trauma	Abrangentes	
A1							<p>“E aí o pessoal da FAEFID só, só coisa boa para falar, só teve impactos muito positivos na minha vida, enquanto pessoas também. Foram quatro pessoas que passaram assim, que com certeza, não vou esquecer. Po, o T1 foi em 2014 que a gente entrou, que eu entrei na faculdade, foi que eu comecei a ter treino com ele e não esqueço o nome dele de jeito nenhum até hoje, então é uma coisa que tem um impacto, já tem hoje para fazer nove anos, tiveram pessoas da minha turma que eu não lembro o nome de nenhum deles e é um nome que eu lembro, que vai estar sempre guardado.”</p> <p>Tanto é que eu aprendi muita coisa ali com o T1. Eu virei outra pessoa enquanto atleta depois de conhecer o T1.</p> <p>T2 foi um dos melhores treinadores que eu tive até hoje, até pela parte de conhecimento geral que ele tem no futsal, né?</p> <p>E aí também era uma relação pessoal muito mais próxima, né? Por eu ser amiga do T2 e da T3, então aí era mais uma relação de amizade, pelo menos com a T3, né?</p> <p>Também como admiração, tipo assim, como colegas, né, de profissão. No início o T1 já estava quase formando, então era uma... Eu enxergava o T1 enquanto uma pessoa que eu gostaria de ser em algum momento assim, profissional, é... muito inteligente, sabia muito... Quando eu entrei na faculdade, eu tinha a vontade de trabalhar com o esporte. Então eu me vi ali, tipo um espelho, né? ‘O T1 é foda, eu quero ser igual ele e tal’. A T4 é a mesma coisa. Sempre foi uma mulher muito inteligente, então sempre via a T4 como um ponto positivo assim, de conhecê-la, de falar: ‘Quero ser também inteligente igual ela’ e o T2 e a T3, muita admiração por eles correrem atrás de uma coisa que é muito difícil da gente ganhar né? Dinheiro... Se você pensar assim, ‘eu vou trabalhar com esporte em Juiz de Fora’</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Por fim, realizaremos as interpretações dos dados obtidos nas entrevistas no próximo subcapítulo, correlacionando-os com os referenciais teóricos adotados. Notório salientar que essas interpretações objetivam compreender os núcleos de sentido e não são verdades absolutas acerca da realidade social, pois “o sentido de uma mensagem ou de uma realidade está sempre aberto em várias direções. No entanto, quando bem conduzida, ela deve ser fiel ao campo de tal maneira que caso [as entrevistadas] estivessem presentes, compartilhariam os resultados da análise.” (Minayo, 2012, p. 625).

4 SEGUNDO TEMPO

Prestes a começar o segundo tempo, outro habitual “grito de guerra” e, depois da conversa no intervalo com a estratégia planejada, estamos confiantes e motivadas de que iremos performar bem.

Este capítulo apresenta e analisa as características pessoais das atletas participantes da pesquisa, incluindo os anos de experiência nas modalidades. Além disso, depois de identificar e categorizar as formas de violências que as atletas vivenciaram, as apresentamos ao mesmo tempo que propomos reflexões e correlacionamos com a literatura específica. Do mesmo modo, discorreremos sobre os impactos que os/as treinadores/as proporcionaram em suas vidas.

O texto está escrito de maneira fluída, ou seja, não utilizamos tópicos ou outro tipo de demarcação para separar cada uma das violências e cada um dos impactos narrados por elas. Entretanto, optamos que para uma melhor visualização das unidades de contexto que foram previamente definidas, elas aparecerem em **negrito** quando estivermos explorando-as. As unidades de registro, ou seja, os depoimentos das atletas aparecerem entre aspas, em *itálico* e com identificação de cada uma delas ao final do trecho destacado. Aqueles que são maiores do que três linhas seguem com as mesmas características acima descritas, porém com a formatação de uma citação direta.

Salientamos que todas as participantes desta pesquisa se autodeclararam mulheres e, após realizarmos as entrevistas, transcrições e posteriores categorizações dos dados conforme relatado no capítulo anterior, percebemos que todos os episódios violentos narrados por elas foram protagonizados por treinadores homens. Neste sentido, é fundamental considerarmos que sob influências do patriarcado (Louro, 1999) e das relações de poder (Foucault, 2022), todas as violências sofridas por elas também podem ser consideradas como violências de gênero visto que, de acordo com Maria Cristina Paim (2006, p. 63), ela “é o resultado das relações desiguais e injustas entre homens e mulheres, na nossa sociedade, fruto da dominação e da opressão, onde se delega aos homens, o papel de forte, dominador, superior, e às mulheres, o papel de submissa, frágil, inferior”. Dito isso, como um grande guarda-chuva que está sobre as relações entre os treinadores e as atletas da nossa pesquisa, não há como desconsiderarmos essa correlação.

4.1 A etapa final é delas – Comandando a partida

Com elas sendo protagonistas e fazendo valer nossa conversa, elas já começam o segundo tempo impondo todas as ações ofensivas, não permitindo que a bola fique com o adversário. Agora, convertendo nossas chances em gol, diminuimos a vantagem adversária.

A apresentação das protagonistas deste trabalho é de primordial importância, haja vista nossos objetivos de ouvir e visibilizar o discurso delas. Por mais que seus nomes sejam preservados, seguindo os procedimentos éticos previstos, os dados pessoais delas contribuem para as nossas inferências, nos permitindo realizar conexões entre as temáticas e interpretarmos a realidade social.

Necessário dizermos que algumas das informações foram obtidas por meio das perguntas diretas nas entrevistas, outras foram compartilhadas naturalmente por elas em suas narrativas, como por exemplo, suas ocupações profissionais. Os nomes dos/as treinadores/as citados por elas emergiram e no processo de transcrição foram substituídos pela letra “T” e o numeral correspondente a ordem que apareceram nos discursos. Quando os/as treinadores/as forem comuns às atletas, sua referência será mantida e o gênero do/a treinador/a será preservado pelo artigo anterior a letra “T”.

Ademais, levamos em consideração que algumas das participantes ingressaram na FAEFID (Faculdade de Educação Física e Desportos da UFJF) enquanto eu estava me graduando; outras, durante meu percurso no mestrado. Portanto, a familiaridade com as participantes contribuiu para que pudéssemos completar o quadro de caracterização, conforme é possível observar a seguir:

Quadro 3 – Caracterização das participantes.

DADOS	ENTREVISTADAS					
	A1	A2	A3	A4	A5	A6
Idade	28	22	26	19	20	29
Gênero	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
Orientação Sexual	Lésbica	Heterossexual	Lésbica	Bissexual	Bissexual	Bissexual
Autodeclaração étnico/racial	Branca	Branca	Branca	Branca	Preta	Parda
Idade iniciou no futsal/futebol	4	7	8	8	11	Infância
Idade primeiro treinador/a	8	7	8	10-11	11	17
Número treinadores/as	8	8	6	+10	6-7	7
Treinadora?	3 (T3, T4, T6)	3 (T3, T6, T8)	Não	2	1	3
Referência treinadores/as citados	T1, T2, T3, T4, T5, T6, T7	T3, T6, T7, T8, T9, T10, T11	T12	T3	Não citou nomes	T11, T13, T14, T15, T16, T17, T18 (prep. goleiras)
Locais de prática	Educação Física, Desporto Escolar, Escolinha, Amador, Universitário.	Educação Física, Escolinha, Amador, Universitário.	Educação Física, Desporto Escolar, Clube de formação (futebol), Amador, Universitário.	Educação Física, Desporto Escolar, Escolinha, Amador, Universitário.	Desporto Escolar, Clube de formação (futebol), Escolinha, Amador, Universitário.	Educação Física, Universitário, Amador.
Ocupação	Personal Trainer	Estudante de EF / Treinadora de futsal/futebol	Treinadora de futsal/futebol	Estudante de EF	Estudante de EF / Treinadora de futsal/futebol	Não há informações
Cursou/cursa EF na UFJF?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

As atletas participantes desta pesquisa se identificam com o gênero feminino e possuem entre 19 e 29 anos, sendo 24 anos a média de idade entre elas. Ao serem questionadas sobre suas identificações étnico/raciais⁹⁰, se autodeclararam como brancas (A1, A2, A3, A4), preta (A5) e parda (A6). Sendo, anteriormente, protagonizados por mulheres negras e/ou periféricas, conforme nos conta Aira (2019) e a própria história de vida de nossas pioneiras nos gramados (Goellner; Cabral, 2022), o futebol/futsal de mulheres se difundiu e ocupou as quadras e campos nos bairros centrais, clubes, escolinhas e escolas, o que alterou o recorte racial e de classe de interesse pela prática da modalidade (Castro; Ricca, 2020).

Quanto a orientação sexual, elas nos disseram ser bissexuais (A4, A5, A6), lésbicas (A1, A3) e heterossexual (A2), desse modo, cinco das seis atletas participantes fogem à norma heteronormativa. Valleria Oliveira (2014) também encontrou maioria de lésbicas e bissexuais em sua dissertação de mestrado, dados que corroboram ao estudo de Christine Mennesson e Jean-Paul Clément (2003), Raquel da Silveira (2008) e Marcelo Rosa e colaboradores/as (2020) de que o futebol/futsal de mulheres pode ser considerado como um território homosocial⁹¹ para lésbicas/bissexuais. Importante destacarmos que há diferença na caracterização desse espaço como um possibilitador de convivência de mulheres que subvertem à matriz de inteligibilidade, para uma constante “[...] classificação, ou mesmo a reincidente suspeita, de que mulheres que jogam futebol são homossexuais [...]” (Altmann; Reis, 2013, p. 223). Essa afirmação de “causa e efeito” no que concerne uma prática esportiva e a orientação sexual de um indivíduo é “[...] uma estratégia discursiva que busca normalizar tanto o gênero quanto a sexualidade, demarcando o futebol como não condizente com determinadas expectativas em relação ao gênero e à sexualidade [...]” (p. 223) das mulheres.

Acerca da iniciação na modalidade, todas tiveram o primeiro contato com o futsal/futebol durante a infância, com destaque para A1 que começou com 4 anos de

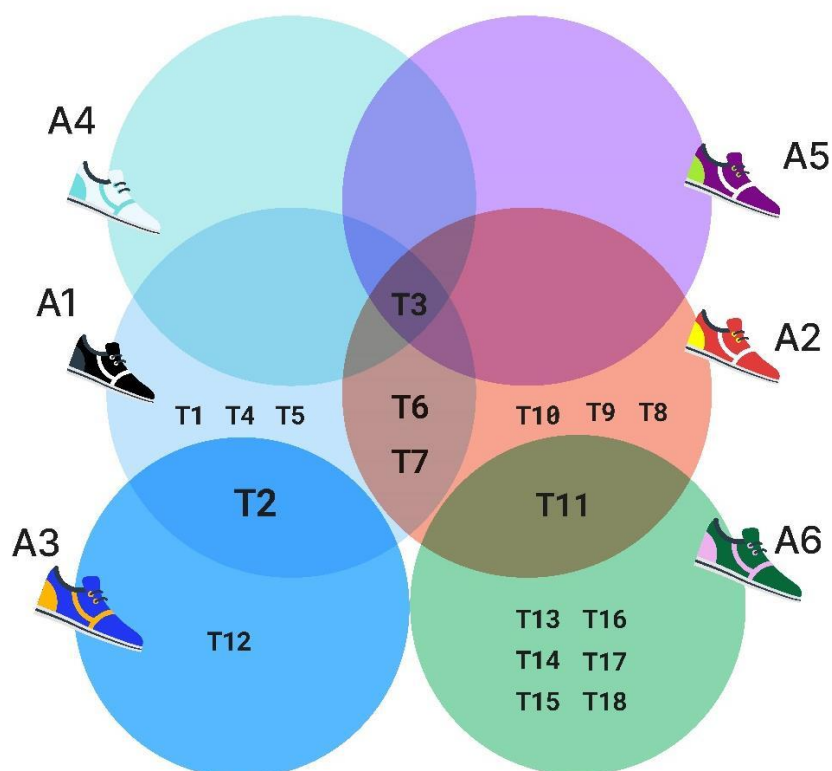
⁹⁰ A pergunta referente a autoidentificação racial ficou fora do roteiro e ao percebermos o equívoco, aproveitamos o momento que do envio da transcrição das entrevistas a elas para questioná-las acerca disso via *Whatsapp*.

⁹¹ “Para homens e mulheres, o futebol serve como espaço de homosociabilidade, em que pessoas do mesmo sexo sociabilizam, conversam, riem, trocam informações” (Kessler, 2020). Portanto, territórios homosociais são aqui caracterizados como os espaços de convivências que as mulheres compartilham com outras mulheres, sendo considerado, por diversas vezes, um lugar seguro para elas expressarem suas sexualidades.

idade, porém, apenas aos 8 anos que ela teve o seu primeiro treinador na modalidade. Além dela, podemos citar a A4 que aos 8 começou a praticar futsal na Educação Física Escolar e aos 10 teve seu primeiro treinador e evidenciar a A6, que iniciou na escola com as aulas de Educação Física e só teve treinamentos específicos aos 17 anos tendo uma mulher como sua primeira treinadora. Essa diferença de tempo entre o primeiro contato e o início dos treinamentos sistematizados com a figura de um/a treinador/a é recorrente na literatura do futebol/futsal de mulheres, haja vista que elas geralmente iniciam nas ruas (Kessler, 2010), com familiares e amigos em quadras públicas ou quintais (Altmann; Reis, 2013; Costa et. al., 2018) e possuem dificuldades de encontrar locais adequados para prática esportiva (Pires, 2019). As participantes A2, A3 e A5 já iniciaram na modalidade na presença de um/a treinador/a, aos 7, 8 e 11 anos, respectivamente.

Como estamos nos debruçando a estudar as relações interpessoais entre essas seis participantes e seus/suas treinadores/as, é preciso elucidarmos que ao somarmos os números extraídos das narrativas delas, lidamos com um universo de aproximadamente 45 treinadores/as. Entretanto, temos alguns nomes citados que se repetiram entre as entrevistadas como T3 (A1, A2, A4), a T6 (A1, A2), o T7 (A1, A2) e o T11 (A2, A6). Além disso, destacamos aquelas atletas que não citaram nomes de treinadores/as, mas que, pela familiaridade das pesquisadoras com as entrevistadas, certificamos de que foram treinadas pelos/as mesmos/as treinadores/as. Por conseguinte, tais coincidências podem representar um decréscimo nesse universo de treinadores/as culminando em um número próximo a 30 treinadores/as e as correlações entre as atletas e treinadores/as pode ser observada no diagrama a seguir:

Diagrama 1 – Correlação atletas-treinadores/as



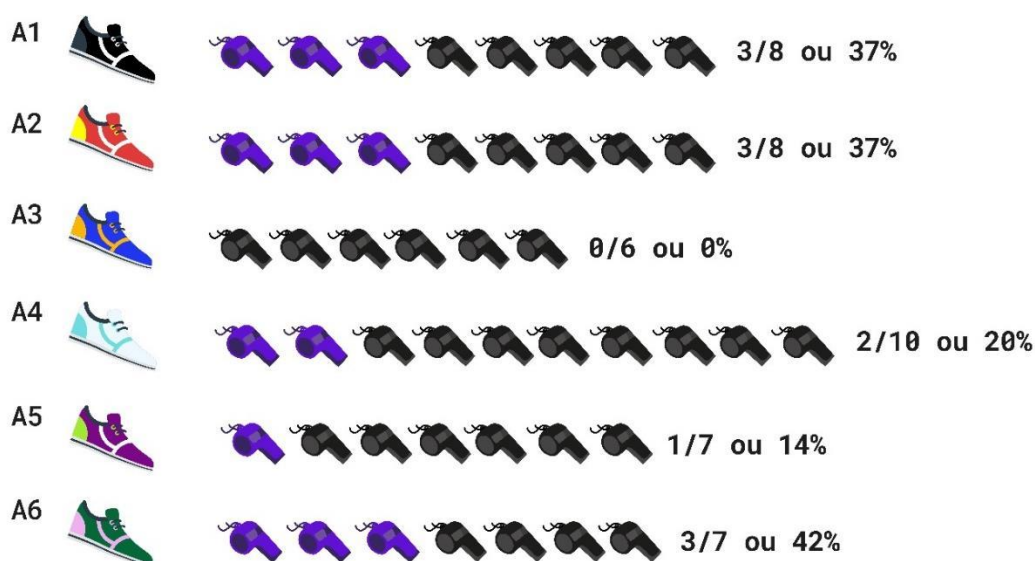
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Observamos, portanto, que todas as atletas compartilharam experiências com, ao menos, um/a treinador/a em comum, a saber: A1 e A3 (T2); A2 e A6 (T11). A1 e A2 (T3, T6 e T7). E destacamos a treinadora T3 que faz parte da formação esportiva de A1, A2, A4 e A5.

Há um predomínio de homens treinadores em suas vidas, vide que dentre oito nomes explicitados por A1, por exemplo, três são de mulheres. O mesmo ocorre na trajetória das demais participantes, especificamente: A2 citou oito treinadores/as, sendo que três⁹² são treinadoras; A4 narrou ter mais de dez treinadores/as, abarcando duas mulheres; A5 não sabia ao certo se eram seis ou sete treinadores/as, mas que apenas uma treinadora mulher havia feito parte de sua vida; A6 relata que entre sete treinadores/as, três eram mulheres. A3, por outro lado, diz que não há qualquer mulher entre os seus seis treinadores. Almejando demonstrar essa diferença, criamos um infográfico:

Infográfico 1 – Comparativo no número de treinadoras (apito roxo) *versus* número de treinadores (apito preto)

⁹² A2 menciona três treinadoras mulheres, porém, fez questão de enfatizar a professora da escola que percebeu a aptidão dela para a prática da modalidade e indicou que os pais procurassem uma escolinha para que ela se desenvolvesse.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A predominância dos homens liderando os esportes de mulheres não é um fenômeno recente. Laís Vargas, Eduardo Caputo e Marcelo da Silva (2017) encontraram 22,22% (duas em nove possíveis) de treinadoras mulheres em sua pesquisa no futsal de mulheres em Pelotas/RS e, de acordo com a Diretoria de Desenvolvimento e Ciências do Esporte do COB (2022), o percentual de mulheres ocupando cargos de treinadoras no Brasil gira em torno de 20%.

Ainda assistindo o presente repetir o passado, Karine Nascimento (2020, p. 51) dá lugar ao relato de Helena Pacheco, ex-jogadora do Esporte Clube Radar (RJ) e ex-treinadora do futsal do Vasco da Gama (RJ), sobre sua inserção no ambiente do futebol como treinadora nos anos 80:

Eu comecei a perceber que poucas pessoas com qualidade mexiam com futebol feminino, então resolvi me aperfeiçoar nessa área. [...] [Na faculdade de Educação Física] Eu fui avisada que, por ser mulher, eu não podia fazer a cadeira de futebol. Foi uma decepção muito grande, porque eu até podia assistir às aulas como ouvinte, mas não constava no meu currículo, eu não tinha nota. Era um preconceito realmente absurdo e bem claro contra a mulher que buscava praticar ou ser técnica de futebol. Então, eu resolvi fazer algumas atividades paralelas, como um curso na associação de treinadores, comecei a ter contato com outros treinadores de futsal e futebol de campo, mas não me interessei muito pelo campo porque era mais difícil juntar a quantidade necessária de jogadoras. (Nascimento, 2020, p. 51)

Heidi Ferreira e colaboradores/as (2013, p. 112) indicaram alguns motivos para essa recorrente baixa representatividade de mulheres nas beiradas das quatro linhas e dentre eles, destacaremos as inúmeras barreiras enfrentadas pelas treinadoras.

Podemos então citar a homofobia, a hegemonia masculina, os conflitos com a vida pessoal, os baixos salários, os estereótipos, estresse/esgotamento, falta de confiança, assédio, cursos de formação ministrados só por homens, pressuposição do papel de gênero, marginalização e questionamentos sobre liderança (Ferreira et. al., 2013; Diretoria de Desenvolvimento e Ciências do Esporte do COB, 2022).

Ocupar um cargo de treinadora em uma equipe de futsal/futebol é assumir, conseqüentemente, uma função de liderança e hierarquicamente superior no organograma de uma comissão técnica. Sendo assim, além de todas as dificuldades explicitadas anteriormente, por estarem submetidas ao fenômeno do “teto de vidro⁹³”, as treinadoras ainda precisam quebrar esse bloqueio invisível para ascenderem na profissão, e muitas acabam não almejando o cargo ou ficando pelo caminho. Por conseguinte, as treinadoras ficam restritas a atuação nas categorias de base e, principalmente, “[...] nos esportes considerados adequados às mulheres, como as ginásticas e o nado sincronizado. Essa limitação resguarda a hegemonia masculina no esporte” (Ferreira et. al., 2013, p. 120).

Dito isso, Júlia Passero e colaboradores/as (2020) demonstram que apenas 17% dos cargos de treinadores/as nas edições de 2013 a 2019 do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino foram ocupados por mulheres e acerca disso, Mariana Novais e colaboradores/as (2021, p. 12) observam que a predominância de homens em posições de liderança no futebol de mulheres ratifica “[...] a característica generificada do esporte e seu potencial para a reprodução de estereótipos e representações sociais sobre os lugares ocupados e papéis desempenhados por homens e mulheres”.

Quanto aos locais de prática, iremos evidenciar alguns deles quando pensarmos as relações interpessoais entre treinadores/as e atletas, mas é importante destacar a Educação Física Escolar (Santana; Reis, 2003), o futsal amador (Kessler, 2010) e o desporto universitário⁹⁴ (Jaco, 2023) como predominantes nas trajetórias

⁹³ “O significado figurativo da expressão “teto de vidro” indica que as mulheres ocupam posições inferiores, a partir das quais elas visualizam os postos acima delas por meio da transparência da parede de vidro, mas não conseguem ultrapassá-la.” (Ferreira et. al., 2013, p. 106).

⁹⁴ Juiz de Fora/MG é reconhecida no desporto universitário devido ao forte movimento das Associações Atléticas Acadêmicas das diversas instituições de ensino superior que se estabeleceram na cidade. Além disso, em função das praças esportivas da cidade, ela é comumente sede de renomeadas competições universitárias municipais, estaduais e interestaduais.

das atletas. Discernindo essas nomenclaturas, temos a EF escolar podendo oferecer vivências e experiências práticas de futsal/futebol para discentes em suas aulas regulares; o futsal amador que é reconhecido por comportar equipes formadas por mulheres atletas que não recebem salários, mas participam de treinamentos para competições municipais e regionais; e o desporto universitário que é delineado por equipes compostas por discentes de uma instituição ou curso do ensino superior.

Iremos diferenciar a Educação Física Escolar do desporto escolar⁹⁵ pois consideramos que o último diz respeito ao envolvimento com treinamentos extracurriculares e que podem ter um/a treinador/a que não seja o/a professor/a da disciplina de EF. Porém, como a diferenciação pode não ser reconhecida pelas atletas, no Diagrama 02 subsequente, optamos por representá-las conjuntamente e, quando as atletas evidenciarem a diferença em seus discursos, utilizaremos as nomenclaturas nas análises posteriores.

Diagrama 2 – Locais comuns de prática do futsal



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Ainda há espaço para escolinhas, que caracterizamos como locais específicos, e na maioria das vezes privados, que objetivam o desenvolvimento de crianças e adolescentes no futsal e/ou futebol (A1, A2, A4, A5); além dos clubes de formação no futebol com as suas reconhecidas categorias de base que possuem um viés mais de rendimento do que de participação (A3, A5).

Valoroso comentarmos que as nossas participantes (exceção de A6) estão cursando (A2, A4, A5) ou já se formaram em Educação Física (A1, A3), assim como metade das atletas entrevistadas para o meu TCC, também realizado com atletas da cidade de Juiz de Fora (Pires, 2018). Além disso, três (A2, A3, A5) atuam como

⁹⁵ Notável mencionar que no estado existem os Jogos Escolares de Minas Gerais (JEMG) e que essa competição pode ser um estímulo para a criação de equipes de treinamentos em horários extracurriculares.

treinadoras de futebol/futsal na cidade. Correlacionando as práticas esportivas nas modalidades durante os períodos de infância e adolescência das nossas participantes, corroboramos aos dados elucidados por Mariana Novais (2018) que, ao estudar treinadoras e auxiliares no futebol de mulheres brasileiro, desvelou que elas se envolveram com o esporte desde crianças e apresentou-nos a possibilidade de que esse envolvimento pode contribuir para que elas sigam nos campos ou quadras durante a vida adulta. Ademais, uma recente pesquisa realizada pela empresa internacional de serviços e consultoria *Deloitte*⁹⁶ revelou que a prática de esportes na infância e/ou juventude das mulheres podem contribuir para a ocupação de cargos de liderança (como é o caso de treinadoras) e gestão em sua fase adulta. O estudo contou com a participação de 1.100 mulheres norte-americanas e constatou que

85% das mulheres entrevistadas que praticavam esportes dizem que as habilidades que desenvolveram durante as práticas esportivas foram importantes para o sucesso em suas carreiras profissionais. E os resultados são ainda maiores entre mulheres em cargos de liderança (91%) e mulheres que ganham US\$ 100.000 ou mais (93%). (Deloitte, 2023, recurso *online*, tradução nossa).

Essas privilegiadas condições nos ofertaram profundidade nas discussões acerca das relações interpessoais entre treinadores/ex-atletas, além da possibilidade de já termos contribuído para a formação e atuação delas ao discutir a temática e, também, auxiliado no letramento (Cazden et. al, 2021) em violências nos esportes devido ao documento de apoio que fora elaborado e compartilhado.

4.2 Um duro golpe – Pressão total adversária

Em uma jogada ensaiada que já é conhecida, a equipe adversária consegue fazer mais um gol e voltam a ter dois gols de frente. Apesar do baque porque vínhamos em um ótimo momento, motivo as atletas e peço para que mantenham a cabeça no jogo.

Desde o início das nossas conversas, percebi que as atletas faziam referências diretas aos períodos de juventude e da fase adulta, apresentando algumas dificuldades para se lembrarem de fatos vivenciados na infância. Essa adversidade ficou evidente em vários trechos das entrevistas quando elas pediam desculpas por

⁹⁶ Saiba mais em: <<https://www2.deloitte.com/us/en/pages/about-deloitte/articles/press-releases/new-deloitte-tv-spots-turn-the-tables-on-fandom-as-survey-reveals-girls-who-play-sports-are-likely-to-have-successful-careers.html>> Acesso em: 23 nov, 2023.

não se recordarem de algumas situações de um passado mais distante ou externalizavam a complexidade de rememorarem algo que acontecera há anos.

A nossa memória, que além de não conseguir armazenar tudo, também é constituída por reflexos das experiências presentes e pode “pregar peças” em quem narra uma história:

A referência “às peças que a memória prega” baseia-se na compreensão de que entre o tempo do acontecimento e o tempo presente do relato o informante, a cuja memória se apela, viveu um conjunto de experiências que, de certa forma, orientam a visão que ele tem do passado. Seu olhar presente para o já vivido sofre a interferência daquelas experiências; muitas vezes ele não espelha a “verdade” sobre a vida passada, mas se limita a lembrar aquilo que ele quer ou pode recordar, à luz das vivências mais recentes. (Martins, 2004, p. 295)

Escrever um trabalho baseado em narrativas do passado de outras pessoas é sempre um desafio, porém, é importante destacarmos que não estamos buscando descobrir uma verdade absoluta acerca de um evento findado. Nossa intenção é compreender a realidade social do grupo estudado e mesmo que elas apresentem dificuldades para se recordarem exatamente do que tenha acontecido, as percepções que as atletas têm acerca dos momentos que vivenciaram junto aos seus/suas treinadores/as são genuinamente valiosas. Tudo aquilo que ela se lembra e consegue verbalizar também faz parte de sua história e neste momento, se torna objeto de análise e estudo.

Dito isso, é impossível que nós não demonstramos alívio ao constatarmos que nem uma das nossas participantes relataram que sofreram **abusos ou assédios sexuais** de seus/suas treinadores/as em suas jornadas esportivas. Entretanto, com exceção de A2, as demais participantes sofreram ao menos uma das violências descritas pelo nosso documento de apoio.

É importante destacarmos que nem todas parecem perceber algumas das violências que sofreram e inclusive eu, que no momento da realização e transcrição das entrevistas passava (e sigo passando) pelo processo de letramento (Cazden et. al., 2021) em violências do esporte que descrevemos anteriormente, também não as percebi de imediato.

Consideramos que essa falta de letramento (Cazden et. al., 2021) em violências do esporte, ou seja, o não reconhecimento de alguns tipos de violências pode acontecer por dois motivos: falta de conhecimento das definições e a naturalização de algumas dessas violências, principalmente dentro do cenário do futebol e futsal. As

agressões verbais que acontecem, por exemplo, quando um treinador grita exacerbadamente para que elas melhorem de rendimento e/ou profere xingamentos recorrentemente para a equipe, podem ser caracterizadas como assédio moral ou episódios de violência psicológica. Mas nem todas as atletas sabem disso.

Ainda há, além da falta de letramento, uma violência simbólica pairando a relação entre treinador e atleta, onde “os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais” (Bourdieu, 2010, p. 46), ou seja, as atletas que são oprimidas pelos treinadores aceitam as formas de pensar e de agir deles, sem questionar ou resistir por acreditarem que essa situação é normal ou natural dentro do cenário esportivo.

“A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física [...]” (Bourdieu, 2010, p. 50) e ela “[...] instala-se pela adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante, pois o único instrumento de conhecimento do qual dispõe é compartilhado com o dominante [...]” (Souza Júnior; Reis, 2023, p. 258). É por meio dessa violência simbólica que muitos treinadores agem para “controlar seu grupo de trabalho”, como por exemplo, justificando suas atitudes agressivas, inibindo as opiniões de atletas, ainda mais quando contrárias, e não oferecendo oportunidades para que se tornem, gradativamente, mais independentes.

Uma dessas formas de dominação acontece por meio do **assédio moral** oriundo de xingamentos e gritos constantes para, por exemplo, melhorar o desempenho das atletas. Essa foi a violência mais presente nos discursos, e, por diversas vezes, elas a normalizam, considerando que isso é inerente ao esporte ou aos ambientes competitivos principalmente nos momentos de cobrança por resultados. Esse tipo de assédio é caracterizado “pela exposição de pessoas a situações humilhantes e constrangedoras, geralmente de forma repetitiva e prolongada, que ofendem a dignidade ou integridade psíquica” (Ministério Público do Trabalho, 2018, p. 8) e “ofender, xingar ou ameaçar atletas para que melhorem o seu desempenho no esporte” (p. 13) de forma recorrente é entendido como um tipo assédio moral. A participante A1 não relata que já tenha sido xingada por nenhum treinador, mas quando perguntei acerca das mudanças de comportamento dele em treinos e competições, ela diz que:

“O T2 ele já era uma pessoa um pouco mais, vamos dizer assim, estressada nos jogos, principalmente quando a gente fazia coisas que a gente sabe que a gente errava de bobeira assim, ele ficava puto mesmo com a gente. [...] Igual eu falei, se a gente errava alguma coisa, ele ficava puto, xingava a gente e tudo mais.” (A1)

Já A6 diz que já foi xingada por um treinador: *“xingada eu acho que já ((riso)). Assim na hora do jogo, aí xinga um palavrão. Eu acho que já, já pelo T16 já! Com certeza.” (A6)*. O treinador em questão cobrava muito das atletas, segundo a participante: *“Ele gritava, ele xingava, ainda mais quando assim, sentia na obrigação de ganhar, então a cobrança dele era pesada, sabe?” (A6)*, mas ela diz que se acontecer na hora do jogo, ela não se incomoda e nem se importa.

A advogada Rosa de Abreu (2022) afirma que as agressões verbais, como exemplificadas pelas atletas por meio dos xingamentos, podem ser naturalizadas e incentivadas na nossa sociedade a partir dos seus incutidos valores machistas e da normalização da violência. “Existe uma linha tênue de permissividade – como se as reações violentas fossem parte de um comportamento natural” (Abreu, 2022, recurso *online*) e considerando o futebol/futsal e o Brasil, gritos e xingamentos são observados e comentados como se fossem características intrínsecas de seus/suas personagens e/ou reações comuns ao ambiente competitivo.

A filósofa e professora Márcia Tiburi (2018, recurso *online*) escreve em uma coluna da revista “Cult” um texto denominado “Teoria geral do xingamento” onde ela afirma:

o ataque verbal a alguém – esse ato que sempre teve todo tipo de função, da catarse ao escracho, do vilipêndio à humilhação, da vontade de destruir ao ato de dominar – é um fenômeno do poder [...]. O ato de xingar até hoje é um ato político, por trás do qual se esconde todo tipo de moralismo.

Os xingamentos e gritos foram respostas frequentes de nossas entrevistadas para as perguntas sobre as cobranças e as demonstrações de insatisfações dos treinadores em treinos, mas principalmente em jogos. “[...] Por trás da violência está uma impotência específica que visa ser sanada na ação. Quem não consegue falar, pode sempre começar a xingar (Tiburi, 2018, recurso *online*) e a partir desse recorte do texto da professora Márcia Tiburi, questiono: “Será que os/as treinadores/as percebem essa dificuldade de comunicação com as atletas?”; “Por que é necessário recorrer aos xingamentos e gritos para chamar a atenção da equipe quando as coisas

não estão caminhando bem?"; "Será que não existem outras formas de comunicar essa insatisfação de forma mais assertiva?".

A atleta A3 relatou como era sua convivência com o treinador responsável por representar a equipe no desporto escolar durante o Ensino Médio e nos contou como ele cobrava e demonstrava insatisfação:

"No Ensino Médio era te tirar e falar para caramba na sua cabeça. 'Por que você não está fazendo isso? Você não entende aquilo lá que eu falo? Você é burra?' Mais ou menos... E você com quatorze anos, você fica assim: 'ué, mas por quê? Não sei o que eu estou errando. O que que eu estou errando?' E nunca corrigia em si, só ficava falando: 'está errado. Está errado!'" (A3)

Além da agressão verbal proferida, o treinador evidentemente não conseguia se comunicar de forma eficaz com sua atleta porque ela cometia erros em quadra, ele a ofendia e ela seguia sem compreender quais das suas ações estavam erradas e nem como poderia melhorar. A5 também menciona o comportamento de um dos seus treinadores:

"Mas tem um treinador meu que, ele, o jeito dele falar, era gritando, assim. Então ele parava o treino para explicar, aí ele gritava, ficava muito puto. E no, no jogo era a mesma coisa. [...] Ficava puto com qualquer situação que fugisse do controle dele. [...] Ah, ficava puto, xingava, reclamava com a gente durante o jogo, depois do jogo. [...] Quando, às vezes em treino ou em jogo, a gente errava e o treinador assim, tentava colocar a gente para cima, a gente acertava muito mais do que quando a gente errava e ele já gritava ou xingava a gente de alguma forma." (A5)

É notório salientarmos que a atleta A5 menciona que quando o treinador agia de forma diferente do habitual, ou seja, quando tentava incentivá-las ao invés de apenas cobrá-las, proferindo gritos e xingamentos, elas melhoravam de rendimento.

A atleta A4 desabafa dizendo que:

"Muitas das vezes quando a pessoa meio que gritava, assim, ou eu tomava um esporro digamos assim, eu não me sentia confortável, e aí eu meio que não conseguia jogar, eu meio que sumia, assim, eu meio que tinha medo de tentar alguma coisa e errar. [...] Acho que eu sou uma pessoa que não gosto muito, que quando gritam, sabe? Que quando a pessoa fica nervosa ela começa a gritar com você dentro de quadra, assim, para você fazer alguma coisa ou algo do tipo." (A4)

Os depoimentos de A4 também podem se encaixar em situações de **violência psicológica** que, diferentemente do assédio moral, pode acontecer apenas uma vez. Ela pode ser entendida como "humilhações, ameaças, xingamentos, chantagens, insultos, controle e comportamentos que diminuem, isolam e constroem alguém"

(Brasil; Brasileiro, 2021, recurso *online*) e como “uma conduta que causa dano emocional e diminuição da autoestima ou prejudica e perturba o pleno desenvolvimento” (Comitê Olímpico do Brasil, 2018).

“Então, acho que o mais marcante assim foi o treinador do ensino médio que pelo tato, pelo jeito que ele tratava a gente, eu posso até dar o exemplo, teve a final do estadual do JEMG, a gente tomou um gol em trinta segundos do primeiro tempo, saiu a bola, foi gol. Ele pediu tempo e acabou com a gente. Assim, a gente não precisava daquilo aquela hora, a gente precisava do apoio dele e ele usou várias palavras assim, eu não vou lembrar todos, mas como se a gente fosse nada, que a gente não merecia estar no final e tudo e aquele dia me marcou. [...] Eu acho que o que mais marca é a questão negativa. De... ‘pô, por que que ele fez com uma menina de quatorze anos?’ [...] Você pensa uma menina de quatorze anos, você olha para sua referência que está fora de quadra e ele fala que a gente não vai ganhar, que a gente não merece estar no final, que o time é muito ruim e não falando dessa forma, mas falando gritando e a gente ficou meio assim... ‘O que que ele tá falando isso?’” (A3)

A adolescência é considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um período que merece atenção especial porque é uma época de muitas mudanças na vida desses/as adolescentes e é um período caracterizado, também, pela alta participação deles/as em ambientes esportivos (Mountjoy et. al., 2016). Esses/as jovens estão “[...] mais vulneráveis ao abuso nesse momento devido à sua necessidade de cuidados, proteção e supervisão durante o desenvolvimento.” (p. 1023, tradução nossa) e as pesquisas demonstram que comentários duros dos treinadores sobre as habilidades ou aptidão esportiva são importantes para que as mulheres, principalmente, permaneçam ou desistam do esporte (Eliasson; Johansson, 2021). A explanação a seguir demonstra isso:

“Sim, muito! Eu sabia que eu poderia me doar mais quando era mais nova, mas chegou um momento até que no terceiro ano, eu até parei de jogar com eles. Que eu já não aguentava mais, era só feedback negativo... Eu estava desenvolvendo, mas nunca o feedback positivo: ‘Nossa, você tá jogando bem, é isso!’ E quando você é adolescente você precisa desse feedback. Até que eu parei de jogar”. (A3)

Assim como aconteceu com A3, Inger Eliasson e Annika Johansson (2021) dizem as suas participantes de sua pesquisa disseram que os comportamentos, a comunicação e a pressão dos/as treinadores/as afetaram na decisão de desistir de praticar a modalidade. Dito isso, reconhecendo o impacto que os/as treinadores/as possuem na vida de suas atletas, proponho uma reflexão intrapessoal: “Quais são as contribuições de treinadores/as de futsal/futebol para que mulheres atletas

permaneçam nas modalidades no Brasil? E qual a parcela de culpa quando elas desistem?”.

Não fazemos essas perguntas objetivando culpabilizar somente treinadores/as pela evasão esportiva de mulheres atletas e é plausível salientarmos que há uma complexidade (inclusive subjetiva) nessa decisão de permanecer ou não praticando uma modalidade que não ousamos tentar responder com esta pesquisa. Entretanto, é evidente destacarmos que ocupar uma posição de liderança como é o cargo de treinador/a de futsal/futebol deve ser tratado, diariamente, com a sua inerente responsabilidade.

Demonstramos outros casos de assédio moral e/ou violência psicológica experienciados pela atleta A5, que também vivenciou o esporte de rendimento durante sua adolescência:

“Os treinadores, eles eram evangélicos então assim, eles tentavam a todo custo impor a religião dele sobre a gente. Assim, para mim, nunca foi um problema isso, mas já teve uma situação em que um dos treinadores chegou para uma amiga minha e falou que era errado ela ser católica porque católico adorava imagem e ela tinha que adorar a Deus, então assim, eram situações que me deixavam incomodada. E o fato deles não aceitarem a orientação sexual minha e de outras meninas. Ele se incomodava muito com isso, mesmo que ele não falasse sobre o tempo inteiro, mas inclusive, eu descobri tipo, recentemente, que... Descobri assim, vi uma conversa em que ele dizia que tinha medo de uma das minhas amigas, assim, ela é hétero, e ele tinha medo que essa menina fosse influenciada por minha causa.” (A5)

Percebemos, em um só depoimento, a intolerância religiosa e a homofobia protagonizada por um treinador que são caracterizadas como **assédio moral** pelo Ministério Público do Trabalho (2018), Comitê Olímpico do Brasil e Instituto Olímpico Brasileiro (2021). Pelas definições do Comitê Olímpico do Brasil (2018), ambos também podem ser caracterizados como **violência psicológica** e o relato de A5 quanto a intolerância religiosa me recordou o desabafo de uma atleta que trabalhei há alguns anos. Ela me confidenciou que se sentia oprimida por não professar a mesma fé que um dos seus treinadores. A atleta em questão era adolescente, não seguia nenhuma doutrina religiosa e estava em processo de compreensão acerca dos seus credos, e por isso, não se sentia confortável com diversos momentos de orações protagonizados por ele, permanecia em silêncio e não percebia qualquer possibilidade de diálogo com o referido treinador quanto a esse incômodo.

Não é novidade que o futebol/futsal e a religião no Brasil possuem laços estreitos e são objetos de pesquisas acadêmicas (Petrognani, 2019) e reportagens

jornalísticas (Esporte Espetacular, 2022). Um exemplo disso é a realização de “fechamentos”⁹⁷ também compostos por orações antes e depois das partidas. Essa prática é recorrente e naturalizada em todos os níveis competitivos (desde o desporto escolar até o alto rendimento), portanto, considerando a pluralidade de crenças e religiões que uma equipe (atletas e comissão técnica) de futsal/futebol pode apresentar, ponderamos que seja prudente que o/a treinador/a possibilite o diálogo em sua equipe para que: (1) todos/as se sintam a vontade para opinar quanto a realização, ou não, de orações durante esses “fechamentos” e quais serão elas; (2) e, se forem feitas, que elas possam ser compreendidas como “uma prática que congrega um conjunto de elementos provenientes dos horizontes de várias religiões (afro-brasileira, católica, evangélica)” (Pretognani, 2019, p. 248), incluindo, também, aqueles/as que se consideram ateus/ateia e/ou agnósticos/as.

A atleta A5 se autodeclara bissexual e por meio do depoimento dela percebemos que o medo do treinador de que ela, bissexual, influencie a sexualidade de uma companheira heterossexual de equipe “como se a homossexualidade [bissexualidade] fosse ‘contagiosa’ [...]” (Louro, 2001, p. 29). Desse modo, o treinador expressa os pensamentos e valores preconizados pela heteronormatividade que considera o relacionamento entre homem e mulher o único possível e que julga qualquer prática diferente da heterossexual como anormal e antinatural (Meireles, 2018).

A literatura já nos mostrou que, por mais que o ambiente do futebol/futsal de mulheres possa ser considerado como homossocial, a homofobia ainda existe e persiste no cenário esportivo (Kessler, 2020; Rosa et. al., 2020; Silveira, 2008; Oliveira, 2014). Por diversas vezes, ela é protagonizada por personagens que ocupam posições de poder, como familiares das atletas, treinadores/as e gestores/as (Menesson; Clément, 2003). Mesmo que as pessoas LBGTQIAP+⁹⁸ sejam consideradas pela ciência como uma das vítimas mais suscetíveis a sofrerem violências (Mountjoy et. al, 2016), a homofobia nos esportes, por exemplo, ainda não é frequentemente estudada em âmbitos mundiais no que concerne as pesquisas

⁹⁷ O “fechamento” é considerado como um ritual que atletas e comissões realizam antes e depois de jogos e é caracterizado com a formação de um círculo, onde todos/as abraçados, rezam, exclamam suas motivações e demonstram união (Damo, 2005).

⁹⁸ Sigla para pessoas que são: lésbicas, gays, bi, trans, queer/questionando, intersexo, assexuais/arromânticas/agênero, pan/poli, não-binárias e mais.

relativas às violências (Lang et. al, 2023), o que deveria acender um sinal de alerta para a comunidade acadêmica.

Além disso, a atleta A5 também nos contou um episódio de **negligência** que elas e suas companheiras de equipe sofreram quando, ainda menores de idade, mudaram de cidade para representar uma equipe de futebol em uma competição específica:

“Então, no primeiro clube que eu joguei, que era um clube menor, como eu disse, lá assim, a gente foi chamada para ficar na cidade durante um mês, íamos disputar um campeonato lá... E beleza, fizeram uma reunião com os pais e tudo mais. E a princípio a gente iria para lá, iria ajudar só na questão da alimentação... A gente iria ficar lá, eles iriam pagar a casa, bancar alojamento e tudo mais, e a gente teria que ajudar apenas com uma taxa lá no início. Beleza. Só que quando chegamos lá, logo de cara, a gente já teve que começar a ajudar em questão de alimentação e tudo mais. Até então ok. Só que aí passaram duas semanas e apareceu conta de água para a gente pagar, conta de luz, coisas que não estavam inclusas anteriormente, então assim, isso foi uma coisa que me deixou um pouco incomodada porque no final das contas, a gente foi para outra cidade e a gente já estava se bancando lá e isso não era o combinado desde o início. Então, assim, isso era uma coisa que me incomodava muito lá.” (A5)

A negligência é definida por “qualquer pessoa com o dever de cuidado para com outrem e que em função de referida omissão permite que algum dano seja causado ou propicia um perigo de dano iminente” (Comitê Olímpico do Brasil, 2018). E não foi apenas ela que expôs um episódio de omissão por parte do seu treinador. Além das violências já descritas por A3 anteriormente, ela também discorre sobre como ele foi negligente com ela quando ela se lesionou em uma competição:

“Eu jogava de pivô, e aí fui disputar uma bola com a menina, e a menina pisou no meu tornozelo e eu virei o meu tornozelo. É... Naquela hora eu pedi para sair, não tinha a menor condição e ele disse ‘não, você vai continuar jogando’. Eu com muita dor, continuei jogando, meu pé como uma bola, mas mesmo assim na final do JEMG eu estava jogando porque ele falava que: ‘não foi nada’ e aí depois disso, depois que a gente voltou, eu fiquei seis meses parada, fazendo fisioterapia e tudo porque eu joguei dois jogos machucada. E como era escola e tudo, não tem aquele tratamento diferente, era faixinha no pé e bora jogar. Então isso ocasionou eu ter ficado um período mais de botinha, fazendo fisioterapia [...]” (A3)

E, quando a questioneei sobre como ele havia reagido durante a competição, me disse: “Simplesmente, zero... ‘Não, é faixinha’. Ele enfaixou o pé e eu joguei, morrendo de dor, tomando remédio depois lá.” (A3). De acordo com o relatório “Census of athlete rights experiences (CARE)”, podendo ser traduzido como “Censo das Experiências dos Direitos dos Atletas (CEDA)”, produzido pela Associação

Mundial de Atletas (Rhind, et. al, 2021)⁹⁹, 20% dos/as participantes disseram ter sido obrigados/as a competir mesmo estando lesionados/as e, além de uma negligência, isso também pode ser considerado uma violência física.

Prosseguindo com as violências relatadas, A4 descreve uma **violência física** no dia a dia de sua equipe:

“[...] em outros eles meio que viam que às vezes não estava dando certo e a gente não estava jogando bem, aí eles falavam que iam, como é que eu vou dizer isso? Não é meio que uma punição, mas que ia é, meio que apertar a gente ali para ver se melhorava. Tipo, sei lá, às vezes, sei lá, dobrando o físico por exemplo, meio que colocando uma pressão ali, para gente meio que reagir, digamos assim. [...] Mas dava para ver é, ali que as vezes era, não para mim, mas para outras atletas ali, que era uma coisa que não estava dentro do que era confortável para ela, digamos assim, sabe? Era uma coisa que não tinha necessidade de fazer e para ela não era o mais adequado, mas eles mesmo assim impunham.” (A4)

Apesar da atleta mencionar que não considerava uma punição, depois do relato, quando a questioneei se esse momento de atividade física imposto após um rendimento ruim era como se fosse um “castigo”, a atleta afirmou que sim e isso configura uma situação de violência física porque se caracteriza como “qualquer ato que coloque em risco a integridade física ou a saúde da vítima, [...] qualquer forma de ferir, atividades físicas forçadas ou impostas” (Brasil; Brasileiro, 2021, recurso *online*). 27% de atletas participantes do relatório “CARE” relataram já terem sido punidos/as com exercício ou treinamentos extenuantes (Rhind, et. al, 2021).

A violência física a partir de um exercício extenuante “justificado” por uma performance considerada ruim e/ou uma derrota, “[...] muitas vezes, é perpetrada por indivíduos em posições de poder e confiança, como treinadores/as e membros do grupo de apoio ao atleta [...]” (Mountjoy, et. al., 2016, p. 1021) e pode ser mascarada como um “recurso” para melhora da equipe. Portanto, é importante tanto que as atletas reconheçam essa violência quando/se acontecer e que a comissão técnica também se conscientize de que esse tipo de proposição não é saudável para o seu grupo.

Sem esquecermos que lidamos a todo momento com uma relação patriarcal e desigual durante todas as violências narradas e descritas pelas atletas, se faz necessário salientarmos que, além da definição descrita na introdução desse capítulo, há uma definição para a **violência de gênero e/ou violência baseada no gênero**

⁹⁹ O relatório foi realizado com atletas de alto rendimento, objetivava compreender as suas experiências durante a infância no esporte e está disponível online: <https://worldplayerscare.co/>. Acesso em: 23 nov, 2023.

que considera que ela “é a violência direcionada contra uma pessoa devido ao seu gênero (incluindo identidade/expressão de gênero) ou à violência que afeta desproporcionalmente pessoas de um determinado gênero” (Lang et. al., 2023, p. 59, grifos e tradução nossa). Essa conceituação converge com outros documentos oficiais de cursos de prevenção ao abuso e assédio, por exemplo; está prevista no nosso documento de apoio e culminou para que essa violência se tornasse uma categoria de análise.

A atleta A4, quando questionada se já tinha se sentido humilhada por um treinador por ser mulher, ela relata que um treinador “[...] *fazia umas piadinhas, acho que ele nem percebia, mas que tinha um tonzinho ali meio machista [...]*” (A4). Correlacionamos a fala da atleta A4 acima mencionada com as violências verbais vivenciadas por treinadoras ao longo dos cursos de formação promovidos pela CBF Academy (Guimarães; Barreira; Galatti, 2023). As pesquisadoras discorrem acerca dessas microagressões proferidas pelos instrutores do cursos, sendo por vezes, disfarçadas por piadas. Além disso, revelam os receios das treinadoras em expor as violências e serem prejudicadas profissionalmente. Neste sentido, as estudiosas reforçam a necessidade de conscientização dos professores no que concerne às questões de gênero, culminando no “[...] distanciamento de piadas e comentários que reflitam as situações desiguais de poder [...]” (Guimarães; Barreira; Galatti, 2023, p. 10) e refletindo em um lugar mais seguro e confortável para elas.

Dito isso, refletimos, se os próprios professores dos cursos de formação de treinadores/as da modalidade fazem comentários e piadas machistas em suas aulas com suas alunas presentes, ao levarmos em consideração que os que estão lecionando são exemplos e formadores de opinião, o mais natural é que os alunos reproduzam essas falas com suas atletas. Portanto, um ambiente de formação que é propício para a desconstrução de estereótipos nocivos de gênero, haja vista que forma treinadores/as para atuarem tanto no futebol de homens, como no de mulheres, produz e reproduz pensamentos machistas, preconceituosos e violentos.

Vivenciando de uma outra maneira, a A1 revelou ter se sentido humilhada por um treinador por ser mulher:

“Eu me senti assim só com o T5, né? Porque era essa coisa ele: ‘Ah, nossa, A1 joga muito, que não sei o quê, [...], fazia mil elogios, mas aí na hora da competição, quase que não colocava, só deixava os meninos jogarem, não era uma pessoa que achava que devia ter futsal feminino ou futebol society, né, no Clube.... A única pessoa é ele.” (A1)

E, quando questionada para descrever as relações com seus/suas treinadores/as, completa:

“[...] T5, ele sempre foi um cara muito machista, assim, eu lembro que eu comecei até treinar lá no Clube não por ele querer me dar treino, não por ele querer inserir mulheres no time dele, né? Que aí comecei a treinar só com homens e fiquei treinando só com homens lá no Clube. [...] então ele nunca foi uma pessoa que dava muita atenção para mim, tipo assim, largar lá, deixava rolar um negócio não era uma coisa muito. ‘Ah, quero colocar meninas no meu time, né?’” (A1)

A atleta diz que: *“não tinha esse apego do T5 porque eu me sentia excluída. ‘Ah, tipo assim, só porque eu sou mulher, eu não posso aprender, eu não posso jogar da mesma forma que os meninos.’” (A1)*. Depois de tudo que fora abordado no trabalho sabemos que a mulher no futebol/futsal era e ainda é encarada com preconceitos e desconfianças. Isso se torna ainda mais problemático quando uma criança, que só quer se divertir e jogar bola, se sente excluída por um profissional que ela inclusive diz que admirava. Essas atitudes do treinador para com a atleta quando criança também podem configurar uma violência psicológica, haja vista o sentimento de exclusão descrito por ela.

De acordo com as informações elucidadas por Margo Mountjoy e colaboradores/as (2016, p. 1023), “o relacionamento treinador/a-atleta tem sido o foco de diversos estudos sobre abuso, com muitos casos envolvendo atletas crianças ou adolescentes” e que a violência psicológica perpetuada dessa relação tem prevalecido como objeto de estudo das pesquisas acadêmicas em níveis mundiais.

Os prejuízos pessoais da violência (não acidental) aos atletas podem ser a longo prazo e extremamente prejudiciais. O impacto de tais experiências pode se expandir e afetar familiares, amigos/as, companheiros/s de equipe e podem persistir por muito tempo mesmo depois do/a atleta deixar o esporte. A violência (não acidental) no esporte também pode ter graves efeitos negativos na saúde física, social e psicológica dos atletas. (Mountjoy, et. al. 2016, p. 1023, tradução nossa)

Já destacamos que a falta de letramento em violência do esporte pode impactar as percepções das atletas acerca das violências experienciadas por elas e as complexas teias de poder (Foucault, 2022) imbricadas na relação entre treinadores/as e atletas. Além disso, conforme constatamos durante as análises, algumas dessas violências, como é o caso do assédio moral e das violências de gênero, podem ser condutas naturalizadas e suas manifestações podem ser cíclicas, ou seja, podem combinar atitudes mais “tranquilas” e posteriormente, “[...] episódios

mais agressivos sempre no sentido de ir forçando os limites do que é aceitável ou apropriado (Cotta, 2022, recurso *online*), dificultando ainda mais a percepção das violências por parte das atletas.

Nos atentando também para a minha experiência no universo do futsal/futebol de mulheres, estendemos as possíveis falhas no reconhecimento de violências no esporte também para os profissionais atuantes na área, sejam treinadores/as, membros da comissão técnica e/ou gestores/as. Por vezes, não reconhecemos (e estou escrevendo também como treinadora neste momento) as violências que protagonizamos e que os/as nossos/as companheiros/as de equipe e de profissão perpetuam, seja por um desconhecimento de suas definições ou por uma naturalização de comportamentos.

Em uma breve interlocução com Howard Becker (2008), consideramos que dentro da esfera esportiva do futsal/futebol ainda protagonizada principalmente por homens, há uma subcultura que “justifica” comportamentos desviantes, ou seja, comportamentos violentos tais como gritos, cobranças excessivas, xingamentos, punições físicas entre outras violências destacadas pelas nossas atletas e congruentes com a literatura. E, por muitos momentos, essas atitudes são mascaradas pela incessante busca por uma vitória a qualquer custo; pelos valores estritamente hierárquicos que não reconhecem as atletas como protagonistas e não as permitem expressar suas opiniões e sentimentos; e pelo patriarcalismo que segue regendo as relações de poder que se estabelecem entre treinadores/as e atletas.

Creio que tenha sido o antropólogo Howard Becker que disse, certa vez, que as mudanças sociais eram visíveis e evidentes, mas que o que o interessava era justamente o que não se modificava em meio a tantas modificações. Gostaria de aplicar o mesmo raciocínio ao futebol. É fácil observar o quanto o futebol mudou [...], porém, é importante estarmos atentos ao que não mudou em meio a tantas transformações. O que permanece igual ou muito semelhante poderia estar revelando a ‘essência’ do esporte. (Helal, 2021, p. 48)

Recusamo-nos a dizer que há, no singular, uma só essência no esporte porque sabemos e acreditamos em suas virtudes; mas é inevitável não dissermos que os ideais patriarcais, hierárquicos, violentos e opressores seguem sendo perpetuados em campos e quadras de todo o nosso país.

4.3 A última cartada – Lapsos de esperança

Mais um tempo pedido e alguns minutos restantes para o final do jogo. Peço para que elas respirem fundo, diminuam a ansiedade na hora de finalizar ao gol. Conseguimos nos recompôr após o outro gol sofrido e, no estouro do relógio, marcamos mais um gol.

Experenciar uma violência, seja ela qual for, pode marcar profundamente a trajetória de uma pessoa de diversas maneiras. Consideramos como **traumas** aqueles impactos que foram ocasionados por violências no passado, como por exemplo, os próximos dois depoimentos de A1 e A3:

“Bárbara, eu olho para o T5, para o T5 hoje e viro a cara. Para você ter noção, tipo assim, ele foi uma pessoa que eu até... Vamos falar que eu admirava de certa forma, né? Ele era o meu professor ali, mas aí depois de um tempo, aí agora na fase adulta que eu vejo o profissional que ele é, vejo o que ele fazia, eu tenho aquela coisa assim, aquele ranço dele, não, não quero ter contato. Às vezes eu até cumprimento por educação porque as famílias se conhecem e tal, mas não é uma pessoa que eu indicaria alguém a ter como professor, assim né? Pelo menos, não mulheres. Eu vejo algumas meninas ainda treinando o futsal, treinando o society lá no Clube e se eu pudesse falaria: ‘po, vai para outro lugar porque tem lugares muito melhores para você estar a não ser aqui’, porque ainda tem esse negócio de ser treino só com os meninos e o T5 não é uma pessoa que acredita tanto no futebol feminino, no futsal feminino, hoje em dia, né?” (A1)

“No ensino médio a minha relação com meu treinador não era boa. E, por ele, eu quis fazer Educação Física e quis mudar o jeito dele tratar a relação que ele tinha com as suas atletas porque ele era muito arrogante, não sabia conversar com as meninas. E, por esse objetivo, eu falei: ‘não, eu vou fazer Educação Física e vou mostrar que não é assim trata uma atleta’ [...] E aí a gente foi campeão do JEMG, a gente virou o jogo para três a um e naquele dia eu falei assim: ‘Não, senão der certo com o futsal, eu vou ser treinadora para não ter esse... Essa postura dentro de quadra’. Isso não traz a atleta para você, só afasta as meninas e, não sou só eu que tenho esse trauma. Acho que todas as meninas que jogaram comigo aquela época tem, esse receio com esse treinador.” (A3)

No primeiro (A1) a violência sofrida só foi compreendida anos depois, com o processo de amadurecimento e conscientização da atleta. A partir dessa compreensão, ela opta por não ter mais contato com esse treinador e por não o indicar enquanto profissional para outras meninas e mulheres que almejam praticar o futsal/futebol. No segundo depoimento (A3), a atleta já demonstra uma reação imediata à violência experienciada e uma tentativa de transformação da realidade social quando começou a ocupar, também, o cargo de treinadora.

A atleta A3 passou por não só uma, mas várias experiências traumáticas com o treinador referenciado e por conta disso, mencionada que decidiu cursar Educação

Física, quebrar um ciclo que poderia ser vicioso e tratar suas atletas de maneira oposta a que fora tratada. Durante a faculdade, além da inserção em um outro ambiente, com companheiras de equipe, a atleta deixa evidente que o seu treinador durante o período de graduação contribuiu muito para que ela almejasse estar nas beiradas das quadras e fazer a diferença que pretendia quando mais jovem:

“Eu acho mais o treinador da faculdade que foi um dos caras que fizeram eu dar o pontapé para querer mesmo estudar o futsal, querer desenvolver melhor. E ajudar, né, no desenvolvimento da modalidade em si para as meninas. Que ele foi uma referência em si. Acho que esse é o maior relato. Eu agradeço ele para caramba, que fez eu mudar minha cabeça, não só ele, mas várias pessoas do time. Eu assumi pensando que: ‘ah, não, é fácil dar treino, né?’. E aí quando você entra e você fala assim: ‘meu Deus! Não é! É totalmente diferente e se eu não mudar agora, eu vou ser igual o meu antigo treinador do Ensino Médio. Não vou conseguir passar o que eu quero passar para as meninas’.” (A3)

Além dela, outras duas atletas nos contaram que os/as seus/suas treinadores/as foram **inspirações profissionais** para que ou cursassem a faculdade de Educação Física, ou evoluíssem na área, se espelhando nos exemplos positivos que avistavam nas beiradas de quadras:

“No início o T1 já estava quase formando, então era uma... Eu enxergava o T1 enquanto uma pessoa que eu gostaria de ser em algum momento assim, profissional, é... muito inteligente, sabia muito... Quando eu entrei na faculdade, eu tinha a vontade de trabalhar com o esporte. Então eu me vi ali, tipo um espelho, né? ‘O T1 é foda, eu quero ser igual ele e tal’. A T4 é a mesma coisa. Sempre foi uma mulher muito inteligente, então sempre via a T4 como um ponto positivo assim, de conhecê-la, de falar: ‘Quero ser também inteligente igual ela’.” (A1)

“O eu ser treinadora hoje em dia vem muito de não só dos treinadores, mas de todos os professores de Educação Física que eu tive. [...] E aí depois com o da escolinha, ele talvez tenha me incentivado a ser uma profissional da Educação Física hoje em dia, né, por conviver tanto com ele. Meu olho sempre brilhou para a Educação Física, desde pequenininha, não tinha dúvidas do que faria. Em algum momento eu faria Educação Física... Todos, todos, assim, no ensino médio, os professores de Educação Física que eu tive também foram incríveis, né? E ali como eu já estava na questão do vestibular, né? Às vezes, a pessoa falar: ‘pô, Educação Física.’ E aí eles vinham com essa outra visão: ‘pô, Educação Física é incrível, você vai gostar, né?’ Alguns falavam: ‘ah, a questão financeira não vai te ajudar não, né?’ Mas aí eu via eles e falava: ‘pô, olha o que que esses caras são, o que que eu não posso ser, né?’ E assim todos os treinadores e professores, todos eles de alguma forma... Por isso que eu sou muito grata por ter todos eles assim na minha vida, tanto os que já passaram, tanto os que estão agora. Todos eles me trazem esta... O ser melhor na

profissão, sabe? Eu posso pegar exemplos de cada um e construir o meu assim. Acho que isso vai até para carta. Todos eles me auxiliaram de alguma forma e auxiliam até hoje.” (A2)

Os/as professores da Educação Física escolar de A2 foram essenciais para que ela desejasse cursar a faculdade, seguir na profissão e agora, já como companheiros/as de profissão, compartilhasse as beiradas de quadra/campos com ela. De maneira muito particular, a história narrada pela A2 é bem parecida com a minha e a professor Samir. Ele fora meu primeiro professor de Educação Física na escola, meu primeiro treinador de futsal no desporto escolar e no futsal amador. Ele foi minha maior inspiração para que eu me tornasse professora de Educação Física e sempre disse que eu gostaria de provocar os mesmos sentimentos nos/nas meus/minhas alunos/as que ele conseguiu provocar em mim. Quando me formei na graduação, no meu baile de gala da formatura, além do meu pai, irmão e avós, foi ele quem dançou a valsa comigo e, uma das minhas memórias mais vívidas depois de formada foi retornar, mesmo que por um dia, para dar um treino no “Galera 10”, escolinha que ele comanda, que me iniciou no futsal e que segue sendo um sucesso na minha cidade natal até hoje.

“Desde a lá do prézinho, que era uma mulher, hoje eu vejo a coragem que ela teve de chegar nos meus pais e falar: ‘Olha essa menina tem que ir para uma escolinha de futebol’ e naquela época não era tão comum assim ver meninas jogando futebol, e ela teve a coragem de chegar nos meus pais e falar: ‘olha, vocês têm que colocar. Essa menina é muito, muito capaz de ser uma jogadora. Coloca ela!’ (A2)

Além de toda a inspiração profissional que elas mencionaram, há um sentimento de **admiração** pelo trabalho realizado que é latente nos discursos das atletas, como pode ser observado em: *“então eu busco ouvir, busco pegar tudo que eu posso dele porque eles são referência para mim. [...] Principalmente o T11 e o T18.” (A6).*

“Ele é referência assim para mim até hoje. A gente conversa, né? Mas ele não está aqui, mas que ele sempre vai ser minha referência, eu tenho certeza que se eu mandar uma mensagem no WhatsApp para ele e falar assim: ‘ou, estou com uma dúvida gigantesca’, ele vai estar ali querendo me ajudar. Ele foi o marcante.” (A3)

“T2 foi um dos melhores treinadores que eu tive até hoje, até pela parte de conhecimento geral que ele tem no futsal, né? [...] Também como admiração, tipo assim, como colegas, né, de profissão. [...] o T2 e a T3, muita admiração por eles correrem atrás de uma coisa que é muito difícil da gente ganhar né? Dinheiro... Se você pensar assim, ‘eu vou trabalhar com esporte em Juiz de Fora’. (A1)

Uma das falas mais recorrentes de nossas participantes dizem respeito a **relação de amizade** que ou foram construídas a partir da relação treinador/a- atleta, ou foram maximizadas pela convivência também nas quatro linhas:

“As memórias, igual eu falei, eu tenho muito mais da faculdade, né? [...] Sempre foram técnicos também amigos, então facilita essa relação de treinador e atleta.” (A1)

“É uma amizade construída com todos, né? [...] Com a faculdade era uma relação de amigos mesmo, né? É que você podia contar o que você estava passando. [...] Assim, ambas muito próximas, mas de formas diferentes, né? Antes, com influência dos meus pais porque eles eram amigos, né, e tal. E aí acabava que eu ficava junto e aí na faculdade e nos clubes depois que eu fiquei mais velha e tal, é uma relação de amizade minha mesmo, que eu me sentia à vontade de ter amizade com essas pessoas.” (A2)

“É uma relação muito boa. Eu sou amiga da minha treinadora, então assim, é uma relação que é extra, extra quadra. E é bem assim, harmônica mesmo. Tem o respeito dentro de quadra, mas é um respeito mútuo. Então é uma relação bem tranquila. É, também, eu acho que assim, tem que saber separar... São momentos e momentos. Dentro de quadra eu vejo ela como minha treinadora, mas fora dali eu sou amiga dela. Não vejo, assim como eu vejo os outros treinadores que são apenas isso. Então, é uma relação bem tranquila.” (A5)

“Todas eu tenho um bom relacionamento. O T11 hoje eu considero um amigo, né? Tantos anos junto com ele, então... Todos eu tenho uma boa relação. Nenhum deles eu tenho algum obstáculo. Mas o T11, especificamente, eu considero ele como um amigo mesmo.” (A6)

Elas fazem referência, principalmente, ao período de prática da modalidade durante a faculdade, ou seja, no desporto universitário (com exceção de A6). Essa característica de companheirismo pode ser estudada partindo do princípio de que o desporto universitário tem um viés competitivo, mas também um viés de participação e integração da comunidade acadêmica, o que pode propiciar um ambiente mais leve para treinadores/as e atletas.

Uma outra informação relevante acerca do grupo estudado é que, pela narrativa delas, seus/suas treinadores/as durante a graduação também estavam em formação e na mesma instituição de ensino superior. Então, podemos considerar a provável equiparação geracional; a inserção de treinadores/as e atletas no mesmo ambiente educacional; e a possibilidade de troca de conhecimentos e aprendizados acerca dos conteúdos pertinentes à Educação Física e ao futsal.

Quando mais novas, assim como os relatos descritos no meu trabalho de conclusão de curso (Pires, 2018), elas também criam vínculos familiares com eles/as, principalmente quando os treinadores são homens assumem a figura de pai:

“Esse primeiro treinador meu, é, ele assim foi como um pai para mim, não é? Porque eu entrei muito pequenininha na escolinha dele, então ele tinha uma relação com a minha família muito próxima, né? [...] Mas assim é uma pessoa que eu tenho um carinho enorme até hoje, ele frequenta aqui em casa, é como se fosse um pai mesmo, sabe?” (A2)

Além das relações afetivas, a maioria das atletas fez questão de ressaltar, por diversas vezes, **os aprendizados** que tiveram com seus/suas treinadores/as: *“tanto é que eu aprendi muita coisa ali com o T1. Eu virei outra pessoa enquanto atleta depois de conhecer o T1”.* (A1)

“E hoje eu vejo que ele foi uma pessoa que me ensinou não só naquele momento, mas hoje em dia eu levo coisas que eu aprendi com ele assim para vida, para eu não fazer com os meus alunos, né? Talvez uma coisa que ele fazia eu não concorde, hoje em dia, mas muitas coisas que ele faz, ele fez, né? Na época e hoje em dia eu falo: ‘pô, realmente né, cara? Como é que pode?’” (A2)

“E aí depois quando eu comecei a estudar também o futsal foi que eu evolui mais ainda, eu consegui... Antes eu conseguia ver só na prática e aí com... Estudando, tendo feedback do treinador e colocando na prática, eu conseguia ver a prática e a teoria em relação a prática. Então foi crescente! Hoje em dia eu só bato pelada, eu vejo que a minha cabeça é totalmente diferente jogando, então foi muito da ajuda do treinador, de colocar isso na minha cabeça mostrando: ‘ó, você pode fazer os dois’. Então isso fez, eu falo que na faculdade foi um momento que eu mais evolui, em si, como jogadora em si.” (A3)

“Eu acho que muito grandes [impactos] porque eles, né, cada um que passou na minha vida, mesmo que seja por um curto espaço de tempo ou até mesmo longo, eles ajudaram na construção do que eu sou hoje como, não sei, como uma pessoa que joga bola, como atleta, enfim. Não sei. Mas como pessoa que gosta de jogar futebol. De uma maneira ou outra, eles ajudaram a construir meu conhecimento sobre futebol ou naquela época me acolheram, me trataram bem, me fizeram me divertir ali dentro do espaço que eu tava.” (A4)

“Então eu levo que principalmente o T11, a maioria das coisas que eu aprendi hoje como goleira, eu aprendi com ele, então assim, tudo meu, tudo que eu desenvolvi foi por conta deles, então o impacto para mim é absurdo porque o meu desenvolvimento nesse tempo todo, é... Enorme!” (A6)

E, de maneira mais **abrangente**, as atletas discorreram acerca dos efeitos e impactos que os/as treinadores/as proporcionaram em suas vidas.

“É só coisa boa para falar, só teve impactos muito positivos na minha vida, enquanto pessoas também. Foram quatro pessoas que passaram assim, que com certeza, não vou esquecer. Po, o T1 foi em 2014 que a gente entrou, que eu entrei na faculdade, foi que eu comecei a ter treino com ele e não esqueço o nome dele de jeito nenhum até hoje, então é uma coisa que tem um impacto, já tem hoje para fazer nove anos, tiveram pessoas da minha turma que eu não lembro o nome de nenhum deles e é um nome que eu lembro, que vai estar sempre guardado.” (A1)

“Ah, eu acho que com todos eles eu tenho algum momento que me marcou muito, né? É, talvez pequeno, algum gesto pequeno, acho que ao longo da entrevista, a gente já trouxe muito isso. Todos eles me marcaram de alguma forma positiva. [...] Todos eles eu tenho uma relação muito boa, sabe? Com todos. Desde os times que eu já joguei e que eu jogo hoje, todos os treinadores assim, são pessoas muito próximas a mim, que a gente pode conversar tranquilamente assim... É uma coisa que eu quero ter assim, independente, do time que eu esteja, do treinador que seja, é poder conversar com o treinador, é poder ter uma relação saudável com ele, sabe? Não aquela de picuinha, ficar: ‘ah, fez isso, mas eu não fazia’. Sabe? É mais de: ‘ah, ele fez isso. Tá, legal. Mas eu não fazia, mas, talvez, né?’. Mas entender o lado deles, que é tão difícil também.” (A2)

A conversa com essas atletas nos mostra que as experiências registradas em seus corpos durante a infância, adolescência ou já na idade adulta constroem memórias, que por diversas razões pessoais podem ser caracterizadas como positivas ou negativas. A última pergunta do roteiro pretendeu oferecer um momento de catarse, de desabafo e de rememorar situações que já fazem parte de suas vidas e que, por motivos outros, podem não ter sido externalizadas ou não foram ouvidas/lidas.

A pergunta aberta permitia uma fala instantânea ou um envio de uma carta, por escrito posteriormente. Nem uma delas enviou algo por escrito, mas destacamos dois relatos que, apesar das atletas terem sido vítimas de diversas violências, com muita coragem e resiliência ocupam hoje funções de treinadoras na cidade e nos narraram experiências positivas acerca da relação interpessoal com seu treinador (A3) e sua treinadora (A5).

“Falaria para ele que ele foi um dos caras que me fez desenvolver como pessoa, como atleta e como treinadora. Que se não fosse ele ali dando um feedback a mais, colocando uma dúvida na minha cabeça, eu poderia nem ter chegado aonde eu estou agora como treinadora em si. Então ele foi muito importante para esse meu desenvolvimento na faculdade, como pessoa e como atleta e como treinadora, então eu agradeço muito ele” (A3)

“É, eu acho que seria para a minha única treinadora mulher mesmo, tipo. Não seria uma carta negativa, seria uma carta mesmo para agradecer porque eu acho que dentre todos os treinadores que eu tive, tipo, a maneira dela trabalhar e a forma dela lidar comigo e com as outras meninas foi a melhor assim, disparado. Não só tecnicamente ou taticamente, mas assim, no extra quadra mesmo, tipo, cuidar do lado psicológico das atletas, de incentivar as atletas dela. Então eu acho que a minha carta seria de agradecimento mesmo” (A5)

Ressaltando a importância dessas relações interpessoais, a atleta A3 é, atualmente, a treinadora de A5. Finalizaremos as nossas análises deixando o depoimento de A3, que por obra do destino ou acaso, também é T3 nesse trabalho que, no último momento da entrevista, nos demonstrou razões para tantos elogios proferidos por suas atletas e evidenciou que conseguiu quebrar o ciclo de violências que sofreu quando mais jovem.

“O tema é muito relevante porque cara, se você entendeu que sua atleta está pensando, você pode ajudar ela. Não só ela, mas você mesmo, do jeito que você trata a pessoa, ou porque cada pessoa é diferente, né? E se a gente não souber disso, que uma vai gostar de por exemplo, um feedback mais duro ali, e a outra não, você vai tratar as duas iguais, uma pode evoluir, a outra não. E o seu papel como treinador é o quê? Fazer a evolução de todas que estão na sua mão. Eu acho que a gente entender um pouco mais a cabeça da atleta ajuda no desenvolvimento não só da atleta, mas também do seu treino, da sua visão como treinador.” (A3)

5 CONVERSA FINAL

Finalizamos o jogo com derrota, mas contra um adversário duríssimo: o patriarcado. Nos sentamos em roda para nossa recorrente conversa ao final do jogo.

O ano era 2018 e eu, graduanda em Educação Física, sob orientação da professora Ludmila, almejando compreender como as atletas selecionadas para representar Juiz de Fora em uma competição estadual se desenvolveram na modalidade, elaborei o TCC intitulado “Como elas chegaram até aqui?": As trajetórias esportivas de mulheres atletas de futsal”.

Nas entrevistas realizadas com as oito participantes desse trabalho, as questionamos acerca das suas relações interpessoais com seus/suas treinadores/as, e considerando minhas vivências já descritas nesta dissertação no que concerne as relações positivas que construí com meus treinadores, em especial com o Samir, de maneira ingênua, não esperávamos ou sequer imaginávamos escutar graves relatos de violências em suas respostas. Consternadas, abordamos a temática, mas não havia espaço, tempo ou maturidade para analisá-las de maneira apropriada naquele momento.

O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente. (Velho, 1978, p. 126).

Imersa nesse ambiente do futsal de mulheres, meu objeto de estudo me é/era familiar, porém, nesse momento, também o percebi exótico e desconhecido. Depois da sugestão da professora Ayra, participante da banca de defesa do trabalho, para que tematizássemos os abusos e assédios experienciados por atletas no futsal de mulheres, iniciamos as conversas para a produção deste estudo. E esse foi desafiante para mim em todas as suas etapas, afinal, são as modalidades que amo e são, por diversas vezes, utilizadas como subterfúgio para que pessoas ajam de formas violentas e criminosas.

Já fechei meus olhos para “o lado sujo do futebol”¹⁰⁰ e do futsal muitas vezes, mas quando comecei a me deparar com as recorrentes violências vivenciadas por

¹⁰⁰ Referência ao livro de Amaury Ribeiro Jr e colaboradores (2014) cuja temática são os casos de propinas e corrupções no mundo do futebol de homens. A referência se justifica porque ganhei o livro de presente da minha mãe quando mais nova e com medo, confesso, de me decepcionar profundamente e de maneira irreversível com o esporte que mais amo, nunca o li.

mulheres atletas na modalidade e que são protagonizadas por profissionais que deveriam prezar pelo bem-estar e desenvolvimento delas (treinadores/as, gestores/as e demais membros das comissões técnicas), não há mais qualquer possibilidade de não me colocar ao lado delas nessa luta que vai para além das quatro linhas justamente porque acredito que

A afirmação do papel social do futebol é extremamente importante para o jogo se reencontrar e reinventar. A essência do jogo continua intacta, apesar das múltiplas camadas sociais que foram sendo adicionadas ao futebol ao longo do tempo. Nesse sentido cabe aos dirigentes, jogadores e adeptos a responsabilidade de se emancipar de todos os constrangimentos que suscitam enviesamentos na prática futebolística e desenvolver um futebol de alta competição assente em valores éticos democráticos e de verdade desportiva, de respeito social por todas as culturas, religiões gênero, orientações sexuais, num contexto de desenvolvimento ambiental sustentado, e recusando todas as formas de violência, discriminação, racismo, radicalismo, corrupção e viciação da verdade desportiva. (Nolasco, 2023, p. 44)

Dito isso, percorrendo os caminhos que foram sendo trilhados e desbravados por nós durante os anos de pesquisa, nos inquietamos cada vez mais com as formas de violências que nos foram sendo narradas e com a falta dessa literatura específica no Brasil. Nesse sentido, urgiu a necessidade de tipificar, exemplificar, elucidar e demonstrar que essas situações violentas, por mais que possam ser silenciadas e/ou subnotificadas, estão presentes não só nos discursos das atletas, mas também no meu dia a dia enquanto treinadora e na minha história de vida. Assim sendo, as discussões apresentadas por este trabalho foram construídas concomitantemente a nossa imersão racional e emocional na temática.

Percebemos, portanto, que as relações interpessoais entre treinadores/as e atletas no futsal de mulheres é construída em meio a complexidades sociais que giram em torno de uma cultura esportiva pautada no patriarcalismo, que se estabelecem perante as inerentes relações de poder e que proporcionam diversos impactos, sejam negativos e/ou positivos, na vida dessas atletas.

Além de todos os objetivos previamente delimitados, particularmente como pesquisadora e treinadora, muito me interessava ouvir as atletas participantes, suscitar o debate acerca das relações de poder que permeiam essa interação e provocar inquietações na comunidade acadêmica e do futebol/futsal no que concerne à responsabilidade da construção de uma relação interpessoal saudável entre treinador/a e atleta, e certamente, focalizar no combate às violências nos esportes.

Originalmente proferida pelo cineasta argentino Fernando Birri, mas ganhando popularidade com o filósofo uruguaio Eduardo Galeano em “As Palavras Andantes”:

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar (Souza Júnior; Carvalho; Prado, 2023, p. 16).

Estar, vivenciar, acompanhar e amar o futsal/futebol de mulheres é experimentar diariamente essa sensação de “dois passos para frente, dez para trás” como Galeano descreve, mas “a singularidade do futebol de mulheres esgarça os nossos horizontes, possibilitando olhares que atentem à multiplicidade de futebóis e à necessidade de ampliação da polifonia” (Kessler, 2023, p. 218) e na potencialidade que nós, mulheres, temos em contribuir para “[...] superação dos operadores de opressão do futebol moderno tais como a misoginia, o racismo, o elitismo, o patriarcado, o capitalismo, o capacitismo, a LGBTQIA+fobia etc” (Souza Júnior; Carvalho; Prado, 2023, p. 16). Sem colocar o peso de “alcançar a paz mundial” sobre nossas costas, mas, na certeza de que, podemos ensinar muitas coisas para o mundo, e para o futebol/futsal de homens, “apenas” sendo as modalidades das mulheres que subvertem as normas sociais, acolhem corpos com sexualidades e identidades desviantes, não se calam perante as narrativas da construção de alguns heróis e tem força para transfigurá-los em vilões, demonstrando que “apesar de diversas tentativas de dominação e apropriação do jogo, seja de forma da manifestação do poder, da opressão ou da mercantilização, o jogo ainda pode ser um espaço de reivindicação, de empoderamento e de desenvolvimento social” (Carvalho; Prado, 2023, p. 180).

Corroboramos com Ronaldo Helal (2021, p. 15) quando ele diz que é: “[...] a favor de que os saberes oriundos do meio acadêmico deveriam ser compartilhados com um público mais amplo, para além dos muros universitários”, portanto esta pesquisa (e as demais que surgirão com os dados coletados) tem potencial para dialogar e impactar entidades esportivas, treinadores/as, atletas, gestoras/es e demais instituições e pessoas envolvidas com a gestão e o ensino do esporte de mulheres. Sua dimensão política pode, assim, potencializar positivamente essas relações e, por consequência, possibilitar avanços no desenvolvimento humano, maximizar as oportunidades de oferecer um esporte positivo para mulheres, além de minimizar e conscientizar treinadores/as sobre os impactos de relações abusivas entre eles/as.

Os danos causados pelo assédio e abuso ainda representam um ponto cego para muitas organizações esportivas, seja por medo de danos à reputação ou por ignorância, silêncio e conluio. Pesquisas sobre abuso e assédio fora do esporte sugerem que as agências esportivas não podem ser complacentes em relação a isso: não há motivo para supor que o esporte esteja isento dos males da sociedade em geral. (Mountjoy, et. al., 2016, p. 1019)

Considerando que “todas as formas de assédio e abuso violam os direitos humanos e podem constituir um crime, [...] existe um dever legal e moral de cuidado para aqueles/as que organizam o esporte, para garantir que os riscos de violência (não acidental) sejam identificados e mitigados” (Mountjoy, et. al., 2016, p.) e nosso objetivo social foi criar um documento que demarque nossa posição de luta contra esse tipo de prática violenta em todos os ambientes, principalmente, no esporte. E de causar alarde na comunidade acadêmica para que se investigue mais essas relações que se mostraram tão caras para as atletas; almejando atingir às entidades esportivas para que se desenvolva mais mecanismos de proteção e prevenção, além de canais de ouvidoria especializada para denúncias; e, principalmente, esperamos que ele possa ser subsídio para fomentar as discussões com treinadores/as de futsal do Brasil sobre a importância de se preparar, preocupar e estudar a temática.

Pensar, problematizar e refletir as relações construídas entre treinadores/as e atletas e tematizar os casos das violências no futsal e futebol de mulheres enquanto um dos – infelizes – desdobramentos dessa relação não é fácil e muito menos confortável para uma pesquisadora que também ocupa a função de treinadora. Além de uma revisão diária acerca de todas as minhas ações, sei que posso esbarrar com o conservadorismo e machismo de muitos/as treinadores/as nessa minha jornada acadêmica e profissional. Mas, a “nossa produção discursiva não passa também de um risco, e ainda que seja arriscado dizer, haveremos de seguir. [...] A paralisia não é uma boa opção” (Damo, 2023, p. 165). Dessa forma, estamos novamente com Ronaldo Helal (2021, p. 119), ao dedicar uma parte do seu livro às mulheres no futebol, e dizer que:

Certamente ainda falta muito nessa caminhada de conquistas das mulheres no universo do futebol, mas uma parte do caminho já foi percorrida. É fundamental que mais vozes do meio acadêmico, da imprensa e da sociedade se manifestem sobre o tema. E aqui lembro de uma frase atribuída a Martin Luther King, que possui, a meu ver, um valor ímpar: ‘O que me preocupa não é o grito dos maus, mas o silêncio dos bons.’ Não fiquemos em silêncio. O mal faz mais barulho e, por isso, temos a sensação de que é maioria.

Dessa forma, alguns desses desafios se transformaram em barreiras transpostas; outros, porém, efetivamente nos limitaram. Como pesquisadora em formação, esses entreves se transformaram em grandíssimos aprendizados e por isso, serão descritos detalhadamente a seguir.

5.1 Limitações táticas e estratégicas

Com bastante sinceridade, explanamos quais foram as nossas dificuldades durante a partida.

Questionar se alguém já experienciou alguma situação de violência não é tarefa fácil ou agradável; bem como, discorrer sobre violências vivenciadas pode ser ainda mais delicado e desconfortável. Nossas estruturas patriarcais ditam as normas sociais e culminam em denúncias que não são verdadeiramente investigadas; vítimas que são questionadas, julgadas, e por diversas vezes, silenciadas. Desse modo, consideramos que há uma dificuldade inerente em dialogar sobre a temática e ainda há um tabu para falar sobre abusos e assédios, principalmente os sexuais.

Diante desse silenciamento, por elencarmos abusos e assédios como temas centrais desse trabalho, acreditamos que suas presenças no roteiro de entrevista terem sido explicitadas desde os convites para participação podem ter diminuído o número de atletas voluntárias. Dito isso, reconhecemos que uma importante limitação foi a nossa escolha metodológica de iniciarmos a coleta de dados já com as entrevistas semiestruturadas, ou seja, com as atletas participantes sendo indagadas, diretamente, a falar sobre suas relações interpessoais com seus/suas treinadores/as e principalmente, no que diz respeito as possíveis situações de violência sexual.

Eu não faço mais parte do cenário juiz-forano de futsal de mulheres e não atuo mais como treinadora ou atleta na cidade desde 2019, desse modo, não estou mais inserida nos ambientes de treinamentos e competições da cidade e não convivo mais com a maioria das atletas e treinadores/as. Por um lado, consideramos que esse afastamento, mesmo que recente, pode ter sido importante para que, em virtude da delicadeza da temática, fosse possível observar a realidade social “de fora” e “por meio das lentes das participantes”; sem colocar em risco a validade da pesquisa por conviver com treinadores/as e atletas locais, além de evitar constrangimento, ou retaliações às elas.

Por mais que eu não esteja mais participando do contexto apresentado, convivi dentro e fora das quatro linhas durante anos, e como já descrito anteriormente, há familiaridade com as participantes que aceitaram contribuir com nossa pesquisa e existe, também, familiaridade com treinadores/as da região. Alguns/algumas deles/as, inclusive, ao observarem que minha pesquisa estava em andamento e que eu estava precisando de contribuintes para participar, objetivando me ajudar, divulgaram o estudo nos grupos de suas equipes. Porém, todas as atletas que fizeram parte da pesquisa foram convidadas diretamente por mim, não configurando assim algum tipo de viés.

Observamos, então, que esse meu distanciamento do campo de pesquisa fora necessário, mas, vide outra forma, ele também pode ter dificultado a participação das atletas no estudo por não me reconhecerem como semelhante, mas sim como alguém estranha e não pertencente. Assim sendo, é possível que elas não tenham se sentido seguras para abordarem de maneira direta as suas vivências, sejam elas experiências violentas ou não.

Outra limitação observada foi a possibilidade de atletas que foram vítimas de abusos e assédios de treinadores/as não terem se sentido confortáveis para discorrerem sobre suas indesejáveis experiências, como podemos citar o exemplo da recusa de uma das participantes da nossa pesquisa realizada em 2018. Naquele momento, ela relatou casos de abuso e assédio protagonizados por treinadores em um clube de futebol que fez parte, porém, não se sentiu segura para discorrer sobre a temática em casa, de maneira remota, pois poderia falar sobre algo que os pais dela não sabiam. Resguardando sua privacidade, reforçamos a possibilidade da entrevista ser feita de maneira presencial em nossa sala do grupo de estudos na faculdade, todavia, a atleta não nos respondeu mais.

Levando em consideração a complexidade da temática, a falta de letramento acerca das violências no esporte pelas atletas, o nosso próprio processo de letramento e necessidade de inferir e interpretar questões multifacetadas e profundas, outro desafio encontrado foi o de categorizar de maneira satisfatória as diversas informações extraídas das entrevistas. Desta forma, seguindo os objetivos estabelecidos para essa pesquisa, e o tempo disponível para sua realização, optamos por não analisar outras duas categorias temáticas criadas: “Atitudes de treinadores/as desaprovadas pelas atletas” e “Atitudes de treinadores/as aprovadas pelas atletas”. Elas foram elaboradas para contemplar algumas situações narradas pelas atletas que

não se encaixaram como violências, mas que repercutiram em suas vidas de forma negativa, como por exemplo, a comunicação violenta utilizada por eles/as, a culpabilização em casos de derrotas e o excesso de feedbacks negativos. Em contrapartida, percebemos que as atletas teciam bons comentários sobre treinadores/as que se comunicavam de maneira não violenta, as incentivavam em momentos difíceis, ofereciam feedbacks positivos, eram afetuosos/as e demonstravam confiança na equipe ouvindo as opiniões das atletas.

Consideramos, por fim, que o nosso roteiro, apesar de questionar a raça e a orientação sexual das atletas, não permitiu que elas narrassem diretamente violências como o racismo e a homofobia (mesmo que uma atleta tenha espontaneamente abordado essa temática). Por conseguinte, não conseguimos discorrer acerca dessas questões ao longo desse trabalho.

Porém, assim como o rico material que foi categorizado, mas não analisado, será aproveitado em uma próxima produção acadêmica do nosso grupo de estudos; a interseccionalidade também estará presente em nossos próximos roteiros de entrevista e nos textos de nossas produções; e é sobre algumas projeções futuras que dedicaremos o próximo, e último, momento desta dissertação.

5.2 Recomendações e prospecções

Da mesma forma, projetamos os nossos objetivos nos próximos treinos e como poderemos agir nas partidas subsequentes.

Considerando que uma das nossas limitações para ampliar a participação em nossa pesquisa foi uma escolha metodológica, de antemão, sugerimos novas pesquisas que tematizem as violências do esporte no futsal/futebol de mulheres e façam uso do questionário, composto por perguntas abertas e fechadas, como primeira etapa de coleta de dados. Posteriormente, como segunda etapa de coleta, sugerimos então a realização de uma entrevista narrativa com aquelas participantes que demonstrarem interesse e disponibilidade em contar suas experiências.

Além disso, após as análises apresentadas, conjuntamente a Tsholo Setlhoko (2023, recurso *online*, tradução nossa), indagamos: “[...] estamos olhando para os nossos/as treinadores/as? Como podemos capacitar nossos/as treinadores/as? [...]”. Setlhoko é gerente de futebol de mulheres de Botswana, país da África meridional e

durante sua fala na “FIFA Women’s Football Convention”¹⁰¹, afirma que o seu país possui uma estratégia de desenvolvimento para o futebol de mulheres e um dos pilares é justamente a formação de treinadores/as.

As estratégias¹⁰² foram criadas em 2019 e possuem uma atenção especial para a capacitação de treinadores/as, como, por exemplo, cursos para treinadoras e treinadores (engajados com as equipes femininas), com a regra de que 40% das turmas sejam compostas por mulheres; mentoria para treinadores/as e uma parceria com universidades para investigação e divulgação de conhecimentos importantes para desenvolver as mulheres e o futebol delas.

Outra importante personagem do futebol de mulheres mundial é Emma Hayes, atualmente treinadora principal da vitoriosa equipe feminina do Chelsea da Inglaterra. Na mesma convenção da FIFA referenciada acima, a treinadora falou sobre como lida com os homens recém-contratados em sua comissão:

Precisamos desenvolver a expertise porque como mulheres não somos homens pequenos. Qualquer pessoa que comece a trabalhar no Chelsea, não permitimos que eles/as tenham qualquer interação com as jogadoras até seis semanas, até que eles/as tenham removido seus próprios preconceitos de vir de uma academia ou equipe masculina. (Hayes, 2023, recurso *online*, tradução nossa)

Portanto, considerando tudo que fora abordado durante a nossa pesquisa, afirmamos que é necessário olharmos atentamente para a educação de treinadores/as que trabalham (ou pretendem trabalhar) com o futebol/futsal de mulheres e, consideramos que, para além dos cursos de formação que já foram discutidos (e que precisam evoluir enormemente no acolhimento de treinadoras, nas possibilidades de problematizar as questões de gênero inerentes às modalidades e, claro, na proposição de conteúdos que contemplem o futebol/futsal de mulheres), atentamos para a precariedade de conteúdos oficiais da FIFA, responsável pelo futebol e pelo futsal a nível mundial, em português ou com tradução para o nosso idioma.

Enquanto acompanhava o “FIFA Women’s Football Convention”, evento já citado acima, percebo que não tivemos a presença de nem um/a brasileiro/a como convidado/a e o inglês era o idioma oficial, havendo tradução simultânea para

¹⁰¹ Evento que ocorreu durante a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2023: <<https://www.fifa.com/womens-football/convention-2023>>. Acesso em: 23 nov, 2023.

¹⁰² O documento completo pode ser lido em: <<https://www.bfa.co.bw/wp-content/uploads/2020/06/WomenFootballStrategy2019.pdf>> Acesso em: 23 nov, 2023.

espanhol, francês e alemão. Em um bate bola de colonizadores para colonizadores (com algumas exceções), um dos eventos mais importantes para a contínua construção e evolução do futebol de mulheres pelo mundo, não poderia ser compreendido por parte das pessoas interessadas na temática dentro do nosso país. E, para além disso, os materiais oficiais produzidos, como os relatórios das Copas do Mundo e outros documentos norteadores acerca do desenvolvimento do futebol/futsal de mulheres são exclusivamente produzidos em inglês.

Tenho ampla consciência de que conteúdos em inglês/espanhol/francês podem ser sim um grande dificultador para pessoas que trabalham como futsal ou futebol no nosso país, e mesmo ciente de que são poucos países no mundo que possuem o português como seu principal idioma, questiono: como prepararemos nossos/as treinadores/as para proteger e resguardar os direitos das atletas no Brasil? Como evoluiremos em níveis de performance e resultados?

Portanto, gostaria de provocar essa reflexão: será que é possível uma preocupação das nossas Confederações, seja de futsal ou futebol, e da CONMBOL, para que esses conteúdos, sejam eles destinados à prevenção do abuso/assédio ou sobre as peculiaridades do futebol/futsal de mulheres, se tornem mais acessíveis aos treinadores/as que estão espalhados de norte a sul do nosso imenso país?

E quanto a implementação de disciplinas e/ou conteúdos acerca dessas temáticas nos currículos dos cursos de Educação Física que, assim como já discutimos no decorrer do trabalho, também são responsáveis pela formação de treinadores/as no Brasil?

Enquanto essas revoluções macro não acontecem, persistiremos lutando, ou melhor, jogando dia após dia contra o patriarcado, um dos nossos maiores adversários. Seguiremos nas beiradas das quadras e/ou dentro delas; rodeadas por livros e/ou escrevendo outros; palestrando e/ou apenas ouvindo e assim, quem sabe um dia, a gente faça um país do futebol/futsal de mulheres...

REFERÊNCIAS

INFORME +. Romper el silencio: La lucha de las futbolistas de la selección. 2021. Movistar Plus. 30'. Disponível em: <<https://ver.movistarplus.es/ficha/romper-el-silencio-la-lucha-de-las-futbolistas-de-la-seleccion/?id=1955889&mediaType=FOTOV&profile=anonimo&mode=VODRU7D&version=7.1&tlsStream=true&mdrm=true&filterQuality=HD&network=yomvi>>. Acesso em: 26 ago., 2023.

INFORME +. Romper el silencio: La lucha de las futbolistas de la selección (English Subtitles). **VIMEO**. 28'14". Disponível em: <<https://vimeo.com/859635146>>. Acesso em: 19 set, 2023.

AARONS, Ed.; MOLINA, Romain. Zambia women's football team head coach accused of sexual misconduct. 8 jul., 2023. **The Guardian**. Disponível em: <<https://amp.theguardian.com/football/2023/jul/08/zambia-womens-football-team-sexual-misconduct-bruce-mwape>>. Acesso em: 24 ago., 2023.

ABREU, Rosa Lúcia Costa de. Agressão verbal é crime: saiba como identificar e combater! 15, mar 2022. **Monteiro e Abreu - Sociedade de advogados**. Disponível em: <<https://monteiroeabreu.com.br/agressao-verbal-e-crime-saiba-como-identificar-e-combater/>>. Acesso em: 22 nov., 2023.

AFE. AFE exige que se aplique lo establecido en la Ley del Deporte com Luis Rubiales. 22 ago 2023. **Asociación de Futbolistas Españoles**. Disponível em: <<https://www.afe-futbol.com/afe/afe-exige-que-se-aplique-lo-establecido-en-la-ley-del-deporte-con-luis-rubiales/>>. Acesso em: 21 set 2023.

AJFSF. Comunicado de la Asociación de Jugadores y Jugadoras de Fútbol Sala. Disponível em: <<https://x.com/AJFSFemenino/status/1694718622135210132?s=20>> Acesso em: 23 nov, 2023.

ALMEIDA, Carolina Soares de. **Boas de bola**: Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. 2013. 151 p. Dissertação (Antropologia Social) — Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2013.

ALTMANN, Helena. **Educação Física escolar**: relações de gênero em jogo. São Paulo: Cortez, 2015. p.176.

ALTMANN, Helena; REIS Heloisa Helena Baldy dos. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamento e de conquistas. **Movimento**. Porto Alegre, v. 19, n. 03, p. 211-232, jul/set. 2013.

ARCOVERDE, Henrique. Esporte Espetacular aborda casos de violência contra a mulher no futebol brasileiro. 10 jan 2021. **Globo Esporte**. Disponível em: <<https://ge.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/esporte-espetacular-aborda-casos-de-violencia-contr-a-mulher-no-futebol-brasileiro.ghtml>>. Acesso em: 30 set, 2023.

BARCELLOS, Carol; RANGEL, Sérgio. Exclusivo: Atletas acusam treinador de time de futsal de assédio sexual. 03 jul 2022. **Globo Esporte**. Disponível em: <<https://ge.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2022/07/03/exclusivo-atletas-acusam-treinador-de-time-de-futsal-de-assedio-sexual.ghtml>>. Acesso em: 22 set 2023.

AS, Diário. La carta de renuncia de #Rubiales. 10 set, 2023. Disponível em: <<https://shorturl.at/KLY13>>. Acesso em: 23 nov, 2023.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um material prático. 7^a ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008, cap. 1. p. 17 – 35.

BAUER, Martin. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. *In*: BAUER, M.; GASKELL, G. (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 7 ed.. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. cap. 8, p. 189 – 217.

BAYER, Claude. **O ensino dos desportos coletivos**. Dinalivro. Lisboa. 1994.

BECKER, Howard S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENEDITO, Mouzar. **Para entender o Brasil**: o país do futebol. São Paulo: Liz, 2013.

BENITES, Larissa Cerignoni; NASCIMENTO, Juarez Vieira; MILISTETD, Michel; FARIAS, Gelcemar Oliveira. Análise de conteúdo na investigação pedagógica em educação física: estudo sobre estágio curricular supervisionado. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, 35-50, jan./mar. de 2016.

BEPLER, Bárbara. Lista de reprodução no Youtube. I Conferência Internacional para Treinadores de Futsal. 26 maio, 2020. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PL_LLWY7FtJQkH0_wsWdz0Zzt6cuaZzET&si=aD-Hvkv1ZwIHavhn>. Acesso em: 15 set, 2023.

BFA. Women Football Strategy. Disponível em: <<https://www.bfa.co.bw/wp-content/uploads/2020/06/WomenFootballStrategy2019.pdf>> Acesso em: 23 nov, 2023.

BLOWER, Ana Paula. Assédio nos esportes: falta de dados e cultura machista escondem agressões sofridas por atletas. 02 dez, 2021. **O Globo**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/assedio/assedio-nos-esportes-falta-de-dados-cultura-machista-escondem-agressoes-sofridas-por-atletas-25302536>>. Acesso em: 22 set 2023.

BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). 2019, Dissertação (História, Política e Bens

Culturais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

BORONAT, Danae. **No las llames chicas, llámalas futbolistas: Del maltrato al reconocimiento:** la lucha por la igualdad em el fútbol. Barcelona: Libros Cúpula, 2021. ISBN 978-84-480-2838-1.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina:** tradução Maria Helena Kühner. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 160 p.

BRASIL, Comitê Olímpico do; BRASILEIRO, Instituto Olímpico. **Abuso e Assédio Fora de Jogo.** 2021a.

BRASIL, Comitê Olímpico do; BRASILEIRO, Instituto Olímpico. **Protegendo o esporte contra o assédio e o abuso.** 2021b.

BRASIL. **Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos.** Portaria MGI nº 3.814. Diário Oficial da União, Brasília, n. 135, p. 40 – 40, Julho 2023. ISSN 1677-7042. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=18/07/2023&jornal=515&pagina=40>. Acesso em: 24 de agosto de 2023.

BRASIL. Ministério Público do Trabalho. **Guia de orientação sobre assédio moral e sexual nos esportes.** 2018. Disponível em: https://www.cbat.org.br/assedio_atletismo/cartilha_assedio_mpt.pdf. Acesso em: 12 jun 2021.

BRUHNS, Heloísa. **Futebol, carnaval e capoeira:** entre as gingas do corpo brasileiro. Campinas: Papirus, 2000. 158p.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALEYA, Maria José. Selección española femenina. Cuenta atrás para la lista más esperada de Jorge Vilda: ¿volverán 'Las 15'? 03 fev 2023. **RTVE.** Disponível em: <https://www.rtve.es/deportes/20230203/seleccion-femenina-futbol-lista-esperada-jorge-vilda/2420866.shtml>. Acesso em: 25 ago 2023.

CARVALHO, Caio; REDAÇÃO DO GE. CBF assume gestão da seleção brasileira de futsal; veja o que muda. 08 abril 2021. **GE.** Disponível em: <https://ge.globo.com/futsal/noticia/cbf-assume-gestao-da-selecao-brasileira-de-futsal-veja-o-que-muda.ghtml> . Acesso em: 26 set, 2023.

CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis. Futebol e decolonialidade: a história do jogo entre as tensões e as resistências. *In:* SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis. (org.). **Do futebol moderno aos futebolís transmodernos:** a utopia da diversidade revolucionária. São Carlos: EdUFSCar, 2023. cap. 09, p. 168 – 182.

CASTRO, Luciane de; RICCA, Darcio Ranção. **Futebol feminista: Ensaio**. 1. ed. Rio de Janeiro: LivrosdeFutebol, 2020. 148 p.

CAVALCANTI, Everton de Albuquerque; CAPRARO, André Mendes. Experiências indesejáveis: alguns casos de assédio sexual no futebol. **Movimento**, v. 25, n. e25080, p. 01 – 12, Dezembro 2019.

CAZDEN, Courtney; COPE, Bill; FAIRCLOUGH, Normal; GEE, James; KALANTZIS, Mary; KREES, Gunther; LUKE, Allan. Glossário. *In*: RIBEIRO, Ana Elisa; CORRÊA, Hércules Toledo. (org.). **Uma pedagogia dos multiletramentos**. Desenhando futuros sociais. 1. ed. Belo Horizonte: LED, 2021. (1, v. 1), p. 67 – 136.

CBFa. **Código de ética**. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/blogs/blog/wp-content/uploads/sites/41/2016/06/Codigo-de-Etica.pdf>>. Acesso em: 26 set, 2023.
CBFb. CBF Academy: A instituição educacional do futebol brasileiro. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/cbfacademy/pt-br/sobre?csrt=17174247660927346860>>. Acesso em: 15 set, 2023.

CBFSa. **Código de ética**. Disponível em: <http://cbfs.com.br/site/Codigo_de_etica.pdf>. Acesso em: 26 set, 2023.

CBFSb. CBFS Academy. Disponível em: <<https://cbfsacademy.com.br/>>. Acesso em: 26 set, 2023.

CEDECA. Centro de Defesa da Criança e do Adolescente Yves de Roussan. **A infância entra em campo: riscos e oportunidades para crianças e adolescentes no futebol**. Salvador: CEDECA, 2014.

CEME. **Manual Básico de Transcrição do Centro de Memória do Esporte**. Projeto Garimpendo Memórias. 2012. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1RvWCi-i2LLVON9eHfCmNKbZhSLnJil3z/view?usp=share_link> . Acesso em 19 out, 2023.

CHELLES, Claudinei. O futebol entre a barbárie e a civilização: uma perspectiva psicanalítica sobre o ato de torcer. *In*: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis. (org.). **Do futebol moderno aos futebolis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária**. São Carlos: EdUFSCar, 2023. cap. 03, p. 48 – 74.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. **Política de prevenção e enfrentamento ao assédio moral e sexual e ao abuso sexual no âmbito do Comitê Olímpico do Brasil**. Política Corporativa, Rio de Janeiro, p. 1 – 9, 2018.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. **Política de prevenção e enfrentamento ao assédio moral e sexual e ao abuso sexual no âmbito do Comitê Olímpico do Brasil**. 2021. Disponível em: <<https://www.cob.org.br/pt/documentos/download/aee6975bcc4d0>>. Acesso em: 23 nov, 2023.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. COB lança novo canal de Ouvidoria e Ética. 11 ago, 2023. **COB**. Disponível em: <<https://www.cob.org.br/pt/galerias/noticias/cob-lanca-novo-canal-de-ouvidoria-e-etica---/>>. Acesso em: 22 set, 2023.

CONFED. **Resolução CONFED nº 307/2015**. 09 nov, 2015. Disponível em: <<https://www.confef.org.br/confef/resolucoes/381>>. Acesso em: 15 set, 2023.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. **Masculinidade hegemônica**: repensando o conceito. Estudos Feministas, Florianópolis, v.21, n.1, p. 241-282, jan./abr. 2013

CONNECT. Safe to Compete. Disponível em: <<https://connect.missingkids.org/products/safe-to-compete-coaches-training>> Acesso: 23 nov, 2023.

COPE. Jenni Hermoso, en Tiempo de Juego: “El beso no me lo esperaba, pero se va a quedar en una anécdota”. 21 ago, 2023. **Cadena de Ondas Populares Españolas**. Disponível em: <https://www.cope.es/programas/tiempo-de-juego/noticias/jenni-hermoso-tiempo-juego-nivel-deportivo-puedo-lograr-mas-que-esto-20230820_2862032> . Acesso em: 21 set 2023.

COSTA, Jaqueline Elizabeth da; DIAS, Nayanne; OLIVEIRA, Elson Aparecido de; ABURACHID, Layla Maria Campos; GRUNENVALDT, José Tarcísio. A mulher em quadra: evidências contemporâneas do contato inicial com futsal. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo. v.10. n.41. Suplementar 2. p. 694-702. Jan./Dez. 2018. ISSN 1984-4956

COSTA, Leda Maria da. **Os vilões do futebol**: Jornalismo esportivo e imaginação melodramática. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020. 185 p.

COTTA, Mayra. “O ambiente de trabalho foi construído historicamente para excluir as mulheres, e nós ocupamos todos os dias esses espaços enfrentando esta interdição”. 31 maio 2022. **OAB Espírito Santo**. Disponível em: <<https://www.oabes.org.br/noticias/o-ambiente-de-trabalho-foi-construido-historicamente-para-excluir-as-mulheres-e-nos-ocupamos-todos-os-dias-esses-espacos-enfrentando-esta-interdicao-562142.html>>. Acesso em: 21 set 2023.

CRANE, Jonathan. Yves Jean-Bart: former Haiti football boss cleared. 14 fev 2023. DW. Disponível em: <<https://www.dw.com/en/yves-jean-bart-former-haiti-football-boss-cleared/a-64702557>>. Acesso em: 19 set 2023.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, 11(Sup): 1163-1178, 2007.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens**: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio - Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, [S. l.], n. 22, p. 10-17, 1994. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26954>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

DAMATTA, Roberto; FLORES, Luiz Felipe Baêta Neves; GUEDES, Simone Lahud; VOGEL, Arno. **Universo do futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. 124 p.

DAMO, Arlei Sander. Futebóis e palavras. *In*: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis. (org.). **Do futebol moderno aos futebóis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária**. São Carlos: EdUFSCar, 2023. cap. 08, p. 150 – 167.

DAMO, Arlei Sander. Prefácio. *In*: KESSLER, C. S. (Org.). **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

DAMO, Arlei Sander. As dramatizações do gênero numa configuração futebolística. Anais... **VII Seminário Fazendo Gênero**. Práticas corporais e esportivas. ST 21, 2006.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa Pós-Graduação em Antropologia Social, 2005.

DAMO, Arlei Sander. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **FuLiA / UFMG**, v. 3, n. 3, set.-dez., 2018.

DELOITTE. Deloitte: 85% of Women Surveyed Who Played Sports Say It's Important to Their Career Success. 19 set, 2023. **Deloitte**. Disponível em: <https://www2.deloitte.com/us/en/pages/about-deloitte/articles/press-releases/new-deloitte-tv-spots-turn-the-tables-on-fandom-as-survey-reveals-girls-who-play-sports-are-likely-to-have-successful-careers.html>. Acesso em: 17 nov, 2023.

DE PAULA, Pollyana Nascimento. **(Des) Construções históricas do é “ser mulher”**: um olhar sobre as goianas e sobre os momentos iniciais da presença delas no esporte. 2014. 110 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) – Universidade Federal de Goiás, Programa Interdisciplina de Pós-Graduação em Direitos Humanos, 2014.

DEPORTIVO, Tablero. “Así hemos contado el gesto de las jugadoras de España y Suecia antes del comienzo del partido. Con el hashtag #SeAcabó y un lema en inglés. 22 set, 2023. Disponível em: https://x.com/TABLERO_RNE/status/1705271203160547788?s=20. Acesso em: 22 set, 2023.

DEVIDE, Fabiano Pries, ROCHA, Cristina Maria Da; MOREIRA, Izabela Dos Santos. Coeducação e educação física escolar: uma ferramenta para abordar as relações de gênero nas práticas corporais. **Cadernos De Formação RBCE**, p. 48- 60, Set. 2020.

DILASCIO, Flávio. Copa do Mundo Feminina 2023: 10 das 23 jogadoras do Brasil foram federadas no futsal. 20 jul, 2023. **Globo Esporte**. Disponível em: <https://ge.globo.com/futsal/blogs/mundo-do-futsal/post/2023/07/20/copa-do-mundo->

feminina-2023-10-das-23-jogadoras-do-brasil-foram-federadas-no-futsal.ghtml?utm_source=Twitter&utm_medium=Social&utm_content=Esporte&utm_campaign=globoesportecom . Acesso em: 27 ago 2023.

DILASCIO, Flávio. Fifa anuncia a criação do Mundial de Futsal Feminino. 16 dez, 2022. **Globo Esporte**. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futsal/blogs/mundo-do-futsal/post/2022/12/16/fifa-anuncia-a-criacao-do-mundial-de-futsal-feminino.ghtml>> . Acesso em: 26, out, 2023.

DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO E CIÊNCIAS DO ESPORTE DO COB. Modelo de Desenvolvimento Esportivo do COB. 2. ed. [s.n.], 2022. 228 p. ISBN 978-65-991151-7-2. Disponível em: <<https://www.cob.org.br/pt/documentos/download/a63aad29fb2e0/>> . Acesso em: 29 set, 2023.

DOMINGUES, Petrônio. “Em Defesa da Humanidade”: A Associação Cultural do Negro. Dados – **Revista de Ciências Sociais**, v. 61, n. 1, p. 171–211, jan. 2018.

ELIASSON, Inger; JOHANSSON, Annika. The disengagement process among young athletes when withdrawing from sport: A new research approach. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 56, n. 4, p. 537 – 557, s 2021.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. Autoetnografia: un panorama. **Astrolabio**, [S. l.], n. 14, p. 249–273, 2015. DOI: 10.55441/1668.7515.n14.11626. Disponível em: <<https://revistas.unc.edu.ar/index.php/astrolabio/article/view/11626>>. Acesso em: 19 out. 2023.

ESPORTE ESPETACULAR. Futebol e religião: A fé, a intolerância e as vozes da diversidade. 16 jan, 2022. (14 min). Disponível em: www.globoplay.globo.com/v/10215032/. Acesso em: 22 nov, 2023.

FÉLIX, Jeane. Entrevistas on-line ou algumas pistas de como utilizar bate-papos virtuais em pesquisas na educação e na saúde. *In*: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marluce Alves. (Org.) **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 135- 154.

FEMININO, Era Fútbol. Comunicado de una parte del cuerpo técnico de la Selección Femenina de Fútbol. 26 ago, 2023. <<https://x.com/Erafutbol/status/1695447118087877031?s=20>> Acesso em: 23 nov, 2023.

FERREIRA, Heidi Jancer; SALLES, José Geraldo Carmo; MOURÃO, Ludmila; MORENO, Andrea. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Movimento**, Porto Alegre. v. 19, n. 3, p. 103-124, jul/set. 2013.

FIFAA. Copa do Mundo Feminina de Futsal da FIFA™: tudo o que você precisa saber. 15 out, 2023. **Federação Internacional de Futebol**. Disponível em: <<https://www.fifa.com/fifaplus/pt/news/articles/copa-mundo-feminina-futsal-fifa-2025>> . Acesso em: 16 out, 2023.

FIFAb. The FIFA Disciplinary Committee opens disciplinary proceedings against Luis Rubiales, President of the Spanish FA. 24 ago, 2023. **Federação Internacional de Futebol**. Disponível em: <<https://www.fifa.com/legal/media-releases/the-fifa-disciplinary-committee-opens-disciplinary-proceedings-against-luis-rubiales>>. Acesso em: 23 nov, 2023.

FIFAc. La Comisión Disciplinaria de la FIFA suspende con carácter provisional a Luis Rubiales, presidente de la RFEF. 26 ago, 2023. **Federação Internacional de Futebol**. Disponível em: <<https://www.fifa.com/es/legal/media-releases/la-comision-disciplinaria-de-la-fifa-suspende-con-caracter-provisional-a>> Acesso em: 23 nov, 2023.

FIFAd. Former Spanish Football Association president Luis Rubiales is banned from all football-related activities for three years. 30 out, 2023. **Federação Internacional de Futebol**. Disponível em: <<https://www.fifa.com/legal/media-releases/former-spanish-football-association-president-luis-rubiales-is-banned-for-three-years>>. Acesso em: 23 nov, 2023.

FIFAE. FIFA Women's Football Convention 2023. Disponível em: <<https://www.fifa.com/womens-football/convention-2023>>. Acesso em: 23 nov, 2023.

FIFA GUARDIANS. Safeguarding in Sport. Disponível em: <<https://safeguardingsport.fifa.com/>>. Acesso em: 15 dez, 2023.

FIFPROa. Disponível em: <<https://fifpro.org/en>>. Acesso em: 10 dez, 2023.

FIFPROb. Comunicado de #FIFPRO sobre Luis Rubiales, presidente de la Real Federación Española de Fútbol. **FIFPRO**. Disponível em: <<https://x.com/FIFPRO/status/1694394879516799288?s=20>>. Acesso em: 23 nov, 2023.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber.**: Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 14. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022. ISBN 978-85-7753-450-0.

FOURNIER, Carolane; PARENT, Sylvie; PARADIS, Hélène. The relationship between psychological violence by coaches and conformity of young athletes to the sport ethic norms. **European Journal for Sport and Society**, v. 15, n. 2, p. 1 – 19, Fev 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/16138171.2021.1878436>.

FUTPROa. Comunicado oficial. 23 ago 2023. Disponível em: <<https://futpro.es/2023/08/23/comunicado-oficial-jenni-hermoso/>> . Acesso em: 21 set 2023.

FUTPROb. Comunicado oficial jugadoras. Ago, 2023. <<https://futpro.es/2023/08/25/comunicado-oficial-jugadoras/>> Acesso em: 23 nov, 2023.

FUTSAL PLANET. Disponível em: <<http://www.futsalplanet.com/>>. Acesso em: 10 dez, 2023.

G1. O caso Cuca e a violência de gênero no futebol. Abril, 2023. **Podcast “O Assunto”**. 29’22”. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7s3eHlxsKkWrFdTTMbL0eY?si=1c382214a666413e>. Acesso em: 23 nov, 2023.

G1 CE. Treinador de futsal denunciado por assediar ao menos 12 jogadoras morre dentro de presídio após passar mal no Ceará. 13 mai, 2023. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2023/05/13/treinador-de-futsal-denunciado-por-assediar-ao-menos-12-jogadoras-morre-dentro-de-presidio-apos-passar-mal-no-ceara.ghtml> . Acesso em: 03 out, 2023.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. 1ª ed. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2004. 264 p.

GAMA, Fabiene; RAIMONDI, Gustavo Antonio; BARROS, Nelson Filice de. Apresentação - Autoetnografias, escritas de si e produções de conhecimentos corporificadas. **Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 37, p. 1 – 10, 1 2021. ISSN 1984-6487. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2021.37.e21300.a>.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. *In*: BAUER, Martin; GASKELL, George. (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7 ed.. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008. cap. 3, p. 64 – 89.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOELLNER, Silvana Villodre. Corpos, gêneros e sexualidades: em defesa do direito das mulheres ao esportes. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, v. 0, n. 13, p. 1 – 14, dezembro 2021.

GOELLNER, Silvana Villodre; CABRAL, Juliana Ribeiro. **As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer**. 1ª. ed. São Paulo: Ludopédio, 2022. 216 p.

GOELLNER, Silvana Villodre; FILHO, Alberto Reinaldo Reppold; FRAGA, Alex Branco; MAZO, Janice Zarpellon; STIGGER, Marco Paulo; NETO, Vicente Molina. Pesquisa qualitativa na educação física brasileira: marco teórico e modos de usar. **R. da Educação Física/UEM**, v. 21, n. 3, p. 381 – 410, 3 trim 2010. Disponível em: 10.4025/reveducfis.v21i5.8682.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física. *In*: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Org.). **Educação física e gênero: desafios educacionais**. Ijuí: Unijuí, 2013. p. 23-43.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina: Imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Campinas. Campinas: 1999.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados em Pesquisa Qualitativa. *In*: MINAYO, Maria Cristina de Souza. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. cap. 4, p. 79 – 106.

GOOGLE MEET. Disponível em: <<https://meet.google.com/>>. Acesso em: 04 fev, 2023.

GRANCHI, Giulia. O motivo de mudança inédita no uniforme da seleção feminina de futebol. 6 abril 2023. **BBC Brasil**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c04vjdzjxp8o>> . Acesso em: 24 de agosto de 2023.

GUIJARRO, Patri. Publicação no “X” em ago 25, 2023. Disponível em: <<https://twitter.com/Patri8Guijarro/status/1695063424999231683>>. Acesso em: 13 dez, 2023.

GUIMARÃES, Karen Letícia; BARREIRA, Júlia; GALATTI, Larissa Rafaela. “Ser mulher em um curso de futebol já é começar com um passo atrás”: experiências das treinadoras em cursos da CBF Academy. **Movimento**, v. 29, p. e29010, jan./ dez. 2023. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.126706>

GUIRAMAND, Michelle. **Treinador e atleta**: significados de uma relação na aprendizagem e desempenho esportivo de alto rendimento à luz da teoria de Buber. 2017. 215 p. Tese (Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: Uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

HAYES, Emma. Day 1. FIFA Women’s Football Convention. 06h21’31”. 18 ago, 2023. Disponível em: <<https://www.fifa.com/womens-football/convention-2023>>. Acesso em: 23 nov, 2023.

HELAL, Ronaldo. **Sobre futebol, esporte e cultura**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2021. 165 p. ISBN 9786525003153.

HENSLEY-CLANCY, Molly. FIFA invested in women and girls. Can it protect them? 27 jul, 2023. **The Washington Post**. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/sports/2023/07/27/haiti-abuse-fifa-argentina/>> . Acesso em: 19 set, 2023.

HERMOSO, Jenni. Comunicado Oficial. Ago 25, 2023. Disponível em: <<https://x.com/Jennihermoso/status/1695149241889403233?s=20>> Acesso em: 23 nov, 2023.

HUMAN RIGHTS WATCH. About us. Disponível em: <<https://www.hrw.org/about/about-us>>. Acesso em: 20 set, 2023.

IBACETA, Alex. A revolution 40 years in the making: how the Spanish women's team foughtback. 26 ago 2023. **The Guardian**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/football/2023/aug/26/spain-luis-rubiales-football-federation-president-jenni-hermoso>> . Acesso em: 21set 2023.

INSTITUTO OLÍMPICO BRASILEIRO. **Caderno de estudos de casos, com sugestão de ações de enfrentamento e acolhimento**. [S.l.], 2021. Disponível em: <<https://cbesgrima.org.br/wp-content/uploads/2020/10/caderno-de-estudos-de-casos-ass%C3%A9dio-e-abuso-IOB.pdf>>. Acesso em: 23 nov, 2023.

INSTITUTO OLÍMPICO BRASILEIROa. Prevenção e Enfrentamento ao Abuso e Assédio. Disponível em: <<https://projetosdiversosioab.asdnet.com.br/index.T1p>>. Acesso em: 22 set, 2023.

INSTITUTO OLÍMPICO BRASILEIROb. Abuso e Assédio Fora de Jogo. Disponível em: <<https://jovensatletasiob.asdnet.com.br/index.T1p>>. Acesso em: 22 set, 2023.

JACO, Juliana Fagundes. **Esporte universitário e mulheres: trajetórias esportivas, formativas e de distinção**. 2023. 201 p. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.

KESSLER, Cláudia Samuel. **“Entra aí pra completá”**: Narrativas de jogadoras do futsal feminino em Santa Maria - RS. 2010. 128 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010. Disponível em: http://cascavel.ufsm.br/tede//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2975.

KESSLER, Cláudia Samuel. “São tudo sapatão”: lesbianidades e heteronormatividade no futebol/futsal. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 7, n. 3, p. 45 – 62, set/dez 2020. ISSN 2358-1239.

KESSLER, Cláudia Samuel. **Mais que barbies e ogras**: uma etnografia do futebol das mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social). PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, 2015.

KESSLER, Cláudia Samuel. Quais as contribuições das mulheres ao futebol? *In*: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis. (org.). **Do futebol moderno aos futebolís transmodernos**: a utopia da diversidade revolucionária. São Carlos: EdUFSCar, 2023. cap. 11, p. 208 – 222.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Femininos e masculinos no futebol brasileiro**. 2006. 475 p. Tese (Doutorado em Psicologia) — Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-27032006-074510/>.

KUPPER, Agnaldo. O futebol brasileiro como instrumento de identidade. **Mnemosine**. vol.14, nº 2, p. 219-235, 2018.

LANG, Melanie; MERGAERT, Lut; ARNAUT, Catarina; VERTOMMEN, Tine. Gender-based violence in sport: prevalence and problems, **European Journal for Sport and Society**, 20(1), 57-78, 2023.

LEON, Mapi. Publicação no “X” em ago 25, 2023. Disponível em: <<https://twitter.com/MapiLeon16/status/1695071594362609882>>. Acesso em: 13 dez, 2023.

LOURO, Guacira Lopes. Lembranças de velhas colônias italianas: trabalho, família e educação. *In*: LOPES, Eliane Marta Teixeira; LOURO, Guacira Lopes (Orgs.). **Educação & Realidade**. v. 16, n. 2, p. 33-44. jul/dez, 1990

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogia da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. cap. 1, p. 07 – 34.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e Homofobia. *In*: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.) **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 85-94.

MAIA, Suzana; BATISTA, Jeferson. Reflexões sobre a autoetnografia. **Prelúdios**, Salvador, v. 9, n. 10, p. 240 – 246, ago/dez 2020.

MANTOVANI, Tati. “Jorge Vilda bastante vaiado por aqui”. 42”. 21 ago, 2023. Disponível em: <<https://x.com/tatimantovani/status/1693754784262582465?s=20>>. Acesso em: 23 nov, 2023.

MARCHE, Ana Lorena; KNOPLICH, Carol. 'Muito se fala que não há mulheres capacitadas para isso ou aquilo. Dê oportunidade e verá', diz Ana Lorena Marche, coordenadora da CBF. 2 jul 2023. **O Globo**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/copa-do-mundo-feminina/noticia/2023/07/28/meu-jogo-o-masculino-tem-muito-do-que-nao-queremos-copiar-certos-assuntos-nao-sao-tabu-aqui-diz-anghtml>> . Acesso em: 24 agosto 2023.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; MARCHI JUNIOR, Wanderley. A cobertura midiática sobre o futsal masculino no Brasil: perspectiva dos atletas da Seleção Brasileira Principal. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, n. ., p. 1 – 18, e25018 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.75560>.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 287-298, maio/ago, 2004.

MASCARIN, Rafaela Bevilaqua.; OLIVEIRA, Flávia Volta Cortes; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. Feminilidade e preconceito de gênero no futsal: uma perspectiva de atletas brasileiras. **Fluxos & Riscos**, v. 2, n. 2, p. 83 – 96, Fev 2017.

MATOS, Ana Thaís; GIUFRIDA, Bruno. Em cartas, jogadoras do Santos acusam técnico Kleiton Lima de assédios moral e sexual. 07 set 2023. **Globo Esporte**. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/2023/09/07/em-cartas-jogadoras-do-santos-acusam-tecnico-kleiton-lima-de-assedios-moral-e-sexual.ghtml?utm_source=twitter&utm_medium=share-bar-desktop&utm_campaign=materias>. Acesso em: 22 set 2023.

MEIRELES, Gabriela Silveira. Gênero no currículo de *blogs* sobre alfabetização de professoras alfabetizadoras: *tecnologias da diferenciação e da heterossexualização* normalizando condutas. *IN: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. (Org.). Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades*. Cap 07. Belo Horizonte: Mazza, 2018. p. 153-175.

MENNESSON, Christine; CLÉMENT, Jean-Paul. Homosociability and Homosexuality: The Case of Soccer Played by Women. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 38, n. 3, p. 311 – 330, Sep 2003.

MILISTETD, Michel; GALATTI, Larissa Rafaela; COLLET, Carine; TOZETTO, Alexandre Vinicius Bobato; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. Formação de treinadores esportivos: orientações para a organização das práticas pedagógicas nos cursos de bacharelado em Educação Física. **J. Phys. Educ**, v. 28, n. e2849, p. 1 – 14, Jan 2017.

MINAYO, Maria Cristina de Souza. **El desafío del conocimiento. Investigación cualitativa en salud**. 9ª ed. Buenos Aires: Lugar Editorial. 2008. 262 p.

MINAYO, Maria Cristina de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621 – 626, jan 2012.

MINAYO, Maria Cristina de Souza. O desafio da pesquisa social. *In: MINAYO, Maria Cristina de Souza. (org.). Pesquisa social - Teoria, método e criatividade*. 28 ed. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009. cap. 1, p. 9 – 29.

MOUNTJOY Margo; BRACKENRIDGE, Celia; ARRINGTON, Malia; BLAUWET, Cheri; CARSKA-SHEPPARD, Andrea; FASTING, Kari; KIRBY, Sandra; LEAHY, Trisha; MARKS, Saul; MARTIN, Kathy; STARR, Katherine; TIIVAS, Anne; BUDGETT, Richard. International Olympic Committee consensus statement: harassment and abuse (non-accidental violence) in sport. **Br J Sports Med**, 2016; 50:1019–1029.

MOREIRA, Gabriela; FERNANDEZ, Martín. Rogério Caboclo, ex-presidente da CBF, consegue duas vitórias na Justiça em casos de assédio. 01 nov 2022. **Globo Esporte**. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/noticia/2022/11/01/rogerio-caboclo-ex-presidente-da-cbf-consegue-duas-vitorias-na-justica-em-casos-de-assedio.ghtml>< . Acesso em: 22 set, 2023.

MOSQUERA, Pau; FOSTER, Matt. Former Spain women's coach Jorge Vilda under investigation as part of Luis Rubiales court case. 27 set, 2023. **CNN**. Disponível em:

<<https://edition.cnn.com/2023/09/27/football/jorge-vilda-investigation-spain-women-spt-intl/index.html>> . Acesso em: 30 set, 2023.

MOURA, Eriberto Jose Lessa de. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. 2003. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, Porto Alegre, v. 7, n. 13, p. 5-18, 2000.

NASCIMENTO, Karine. **A verdadeira regra do impedimento: A história do futebol feminino cearense**. 2. ed. Natal, RN: Primeiro Lugar, 2020. 160 p.

NINA, Alana Della. “Ao buscar justiça para outras histórias, alcanço a justiça que não tive.”. 12 out, 2022. **UOL**. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/08/12/ao-buscar-justica-para-outras-historias-alcanco-a-justica-que-nao-tive.htm>> . Acesso em: 22 set 2023.

NOLASCO, Carlos. A futebolização do mundo: entre o jogo e a economia: a utopia da diversidade revolucionária. *In*: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis. (org.). **Do futebol moderno aos futebolís transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária**. São Carlos: EdUFSCar, 2023. cap. 2, p. 30 – 47.

NOVAIS, Mariana Cristina Borges Novais. “**À beira do gramado ou fora do jogo?**”: as treinadoras do futebol de mulheres no Brasil. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

NOVAIS, Mariana Cristina Borges; MOURÃO, Ludmila; SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de; MONTEIRO, Igor Chagas; PIRES, Bárbara Aparecida Bepler. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no brasil: estratégias de subversão e resistência no campo da liderança esportiva. **Movimento** (Porto Alegre), v.27, p. e27023, jan./dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.106782>.

OLIVEIRA, Gilmar Araujo de; SILVA, Éder da. Futebol, racismo e uma representação que reforça isso desde sempre. *In*: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis. (org.). **Do futebol moderno aos futebolís transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária**. São Carlos: EdUFSCar, 2023. cap. 05, p. 91 – 196.

OLIVEIRA, Valleria Araujo de. **Periguetes, sapatões e mulherzinhas: (des) construindo o que é “ser mulher” no campo de futebol**. 2014. 184 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

IOC. Athlete365. Safeguarding. Disponível em: <<https://olympics.com/athlete365/courses/safeguarding/>> Acesso: 23 nov, 2023.

PAIM, Maria Cristina Chimelo. **Violência contra a mulher no esporte sob a perspectiva de gênero**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

PANOS, Sandra. Publicação no “X” em ago 25, 2023. Disponível em: <https://twitter.com/sandra_panos/status/1695077970338083018>. Acesso em: 13 dez, 2023.

PARRADO, Pedro Pablo. Villar: “El comportamiento de Rubiales no es el idóneo, pero lo comprendo”. 22 ago, 2023. **Radio Marca**. Disponível em: <<https://www.marca.com/radio/2023/08/22/64e3e554ca474158308b46c3.html>>. Acesso em: 22 set 2023.

PASSERO, Julia Gravena; BARREIRA, Júlia; TAMASHIRO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José; GALATTI, Larissa Rafaela. Futebol de Mulheres Liderado por Homens: uma análise Longitudinal dos Cargos de Comissão Técnica e Arbitragem. **Movimento**, v. 26, e26060, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.100575>

PESSOA, Lucas. Receitas, público e audiência: números comprovam sucesso da Copa Feminina e crescimento da modalidade. 22 ago 2023. **Lance!** Disponível em: <https://www.lance.com.br/lancebiz/mercado-do-esporte/receitas-publico-e-audiencia-numeros-comprovam-sucesso-da-copa-feminina-e-crescimento-da-modalidhtml#google_vignette> . Acesso em: 24 agosto 2023.

PETROGNANI, Claude. Religião e futebol no Brasil: Análise do “fechamento”. **Civitas**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 247-260, jan.-abr. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2019.1.27424>

PINA, Claudia. Publicação no “X” em ago 25, 2023. Disponível em: <<https://twitter.com/claudiaapinaa/status/1695083998152667566>>. Acesso em: 13 dez, 2023.

PINTO, Arthur Sales. Garimpar jóias ou desenvolver seres humanos: dilemas éticos para os profissionais da Educação Física nas categorias de base do futebol e possíveis caminhos. *In*: SOUZA JÚNIOR, O. M. de; CARVALHO, R. S. de; PRADO, D. (org.). **Do futebol moderno aos futebolis transmodernos**: a utopia da diversidade revolucionária. São Carlos: EDUFSCar, 2023. cap. 6, p. 107 – 127.

PIRES, Bárbara Aparecida Bepler. **"Como elas chegaram até aqui?"**: As trajetórias esportivas de mulheres atletas de futsal. 2018. 132 p. Monografia (Bacharelado em Educação Física) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

PIRES, Bárbara Aparecida Bepler. **A Educação Física escolar e as discussões de gênero**: ações e reações fomentadas pelo PIBID. 2021. 120 p. Monografia (Licenciatura em Educação Física) — Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

PIRES, Bárbara Aparecida Bepler; NOVAIS; Mariana Cristina Borges; TORGA, Monique; MOURÃO, Ludmila Nunes. Sou mulher e jogo bola: questões sobre

femininidades e sexualidades de atletas de futsal. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 114 – 128, Jan-Jul 2019.

PIRES, Breiller. O lado sombrio da bola. 15 abril, 2023. **Revista Placar**. Disponível em: <https://issuu.com/breiller/docs/abuso_sexual_futebol_revista_placar> . Acesso em: 03 out, 2023.

RAMALHO, Carla Chagas; SANTOS, Juliana Valéria Souza; CARDOSO, Fernanda de Souza; PEREIRA, Marina Grazielle Mendes. Gênero nos currículos dos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física nas universidades de Minas Gerais. **Motrivivência**, Universidade Federal de Santa Catarina., Florianópolis, v. 34, n. 65, p. 1 – 20, Jan 2022. ISSN 2175-8042. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2022.e83753>.

REDACÃO DO GE. Zâmbia tem coletiva encerrada após perguntas sobre abuso sexual. 25 jul 2023a. **Globo Esporte**. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/2023/07/25/zambia-tem-coletiva-encerrada-apos-perguntas-sobre-abuso-sexual.ghtml>>. Acesso em: 19 set 2023.

REDACÃO DO GE. Caso Rubiales: Ministério Público espanhol formaliza denúncia de agressão sexual. 08 set 2023b. **Globo Esporte**. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2023/09/08/caso-rubiales-ministerio-publico-abre-processo-apos-jenni-hermoso-denunciar-agressao-sexual.ghtml>>. Acesso em: 21 set 2023.

REDACÃO. CazéTV: Casimiro vai transmitir Copa do Mundo Feminina 2023 online; veja como assistir. 19 jul 2023. **Exame**. Disponível em: <<https://exame.com/esporte/cazetv-casimiro-vai-transmitir-copa-do-mundo-feminina-2023-veja-como-assistir/>>. Acesso em: 24 agosto 2023.

RÉGIS, Dóris; DONA, Ligia; COLUCCI, Bruna; ROSA, Julia. Centro de Referência do Futebol Brasileiro. “Quem será esse senhor José Fuzeira?”. **Medium**. Disponível em: <<https://medium.com/museu-do-futebol/quem-ser%C3%A1-esse-senhor-jos%C3%A9-fuzeira-220218b2254e>>. Acesso em 27 set, 2023.

RFEFa. Comunicado de la Real Federación Española de Fútbol (RFEF). 5 set, 2023. Disponível em: <<https://rfef.es/sites/default/files/2023-09/DECLARACION%20DEL%20PRESIDENTE%200509.pdf>>. Acesso em: 23 nov, 2023.

RFEFb. La RFEF destituye a Jorge Vilda como seleccionador nacional y director deportivo. Actualidad. Disponível em: <<https://rfef.es/es/noticias/la-rfef-prescinde-de-jorge-vilda>> Acesso em: 23 nov, 2023.

RFEFc. OFICIAL | La RFEF confirma la dimisión de Luis Rubiales. Actualidad. 10 set, 2023. Disponível em: <<https://rfef.es/es/noticias/oficial-la-rfef-confirma-la-dimision-de-luis-rubiales>>. Acesso em: 23 nov, 2023.

RHIND, Daniel J.; MUSSON, Hayley; FLORENCE, Andrea; GILPIN, Pamela; ALFORD, Gigi. **Census of athlete rights experiences**. 11 may, 2021. Nyon: World Players Association; Uni Global Union, 2021. 93 p. Disponível em: <https://worldplayerscare.co/>. Acesso em: 23 nov, 2023.

RIBEIRO JÚNIOR, Amaury; CIPOLONI, Leandro; AZENHA, Luis Carlos; CHASTINET, Tony V. **O lado sujo do futebol**: a trama de propinas, negociatas e traições que abalou o esporte mais popular do mundo. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2014. 236 p.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**: Crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RODRÍGUEZ, Rubén. “Necesitas un macho”: el día que las futbolistas estallaron contra Ignacio Quereda. 28 out 2021. **El Confidencial**. Disponível em: https://www.elconfidencial.com/deportes/futbol/2021-10-28/informe-romper-silencio-futbolistas-ignacio-quereda-seleccion-espanola_3314869/. Acesso em: 21 set, 2023.

RONALD, Issy; GOILLANDEAU, Martin; GOODMAN, Al; DOTSON, Kevin. Soccer world rallies behind Jenni Hermoso to leave Luis Rubiales looking increasingly isolated. 27 ago 2023. **CNN**. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2023/08/27/football/luis-rubiales-jenni-hermoso-reaction-spt-intl/index.html>. Acesso em: 23 nov, 2023.

ROSA, Andréia. Uma sonhadora incansável. In: SOUZA JÚNIOR, O. M. de; CARVALHO, R. S. de; PRADO, D. (org.). **Do futebol moderno aos futebolís transmodernos**: a utopia da diversidade revolucionária. São Carlos: EdUFSCar, 2023. cap. 21, p. 339 – 352.

ROSA, Cristina Fonseca; COSTA, Nívea Glaucia Rodrigues; NAVARRO, Antonio Coppi. A prática do futsal feminino na formação das jogadoras brasileiras de futebol. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v.1, n.2, p.163-172. Maio/Junho/Julho/Agosto. 2009. ISSN 1984-4956.

ROSA, Marcelo Victor; JITSUMORI, Carlos Igor; BORGES, Andrey Monteiro; RIBEIRO, Maria Elizia. Mulheres e futebol: um estudo sobre esporte e preconceito. **Revista Gênero**, Niterói, v. 21, n. 1, p. 190-218, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22409/rg.v21i1.46923>.

ROSA, Maria Virgínia Figueiredo Pereira Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismos para validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SÁ, Luiza. Renegado, técnico da Espanha dá a volta por cima mesmo sem clima com elenco. 20 ago, 2023. **UOL**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2023/08/20/renegado-tecnico-da-espanha-da-a-volta-por-cima-mesmo-sem-clima-com-elenco.htm>. Acesso em: 29 set, 2023.

U.S. CENTER. Safesport trained. Disponível em: <<https://safesporttrained.org/#/dashboard>>. Acesso: 23 nov, 2023.

SAMPAIO, Isayane; G1 CE. Treinador denunciado por assediar jogadoras em Fortaleza enviou áudio com ameaça: 'Mando te matar'. 14 mar, 2023. **G1**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2023/03/14/treinador-denunciado-por-assediar-jogadoras-em-fortaleza-enviou-audio-com-ameaca-mando-te-matar.ghtml>>. Acesso em: 03 out, 2023.

SANTANA, Wilton Carlos; REIS, Heloísa Helena Baldy dos. Futsal feminino: perfil e implicações pedagógicas. R. bras. **Ci. e Mov.** 2003; 11(4): 45-50

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SEFFNER, Fernando. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n 1, p. 145-159, 2013.

SETLHOKO, Tsholo. Day 1. FIFA Women's Football Convention. 06h21'31". 18 ago, 2023. Disponível em: <<https://www.fifa.com/womens-football/convention-2023>>. Acesso em: 23 nov, 2023.

SILVA, Cinthia Lopes da; VELOZO, Emerson Luís; RODRIGUES JR, José Carlos. Pesquisa qualitativa em Educação Física: possibilidades de construção de conhecimento a partir do referencial cultural. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 1, n. 48, p. 37 – 60, dez 2008.

SILVA, Giovana Capucim e. Nação, masculinidade e o futebol de mulheres no início do século XX. In: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis. (org.). **Do futebol moderno aos futebóis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária**. São Carlos: EdUFSCar, 2023. cap. 10, p. 183 – 207.

SILVA, Kelen; CARVALHO, Carlos. A construção da identidade nacional durante a era Vargas: os políticos, os intelectuais e o futebol". **Revista Outras Fronteiras**, Cuiabá-MT, vol. 3, n. 1, jan/jun., 2016.

SILVEIRA, Raquel da. **Esporte, homossexualidade e amizade**: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino. 2008. 156 p. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SMALL PDF. Disponível em: <<https://smallpdf.com/sign-pdf>>. Acesso em 04 fev, 2023.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. **Futebol como projeto profissional de mulheres**: interpretações da busca pela legitimidade. 2013. 320 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis. (org.). **Do futebol moderno aos futebolis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária**. São Carlos: EdUFSCar, 2023. ISBN 9788576005964.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; REIS, Heloísa Helena Baldy dos. Dick' Kerr Ladies: uma história de mulheres, futebol, violência simbólica e resistência. *In*: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis. (org.). **Do futebol moderno aos futebolis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária**. São Carlos: EdUFSCar, 2023. cap. 13, p. 243 – 260.

SOUZA, Ana Claudia Ferreira de; MARTINS, Mariana Zuaneti. O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil: entre o esporte e outra carreira. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 1, p. 26 – 39, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v21i1.45075>.

SOUZA, Antônio. Com elenco feminino forte, Globo promove evento para falar de Copa do Mundo; veja detalhes. 18 jul 2023. **Exame**. Disponível em: <https://exame.com/esporte/com-elenco-feminino-forte-globo-promove-evento-para-falar-de-copa-do-mundo-veja-detalhes/> .Acesso em: 24 agosto 2023.

STIRLING, Ashley E.; KERR, Gretchen A. Abused athletes' perceptions of the coach-athlete relationship. **Sport in Society: Cultures, Commerce, Media, Politics**. Londres, Inglaterra, v. 12, n. 2, p.227-239, mar. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/17430430802591019>>. Acesso em: 29 abril 2019.

STIRLING, Ashley E.; KERR, Gretchen A. The perceived effects of elite athletes' experiences of emotional abuse in the coach–athlete relationship. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**. Abingdon, Inglaterra, v. 11, n. 1, p. 87-100, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/1612197X.2013.752173>>. Acesso em: 29 abril 2019.

TEIXEIRA, Ailme. Com psicóloga na equipe, seleção feminina valoriza saúde das atletas na Copa. 8 jul. 2023. **Terra**. Online. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/com-psicologa-na-equipe-selecao-feminina-valoriza-saude-das-atletas-na-copa,1c95aba61ed97316515aa5a83fb326cd6akbgxcb.html>> . Acesso em: 24 de agosto de 2023.

TIBURI, Marcia. Teoria geral do xingamento. 17 mai, 2018. **Cult**. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/teoria-geral-do-xingamento/>. Acesso em: 22 nov, 2023.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNITED FUTSAL UNIVERSITY. Disponível em: <https://university.unitedfutsal.com/pages/home>>. Acesso em: 15 set, 2023.

VARGAS, Laís Freitas; CAPUTO, Eduardo Lucia; DA SILVA, Marcelo Cozzensa. Caracterização do perfil dos treinadores de futsal feminino de equipes que disputam os jogos abertos de Pelotas. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**. São Paulo, v. 9, n. 33, p. 151 - 159. Maio/Jun./Jul./Ago. 2017.

VELOSO, Caetano. **Oração ao tempo**. *In*: Cinema transcendental. Rio de Janeiro: Polygram, 1979. 1 disco. Faixa 2 (3 min e 26 s).

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. *In*: NUNES, E. de O. (Org.). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VICARI, Paulo Renato. **A transição do futebol de salão para o futsal**: Um percurso histórico no Rio Grande do Sul. 2015. 107 f p. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

VOICE RECORDER. Disponível em: <shorturl.at/eQVY0>. Acesso em: 04 fev, 2023.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: O futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZOOM. Disponível em: <<https://zoom.us/>>. Acesso em: 04 fev, 2023.

ANEXO I



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: As relações entre treinadores/as e atletas no futsal de mulheres

Pesquisador: Ludmila Mourão

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 60579622.1.0000.5147

Instituição Proponente: Faculdade de Educação Física

Patrocinador Principal: FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.619.770

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa.

*Resumo: A pesquisa objetiva analisar/compreender como se estabelecem/constroem as relações entre treinadoras/es e atletas em suas trajetórias dentro do futsal de mulheres. O percurso metodológico terá como base a abordagem qualitativa de caráter descritivo e serão utilizadas entrevistas semiestruturadas para a coleta de dados. O universo da pesquisa consiste em mulheres atletas da modalidade futsal da cidade de Juiz de Fora/MG.

Os dados obtidos serão analisados à luz da Análise de Conteúdo*.

Objetivo da Pesquisa:

*Objetivo Primário: O objetivo deste estudo é analisar/compreender como se estabelecem/constroem as relações entre treinadoras/es e atletas em suas trajetórias

dentro do futsal de mulheres.

Objetivo Secundário: Entender de que forma essa relação pode interferir, positivamente ou negativamente, na trajetória de vida das atletas. Perceber se existem diferenças de gênero nas relações entre treinador homem-atleta e treinadora mulher-atleta. Destacar os discursos que constroem o futsal positivo nas relações entre treinador/a-atleta. Fornecer elementos para a conscientização de treinadores/as e outras pessoas envolvidas na modalidade sobre os impactos

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
Bairro: SAO PEDRO **CEP:** 36.036-900
UF: MG **Município:** JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 **E-mail:** cep.proppi@uff.br



Continuação do Parecer: 5.619.770

gerados pelas relações abusivas no futsal".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Os riscos desta pesquisa caracterizam-se como mínimos, assim como os riscos que se têm ao realizar atividades como ler, escrever e conversar. Cabe destacar também que as mulheres participantes terão o anonimato assegurado. Caso se sintam desconfortáveis com alguma das perguntas terão o direito de não responder e/ou deixar de participar da pesquisa se assim desejarem.

Benefícios: Estimamos que a pesquisa poderá impactar entidades esportivas, treinadores/as, atletas, gestoras/es e demais instituições e pessoas envolvidas com o esporte de mulheres por focalizar as relações de gênero entre treinadores/as e atletas. Quanto mais pesquisas acerca dessa temática forem produzidas, mais conhecimento será oferecido para treinadores/as e atletas, principalmente. Desta forma, acreditamos que, através dos discursos das atletas, poderemos valorizar os exemplos considerados positivos ao mesmo tempo que poderemos conscientizar, e conseqüentemente, minimizar as relações abusivas entre treinadores/as e atletas mulheres de futsal".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está bem estruturado, delineado e fundamentado, sustenta os objetivos do estudo em sua metodologia de forma clara e objetiva, e se apresenta em consonância com os princípios éticos norteadores da ética na pesquisa científica envolvendo seres humanos elencados na resolução 466/12 do CNS e com a Norma Operacional Nº 001/2013 CNS.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O protocolo de pesquisa está em configuração adequada, apresenta FOLHA DE ROSTO devidamente preenchida, com o título em português, identifica o patrocinador pela pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra a; e 3.4.1 item 16. Apresenta o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO em linguagem clara para compreensão dos participantes, apresenta justificativa e objetivo, campo para identificação do participante, descreve de forma suficiente os procedimentos, informa que uma das vias do TCLE será entregue aos participantes, assegura a liberdade do participante recusar ou retirar o consentimento sem penalidades, garante sigilo e anonimato, explicita riscos e desconfortos esperados, indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, contato

Endereço: JOSE LOURENÇO KELMER S/N
Bairro: SAO PEDRO **CEP:** 36.036-900
UF: MG **Município:** JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 **E-mail:** cep.propp@ufjf.br



Continuação do Parecer: 5.619.770

do pesquisador e do CEP e informa que os dados da pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador pelo período de cinco anos, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466 de 2012, itens: IV letra b; IV.3 letras a, b, d, e, f, g e h; IV. 5 letra d e XI.2 letra f. Apresenta o INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS de forma pertinente aos objetivos delineados e preserva os participantes da pesquisa. O Pesquisador apresenta titulação e experiência compatível com o projeto de pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas no Manual Operacional para CEPs.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, o projeto está aprovado, pois está de acordo com os princípios éticos norteadores da ética em pesquisa estabelecido na Res. 466/12 CNS e com a Norma Operacional N° 001/2013 CNS. Data prevista para o término da pesquisa em junho de 2024.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFJF, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12 e com a Norma Operacional N°001/2013 CNS, manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa proposto. Vale lembrar ao pesquisador responsável pelo projeto, o compromisso de envio ao CEP de relatórios parciais e/ou total de sua pesquisa informando o andamento da mesma, comunicando também eventos adversos e eventuais modificações no protocolo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1357338.pdf	31/08/2022 15:21:11		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoomitecorrigido.doc	26/08/2022 14:24:32	Ludmila Mourão	Aceito
Outros	termocompromisso.pdf	07/07/2022 17:49:58	Ludmila Mourão	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoassinada.pdf	07/07/2022 17:48:19	Ludmila Mourão	Aceito
Outros	Roteiro.docx	20/06/2022 22:47:57	Ludmila Mourão	Aceito

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
 Bairro: SAO PEDRO CEP: 36.036-900
 UF: MG Município: JUIZ DE FORA
 Telefone: (32)2102-3788 E-mail: cep.propp@ufjf.br



Continuação do Parecer: 5.619.770

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	20/06/2022 22-29:24	Ludmila Mourão	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	carta.pdf	20/06/2022 20-03:55	Ludmila Mourão	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JUIZ DE FORA, 01 de Setembro de 2022

**Assinado por:
Jubel Barreto
(Coordenador(a))**

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
 Bairro: SAO PEDRO CEP: 36.036-900
 UF: MG Município: JUIZ DE FORA
 Telefone: (32)2102-3788 E-mail: cep.propp@ufjf.br

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntária da pesquisa **“AS RELAÇÕES ENTRE TREINADORES/AS E ATLETAS NO FUTSAL DE MULHERES”**. Nesta pesquisa pretendemos, como objetivo principal, **compreender como se estabelecem/constroem as relações entre treinadoras/es e atletas em suas trajetórias dentro do futsal de mulheres**. O que nos motiva a pesquisar esta temática é **contribuir com as pesquisas que focalizam as relações de gênero entre treinadores/as e atletas e ampliar a divulgação de seus achados de forma a impactar todas/os/es os agentes deste ambiente esportivo**.

Caso você concorde em participar, **vamos realizar uma conversa, que poderá ser presencial ou virtual (videochamada ou ligação telefônica), para que possamos realizar uma entrevista. Esta atividade contribuirá enormemente com as análises e conseqüentemente, com o objetivo desta pesquisa**. Esta atividade proposta tem alguns riscos, **que são mínimos**, assim como os riscos que se têm ao realizar atividades como ler, escrever e conversar. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, **caso se sinta desconfortável com alguma das perguntas, terá o direito de não responder e/ou deixar de participar da pesquisa se assim desejar**. A pesquisa irá **visibilizar o discurso de várias atletas para assuntos pertinentes no que diz respeito às relações de gênero com os/as treinadores/as durante as suas trajetórias, sendo assim, ela tem possibilidade de impactar entidades esportivas, treinadores/as, atletas, gestoras/es e demais instituições e pessoas envolvidas com o esporte de mulheres. Sua dimensão política pode também potencializar positivamente estas relações e, por conseqüência, possibilitar avanços no desenvolvimento humano e esportivo de outras mulheres, além de minimizar e conscientizar treinadores/as sobre os impactos de relações abusivas entre eles/as**.

Para participar desta pesquisa, você deverá assinar um termo de consentimento e você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa das atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado e você não será identificada no decorrer deste trabalho ou em qualquer publicação que possa resultar. Relembrando que você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento.

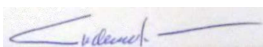
Este termo de consentimento encontra-se disponível em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com a

pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, a pesquisadora avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. As pesquisadoras tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderá solicitar novas informações e poderei modificar a decisão de participar se assim o desejar.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 2022 .

Assinatura da Participante



Assinatura da Pesquisadora



Assinatura da Pesquisadora

Nome das Pesquisadoras Responsáveis: Ludmila Nunes Mourão e Bárbara Aparecida Bepler Pires

Email: mouraoln@gmail.com / barbarabepler@gmail.com

Campus Universitário da UFJF

Faculdade/Departamento/Instituto: Faculdade de Educação Física e Desportos

CEP: 36036-900

Fone: (32)99138-3611

Rubrica da Participante da pesquisa:

Rubrica das pesquisadoras:




APÊNDICE A – Roteiro da entrevista



ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Orientações para a pesquisadora:

- Entregar e repassar o TCLE;
 - Conversar, brevemente, sobre as perguntas;
 - Entregar o folheto de informações sobre abuso e assédio e solicitar que ela leia previamente e o utilize como documento de apoio quando for necessário;
 - Perguntar se podemos iniciar a gravação;
 - Em caso afirmativo, iniciar a entrevista.
- **Bloco I**

Pergunta	Observações
Com qual gênero você se identifica?	Ter cuidado na tratativa com participante
Qual a sua orientação sexual?	Compreender se a orientação sexual pode influenciar as relações, principalmente, se tivermos relato de assédio
Quantos anos você tem hoje? Com quantos começou a praticar futsal?	Analisar os discursos de acordo com a idade e o tempo de prática

- **Bloco II**

Pergunta	Observações
Quando você teve o/a seu/sua primeiro/a treinador/a de futsal/futebol?	Compreender com qual idade ela começou a treinar com um/a treinador/a
Quantos treinadores fazem parte de sua trajetória? E quantas treinadoras?	Entender o tamanho do universo que entraremos em contato e saber se teremos treinadora(s) e treinador(es)
Você consegue nos contar quanto tempo esteve com cada treinador/a?	Entender se o tempo de contato com os treinadores pode influenciar as análises

Então, como você descreve sua relação com seus/suas treinadores/as?	Compreender como elas relatam essa relação sem realizar perguntas específicas sobre a temática ainda
Você percebeu alguma diferença entre a treinadora e o treinador? Você poderia comentar um pouco sobre?	<i>Pergunta específica para quem já teve homem/ns e mulher/es como treinador/es e treinadora/s</i> Compreender se há diferença na relação entre treinador-atleta e treinadora-atleta
Você percebeu alguma semelhança entre a treinadora e o treinador? Você poderia comentar um pouco sobre?	<i>Pergunta específica para quem já teve homem/ns e mulher/es como treinador/es e treinadora/s</i> Compreender se há semelhança na relação entre treinador-atleta e treinadora-atleta
Quais foram os locais de prática que você teve treinador/a? Escola, clube...? Você percebeu alguma diferença ou semelhança quanto a sua relação com ele/ela dependendo do espaço de prática?	Entender se o local da prática pode influenciar diretamente na relação entre treinador/a-atleta <i>Segundo momento da pergunta específico para quem já teve treinador(es) e/ou treinadora(s) em locais distintos de prática</i>
E quanto a sua idade, como você descreve a sua relação com seu treinador/a durante a infância? (se ela tiver começado nesta idade) E na adolescência? E na fase adulta?	Compreender se a idade pode influenciar diretamente na relação entre treinador/a-atleta
Quais efeitos/impactos seus/suas treinadores/as tiveram/tem na sua trajetória?	Entender se as/os treinadoras/es impactam a trajetória de vida das atletas e como elas relatam isso.

- **Bloco III**

Pergunta	Observações
Você percebia mudanças significativas de comportamento dele/a em treinos e competições? Gostaria de comentar alguma situação específica?	Saber se há diferença no comportamento dos/as treinadores/as em ambientes de treino e competições

Como o/a treinador/a manifestava satisfação nos treinos e nas competições?	Entender como ele/a reagia quando a situação era favorável
Como o/a treinador/a manifestava a insatisfação nos treinos e nas competições?	Entender como ele/a reagia quando a situação era desfavorável
Considera que a forma como ele/ela reagia nas competições e treinos influenciava no seu desempenho? Você pode nos contar algo sobre isso?	Compreender se alguma atitude do/a treinador/a pode influenciar no desempenho da atleta, seja em treinos ou competições
A forma como você agia já interferiu na maneira como o/a treinador/a se comportava?	Compreender se alguma ação/atitude da atleta pode ter interferido no comportamento do/a treinador/a

• **Bloco IV**

Pergunta	Observações
Já questionou algum/a treinador/a?	Saber se há aconteceu alguma situação de “embate” acerca do jogo, comportamentos ou outros assuntos entre atleta-treinador/a
Se sim, qual a situação que isso aconteceu? E isso teve impacto na sua relação com ele/a?	Se já aconteceu, compreender a situação e se isso impactou a relação entre treinador/a-atleta
O/A seu/sua treinador/a te incentiva durante treinos/competições? De que forma? Você se recorda de situações de incentivo com você e/ou com o grupo?	Saber se há estímulo coletivo e/ou individualizado e a forma como isso era feito. Algumas frases de incentivo podem reforçar estereótipos e até assédio (Frases, gestos, reações de aprovação ou reprovação)
Seu/sua treinador/a te cobrava durante treinos/competições? De que forma? Você se recorda de situações de cobrança com você e/ou com o grupo?	Saber se há cobrança coletiva e/ou individualizada e a forma como isso era feito. Algumas frases de incentivo podem reforçar estereótipos e até assédio (Frases, gestos, reações de aprovação ou reprovação)
Como o seu/a treinador/a reagia quando as lesões, compromissos ou questões pessoais limitavam sua	Saber se a atleta já foi “culpabilizada” por acometimentos e acontecimentos não controláveis

participação e/ou performance no treino ou a competição?	
Você já foi xingada/chamada de nomes/humilhada/ignorada por um/a treinador/a? Se sim, como foi isso?	Saber se a atleta já sofreu violência psicológica <i>Atenção para não repetir</i>
Você já teve algum/a treinador/a que fez recomendações sobre o tipo de roupa que você deveria usar; ou algum traço físico para a prática do esporte?	Saber se a atleta já foi vítima de assédio moral
No caso de derrotas, desempenho abaixo do esperado e/ou erros que comprometeram sua performance e/ou do seu time, seu/sua treinador/a propôs treinamentos e exercícios extremos, indo além das suas possibilidades?	Saber se a atleta já sofreu violência física
Você já sentiu inferiorizada/humilhada pelo seu treinador por ser mulher?	Saber se a atleta já sofreu violência de gênero
Você já vivenciou alguma situação de omissão e/ou negligência do seu/da sua treinador/a?	Saber se a atleta já passou por alguma situação de negligência <i>Explicar uma situação</i>
Você já passou por algum episódio de assédio e/ou abuso sexual?	Saber se a atleta já sofreu assédio sexual <i>Explicar uma situação</i>
Você já passou por algum episódio envolvendo toques em partes íntimas ou atividade sexual?	Saber se a atleta já sofreu violência sexual <i>Explicar uma situação</i>
Seu/sua treinador/a já praticou ou estimulou o bullying com você?	Saber se a atleta já sofreu bullying por parte do/a treinador/a ou se ele/a estimulou as companheiras a fazerem
Seu/sua treinador/a já presenciou você ou alguma outra atleta sofrendo bullying ou algum tipo de violência? Se sim como reagiu?	Saber se a atleta já presenciou bullying ou violência por parte do/a treinador/a

- **Bloco V**

Pergunta	Observações
Gostaria de relatar alguma recordação, histórias marcantes de seu/a treinador/a? Por quais motivações?	Oportunizar um espaço livre para que a atleta possa falar sobre histórias envolvendo seus/suas treinadores/as
Se você tivesse a oportunidade de mandar uma carta para um/a treinador/a, de acordo com a sua experiência e vivências, o que você diria sobre as relações deles/as com as atletas? Você gostaria de escrevê-la e nos enviar posteriormente?	Oportunizar mais um espaço, agora também de escrita, para que a atleta possa falar “diretamente” para um/a treinador/a e, se assim desejar, nos enviar um manuscrito posteriormente a entrevista
Gostaria de fazer algum comentário, acrescentar alguma resposta ou deixar algum depoimento sobre algum tema não abordado na entrevista?	Resguardar um espaço para que elas possam expressar livremente alguma opinião a respeito da entrevista, da pesquisa e do tema abordado.

APÊNDICE B – Documento de apoio da entrevista

POLÍTICA DE PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO AO ASSÉDIO MORAL E SEXUAL E AO ABUSO SEXUAL NO ÂMBITO DO COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL

Termos e definições

Assédio moral: é uma conduta abusiva, frequente e repetitiva que se manifesta por meio de palavras, atos, gestos, comportamentos ou de forma escrita, que humilha, constrange e desqualifica a pessoa ou um grupo, atingindo sua dignidade e saúde física e mental, ameaçando o seu emprego ou desedificando o clima organizacional do trabalho, e até mesmo afetando sua vida profissional e pessoal, geralmente realizada por alguém que tenha poder de tomada de decisão ou aquela pessoa que obtenha poder hierárquico sobre o subordinado ou poder de ingerência no ambiente organizacional.

Assédio sexual: toda a tentativa visando à obtenção de favores sexuais através de condutas reprováveis, indesejáveis e rejeitáveis, como forma de ameaçar e, por vezes, como condição para continuidade no ambiente esportivo e de trabalho. Também se caracteriza por quaisquer outras manifestações agressivas de índole sexual com objetivo de prejudicar a atividade por parte de qualquer pessoa que integre a delegação ou a organização, independentemente do uso do poder hierárquico. O assédio sexual pode assumir a forma de abuso sexual.

Abuso sexual: atividade sexual não desejada, onde o agressor usa a força, faz ameaças ou se aproveita de vítimas que não pode dar seu consentimento. O termo abuso sexual pode ter definição distinta de país a país e o próprio Código Penal não o trata expressamente – mas sim em tipos penais específicos, como estupro, violação sexual mediante fraude e corrupção de menores.

São exemplos de abuso sexual envolvendo contato:

- Toque na área genital ou seios, seja por cima ou por baixo da roupa.
- Sexo oral, penetração vaginal ou anal com uma parte do corpo (por exemplo: dedo ou pênis) ou com um objeto.
- Convite para tocar o outro de forma sexual.

Exemplos de abuso sexual sem contato:

- Voyeurismo.
- Incentivar ou forçar uma criança a se masturbar ou a assistir os outros se masturbando.

- Exposição indecente, mostrando áreas genitais.
- Envolver crianças na visualização ou produção de materiais pornográficos ou em atividades sexuais.
- Incentivar crianças a se comportarem de maneira sexualmente inadequada.

Violência psicológica: é uma conduta que causa danos emocional e diminuição da autoestima ou prejudica e perturba o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, intimidação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação.

Violência física: qualquer ato deliberado e indesejável que caracterize ofensa à integridade física ou à saúde da vítima como, por exemplo, perfurar, bater, chutar ou queimar, entre outros. Tal ato também pode consistir em atividade forçada, tais quais o consumo de álcool ou algumas práticas de dopagem.

Violência de gênero: é a conduta violenta, seja física ou psicológica, exercida contra qualquer pessoa ou grupo de pessoas sobre a base de seu sexo ou gênero que impacta de maneira negativa em sua identidade e bem-estar social, físico ou psicológico.

Negligência ou omissão: uma omissão por parte de quem compartilha o ambiente de trabalho ou, no ambiente esportivo, qualquer pessoa com o dever de cuidado para com outrem e que em função de referida omissão permite que algum dano seja causado ou propicia um perigo de dano iminente.

Como denunciar:

Disque 100 ou Disque Direitos Humanos.
Ligue 180 para casos de violência contra meninas ou mulheres.

APÊNDICE C – Transcrição das entrevistas

LEGENDA

... micro pausa ou interrupção ou alongamento vocálico.

(...) demonstração de corte em trechos não relevantes.

(inint) palavra ou trecho que não conseguimos entender.

((palavra)) comentários da transcrição ou onomatopeias.

'frase' menção a diálogos externos e reflexões internas.

Uhum ou aham - expressões afirmativas

PARTICIPANTES

B.: Moderadora

A1 – A6: Participante

PARTICIPANTE 1 – 28/11/2022

TEMPO DE GRAVAÇÃO

43 minutos e 18 segundos

((início da transcrição))

B.: Gravando... Tudo certinho. Só para você saber, A1, meu roteiro está do meu lado esquerdo, então ora eu vou te olhar, ora vou olhar para o lado esquerdo, tá?

A1: Tá bem, amiga.

B.: Mas a todo momento eu estou atenta a você.

A1: Tá bom.

B.: Vamos lá então, amiga. A entrevista está dividida em mais ou menos em cinco blocos, tá? Aí eu vou te direcionando, te falando mais ou menos o assunto de cada um, tá? Para você ficar tranquila na hora de responder também. O primeiro é bem rapidinho. No geral, eu já tenho o seu nome. Não precisa disso também, mas o nome é mais para eu me comunicar com você do que para tudo porque a gente não vai trabalhar com nomes, de maneira nenhuma, na pesquisa, tá?

A1: Tá.

B.: Então vamos lá: com qual gênero você se identifica?

A1: Feminino.

B.: Quantos anos você tem hoje?

A1: Vinte e oito.

B.: Com quantos começou a praticar futsal?

A1: Hm, acho que, bem inicial mesmo assim, tipo, bem inicial mesmo sem ser treino, o primeiro contato que eu tive?

B.: Uhum.

A1: Ah, pode colocar uns quatro, cinco anos. Bem criança mesmo.

B.: E aí, agora já entrando na parte do treinador. Então você começou com quatro, cinco anos, teve esse contato. E quando foi que você teve a sua primeira treinadora ou seu primeiro treinador de futsal? Ou de futebol? Né, as vezes... Não faz diferença, pode pensar nos dois.

A1: Aham. Nossa... É bem difícil, né? De lembrar... É... Mas foi lá no Jesuítas¹⁰³, um pouco depois disso. Pode colocar, eu acho que foi, hm... Quando criança ainda, uns oito, nove anos.

B.: Então em uma escola, né?

A1: É, isso. Foi o professor de Educação Física, né? Do colégio.

B.: Você tinha aulas específicas de futsal ou era só dentro da Educação Física mesmo?

A1: É, inicialmente era só dentro da Educação Física.

B.: Uhum. Beleza! Você lembra, mais ou menos, A1, de maneira geral, quantos treinadores ou treinadoras fazem parte da sua trajetória?

A1: Pegando em específico do futsal, é, se tirando... Não era só na aula de Educação Física, já entrando no futsal, é isso?

B.: Uhum.

A1: Lembrar... Eu acho que foram, depois lá do Jesuítas, aí eu comecei a fazer o futebol mesmo society lá no Clube Bom Pastor¹⁰⁴, aí foi um. Aí depois disso eu fui para o Vianna Júnior¹⁰⁵ lá também foi um treinador. E aí logo depois a gente entrou para a faculdade¹⁰⁶, aí na faculdade teve o T1¹⁰⁷, o T2 e aí a T3. Então, cinco?

¹⁰³ Colégio dos Jesuítas, em Juiz de Fora/MG.

¹⁰⁴ Clube esportivo e de lazer de Juiz de Fora/MG.

¹⁰⁵ Colégio Vianna Júnior, em Juiz de Fora/MG.

¹⁰⁶ Faculdade de Educação Física e Desportos da UFJF, em Juiz de Fora/MG. A1 ingressou no ano de 2014.

¹⁰⁷ Os nomes dos/as treinadores/as foram substituídos pela letra "T" e o numeral correspondente a ordem que apareceram nos discursos. Quando os/as treinadores/as forem

B.: Isso.

A1: Um, dois... Isso, cinco.

B.: Beleza, então você já teve uma treinadora, né? Pelo...

A1: Já.

B.: Pelo nome... Beleza. É...

A1: Mais, né? Se a gente lembrar do Tá Joia¹⁰⁸ também, a T4 treinou a gente uma época.

B.: Uhum.

A1: Não sei a gente conta isso. Mas é um pouquinho nesse... (inint)

B.: Não, pode contar.

A1: Então, seis. Teve a T4 também.

B.: Beleza. E você sabe mais ou menos, A1, quanto tempo você ficou com cada um? Começou com um... Você falou mais ou menos, né? Mas é, pelo tempo mesmo.

A1: Olha lá no Jesuítas, ai, minha memória é bem difícil, não consigo te responder, não consigo te falar. Mas lá no Clube, eu comecei já mais para adolescente eram uns treze anos, aí foi uns três... Foram uns dois anos que eu fiquei lá no society com o T5, né? E aí depois pode colocar dois anos. E aí lá no Vianna foram três anos que eu fiquei lá. Aí depois o T1... Foi o quê? Um ano ou dois? Essa memória... Eu acho que foram uns dois foi de 2014 a 2016. E aí depois teve o T2 e aí ficou com a gente aí, seis anos, se a gente contasse? Cinco, né? Sou ruim com data! Acho que o T2 ficou com a gente maior “tempasso”¹⁰⁹, né?

B.: Não tem problema não!

A1: Pegando tanto o Tá Joia quanto a UFJF¹¹⁰, uns quatro, cinco anos e a T3 não foi nem um ano, né? Foi um curto período aí, uns três meses agora esse ano. E a T4 foi o quê? Eu acho que também não foi nem um ano. Se foi um ano, foi logo depois o T2 assumiu o Tá Joia.

B.: Beleza. E aí assim, A1, falando de maneira geral não foram tantos treinadores, né? Talvez essa pergunta você vai conseguir falar cada um. Você lembra um pouquinho da relação, de maneira geral, sem entrar em coisas específicas, que você teve com cada um? Como você descreveria essas relações?

comuns às atletas, sua referência será mantida. O gênero será preservado pelo artigo anterior a letra “T”.

¹⁰⁸ Equipe de futsal de mulheres amadora da cidade de Juiz de Fora/MG.

¹⁰⁹ Tempão.

¹¹⁰ Referência a Associação Atlética Acadêmica de Educação Física da UFJF.

A1: Lembro mais ou menos, eu lembro que o T5, ele sempre foi um cara muito machista, assim, eu lembro que eu comecei até treinar lá no Clube não por ele querer me dar treino, não por ele querer inserir mulheres no time dele, né? Que aí comecei a treinar só com homens e fiquei treinando só com homens lá no Clube. Mas também pela influência que meu pai tinha no Clube. Não só meu pai, mas minha família tinha influência no Clube Bom Pastor, então ele nunca foi uma pessoa que dava muita atenção para mim, tipo assim, largar lá, deixava rolar um negócio não era uma coisa muito. 'Ah, quero colocar meninas no meu time, né?' Já lá no... No Vianna foi completamente diferente. Que aí era um time só feminino. O time, era um time, na época era assim, bem visado em Juiz de Fora, era um time muito forte, tinham meninas muito boas, então o treinador ele já dava mais atenção, mais pegada para o feminino. Mas ao mesmo tempo tinha um time titular e era aquele time de futsal que entrava em tudo, ele colocava às vezes uma ou outra menina, que era campeã de tudo e ele queria ser campeão, então ele não dava muita oportunidade para outras meninas... Deixava sempre aquelas, né? Como o Vianna Júnior, sendo que tinham algumas que nem estudavam no Vianna. Aí depois entrando lá na faculdade já, aí depois foi só time feminino, né? Aí na faculdade o T1 era incrível! E foi o primeiro contato que eu tive assim com um time que não tinha estrelinha, vamos falar assim, igual era no Vianna, então, ele dava aquela atenção, ele queria, ele realmente queria ensinar a gente jogar bola. Tanto é que eu aprendi muita coisa ali com o T1. Eu virei outra pessoa enquanto atleta depois de conhecer o T1. Aí teve a T4 que aí já começa todos praticamente iguais assim o T1... Toda pegada, como as pessoas se conheciam, né? A T4 era muito amiga do T1, aí tinha essa pegada de 'vamos formar um time bom, vamos melhorar a técnica e a... O conjunto do time, não só habilidade de cada uma'. E o T2 e a T3 é a mesma coisa. E aí também era uma relação pessoal muito mais próxima, né? Por eu ser amiga do T2 e da T3, então aí era mais uma relação de amizade, pelo menos com a T3, né? Nesse último treino que eu tive com a FAEFID¹¹¹ e com o T2, aí pra mim, foi um dos melhores treinadores que eu tive até hoje, até pela parte de conhecimento geral que ele tem no futsal, né?

B.: Legal, A1, e aí você comentou rapidinho, né? A T4 e a T3 foram duas treinadoras que passaram pela sua vida e foi muito rápido, né, mas você consegue perceber alguma diferença, A1, entre ser uma treinadora mulher e um treinador homem?

¹¹¹ Faculdade de Educação Física e Desportos da UFJF.

A1: Eu consigo ver um pouco de diferença só na forma como elas lidam com a gente do que os meninos, tirando o T2 também que sempre teve essa pegada pessoal com todas as atletas que ele teve aqui, então sempre foi, foram treinos mais leves por todos serem amigos e tal, e tem essa... a T4 e T3 tinham mais essa pegada mais tranquila.

'Ah alguém errou...' Chega, conversa numa boa, tenta não ficar apontando erro. E aí já os outros professores, aí já não era assim. Já tem uma pegada de cobrança maior.

B.: E você percebe algumas semelhança também? Você acha que: 'Ah não, isso aqui era bem parecido', independente se era mulher, se era homem.

A1: É, coisas parecidas que eu via, na verdade, foram só no treino do T2 e da T3 que eu acredito, inclusive que T3 tenha aprendido muita coisa com T2. Então ela tem a mesma visão de jogo que o T2, aí tinha muita semelhança no treino dos dois.

B.: No treinamento em si, né? Na prática ali, metodologia...

A1: Exatamente, isso.

B.: É... Para a gente lembrar e ficar pontuado, A1. Quais são os locais que você teve treinamento de futsal durante sua vida? Futsal e aí o society também entrando porque muito próximo, né?

A1: Certo, lá no Colégio do Jesuítas, no Clube Bom Pastor, no Colégio Vianna Júnior e na UFJF.

B.: Beleza. E aí pensando agora nesses espaços e nas relações entre os treinadores, você percebe alguma diferença nessas relações de acordo com esse espaço? É... Por exemplo, se o treinador da escolinha lá... Que era uma escolinha, né, do Bom Pastor, era de um jeito e aí você achava que o espaço influenciava e aí na escola, já era alguma, algum outro jeito. Você percebeu alguma coisa de acordo com o espaço mesmo assim?

A1: A diferença maior que eu vi na verdade, foi exatamente essa. Tipo assim lá no Bom Pastor, como era a única mulher, então tinha mais essa influência na verdade. Não, não tanto pelo ambiente dentro do Clube Bom Pastor, não por ser uma escolinha, mas por eu ser a única mulher, aí eu via mais diferença nisso. Já no Vianna Júnior, é... não era uma escolinha, né? O time estava formado ali para ser campeão. Então tinha essa diferença também do professor com as atletas titulares, as melhores do time, que eram campeãs a sei lá quantos anos, e as meninas que estavam indo para tentar aprender, ele já não tinha essa... paciência, vamos dizer assim... Ele queria era ganhar, então ele não queria muito ensinar as pessoas a jogar bola, ele queria montar

o time para ser campeão. Então essa diferença de ambiente não teve muito, teve mais assim, o que que o professor queria com aquele time.

B.: Apesar de ser na escola tinha uma pegada mais de rendimento assim, né?

A1: Exato.

B.: Resultados digamos assim, né?

A1: Exatamente. 'Eu quero ser campeão da Copa Bahamas¹¹², aí eu vou colocar o time aqui para ser campeão', é isso.

B.: Beleza. Aí pensando um pouquinho agora, A1, fazendo um recorte por idade assim, tentando, é um pouco difícil para lembrar. Mas vamos tentar... Pensando na A1 criança assim, né, que foi lá, pelo que eu estou percebendo lá no Jesuítas e talvez no Bom Pastor também, né?

A1: Isso.

B.: Como a A1, criança, via essa relação com o treinador dela naquele momento?

A1: Tá, no Colégio Jesuítas eu gostava dos professores por eles serem meus professores de Educação Física, né? E aí como eu sempre fui muito fã de praticar esportes, eu estava no colégio, eu ficava ansiosa para chegar a aula de Educação Física, eu já tinha essa... Gostava mais dos professores de Educação Física simplesmente por eles serem os professores de Educação Física, que era uma coisa que eu gostava de fazer dentro do colégio. Já no Clube Bom Pastor, aí eu consigo me lembrar melhor. Eu já não gostava tanto assim, né? Não tinha esse apego do T5 porque eu me sentia excluída. 'Ah, tipo assim, só porque eu sou mulher, eu não posso aprender, eu não posso jogar da mesma forma que os meninos'.

B.: Aí na adolescência também, A1, adolescente, como é que você via essa relação com o treinador lá no Vianna?

A1: Ele era tanto treinador, né, da Educação Física, da matéria de Educação Física do Vianna, quanto o treinador da equipe Vianna Júnior. Então, eu na Educação Física, era apaixonada nele também, ele realmente é uma pessoa de bom coração assim, é um ótimo professor de Educação Física, mas aí chegava nos treinos de futsal, eu ficava puta porque ele não colocava a gente para jogar. Ainda mais eu tinha acabado de chegar no colégio, ele demorou muito assim, para tipo, confiar em mim e me colocar nos jogos, mas quase nunca colocava também.

¹¹² A Copa Prefeitura Bahamas de Futsal Feminino é uma competição amadora, organizada pela Secretaria de Esporte e Lazer (SEL) da Prefeitura de Juiz de Fora (PJF).

B.: Uhum. E aí a A1 já na fase adulta, aí pensando no bolo dos três assim que você comentou né? T4, T3, T2 dentro do... e o T1 também né? Dentro do desporto universitário e amador, né? Que foi dessa sua fase adulta, como é A1 e a relação com cada um se você quiser falar ou a relação de maneira geral pensando na A1 adulta assim.

A1: É, eu via a minha relação com os quatro bem parecida. Também como admiração, tipo assim, como colegas, né, de profissão. No início o T1 já estava quase formando, então era uma... Eu enxergava o T1 enquanto uma pessoa que eu gostaria de ser em algum momento assim, profissional, é... muito inteligente, sabia muito... Quando eu entrei na faculdade, eu tinha a vontade de trabalhar com o esporte. Então eu me vi ali, tipo um espelho, né? 'O T1 é foda, eu quero ser igual ele e tal'. A T4 é a mesma coisa. Sempre foi uma mulher muito inteligente, então sempre via a T4 como um ponto positivo assim, de conhecê-la, de falar: 'Quero ser também inteligente igual ela' e o T2 e a T3, muita admiração por eles correrem atrás de uma coisa que é muito difícil da gente ganhar né? Dinheiro... Se você pensar assim, 'eu vou trabalhar com esporte em Juiz de Fora' e também essa relação bem de amizade, bem pessoal, de chegar ficar abraçando, de querer saber da vida, de conversar.

B.: Legal demais. E aí de maneira geral assim, A1, o que você me diria assim, quais são os efeitos e impactos que esses treinadores e essas treinadoras tiveram e tem até hoje, né, de certa forma na sua trajetória? Pensando na A1 hoje, né?

A1: Bárbara, eu olho para o T5, para o T5 hoje e viro a cara. Para você ter noção, tipo assim, ele foi uma pessoa que eu até... Vamos falar que eu admirava de certa forma, né? Ele era o meu professor ali, mas aí depois de um tempo, aí agora na fase adulta que eu vejo o profissional que ele é, vejo o que ele fazia, eu tenho aquela coisa assim, aquele ranço dele, não, não quero ter contato. Às vezes eu até cumprimento por educação porque as famílias se conhecem e tal, mas não é uma pessoa que eu indicaria alguém a ter como professor, assim né? Pelo menos, não mulheres. Eu vejo algumas meninas ainda treinando o futsal, treinando o society lá no Clube e se eu pudesse falaria: 'po, vai para outro lugar porque tem lugares muito melhores para você estar a não ser aqui', porque ainda tem esse negócio de ser treino só com os meninos e o T5 não é uma pessoa que acredita tanto no futebol feminino, no futsal feminino, hoje em dia, né? Aí o professor do Vianna, que eu esqueci o nome dele, é... Admirei ele bastante quanto profissional de Educação Física quanto professor ali dentro do Colégio, de Educação Física que ele era bem inclusivo colocava todo mundo para

jogar tudo. Ele queria ver... Ele insistia muito que a gente... Era no ensino médio, né? Então era aquela coisa, as meninas no ensino médio não querem fazer aula de Educação Física, não quer nada, mas ele insistia, ele tentava fazer de todas as formas com que as meninas participassem das coisas que estavam sendo passadas, mas enquanto o professor ali de futsal, aí ele também tinha aquela coisa, né? Não sei se eu quero ter contato, entendeu? Ele era duas pessoas diferentes nas duas situações diferentes. E aí o pessoal da FAEFID só, só coisa boa para falar, só teve impactos muito positivos na minha vida, enquanto pessoas também. Foram quatro pessoas que passaram assim, que com certeza, não vou esquecer. Po, o T1 foi em 2014 que a gente entrou, que eu entrei na faculdade, foi que eu comecei a ter treino com ele e não esqueço o nome dele de jeito nenhum até hoje, então é uma coisa que tem um impacto, já tem hoje para fazer nove anos, tiveram pessoas da minha turma que eu não lembro o nome de nenhum deles e é um nome que eu lembro, que vai estar sempre guardado.

B.: Legal, A1, a gente vai para um terceiro bloco agora e eu fiquei curiosa, não sei se nesse momento você vai conseguir me responder assim, quando você fala dessa mudança do treinador lá no Vianna, né, da mudança de postura assim, né, na Educação Física e no futsal assim, a gente vai entrar em um bloco que eu acho que a gente vai trabalhar um pouquinho sobre isso, a gente vai falar um pouco sobre o comportamentos, como que o treinador/a demonstrava satisfação e insatisfação, beleza? E até agora tá tudo tranquilo, A1?

A1: Tudo tranquilo.

B.: Beleza. Vamos lá. Aí as perguntas são bem generalistas e aí você tenta fazer um rememorar mesmo assim. Se quiser falar de todos, bem, senão, 'ah isso aqui me chama muito atenção e eu quero falar disso', tá? Fica mais... Eu vou fazer perguntas mais abertas e aí você pode direcionar do jeito que te tocar o coraçãozinho, tá?

A1: Tá bem.

B.: Então, A1, você percebia mudanças significativas de comportamento dele ou dela em treinos e competições? E aí penso em alguém específico e essa mudança, né, para treino e competição.

A1: É, a única... É difícil... Mas o T5 eu realmente não me lembro muito porque eu era ainda muito nova, já o professor do Vianna é exatamente... Foi o que a gente falou tinha essa mudança de postura, mas a mudança de postura principalmente no... Entre Educação Física e o treino amador ali, né, para competição assim. Mas entre os

treinos dentro do futsal e na competição também não tinha muita diferença. Tinha essa diferença entre as aulas, né? Já o... Vamos lembrar... A T3 é a mesma coisa em tudo. No treino, na competição, aquela pessoa tranquila, para ela está tudo bem. Não, não demonstra muita raiva não, pelo menos com a gente, né? O T2 ele já era uma pessoa um pouco mais, vamos dizer assim, estressada nos jogos, principalmente quando a gente fazia coisas que a gente sabe que a gente errava de bobeira assim, ele ficava puto mesmo com a gente. Falava assim: 'porra, vocês sabem fazer isso no treino porque não vai fazer no meio do jogo? Sendo que você sabe fazer isso muito bem, né?' E aí o T1 e a T4, realmente eu não tenho muita memória, até porque eu acho que eu nem tive muita competição com o T1, se eu não me engano. Se eu tive, normal, eu não entrei muito, eu tinha acabado de chegar no time... Então foi uma coisa que eu não convivi muito, com ele foi mais nos treinos.

B.: Dessa diferença, A1, aí pode falar da... do treinador lá do Vianna que talvez... Te choca assim mais, que te bate mais. Tem alguma situação assim que você fala assim: 'nossa, nesse dia foi muito específico, uma diferença muito grande'. É, sei lá de ter aula com ele de dia, de manhã e depois de tarde, que te lembre isso de maneira muito palpável assim?

A1: Então, aí na verdade, infelizmente, eu não tenho essa memória assim. Não teve nada tipo, chocante não.

B.: Era uma constância, né?

A1: Exatamente.

B.: Você ia percebendo isso durante... Entendi demais.

A1: Isso mesmo.

B.: E aí, A1, como os treinadores e treinadoras, manifestavam satisfação nos treinos e nas competições? Que que você lembra assim, que a pessoa reagia de maneira favorável, né? Quando tinha alguma situação favorável essa pessoa reagia... Como é que era? Você, lembra?

A1: No meio assim, né... Pensando em competição assim, eu tenho muito mais memórias do T2 porque foi uma... Foi o técnico onde eu competi mais, não foi só treino, né? Tiveram muito mais competições com ele do que com os outros em si, se eu não me engano, o lá do Vianna a gente participou só de Copa Bahamas. Então foram, sei lá, uma a cada ano, então foram três, né? Com o T5 eu nem lembro se a gente competiu e com o T2 foram inúmeros jogos universitários e tals. Então com o T2 eu lembro mais... Igual eu falei, se a gente errava alguma coisa, ele ficava puto,

xingava a gente e tudo mais, mas se a gente acertasse alguma coisa, nem que fosse uma jogada só, não saísse gol nem nada, né, mas se tivesse uma jogada ensaiada e a gente acertasse, ele pulava dentro de quadra, aí ele ia do puto para muito feliz em questão de segundos, ele estava lá reclamando, xingando, aí depois a gente acertou alguma coisa e ele estava lá: 'po, é isso mesmo. A gente treina, é isso que vocês sabem fazer.' E aí tentava jogar o time mais para frente ainda.

B.: Legal, A5, aí você já falou aí um pouco da insatisfação. Tem mais alguém além do T2 que você queira falar sobre essa insatisfação também?

A1: É, na verdade não. Na verdade, tem a T3. Eu falei que a T3 ela é a mesma coisa assim, que todo mundo, mas eu só tive uma competição com ela esse ano, né? Que foi a CAV¹¹³. Aí a gente perdeu um jogo que ela não estava em quadra, que ela tava com outro time e quem tava era T6, substituindo ela. Só que ela ficou tão puta, tão puta que ela ficou assim... Quando ela ficou sabendo o que aconteceu no jogo que ela não quiser era nem falar nada com ninguém. Tipo assim... As atletas, principalmente as atletas que beberam muito no dia anterior e tal não sei o quê, no dia ela ficou mais afastada assim, tipo, 'ah não quero muito contato com você agora', sabe?

B.: Entendi. E você acha, A5, que a forma como os treinadores e as treinadoras reagia, independente de ser positivo ou negativo, né? A forma como eles reagiam assim, te influenciava no seu desempenho, por exemplo? De alguma maneira? Como é que você achava isso?

A1: Ah não, eu... Eu enquanto atleta, particularmente não. Eu era uma pessoa que, eu era influenciada, era o que eu parei de jogar, né... Infelizmente. Eu era influenciada mais com as atletas que estavam do meu lado do que com o professor, do que com o técnico. O que me abalava ou não era a forma como o time ou uma menina ou outra tava jogando.

B.: Era a equipe e aí independente se tava... Se o treinador falava x ou y...

A1: Exato... Aham.

B.: Em treino também a mesma coisa? Você sente alguma diferença? 'Ah, quando é competição é uma coisa quando é treino outra'?

A1: É, mesma coisa. É isso mesmo. Não via muita diferença não. Não no professor assim... Eu..., porra, se eu chegava no treino, estava com gás, aí já tinha uma menina

¹¹³ Copa das Atléticas nos Vales.

que não estava querendo treinar eu já ficava puta, aí o rendimento já caía de ficar estressada com a menina.

B.: E alguma coisa que você já fez, A1, o jeito que você agiu, já interferiu na maneira como o treinador ou treinadora se comportava? Alguma ação sua... Atitude.

A1: Não que eu me lembre, não que eu me lembre.

B.: Beleza. A gente vai para um quarto bloco agora, tá bom?

A1: Ok.

B.: Aí a gente vai falar um pouquinho de situações um pouco mais específicos. Aí o documento está aí e se você precisar de suporte, tá? Pode ficar à vontade para abrir, a gente... Eu espero, tranquilamente.

A1: Tá. Aham.

B.: Você já questionou algum treinador ou alguma treinadora?

A1: Já o quê?

B.: Questionou. Seja...

A1: Ah, se eu já perguntei alguma coisa, eu não...

B.: É...

A1: Eu não escutei o que você tinha falado.

B.: Se assim, alguma coisa do jogo que você questionou, algum outro comportamento, algum outro assunto, enfim...

A1: Sempre.

B.: Você já teve algum tipo de...

A1: Aham, já sim, com certeza. Principalmente quando sei lá, uma atleta tava bem no jogo, aí o treinador tirava ela. Mas já.

B.: E aí, você se lembra de alguma situação? Quer contar para a gente?

A1: Não lembro não. Aí já é demais (risos). Não, na verdade, na verdade. Não, na verdade não, porque teve uma situação específica na CAV, mas eu não cheguei a questionar. Tem uma situação específica sim, eu não me lembro quando que foi, qual jogo que foi, eu não me lembro, mas eu acho que foi no jogo do Tá Joia e que a T6 estava substituindo o T2, que o T2 não pôde estar presente e a T6 estava em quadra. E aí, eu porra, o jogo estava muito pegado assim, eu tava sentindo que eu era... Que eu tava muito bem no jogo, tava assim no gás com muita raça e tal, o jogo tava muito apertado. E aí do nada a T6 me tirou... Não, não foi no "Tá Joia", foi na FAEFID, jogo universitário. E aí a T6 me tirou do jogo e eu saí brigando mesmo. Eu saí puta com ela, puta, falei: 'caralho, T6, por que que tá me tirando? Por qual motivo você tá

fazendo isso?’ E ela não me respondeu, falou: ‘Não vou te falar nada agora não, você fica quieta aí’, sacou? Só que aí eu, aí eu tava puta, na verdade, a gente tava perdendo o jogo e duas únicas pessoas que estavam bem no jogo era eu e a Luísa Vieira e aí do nada ela me tirou do jogo para colocar não me lembro quem, e aí nesse dia eu fiquei puta porque o time tava muito péssimo e ela me tirou do jogo e eu era... Ao meu ver, né, eu era uma das melhores em quadra. Aí eu falei: ‘Que isso, T6, para que isso? Não tô cansada não, se você tá achando que eu tô cansada, eu não tô cansada. Eu quero entrar.’ Mas aí ela simplesmente, não com essas palavras, mas me mandou calar a boca.

B.: E aí era uma pessoa que estava substituindo alguém né? Não era sua treinadora...

A1: Isso, exatamente.

B.: De fato, nesse momento...

A1: Aham.

B.: Ou era alguém tipo, que tava junto, auxiliar, alguma coisa assim?

A1: Na verdade, ó, eu errei. Ela era, na época, não lembro qual JUMEF¹¹⁴ que foi, mas era o T7 também. Lembrei que eu tive uma época de treino com ele, mas foi pouco tempo também. E aí a T6 ajudava ele, era tipo auxiliar. E aí nesse dia só ela que tava em quadra porque o T7 tinha um jogo também. Aí ele não pôde estar com a gente. Ele chegou só no final do jogo.

B.: Beleza.

A1: Isso mesmo.

B.: Aí você falou dessa situação específica, então a gente... Vou perguntar só em cima dela, tá?

A1: Aham, claro.

B.: Independente da T6 ser sua treinadora ou não ser, mas pela situação em si.

B.: Aham.

B.: Você acha que esse, esse questionamento, né, esse embate, essa tensão que foi gerada ali, no jogo específico, teve algum impacto na sua relação com ele... Com ela! Nesse caso?

A1: Na hora eu fiquei estressada com ela, não queria olhar para a cara dela. Fiquei algumas horas depois sem falar com ela, mas impacto na relação não teve não. Só fiquei estressada na hora (riso).

¹¹⁴ Jogos Universitários Mineiros de Educação Física.

B.: Depois ficou tudo tranquilo?

A1: É, depois voltou... É, tranquilo.

B.: Como também não era sua treinadora em si, né, eu acho que, você me corrija se eu estiver errada, mas não deve ter tido também, coisas posteriores a isso, né?

A1: É, exatamente. Ali morreu, ninguém falou mais nada e vida que segue.

B.: Beleza. De maneira geral, A1, como você, se você se lembra, se eles faziam isso também, com relação a incentivo durante o treino e competição. Isso acontecia? Não acontecia? Se acontecia, de que forma que isso acontecia?

A1: Eu tenho muito mais memórias assim, bem frescas, no da FAEFID, né, porque...

B.: Sem problemas.

A1: No Vianna... É, no Vianna não tinha... Do T5 ele era uma pessoa que incentivava, mas não de forma muito clara. Que tava ali também como escolinha e tal, então não era aquela coisa... 'Nossa, a gente precisa de todas as formas possíveis ganhar isso, vou incentivar vocês de todas as formas possíveis'. É... No Vianna, aquela coisa, que... Eu não era aquela atleta titular ali porque o cara já tinha tudo contado, aí eu não tive realmente, era um time muito forte, então ele não incentivava muito. Ele ficava ali, mas as meninas em quadra se incentivavam mais do que ele. E aí já na FAEFID, aí tem mais ou menos todos os técnicos que eu tive tem mais ou menos esse mesmo perfil aí de, de realmente incentivar o time. Às vezes tá perdendo, aí para o jogo, começa a incentivar a galera. Tenta trazer de alguma forma o pessoal pro jogo.

B.: E aí você se recorda que os incentivos eram mais do grupo assim... Na verdade, para o grupo do que individuais?

A1: Isso, era mais no grupo em geral. Se tivesse alguma atleta ou outra que tava muito abaixo, eles tentavam chegar ali na atleta... Eles, né, maioria. Mas eu falo ali mais T2 que foi o professor que mais tempo tive ali. Eles chegavam na atleta e tentavam incentivar, quando era específico, né, tentava incentivar só ela, mas de uma maneira geral, ele falava com todo mundo, como um time só, não como só individual, né?

B.: E quando era cobrança, A1? Tava cobrando um desempenho, alguma coisa assim, como acontecia e se isso acontecia, né? E se era individualizado ou era mais para o grupo?

A1: Ah, a cobrança assim... Ele cobrava bastante porque ele sempre acreditou muito no time que ele treinava, né? Então sempre cobrava a gente, mas de uma forma geral também. Chegava para o grupo todo e cobrava, né... Eu nem me lembro dele chegar para um atleta só e cobrar ela individual, ele cobrava enquanto grupo, sempre.

B.: E como... Aí de novo, tá, A1, pergunta geral e você vai falando aí de cada um, o que você lembrar.

A1: Aham.

B.: É... Como o seu treinador ou sua treinadora reagia quando as lesões, compromissos ou questões pessoais limitavam sua participação ou performance no treino ou na competição?

A1: Começa a pergunta de novo.

B.: Ó...

A1: Começa.

B.: A gente vai falar um pouquinho sobre questões extra quadra, então assim...

A1: Sim, sim. Aham.

B.: Se você se lesionou alguma vez ou tinha algum compromisso ou tinha alguma questão pessoal que de alguma maneira te limitava ou a estar presente numa competição ou a sair de um jogo ou a não performar bem durante o jogo, como que o treinador reagia nesse sentido?

A1: Reagia... Entendi. O... Na... Aí é uma memória que eu tenho geral assim, todos, que eu me lembro, né? Todos os treinadores que me treinaram reagiram de uma forma boa, não era uma coisa, pelo menos comigo, né? Que eu sou uma pessoa muito pontual, então nunca fui uma pessoa de atrasar em treino, nunca fui uma pessoa de me atrasar em jogo... É, por nenhum motivo, nunca me atrasei, então isso já não é uma coisa para as pessoas virem, para os treinadores virem reclamar comigo. E quanto a lesão, aí já lesionei bastante assim, e aí todos entendia, até porque minha lesão, principalmente, era torção de tornozelo, aí me deixava fora de não conseguir pisar no chão. Aí todos os treinadores falavam: 'não, vai, recupera melhor o tornozelo para voltar'. Não tinha aquela pressa, tipo: 'volta logo. Era recupera primeiro, esteja cem por cento e volta'. Em questões pessoais também, graças a Deus, nunca foi uma coisa que me atrapalhou, então nunca transpareci isso para os professores.

B.: Uhum... Beleza. A1, você já foi xingada, chamada de algum nome, humilhada, ignorada por algum treinador ou treinadora?

A1: Não, por treinadores não.

B.: Beleza. Você já teve algum treinador ou treinadora que fez recomendações sobre por exemplo, o tipo de roupa que você deveria usar ou algum traço físico para a prática do esporte, a forma como você se porta, se veste, alguma coisa do tipo?

A1: Não tinha também, nunca teve. A única coisa que eu me lembro, assim, que é semelhante, é que lá no Clube Bom Pastor, eu tinha que usar o calção do uniforme. Lá é uma escolinha. E aí tinha uniforme, né? A bermuda e a camisa. Aí eu tinha que ir com aquele uniforme, eu não poderia colocar um outro short que não fosse aquele.

B.: Mas esse short te causava algum tipo de desconforto? Que você lembra?

A1: Naquela época não. Não era uma coisa. 'Nossa eu não gosto de usar'. Quando criança eu gostava mais ainda de usar roupa larga, então não, naquele momento não me incomodava. Mas... se fosse hoje em dia já me incomodaria de usar uma bermuda daquele tamanho.

B.: Era maior do que...?

A1: É, ela era aquelas bermudas de, de masculino mesmo. Lá no joelho.

B.: Uhum. E aí não tinha uma para você, né?

A1: Não tinha. Exatamente, era o uniforme masculino, eu tinha que usar ele.

B.: Beleza. É... No caso de derrotas especificamente agora, ou um desempenho abaixo do esperado também ou erro que comprometeu a sua performance em si, alguma coisa que você errou ou o seu time também, né? O seu treinador ou a sua treinadora já propôs treinamentos ou exercícios extremos que iam além das suas possibilidades físicas, por exemplo, mentais, psicológicas?

A1: Não, não me lembro de nada disso. Sempre... Os treinos eram sempre, entre aspas, né? Tranquilos, assim. De chegar, se alguém tava mal ou se alguém não estava aguentando mais. Todos os professores, realmente todos os professores que eu tive ficavam tipo, 'tá tudo bem, descansa, daqui a pouco, você volta'.

B.: Em nenhum momento, assim, pós derrota, 'vai correr na pista'?

A1: Não, nada disso.

B.: Beleza.

A1: Tinha o T5 lá que, na verdade, mas não era por causa de derrota. Era realmente a ideia dele, ele mandava a gente ficar correndo igual doida em volta do campo para aquecer, entendeu? Isso já que não era exaustivo, mas eu achava chato, ficava tipo: 'porra' (riso) 'melhora isso aí, sabe?'

B.: É... Você já se sentiu inferiorizada ou humilhada pelo seu treinador, agora especificamente, por você ser mulher?

A1: Eu me senti assim só com o T5, né? Porque era essa coisa ele: 'Ah, nossa, A1 joga muito, que não sei o quê, ((nãnnã)), fazia mil elogios, mas aí na hora da competição, quase que não colocava, só deixava os meninos jogarem, não era uma

pessoa que achava que devia ter futsal feminino ou futebol society, né, no Clube Bom Pastor. A única pessoa é ele.

B.: Você já vivenciou alguma situação de omissão ou negligência do seu treinador ou treinadora? Alguma coisa que eles deveriam dar conta, de cuidar dos seus, ou de alguma outra coisa e eles não deram?

A1: Não que eu me lembre.

B.: Beleza. Você já passou por algum... Ih... Você já passou por algum episódio de assédio ou abuso sexual?

A1: Não.

B.: Você já passou por algum episódio envolvendo toques em partes íntimas ou atividade sexual?

A1: Não.

B.: Seu treinador ou a sua treinadora já estimulou bullying com você?

A1: Não.

B.: Seu treinador ou sua treinadora já presenciou você ou alguma outra atleta sofrendo bullying ou algum tipo de violência?

A1: Não.

B.: Beleza. Tranquilo essas perguntas, né, A1?

A1: Aham.

B.: A gente vai para o último bloco agora, tá bom?

A1: Ok.

B.: Aí agora é BEM geralzão, tá bem?

A1: Tá.

B.: Fique BEM à vontade para falar, para... Acho que você já tá, né?

A1: (riso) É.

B.: Você gostaria, A1, de relatar alguma recordação, história marcante, alguma coisa de algum treinador seu ou treinadora?

A1: Não. É porque eu tenho poucas memórias assim.

B.: Uhum.

A1: A gente as memórias, igual eu falei, eu tenho muito mais da faculdade, né? E não teve nada assim: 'nossa, uau' nesses anos não. Por conta disso, também, né? Sempre foram técnicos também amigos, então facilita essa relação de treinador e atleta.

B.: Se você tivesse, A1, a oportunidade de mandar uma carta para um treinador ou treinadora de acordo com a sua né, experiência e vivência, o que você diria sobre as

relações deles com as atletas? E aí não precisa me responder agora, esse é um espaço mesmo aberto para se você quiser comentar alguma coisa, claro, de maneira geral, mas é um espaço também se você quiser escrever alguma coisa para alguém aí de forma anônima mesmo, mas às vezes é um processo mesmo de, de catarse, mesmo assim. É... A gente vai receber essa carta, pode colocar no trabalho de maneira anônima. Tá? Se você quiser comentar alguma coisa também pode, mas senão o espaço aqui é para, para deixar aqui essa possibilidade mesmo. Às vezes a gente fica com alguma coisa entalada, né? Durante a nossa vida, que a gente queria falar...

A1: É, verdade... Não, mas eu falaria, eu falaria com o T5 para ele dar mais visibilidade para o futebol, futsal feminino, porque ele tem, ele... Quando você vai fazer treino com ele, ainda mais que na época que eu comecei a treinar, ele trabalhava, acho que nos Estados Unidos, não sei se pela Tetra Brazil¹¹⁵, acho que era, inclusive. Então ele chegava e eu acho que não era só para mim que ele falou não, ele, ele criava o mundo assim, de expectativa na cabeça dos alunos também só por ele trabalhar também nos Estados Unidos, né? Ele falava: 'ah não porque eu vou te levar, que não sei o quê'. Eu falaria para ele sim ter mais o pé no chão e ao invés de criar expectativa, né, na cabeça dos meninos e das meninas, né, que treinam com ele, tem bastante menino lá também e ele começou a ser uma pessoa que acredite mais, para ele acreditar mais no futsal feminino e dar mais essa visibilidade. Ele ainda atua lá no Bom Pastor, então, ele dá mais essa visibilidade para essas meninas dentro do clube e não, tipo: 'ah, já que tem esses meninos eu vou colocar umas meninas aqui no meio'. Tentar ser essa pessoa: 'porra, eu vou montar um time de futsal aqui' que seria uma coisa bem legal aqui dentro do Clube e dentro da cidade de Juiz de Fora também. E tá faltando muito por aqui ainda isso.

B.: Beleza, A1. Você gostaria de fazer algum comentário, acrescentar alguma resposta ou deixar algum depoimento sobre algum tema da entrevista ou não abordado na entrevista?

A1: Não, não tenho nada para falar mais não.

B.: Tranquilo?

A1: Tranquilo.

B.: Então tá bom, A1, finalizamos.

¹¹⁵ Empresa que treina e contrata treinadores/as brasileiros para atuarem nos EUA.

A1: Finish?

B.: Finish!

A1: Muito bom.

B.: Vou parar de gravar... Parar a gravação aqui.

((final da transcrição))

PARTICIPANTE 2 – 29/11/2022**TEMPO DE GRAVAÇÃO**

01 hora, 08 minutos e 10 segundos

((início da transcrição))

B.: Beleza, no outro também foi. Show. Agora, A2, vou te explicar mais ou menos. Bom dia.

A2: Bom dia!

B.: Para a gente começar aqui, hoje é dia vinte e nove, estamos aqui com A2 para a gente começar a nossa entrevista. A2, vou te explicar, mais ou menos, repassar um pouco do TCLE e te explicar, mais ou menos, como vai acontecer entrevista, tá?

A2: Beleza.

B.: Primeiro, é... A qualquer momento que você se sentir desconfortável, você pode falar, tá? Para a gente parar de fazer entrevista. Se você não quiser responder também alguma pergunta, só falar também, tá? Não tem problema nenhum. É isso, a gente vai se comunicando nesse sentido. Tô falando seu nome aqui, mas é mais para nosso entrosamento aqui, para o nosso bate-papo.

A2: Tranquilo.

B.: Mas a gente não vai utilizar seu nome na entrevista, tá bom? Aí qualquer momento, é só falar, tá?

A2: Beleza.

B.: A gente vai dividir a entrevista em cinco blocos. E aí eu vou te direcionando, fique bem tranquila para falar, para, para... Para falar mesmo, a vontade. Tá bom?

A2: Tá. Show de bola.

B.: Beleza. Vamos lá, A2, começando já... Deixa eu só ver se está tudo certinho, tá gravando... Tá. Beleza. Com qual gênero você se identifica?

A2: Heterossexual.

B.: E aí você se identifica enquanto mulher?

A2: Isso.

B.: Quantos anos você tem hoje?

A2: Eu tenho vinte e dois.

B.: Beleza. Com quantos anos você começou a praticar futsal, A2?

A2: Puts, tem tempo. Eu acho que desde os meus sete anos.

B.: Ótimo. Quando você teve, A2, o seu primeiro treinador ou sua primeira treinadora de futsal ou de futebol? A gente não vai fazer taaanta distinção assim.

A2: Foi nessa idade também. Foi quando eu entrei na primeira escolinha, eu tinha sete ou oito anos, eu não lembro exatamente. Mas foi com um treinador.

B.: Beleza. Você lembra, A2, mais ou menos, e aí, algumas coisas a gente vai trabalhar bastante com a memória, tá? Então coisa você vai voltar lá atrás...

A2: Uhum, tá.

B.: Para você tentar me responder. Tudo bem se você não lembrar, mas é um pouco desse exercício. Você lembra, mais ou menos, quantos treinadores fazem parte da sua trajetória?

A2: Quantos treinadores? Aí você está englobando as mulheres também, ou não?

B.: Pode, pode.

A2: Tudo.

B.: Pode falar os dois já, se você quiser já falar quantos homens e quantas mulheres...

A2: É, tô fazendo as contas aqui.

B.: Isso.

A2: É, teve uma professora, assim, nem considero ela como treinadora, assim. Ela foi uma professora que encaminhou a minha família para que eu fizesse futebol na escola mesmo. Ela falou: 'Olha, essa tem que fazer futebol, coloca ela em uma escolinha'. E aí, nisso eu fui para essa escolinha aqui no bairro mesmo. Aí eu tive o meu primeiro professor. Foi um homem, né? E com ele eu fiquei por muito tempo. Muito, muito tempo assim, a categoria de base inteira foi nisso... Até os quinze anos, se eu não me engano. Que foi quando eu tive uma pequena pausa assim, dos quinze aos... Ali na fase do ensino médio, né? Que eu fiquei mais focada em vestibular e tal. Aí eu parei de jogar um pouco e voltei com o T7 na Atlético¹¹⁶, depois a T3, e aí a T6, e agora a T8 e o T9, atualmente.

B.: Legal.

A2: São três homens e três mulheres, né? Eu acho que é isso.

B.: Legal demais. E você comentou mais ou menos o tempo que você ficou, né? Você falou que o primeiro você ficou muito tempo, né?

A2: Muito tempo!

¹¹⁶ Associação Atlético Acadêmica de Educação Física da UFJF.

B.: Então quanto tempo mais ou menos você ficou com cada um? Você lembra?

A2: É, esse foi de sete aos quinze anos. Quinze, dezesseis anos. E aí no Tá Joia foi... Dois mil e dezoi... O T7, né? Vamos colocar a Atlética primeiro. É... Dois mil e dezoito até, podemos contar assim, dois mil e vinte? Que foi quando parou, né? Tudo. Aí esse tempinho com o T7 e ao mesmo tempo o Tá Joia, né? Com a T6 e tinha o T10 também no Tá Joia, né? Esqueci. Tinha o T10. É... Então mais ou menos uns dois anos também que aí teve a pandemia e tal, parou tudo e nisso eu já voltei porque o Tá Joia, infelizmente, teve seu fim, eu já voltei no Alfa-Biquense, né? Com o T9 e com a T8, né? Que aí é o atual. Desde o ano passado, final do ano passado.

B.: Então você ficou um tempinho bom assim, né? Com cada um.

A2: É. Com cada um.

B.: Beleza, legal. E A2, pensando agora individualmente nessas seis pessoas, né? Sete com o T10 agora que você comentou, como você descreve a sua relação com eles?

A2: Puts, sempre foi muito de amizade, assim. Eu nunca tive nenhum desrespeito com nenhum deles, nem fui desrespeitada por nenhum. Sempre fui aquela de... Da resenha ali, de conversar muito com os técnicos, entender o que eles queriam de mim, né? E o que eu podia ajudar a equipe. E sempre foi assim desde criança, desde criança... E assim quando criança, obviamente, com o auxílio dos meus pais, né? Eles me davam muito esse suporte. 'Olha, eles falam você tem que obedecer. Lógico sem perder a sua característica. Mas eles que mandam ali, eles sabem o que é melhor para você'. E eu acho que eu trouxe isso até, até hoje em dia, para mim.

B.: Legal, A2. E aí pensando agora nesse... Você falou que teve três quatro, né, homens, e três mulheres, você percebe alguma diferença entre o treinador e a treinadora?

A2: Não sei, se pela minha questão, né? É de interesse sexual assim, né? Vamos dizer, eu nunca percebi nada diferente entre os dois, para mim sempre foram pessoas que eu tive uma certa hierarquia, eu era jogadora, eles os treinadores e dali partiam todas essas relações, né? De técnico e jogador. E uma amizade construída com todos, né? Independente do... ((silêncio))

B.: Legal. E aí alguma, alguma coisa que você acha que era tipo assim: 'era a mesma coisa entre o homem e a mulher assim'. Não tinha uma diferença... Coisas que você acredita que eram semelhantes.

A2: Que eram semelhantes entre eles?

B.: É, uhum.

A2: Deixa eu pensar aqui... ((silêncio)) Uma... Esse primeiro treinador meu, é, ele assim foi como um pai para mim, não é? Porque eu entrei muito pequenininha na escolinha dele, então ele tinha uma relação com a minha família muito próxima, né? A minha família ajudava muito ele e tal nessa questão de organizar a escolinha porque era meio que um projeto social, alguns alunos que tinham uma condição melhor pagavam a escolinha e outros não, né? E aí nessa questão de levar para jogos, eu não sei mais o que, esses que tinham uma condição um pouco inferior, né? Acabaram que iam... Tinham que ir com a gente que tinha um carro e tal, isso assim foi o que mais diferenciou. Os outros todos foram bem parecidos mesmo pela questão de futebol apenas assim.

B.: Legal, A2. Conta um pouquinho para mim, por favor, os locais que você já praticou? Foi escola, foi clube, escolinha?

A2: Olha já foi... Escola, né? Escola sempre. Escolinha de futebol. E aí na faculdade, depois.

B.: No nível universitário ali também, né?

A2: É.

B.: Beleza. E aí pensando um pouquinho, é, nesses locais. Você acredita, A2, você percebe, na verdade, alguma diferença nas relações entre os treinadores e as atletas, né? No caso você, especificamente, de acordo com o local da prática? Tipo, ó, na escolinha era uma relação desse jeito... Você acha que o local influenciou de alguma maneira?

A2: Nas escolinhas era... Como as categorias eram mais abaixo né? Era uma coisa mais lúdica e tal. Na faculdade, já era uma coisa mais competitiva, né? E a relação com os treinadores já era muito mais de amizade, né? Porque a gente estudava junto, tava na resenha junto e pós jogo ia para casa de alguém conversava, coisas do tipo, né? Lá nas escolinhas já não tinha tanto. Apesar de que, [inint] o treinador que era da escolinha, né? A gente... Eu ia na casa dele, meus pais iam na casa dele, ele vinha aqui com a esposa dele e tal, mas era essa relação. Com a faculdade era uma relação de amigos mesmo, né? É que você podia contar o que você estava passando e... Você sabe como é que é também, né? Você já vivenciou muito bem isso.

B.: Legal, A2. Uma relação mais próxima assim, de amizade, né?

A2: Assim, ambas muito próximas, mas de formas diferentes, né? Antes, com influência dos meus pais porque eles eram amigos, né, e tal. E aí acabava que eu

ficava junto e aí na faculdade e nos clubes depois que eu fiquei mais velha e tal, é uma relação de amizade minha mesmo, que eu me sentia à vontade de ter amizade com essas pessoas.

B.: Legal e nessa fase da adolescência assim, A2, você ficou com pouca afastada, né?

A2: É.

B.: Ensino médio e aí na escola você continuou treinando ou não?

A2: É, na escola a gente tinha Educação Física e tal, né? Mas nada muito treino não, era mais uma brincadeira. A gente nem jogava muito futebol, jogava geralmente com os meninos, né? Que eu ficava lá no meio. Porque as meninas a gente só brincava de queimada e tal, e na escola que eu estudava tinha a questão da Educação Física ser separada era a turma das meninas e a turma dos meninos, né?

B.: Entendi.

A2: Porque era um cursinho, né, pré-vestibular e aí no prédio não tinha a quadra. A gente tinha que fazer em um horário além, ali no Clube Caiçaras¹¹⁷. Aí separava as meninas e os meninos.

B.: Entendi. Aí, A2, pensando assim, lá na memória mesmo assim, A2 pequena começou na escolinha ali com sete, oito anos assim. O que aquela A2 via no treinador? Como a A2 via aquele treinador naquele período? Você falou que ficou com ele um tempão, né?

A2: Um “tempasso”, muito tempo.

B.: Mas tenta pensar naquela A2 assim, como que era a relação daquela A2 com ele?

A2: Cara, eu via ele como assim, uma pessoa que poderia me ensinar muito e que ao mesmo tempo sabe, que me irritava bastante. (riso) Pela questão de ter aquele: ‘Ah todo mundo tem que jogar e não sei mais o quê’. E você sabe né? Como que eu jogo e às vezes eu não concordava muito bem com isso, então, era uma sensação assim que tipo ele ser um pai mesmo ali dentro da quadra. ‘Ó, você tem que jogar. Você joga muito, você faz isso, faz aquilo, mas eu tenho os outros meninos também, eles precisam fazer isso’. Era assim, gato e cachorro, sabe? Se abraçava o tempo inteiro, mas os dois de uma... Ele como uma personalidade e eu com a minha muito forte desde criança. Então era esse choque o tempo inteiro e os meus pais interferindo, né? Falando: ‘Ó, aqui, não tem como ser assim não, respeita ele, não sei mais o quê’. Mas

¹¹⁷ Clube Atlético Caiçaras, de Juiz de Fora/MG, foi extinto em 2021.

assim é uma pessoa que eu tenho um carinho enorme até hoje, ele frequenta aqui em casa, é como se fosse um pai mesmo, sabe?

B.: Sei demais, e é engraçado isso de você querendo jogar o tempo inteiro... (risos)

A2: Exato. Demais. E a gente sabe que isso tem que acontecer. Hoje eu, como estudante e tal da Educação Física, a gente sabe que... Mas naquela época não, eu só queria jogar, né? E tinha que ter alguém para me ensinar isso. E hoje eu vejo que ele foi uma pessoa que me ensinou não só naquele momento, mas hoje em dia eu levo coisas que eu aprendi com ele assim para vida, para eu não fazer com os meus alunos, né? Talvez uma coisa que ele fazia eu não concorde, hoje em dia, mas muitas coisas que ele faz, ele fez, né? Na época e hoje em dia eu falo: 'pô, realmente né, cara? Como é que pode?' Uma situação, sei lá, o time ganhando de sete a zero, só as meninas contra os meninos e tendo que entrar os meninos que a gente considerava assim, não tão bons, né? E a gente brigando com ele: 'Não deixa a gente, deixa a gente'. (riso) Mas é uma coisa da experiência esportiva mesmo, né? As pessoas têm que vivenciar isso.

B.: Tem alguma coisa, A2, que ele fazia que você fala: 'Nossa isso eu nunca faria com os meus atletas'?

A2: Uma coisa que eu... Deixa eu pensar. Ah, ele era muito... É... Muito emocional assim. É... Se o aluno, né, no caso, fizesse alguma... Como era um projeto social, da forma eu te falei, é, eu não sei assim se eu vou ter a experiência de trabalhar nisso em alguma época da minha vida, mas como era um projeto social, tinha as crianças assim que não era tão bem-educadas, né, que davam gritos e aí faziam uma coisa errada daqui, faziam uma coisa errada de lá. E aí por mais que o aluno fosse um exemplo dentro de quadra, as questões exteriores, geralmente, ele trazia para dentro da quadra. Falava: 'Ó, hoje você não vai jogar não porque você fez isso e isso fora', entendeu? Eu não sei se eu faria isso, né? Mas aí também a gente não tinha nenhum viés competitivo, isso também é uma coisa que eu não faria porque eu acho que as crianças têm que experimentar essa competição, é... Assim obviamente que seguindo, né, a idade. Mas tipo assim, ele era mais dessa "vibe" de: 'ah, todo mundo tem que jogar, todo mundo tem que vivenciar'. Eu não sei que eu sou TÃO assim, né? Eu acho que a gente tem que vivenciar, claro, mas a gente tem que lapidar esses que podem competir também, sabe?

B.: Ai, legal. Você já falou um pouquinho dessa pergunta, mas aí eu vou fazer a pergunta para você extrapolar um pouquinho até para os outros assim, quais os efeitos e impactos que seus treinadores e suas treinadoras têm na sua trajetória, A2?

A2: Então, é... Esse como eu já falei, ele é uma pessoa que hoje em dia eu já, já fui na escolinha dele de novo, né? E ajudei ele na escolinha como agora professora, né, formando uma professora, é... Hoje em dia eu pude dar uma visão atualizada para ele de coisas que né, eu sei hoje em dia e ele ainda talvez não saiba e a gente tem essa troca muito importante. Ele me fazendo, me fazendo lembrar coisas que eu já vivi e aí hoje em dia eu posso trazer isso de forma contrária ou abster aquilo e falar: 'Não isso eu posso trazer para mim como treinadora hoje em dia'. E aí também a T3, poxa... Que isso. Que pessoa... Assim, com ela eu aprendi muito né, no projeto. Tive como... Caraca, realmente ela ali foi realmente quando eu tive o primeiro contato de pessoas que valorizavam o futebol feminino, né? Por já terem jogado. E aí querem sabe, alavancar. E falar: 'Olha a gente tem que fazer o nosso, a nossa equipe tem que correr atrás, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo, mas a gente tem que, antes de tudo valorizar o futebol feminino'. Que é uma coisa que precisa tanto, né? É... De forma que, nos campeonatos geralmente, né, quando tem um masculino e o feminino, a gente sabe que a gente tem um tratamento diferente, então a gente tem que ter uma qualidade MUITO acima para ser pelo menos um pouco reconhecido como os que não tem uma qualidade tão boa assim, são no masculino, né? Então ali com as treinadoras, em geral, que eu tive, a T3, a T6, a T8 hoje em dia, né? E aquelas que eu jogo junto e que são treinadoras fora dali, né? Todas nós eu sei que a gente tem em comum isso. O além de jogar, é o fortalecer o futebol feminino. Até hoje, né, dadas as evoluções, até hoje ainda é um pouco discriminado assim, dentro de quadra. Fala: 'ah, futebol feminino, não vamos ver não' e aí eu sei que a gente pode oferecer, né? Esse domingo mesmo, a gente teve um jogão Alfa-Biquense¹¹⁸ e Buscapé/Bom Pastor¹¹⁹, né? E cara, é muito bom ver que arquibancada tá lotada sabe? Pela qualidade que se tem dentro de quadra, é, tanto nas categorias de base, que foi jogão também, tanto nas adultas, né, na Copa Bahamas de Futebol de campo lá no estádio, eu vi uma atitude muito bacana, assim, que eles sempre colocam o nosso jogo como

¹¹⁸ Equipe amadora de futsal de mulheres da cidade de Juiz de Fora/MG.

¹¹⁹ O Buscapé é uma equipe amadora tradicional da cidade de Juiz de Fora/MG que há três anos realizou uma parceria com o Clube Bom Pastor para treinar no local. O treinador responsável pela equipe feminina não é o T5 referenciado pela A1 anteriormente.

o primeiro ou último né? O nosso foi no meio! Então cara, tinha gente esperando para assistir e tinha gente chegando que falou: 'Ah, tá passando o feminino, vamos assistir'. Entendeu? Tá ficando muito forte isso e eu sei que o propósito das treinadoras em geral é esse. Antes de tudo da equipe, é fazer o futebol feminino ser forte, entendeu? Pela qualidade que isso tem.

B.: Legal demais essa fala, A2. Eu acho que concordo também assim. (risos)

A2: Não é? É muito bom ver isso.

B.: É, muito bom, muito bom. E você acha que isso é o que mais te impacta? Você comentou assim uma coisa que me chamou atenção...

A2: Você perguntou, né, o que diferencia eles... Os homens e as mulheres... Aí achamos uma resposta. É isso, né? Os homens, eles podem até te treinar, mas eles não têm essa importância que as mulheres vêm, né? 'Caraca, vamos fazer isso forte'. E aí independente da rivalidade que se tem dentro de quadra, você cria um ambiente de estar junto, sabe? De sororidade ali pelo, pelo um único objetivo, né, que é deixar forte essa modalidade. Os homens já não têm essa preocupação, eles estão ali pelo resultado. 'Ah, meu time ganhou, show. Meu time perdeu, o que que a gente tem que fazer para melhorar?'. Independente do respeito dentro de quadra, entendeu?

B.: Entendi demais. Importante e é legal... A entrevista vai assim mesmo, tá, A2? Você vai falando e isso aí, você vai lembrando isso.

A2: E aí vai entrando uma coisa na outra...

B.: Isso. Pode ficar bem à vontade, viu? 'Ah lembrei de alguma coisa aqui'.

A2: É.

B.: Fala, fica bem tranquila. A gente vai passar para o terceiro bloco agora. O primeiro e o segundo são mais curtinhos assim de, de são mais próximos, aí eu não costumo dividir. O terceiro aqui agora a gente vai começar a falar um pouco sobre comportamentos, ações, atitudes de treinadores e treinadoras, tá? Aí é um bloco que vai te forçar a lembrar de alguma situação. De vim aquele filme na cabeça.

A2: Tá.

B.: Você se lembrar de alguma coisa, tá? Você percebia, A2, mudança significativa de comportamento dos seus treinadores em treinos e competições? Você via uma diferença entre o comportamento durante o treino e durante uma competição?

A2: Via, via. É, na escolinha. Pera aí rapidinho que tocou o celular... É, via na escolinha, não tanto, né? Pelo viés menos competitivo, né? Mas nas competições em si, depois, né, na Atlético, nos times... Assim alguns deles eram mais tranquilos nos

treinos. E aí na hora do jogo se exaltavam. Outros eram mais exaltados nos treinos e na hora do jogo eu falava: 'Não, vocês sabem. Vocês já sabem o que tem que fazer. Aqui eu não preciso falar nada. É... Vocês vão decidir dentro de quadra. É o filho de vocês, né?' Tem essa, essa diferença entre assim... Só não vou te falar quem é quem né? Mas tem isso. Uns eram mais restritos nos treinos e aí na hora da competição trazia essa energia para o time. Gritava fora de quadra e tava ali o tempo inteiro falando e gritando, comunicando com as atletas. E aí do outro lado, tinha uns que eram mais restritos nos trei... nos jogos, né? Porque sabiam que tinha feito um trabalho que não precisava ser tão falado dentro, ali naquele momento. Só traziam: 'Olha a gente já sabe que tem que fazer. Agora é com vocês, é hora de dar o show.'

B.: Legal. Tem alguma situação assim emblemática que você: 'putz, essa aqui foi muito específico assim'. Sei lá, uma coisa com um prazo de tempo pequeno, do tipo, treino um dia jogou no outro. E aí o comportamento era muito diferente alguma coisa que te chama muito atenção?

A2: Cara, teve, teve... A gente foi para o JUMEF, né? E aí nosso treinador era sempre muito tranquilão e tal, é... Nos treinos, buscava muito da gente, cobrava muito e aí na competição, cara, eu acho que eu nunca tinha visto ele dessa forma, né? O T7. Pela situação do jogo. Deram uma falta e assim foram faltas consecutivas que a gente não concordava que era para ser para o outro time quando era nossa, não davam a falta, mas isso era um pensamento nosso, da equipe. E aí ele externou todo esse pensamento da equipe lá fora e ele acabou sendo expulso, né? E não sei mais o que lá fora da arquibancada, como ele não podia ficar mais dentro da quadra. Ele estava assim, levou para o coração sabe? 'Pô. Não é possível meu time estar sendo tão prejudicado.' E ele meio que externou para a gente o que a gente estava sentindo e ele acabou sendo punido, né? Para a gente jogar. Mas, e nesse jogo a gente perdeu também, fomos quase eliminado, praticamente. Eu lembro muito disso, assim. Não sei se tem mais alguma situação.

B.: Mas se você for lembrando aí, você pode voltar.

A2: É.

B.: E aí você comentou mais em uma insatisfação, né, assim agora na sua, na sua fala, né? Mas no momento que ele né, que ele gerou essa, essa reação assim e você lembra? E aí né, também pensando de novo, vou fazer a pergunta ampla e você vai lembrando o que vier na sua cabeça, como esses treinadores, essas treinadoras demonstravam satisfação durante os treinos e competições? Aí não pensando muito

na diferença em si não, mas pensando no momento de treino, como demonstrava, no momento de competição, como demonstrava satisfação?

A2: Acho que todos eles, no geral, é... Sempre demonstravam a satisfação deles, né? Seja o T7 comemorando, gritando e não sei mais que, 'porra é isso time. É isso mesmo'. Seja a T3 naquele jeitinho dela assim tranquilo, mas você via o olhinho dela brilhando sabe cara, 'é isso, olha o que o meu time fez', né? O T10 no "Tá Joia" de fora ali nos bastidores com a T6, os dois também o tempo inteiro: 'caraca, muito bom!' Sempre com esse feedback verbal. Acho que a maioria deles... E aí a T3 com aquele jeitinho, não deixando de fazer o feedback verbal, mas assim, que você viu um brilhaço no olhar ali: 'ah lá, a jogada que eu fiz dando certo'. E aí os dois do Alfa agora. O Alfa-Biquense. A T8 ela não tem muita essa característica de elogiar, sabe? Ela é mais daquela que vai trazer as críticas, né? Tanto no pedido de tempo, no intervalo, até nos próprios treinos. Ela não é uma pessoa que vai chegar e falar: 'olha sua característica principal é essa, vamos lapidar ela'. Ela vai trazer a que você é pior. Ela vai falar: 'olha, isso aqui você é péssima'. Vou te dar um exemplo assim, minha característica principal é o um contra um e o chute. O passe é bom também. Mas a marcação no time delas, a minha marcação não encaixa tão bem. Não sei pela transição, se a transição é lenta... Não sei, mas não encaixa tão bem a marcação. E aí o tempo inteiro, eu posso fazer gol, eu posso dar passe, eu posso driblar o time inteiro e fazer gol, mas se eu errar uma marcação, na hora do pedido de tempo, tudo que eu fiz vai ficar para trás e ela vai falar: 'olha, sua marcação sua tem que melhorar, ein! Desse jeito, não dá não', sabe? E aí ao mesmo tempo, o T9, na mesma comissão, o T9 do Biquense, né? Ele fala: 'Olha, brilhante, continua assim, a marcação a gente dá um jeito depois, né? Vai ter alguém para te cobrir'. E aí é engraçado que é o mesmo time, dois treinadores com pensamentos diferentes, trazendo, tentando trazer o seu melhor de formas diferentes, né? E assim isso é no geral, não é... Eu te dei um exemplo porque acontece comigo, mas é com o time inteiro assim. A gente conversando só as atletas, sem a comissão perto, a gente fala: 'pô, só critica, só critica. Cadê a característica, sabe?'

B.: Acho que a próxima pergunta era a parte desfavorável, né? Quando a situação tá crítica assim, como que os treinadores demonstram insatisfação, você já falou de um exemplo, né? Um pedido de tempo ali falar, pegar logo na ferida ali. Tem alguma outra, outro treinador que você lembra, como é que reagia, quando estava situação ruim, assim? Tanto em treino quanto em competição.

A2: Quando tava ruim, no Tá Joia, né, aí era a T3, a T6, e o T10, é... Eles, eles eram principalmente a T6 e o T10, né? A T3 era mais jogadora do que treinadora. Mas dava uns pitacos ali. Eles eram mais tranquilos, né? Começou a dar errado, eles vinham, pediam um tempo, chegava no intervalo e falava: 'olha gente, não tá bom não, a gente precisa consertar isso, isso e isso pra gente fazer dá certo e a gente sabe fazer isso'. Entendeu? Eles já eram mais tranquilos.

B.: Legal. Tem algum caso assim que você lembra? Não precisa lembrar agora não. Perguntei mais para você fica aí pensando.

A2: Pera. Deixa eu pensar aqui.

B.: Se você lembrar de alguma coisa, você fala.

A2: Tem uma...

B.: Pode falar!

A2: Tem uma situação que é bem legal assim. Nem tem muito a ver assim não, mas vou te contar que talvez você possa extrair para alguma coisa. É... Eu jogava no Tá Joia, né? E jogava contra o Alfa e contra o Biquense, que eram times separados antigamente e hoje em dia são juntos. E aí cara, é muito engraçado porque hoje em dia eu tô no Biquense. E aí eles me contam que: 'ó, quando a gente jogava contra o Tá Joia e você tava lá, seu apelido era cabeleira, a gente não sabia seu nome'. Mas ele falou: 'Olha', o T9, né? Que é o meu treinador hoje em dia. 'Ó, tem que marcar a cabeleira, se não marcar, você sabe o que vai acontecer e não sei mais o quê', né? E é legal de ver assim, que eles me observavam querendo me ter no time deles, mas como eu era muito Tá Joia assim, eles sempre tiveram esse respeito de não chegar pelas costas do Tá Joia e falar: 'Aqui, vem pro meu time, né? Vem para cá, vamos jogar com a gente'. Eles nunca fizeram isso, tanto é que eu era Tá Joia e Biquense do outro lado, e aí quando elas ficaram sabendo que o Tá Joia não entrou em competição e não sei mais o quê, elas vieram me perguntar: 'ó, o Tá Joia acabou? O que que aconteceu?'. Aí eu falei: 'pô, acabou', né? Aí elas, então agora é o momento certo: 'vem para o nosso time'? E aí olha, é muito louco, você jogar contra, contra um certo time que você admira e depois você fazer parte dele, né? Você entender os bastidores daquele time que certamente sempre te ganhava. E eu falava: 'poxa, o que que tem de diferente ali? Que que eles fazem de diferente? Será que é a qualidade das meninas? Será que tem alguma coisa por trás da comissão que faz isso acontecer?' E hoje em dia eu posso ver o outro lado, isso assim é muito legal, sabe?

B.: Legal. É legal isso. Acho que isso é natural do futebol, viu, A2? (risos)

A2: É... É comum no futebol assim, né?

B.: Ora você tá de um lado, ora você tá de outro. É... dessas situações assim, e comentários, A2, você falou de um aí específico de é, seu... Do adversário falando de você, depois agora você sendo parte dessa equipe e tudo mais. Com relação ao treinador e a treinadora, especificamente, a forma como essa pessoa se comportava, né, reagia nas competições, nos treinamentos. Você acredita que influenciava o seu desempenho?

A2: Com certeza. Com certeza assim. Quando traz muito só as críticas, eu acho que não é legal não, eu acho que a gente tem que trazer o que é melhor de cada atleta, né? Quando você... Você joga mais à vontade, quando você sabe falar: 'o meu melhor é esse daqui, eu posso fazer sem eles me cobrarem o que eu não sou tão boa', né? Eu sei que eu tenho que melhorar certas, certas coisas, mas quando você sabe que você é boa em certa parte e eles te passam a segurança para que você faça isso sem cobrança de errar em outra parte, eu acho que fica muito mais saudável para todo mundo, tá? E é uma coisa que eu venho, eu venho assim, brigando, né? Não entra na minha cabeça, porque eu estudo muito sobre isso, a psicologia do esporte, o treinador... O que é ser o treinador, né? Ser treinador: 'pô, eu saber ali como é que tem que dar um passe, como é que tem que dar um chute? Pô, isso é moleza! Passar isso para alguém. Agora, eu administrar uma equipe? Como é que eu faço, né?' E principalmente quando é uma equipe que se tem atletas de alto nível em todas as posições, né? Inclusive no banco. Você sabe que... Eu por exemplo, geralmente entro substituindo alguém, né? E para você ver, é uma pessoa que joga muito lá dentro, saindo para uma pessoa que joga muito bem também e isso em todas as posições. Deve ser assim, extremamente difícil administrar isso. E aí eu fico me perguntando o tempo inteiro, se eu tivesse em uma situação dessa como que eu ia fazer, sabe? Não é tão simples assim também para o treinador, ter essa administração de equipe, né? A gestão de pessoas é muito difícil, é muito complicado.

B.: Agora você estudando, né, com essa visão também...

A2: É, assim. É um bate cabeça o tempo inteiro porque você está ali como jogadora, só que aí termina o jogo, você vem para casa, você toma um banho, você fala: 'caraca, se fosse eu?' Acho que talvez eu faria tudo completamente diferente, talvez eu faria... E o nosso time hoje em dia, você conhece a pessoa, você tá... A nossa treinadora ela não é uma profissional na Educação Física, é uma amante do futebol. O nosso treinador é formado. E aí dentro da equipe são quatro pessoas formadas em Educação

Física que tem o contato já com isso, né, do gerir pessoas, e aí dentro disso, tem eu e Paula¹²⁰ que somos assim, professoras de futebol fora dali, então a gente entende também esse outro lado e aí fica esse bate cabeça, entendeu? O tempo inteiro, do time inteiro: 'caraca, mas que loucura isso! Eu faria assim, eu faria assim'. Mas dentro de quadra, a gente não fala, né? A gente deixa essa característica nossa fora, né? A gente sabe, a gente sabe que: 'pô, a gente é professora também, a gente sabe o que que tem que fazer ou o que a gente faria'. Mas ali não, a gente deixa isso para fora e quem manda são eles, independente da formação que eles têm ou deixam de ter. E isso é muito interessante... É, ficar pensando nisso fica até meio "lelé" da cabeça, porque (risos) é muito interessante, sabe?

B.: Leva a gente à prova mesmo, né?

A2: Leva.

B.: Saber ler o lugar que: 'ah, aqui dá para falar, aqui não dá. Aqui eu preciso... Aqui eu sou atleta, aqui eu sou treinadora'.

A2: É... Muito legal, sabe? Essa experiência é muito boa porque agrega para mim tanto no treinadora, quanto no jogadora, né? É muito maneiro.

B.: O tempo inteiro aprende, né, A2? Muito legal.

A2: É.

B.: A forma, A2, como você.... Como você tá falando aí, né? Bate cabeça, às vezes, e tudo mais, mas não levando só para o lado, talvez, negativo da coisa. Às vezes bate a cabeça também de maneira positiva, né? E tudo mais.

A2: É! Positiva mesmo. Ali todo mundo quer o melhor para o time. Então, assim... Dentro de quadra mesmo, às vezes a gente toma uma decisão que a treinadora lá fora, ou o treinador, sei lá, talvez eles falaram assim: 'marca pressão, marca pressão'. E aí o time resolveu: 'não, agora não é o momento, não é o nosso *feeling* de marcar pressão'. Talvez porque a gente esteja cansada, talvez porque a gente saiba que vai tomar uma bola nas costas. Mas aí vai e dá certo o que as jogadoras pensaram! E isso não vai fazer eles lá fora, né? Nenhum momento aconteceu... 'Poxa, vocês tinham que ter feito o que eu falei!'. Não! É dá essa liberdade, né? Eles dão um *insight* ali e deixam a gente solta para fazer o que a gente acha melhor.

B.: Legal. É, uma coisa, A2, você lembra assim, que você já fez, de maneira prática, às vezes né? Uma ação dentro do jogo de ter feito alguma coisa, ou uma outra atitude

¹²⁰ Nome fictício para preservar a identidade da colega de equipe e profissão.

alguma outra situação, você já fez que você acredita que tem interferido na maneira como o treinador ou a treinadora se comportava? Na relação de vocês? Alguma coisa específica?

A2: Eu vou te falar mais atualmente, que eu tenho uma memória melhor, né, obviamente... Que que acontece? É o Alfa e o Biquense, juntos. São dois times em uma, em uma união agora. Eu fui convidada pelo Biquense. O Biquense me trouxe para a equipe, né? O lado Biquense do time. E aí, eu sinto que com o T9 que é o treinador do Biquense, teoricamente, eu sou mais livre para jogar. Com a T8, que é a treinadora do Alfa, eu tenho que provar alguma coisa, sabe? Porque vamos supor que ela tenha uma jogadora já... Cara, é muito complexo isso porque ela coloca em quadra uma atleta da mesma posição que eu que é do Alfa. E aí parece que tipo assim, mesmo que eu jogue, jogue, jogue, jogue, essa atleta do Alfa é a de confiança dela, entendeu? Então, eu sempre tenho que tá ali, eu sinto que eu sempre tenho que estar provando que eu jogo mais do que essa... Outra menina, entendeu? É... É engraçado isso, sabe? Entra nesse bate cabeça nosso, né? Ainda mais que são dois times formando um. Você imagina como deve ser, mas é muito bom assim. Tenho total respeito por ela, entendo tudo que ela faz, tenho críticas assim, até crítica na minha cabeça, pô, lógico. 'Ah, eu acho que eu sou melhor'. Isso é óbvio, né? Todo mundo acha e assim vai... É muito interessante isso. Cara, eu acho que no Tá Joia eu não tô lembrando assim, de alguma coisa que eu tenha feito, que tenha influenciado nisso. Eu sei que... Assim, é um *feeling* mesmo de quando eu entro no Alfa-Biquense, e faço um gol, fica aquela pulguinha ali atrás da orelha dela, sabe? 'Caraca, será que eu tô fazendo a coisa certa? Será que ela realmente é a pessoa do banco, né? Será que a A2 vai crescer tanto assim?' E aí eu sei que o T9: 'pô, eu sabia que ela ia fazer isso, né? É o que ela faz sempre né?' E aí com a T8 tem meio que provar, com o T9 já tá provado, ele sabe que eu era capaz, né? No Tá joia, eu não lembro de ter feito nada assim que mudasse a coisa com o treinador assim... Nem na Atlético, é... Não que eu me lembre agora. Talvez possa até me lembrar depois.

B.: Sem problemas, A2. E você acredita que isso também nessa, nessa... Talvez, você tem que provar alguma coisa para essa treinadora específica. Você acredita também que fica ali dentro de quadra ou você sente alguma coisa fora quadra também? Alguma coisa que extrapola essa parte técnica ali?

A2: Não, fora quadra nós somos amigas também assim. Fora quadra é fora quadra. Dentro de quadra, nos treinamentos, nos jogos que acontece isso assim, mas fora é

todo mundo todo mundo amigo, né? Conversando daqui, batendo papo de lá, falando mal dos jogadores da Copa¹²¹ (riso).

B.: É bem específico ali então?

A2: É bem específico mesmo questão fora quadra e dentro de quadra.

B.: Legal. A gente vai passar para um quarto bloco agora, A2, a gente vai falar mais um pouquinho sobre uma relação um pouco mais delicada, de abuso e assédio, se tiver acontecido. Tá bom? Então é um momento também...

A2: Só um minutinho.

B.: Ah, tá bom.

((silêncio prolongado))

A2: Pronto, voltei.

B.: Beleza. Aí a qualquer momento, A2, se você não quiser responder, ficar um pouco desconfortável, você pode falar, tá bom? A gente pula a pergunta e tudo mais.

A2: Tá.

B.: Você já questionou algum treinador ou alguma treinadora? O que eu quero dizer que você pergunta, né? Já rolou algum tipo de embate? Aí pode ser com relação ao jogo em si, alguma discussão ou algum outro assunto que envolva um tipo de discussão?

A2: Discussão? Não. Discussão não. Talvez só na escolinha, né? Aí eu era mais nova e tal. Assim, não discussão, sabe? Mas uma coisa ali tipo: 'poxa, por que isso, né?' Questionar mesmo, até hoje em dia, o questionar eu sempre faço. É uma coisa que eu gosto de fazer, para entender até o pensamento da outra pessoa porque às vezes ela fala uma coisa, você interpreta de uma forma, só que ela quis dizer outra completamente diferente. Então questionar eu faço muito, tanto para questão tática, técnica quanto para de fora ali: 'por que ela entrou? Por que você optou por esse time e não esse?' Isso, eu sempre faço, agora, como é que é a palavra, me fugiu aqui...

B.: Discussão?

A2: Isso, discutir, não. Aí eu já acho que é demais também, sabe, que não tem necessidade disso.

¹²¹ Copa do Mundo masculina de futebol no Catar, 2022, que estava acontecendo no período da entrevista.

B.: Acho que esses questionamentos que você falou que costuma fazer para entender mais até quando você era mais nova, você acha que isso influenciava a sua relação com o treinador ou com a treinadora ou influencia?

A2: Influenciar, influencia. Ele me traz para ser mais próxima deles... É, não tô falando questão de puxa-saco não. É de ter mais próximo ali e eles terem a confiança em mim e eu ter a confiança neles. Então eu acho que o questionamento eu faço muito ele por isso, sabe? Para realmente trazer ali: 'poxa, ele realmente pensou isso? Pô, é verdade. Não tinha pensado nessa hipótese. É inteligente da parte do treinador fazer isso. Pô, maneiro, legal, né?'

B.: Legal, uma relação acaba ficando né? Mais próxima nesse sentido, né? Você entende...

A2: É, mais próxima e mais saudável também, né? Igual eu te falei, porque às vezes você entende de uma forma e aí quando você faz o questionamento, você fala: 'ahhhh... Poxa, realmente né? Não tinha pensado por esse lado.'

B.: Legal.

A2: Eu sou aquela atleta que fica: 'mas por quê? Mas por quê? Mas tem certeza?' (riso)

B.: Legal e aí isso, de certa forma, tem te trazido coisas boas, né? Uma relação mais próxima?

A2: Isso, boas, boas. Tanto é que todos por todos esses times que eu já passei... Ah, teve o T11 também, no Buscapé, que eu esqueci. Foi uma curta trajetória, mas eu joguei lá um pouquinho antes do Tá Joia. É... todos eles eu tenho uma relação muito boa, sabe? Com todos. Desde os times que eu já joguei e que eu jogo hoje, todos os treinadores assim, são pessoas muito próximas a mim, que a gente pode conversar tranquilamente assim...

B.: Legal.

A2: É uma coisa que eu quero ter assim, independente, do time que eu esteja, do treinador que seja, é poder conversar com o treinador, é poder ter uma relação saudável com ele, sabe? Não aquela de picuinha, ficar: 'ah, fez isso, mas eu não fazia'. Sabe? É mais de: 'ah, ele fez isso. Tá, legal. Mas eu não fazia, mas, talvez, né?'. Mas entender o lado deles, que é tão difícil também.

B.: Legal, A2... Tentando pegar na memória assim, de novo.

A2: Aham.

B.: Você já comentou um pouquinho sobre incentivo, né? Falou que teve treinador já que incentivava um pouco mais, que tinha uma mudança até de treino e competição. Queria entender agora se esses incentivos, quando aconteciam, como eles aconteciam? Era através de frases, de gesto? E se era individual com você ou se era no grupo?

A2: Já tive incentivos individuais, né? Que depois ali da preleção, não sei mais o quê, vinha o treinador, a treinadora, em mim e falava: 'ó, hoje é seu jogo, hein?'. Talvez falava isso para todas, sabe? Mas chegava ali pertinho e falava, de forma individual. E da mesma forma tive experiências, né, de treinador e treinadoras que faziam no geral. Traziam o time ali na conversa mesmo, trazia essa impulsão para o time. Teve um que assim, foi bem marcante para mim, foi na Atlético, com a... Cara, era o T7, mas a T3 que fez essa situação. Ela pegou um papel, escreveu... Você deve saber qual é essa dinâmica. Pegou um papel, escreveu a característica de... Eu não lembro muito bem, mas eu acho que ela escreveu a característica de cada pessoa e deu na mão de cada uma. Aí fez todo aquele incentivo, né, verbal e não sei mais o quê, aquelas palavras bonitas, né? Que emocionam o time, geralmente. E aí ela falou: 'Olha agora abre o papelzinho de vocês.' E aí ali estava, né, a principal coisa que a gente poderia oferecer. E aí ela terminou que ela falou: 'Tem alguém com papel igual?', ninguém tinha. Então todas as características se reuniam, né? Pela... [inint] Teve um do T7 também que ele... Foi no JUMEF, acho que sim... Teve um treino, né? Não foi bem um treino, foi uma reunião da equipe, mas ali para desconcentrar... É, é, aquela parte ali que você não treina, você só fica no pré-jogo, né? Aí ele trouxe esse vídeo, acho que era o Léo Santana, né? Que é um baita jogador de futsal, é... Elogiando o nosso time, falando que estava torcendo para gente, isso foi muito legal também. Então teve várias, várias formas de incentivar a gente assim, tanto individual quanto coletivamente. Já tive várias experiências, assim.

B.: Legal, legal que você fala isso assim com bastante carinho, né, desses momentos assim... Parece que foi bem importante.

A2: É! Claro.

B.: Legal... Agora o outro lado, né? Você falou um pouco dos incentivos e com relação à cobrança, A2, você lembra como isso acontecia? Se era através de quais artifícios e se era uma cobrança individual ou coletiva?

A2: Coletiva.

B.: Você comentou um pouquinho, né, da última treinadora que faz uma cobrança individual em alguns momentos...

A2: Isso.

B.: E aí vamos tentar extrapolar aí o dela e lembrar de algumas outras situações.

A2: Ó, geral... Essa cobrança, ela sempre foi muito tranquila para mim. Inclusive agora é também. Eu sempre entendi essa cobrança como uma forma de talvez incentivo também, sabe? Cobrou porque sabe que eu sou capaz, né? Acho que isso eu tenho para todos os treinadores assim. Mesmo eles ali cobrando, talvez de forma mais rústica, às vezes de forma mais sutil, né? Cada um com a sua, com seu tipo, né? E às vezes também algum que cobrava de forma muito sutil, muitas vezes, às vezes também cobrou de forma mais ríspida, mas isso assim, vai de pessoa para pessoa, de momento para momento. Tem hora que a gente sabe que nada está dando certo e aí não adianta passar a mão na cabeça, tem que cobrar de forma mais, mais forte, assim, né? Eu já tive essa experiência com todos assim. E às vezes os que tinham a característica de cobrar mais forte, chegar no momento ficar mais tranquilo, e às vezes cobrava mais tranquilo e em algum momento, talvez, não sei por que, cobrou de forma mais forte. Isso é comum, assim, é um ciclo, né?

B.: Então todos os momentos assim, tinha uma cobrança mais rústica, a palavra que você usou, mais ríspida, é... Você entendeu de certa forma, né?

A2: Aham, entendi.

B.: Você vê que tinha, e no momento você sentiu que...

A2: [inint], às vezes me deixou muito triste, talvez até me tirou do jogo. Aconteceu isso já... De poxa, a pessoa falar uma coisa e talvez por ela ter falado tantas vezes aquilo, em certo jogo, ela falou e 'poxa, não aguento mais escutar isso cara, entendeu? Que chatice. Toda hora, toda hora, a mesma coisa. Sabe que eu não sou boa nisso, vai ficar me cobrando só nisso? Não vai me elogiar nunca não?' É, acontece também. E teve vez de eu sair chorando da quadra porque aconteceu isso. Tanto na escolinha tanto atualmente. Já voltei para casa muito triste por ter acontecido isso.

B.: Por conta dessa cobrança, né?

A2: É, pela cobrança, é... A gente sabe que a cobrança é por uma coisa que a pessoa sabe que você é capaz, mas às vezes toca num ponto que está te, sabe? Tá doendo. E aí você erra de novo naquilo, já não basta o erro, ainda tem a cobrança, sabe? Junto com uma crítica. Cara, teve vez de chegar em casa assim, muito triste, muito triste... É... Teve uma vez que eu até cogitei falar: 'Ah, não dá mais para mim não, chega,

cansei, sabe? Não quero mais ficar ouvindo só crítica. Ah, todo mundo sabe já do eu sou capaz, não preciso para ficar provando nada para ninguém mais não. Chega. Não quero mais jogar.' E aí depois passou um pouquinho... Na hora da raiva isso, lógico, passa um dia já tá querendo comer bola de novo. (riso)

B.: Mas aquele momento pós, né?

A2: É, e principalmente quando essa frustração vem acompanhada de uma derrota. Aí... Aí a cobrança tanto individual quanto a da equipe é muito ruim. É muito ruim. E talvez, uma cobrança que você teve, aí seu time foi, ganhou, foi campeão, beleza? Passou batido. Mas aí quando o seu time perde, você já está doendo. Porque a derrota ela é dolorida independente do nível que você pratica. É dolorido perder e aí vem junto com isso uma crítica, uma cobrança, você fala: 'ah, chega, né? Quero mais não'. Mas aí depois passa ou também não passa. Já vi casos que a pessoa desistiu mesmo, que a pessoa falou: 'ah chega, né?'

B.: Depois disso né? Acabou...

A2: É, talvez pegou até no pessoal, né? E aí atrapalhou talvez até o afeto que tinha entre treinador, treinadora, e o atleta, né? Comigo nunca aconteceu ainda não, espero que não aconteça uma coisa tão séria assim. Mas de chegar muito triste em casa e falar assim: 'caraca, por que que tá dando tudo errado assim?', já aconteceu.

B.: Sentimento de frustração assim, né?

A2: É...

B.: Que acumula ali com a cobrança...

A2: Acumula, é...

B.: Coisas que vocês que jogam acabam enfrentando, né, A2?

A2: Exato, só quem joga vive isso.

B.: E aí, A2, uma coisa pessoal assim agora que a gente estava reparando... Como que os seus treinadores ou treinadoras reagiam quando, por exemplo, você se lesionava e não podia participar de uma competição? Ou quando você tinha um compromisso pessoal em algumas vezes e não podia estar presente no treino, em um jogo? Ou até com alguma coisa assim, que você não controlava, né, uma coisa incontrolável por você, mas que te atrapalhava na sua performance? Como que eles reagiam?

A2: Ou, de machucar assim, quando eu machuquei, foi muito perto do JUMEF. Acho que foi do JUMEF mesmo. A galera ficou bem triste assim: 'poxa, será que ela não

vai? Será que ela vai recuperar a tempo?' Tive isso dos treinadores quando eu machuquei. E a outra que você falou, como é que foi?

B.: Se...

A2: Se teve alguma outra questão que eu não pude participar? Alguma coisa assim?

B.: Isso, algum compromisso, alguma outra... Impedimento.

A2: Aham, sempre foi assim: 'poxa, A2, não vem'. E talvez eu nem estaria para o jogo, mas eu acho que eu agrego muito ali no pré-jogo talvez, sabe? Na resenha com a galera, eu trago muito o time para o jogo. Eu dou aquela energia, sabe? E aí, geralmente, a galera: 'poxa, a A2 não vem. Que paia, né? Que ruim, ruim para gente, né, de certa forma.' Tanto os treinadores quanto algumas jogadoras, amigas minhas e tal.

B.: Em alguma momento você já sentiu culpabilizada por isso, por exemplo? Por parte deles, tipo: 'ah, poxa, a A2 não vem, mas...' alguma coisa que você se sentiu mal assim?

A2: Não, não.

B.: Beleza. Você já foi xingada, chamada de nomes, humilhada, ignorada por algum treinador ou treinadora?

A2: Ixi, vou pensar. Ah, acho que assim, xingamento não, mas às vezes falaram coisas que eu não queria ouvir, sabe? E aí foram... Coincide com esse momento de talvez... Não a cobrança agora, mas falou uma coisa que ficou ali, aquela coisa: 'ai, não queria ouvir isso'. E aí coincide com esse momento de frustração, né? Que você desaba, né? Aí uma palavrinha que talvez não faria diferença nenhuma quando você ganha, na derrota ela te leva lá embaixo. Talvez para o treinador, naquele momento, foi uma palavra que: 'nossa, você tá chorando por isso?', mas que pela circunstância toda te faz desabar.

B.: Se você não se sentir muito desconfortável e quiser falar, A2...

A2: Uma vez que eu estava jogando assim, bem, teoricamente, assim, pelo meu ver, né? Obviamente. Eu entrei, a gente estava perdendo o jogo, eu entrei, a gente fez o gol, sabe quando aquele momento que o time cresce? Só que eu cansei, eu cansei, eu não estava conseguindo recuperar todas as bolas. Não estava conseguindo ir para o ataque e voltar o tempo inteiro, da mesma forma não conseguia estar lá atrás e dá o suporte lá na frente. E aí a pessoa me tirou do jogo... O tirar do jogo, tudo bem, né? A pessoa que entrou e ia fazer muito bem o que eu estava fazendo, só que a pessoa virou para mim e falou: 'muito obrigado, tá?', de uma forma assim, muito irônica... Ali

acabou o jogo para mim, não adiantava me colocar outra vez, que não ia adiantar mais. Mas não foi pela troca, foi pelo jeito que a pessoa falou comigo, né? E aí foi acompanhado de uma derrota, aí minha filha ali, acabou. Ali acabou.

B.: Você se sentiu mal?

A2: É, nesse eu fiquei muito triste.

B.: Beleza. Teve alguma vez, A2, que você já foi recomendada, de certa forma, a se vestir de algum jeito ou a se portar de outro jeito? Ou algum traço físico seu que o treinador ou sua treinadora, né? Te cobrou que fosse dessa forma ou falou assim: 'ah, desse jeito não dá', ou alguma coisa desse sentido?

A2: Não, não. Nada assim.

B.: No caso das derrotas agora, A2. Acabou de ter uma derrota ou você desempenhar um pouco abaixo do que você, ou gostaria ou que você está acostumada a desempenhar, ou a equipe mesmo ter um jogo de muitos erros, alguma coisa desse tipo. Em algum momento nessa situação, o treinador ou treinadora, depois de acontecer isso, já propôs algum tipo de treinamento ou exercício muito extremo que pode ter ido para além das possibilidades físicas suas ou da equipe?

A2: Não, também não. Já teve, é... De perder e tentar correr atrás, né? Fazendo treinos mais exigentes, mas nada assim, que fisicamente, extrapolou as jogadoras não.

B.: Em algum momento você sentiu que poderia ser como se fosse um castigo, assim, pelo desempenho?

A2: Não, de forma alguma. De forma alguma.

B.: Beleza. Você já se sentiu inferiorizada ou humilhada pelo seu treinador, agora especificamente, por ser mulher?

A2: Também não, de forma alguma.

B.: Você já vivenciou alguma situação de omissão ou negligência por parte do seu treinador? O que quero dizer com isso, né? Alguma situação que você acredita que o treinador ou a treinadora deveria dar conta ou tomar conta de você ou do grupo, e acabou não fazendo isso e você se sentiu um pouco desamparada?

A2: Não, também não.

B.: Beleza. Você já passou por algum episódio de assédio ou abuso sexual?

A2: Não.

B.: Você passou por algum episódio envolvendo toques em partes íntimas ou alguma atividade sexual?

A2: Não, também não.

B.: Seu treinador já estimulou ou praticou o bullying com você?

A2: Também não.

B.: Seu treinador ou sua treinadora já presenciou você ou alguma outra atleta sofrendo bullying ou algum outro tipo de violência?

A2: Não. Também não. Acho que não deixava aberta esse, esse ambiente. Os treinadores, né? Eles não deixavam aberto isso para acontecer.

B.: Controlavam o ambiente o tempo inteiro?

A2: É, controlavam. Isso.

B.: Vamos para o último bloco, tá bom? Para te liberar. Agora é um bloco mais solto, tá, A2? São três últimas perguntas, mais soltas assim. Se quiser ficar bem à vontade para falar mesmo. Você gostaria de relatar alguma recordação, história marcante de algum treinador seu ou treinadora?

A2: Ah, eu acho que com todos eles eu tenho algum momento que me marcou muito, né? É, talvez pequeno, algum gesto pequeno, acho que ao longo da entrevista, a gente já trouxe muito isso. Todos eles me marcaram de alguma forma positiva. Todos, todos, sombra de dúvidas assim.

B.: Legal, acho que você contou algumas histórias, né? De todos, eu acho que você já contou...

A2: É, algumas delas, né?

B.: Alguma historinha marcante.

A2: Com certeza.

B.: Aí, A2, se você tivesse a oportunidade de mandar uma carta para um treinador ou um treinadora de acordo com a sua experiência e as suas vivências, o que você diria sobre as relações deles com as atletas? Aí essa pergunta você pode comentar agora alguma coisa específica que te pontua, mas é um espaço também para que se em algum momento que você quiser escrever e mandar para gente de maneira anônima. Às vezes a gente precisa de um momento de catarse, que a gente queria falar alguma coisa para pessoas e a gente não tem essa possibilidade, então é um momento para isso. Se você quiser escrever posteriormente e mandar, mas é um momento agora também, se você quiser comentar como se você estivesse falando para ele ou para ela, dando um recado, sabe?

A2: Eu queria agradecer por toda a vivência que a gente teve, é, tanto dentro ou fora das quadras. É, por ter sido acolhida tão bem por todos, por todos eles assim... Essa

carta é em geral, não é para nenhum específico porque todos me trataram de forma que me deixam muito grata, sabe? Por fazer parte das equipes que eu fiz. Me fez muito bem conviver com todos eles assim, trouxe uma energia para mim, fui apresentada pessoas incríveis, né? É, pelo futebol. E a maioria delas eram os treinadores, assim. É um muito obrigada mesmo, não tem muito o que falar, é só agradecer pela vivência que eu tive com cada um, pela peculiaridade de cada um, né? Que pôde trazer o meu melhor da forma deles, em todos os sentidos.

B.: A2 hoje pensar em ser treinadora tem influência desses treinadores aí?

A2: Com certeza. Com certeza. É... O eu ser treinadora hoje em dia vem muito de não só dos treinadores, mas de todos os professores de Educação Física que eu tive. Desde a lá do prézinho, que era uma mulher, hoje eu vejo a coragem que ela teve de chegar nos meus pais e falar: 'Olha essa menina tem que ir para uma escolinha de futebol' e naquela época não era tão comum assim ver meninas jogando futebol, e ela teve a coragem de chegar nos meus pais e falar: 'olha, vocês têm que colocar. Essa menina é muito, muito capaz de ser uma jogadora. Coloca ela!' E aí depois com o da escolinha, ele talvez tenha me incentivado a ser uma profissional da Educação Física hoje em dia, né, por conviver tanto com ele. Meu olho sempre brilhou para a Educação Física, desde pequenininha, não tinha dúvidas do que faria. Em algum momento eu faria Educação Física... Todos, todos, assim, no ensino médio, os professores de Educação Física que eu tive também foram incríveis, né? E ali como eu já estava na questão do vestibular, né? Às vezes, a pessoa falar: 'pô, Educação Física.' E aí eles vinham com essa outra visão: 'pô, Educação Física é incrível, você vai gostar, né?' Alguns falavam: 'ah, a questão financeira não vai te ajudar não, né?' Mas aí eu via eles e falava: 'pô, olha o que que esses caras são, o que que eu não posso ser, né?' E assim todos os treinadores e professores, todos eles de alguma forma... Por isso que eu sou muito grata por ter todos eles assim na minha vida, tanto os que já passaram, tanto os que estão agora. Todos eles me trazem esta... O ser melhor na profissão, sabe? Eu posso pegar exemplos de cada um e construir o meu assim. Acho que isso vai até para carta. Todos eles me auxiliaram de alguma forma e auxiliam até hoje.

B.: Legal, legal! Você gostaria de fazer algum comentário, acrescentar alguma resposta ou deixar algum depoimento sobre algum tema que não foi abordado na entrevista?

A2: Não, foi tudo ótimo. É sempre bom responder pesquisas desse, desse assunto. É, precisando de mais, pode contar comigo. É sempre ótimo a gente ter esse foco, seja dentro da quadra, seja fora dela, seja na faculdade, seja em estudo científico ou só numa mesinha de bar... Juntar e falar sobre futebol feminino é sempre gratificante.

B.: Que legal!

A2: Eu sou apaixonada por isso e tem que falar bem mesmo. (risos)

B.: Muito obrigada, A2. Vou parar de gravar aqui.

A2: Eu que agradeço!

((final da transcrição))

PARTICIPANTE 3 – 30/11/2022**TEMPO DE GRAVAÇÃO**

44 minutos e 30 segundos

((início da transcrição))

B.: Um minutinho... Vamos lá. Hoje, dia trinta do onze, estou com A3 para fazer a entrevista do mestrado. A3, te passando rapidinho, o TCLE você já leu, já assinou, mas se em algum momento você quiser parar a entrevista é só você dizer, tá? Há qualquer momento que você não se confortável para responder também, você fala. Fica bem à vontade para parar a hora que você quiser, me falar o momento que tiver desconfortável, ou alguma coisa do tipo, tá bom?

A3: Beleza.

B.: A gente vai dividir entrevista em alguns blocos, aí eu vou te encaminhando. Mas é uma entrevista bem tranquila, bem solta. A gente vai usar bastante sua memória, você se lembrar de coisas da sua vida, da sua trajetória, então fica à vontade para falar, para contar... Se no meio você lembrar de alguma coisa de uma pergunta anterior, pode interromper para falar de novo, tá? Fica bem tranquila quanto a isso.

A3: Beleza.

B.: Podemos começar? Alguma dúvida?

A3: Não, podemos.

B.: A3, com qual gênero você se identifica?

A3: Feminino.

B.: Qual sua orientação sexual?

A3: Eu sou lésbica.

B.: Quantos anos você tem hoje?

A3: Hoje, vinte e seis.

B.: Com quantos começou a praticar futsal?

A3: Oito anos de idade.

B.: Beleza. Bloco dois agora, vamos falar um pouquinho mais dessa sua primeira experiência... Iniciar mais a relação entre treinador e atleta, beleza? Quando você teve seu primeiro treinador ou sua primeira treinadora de futsal ou futebol?

A3: Foi com oito anos e foi um homem.

B.: Beleza. Então logo no primeiro momento...

A3: Homem.

B.: E você já teve treinador logo de cara?

A3: Isso, treinador. Acho que eu nunca tive uma treinadora mulher.

B.: Massa. Você lembra, A3, mais ou menos, quantos treinadores fazem parte da sua trajetória?

A3: Acho que... Cinco ou seis... ((falando os locais baixinho para rememorar)). É, foram seis.

B.: Beleza. Treinadora nenhuma?

A3: Nenhuma.

B.: Tá bom. Beleza. Você consegue pensar mais ou menos, já contou aí o nome de cada um. Quanto tempo você esteve com cada um, mais ou menos?

A3: Ai, acho que... Um período maior foi o período da escola, né? Ensino fundamental, acho que foram quatro anos e no ensino médio, três anos com T12. De resto foi um, um ano, no máximo dois.

B.: Teve algum menos que isso? Meses, alguma coisa assim?

A3: Não.

B.: Beleza. Pensando nesses cinco que você já teve, A3. Sem perguntar alguma coisa muito específica, você pensando agora, como você descreve a relação com cada um deles?

A3: Olha, na escola era, quando eu estudei no Central¹²², era uma relação muito boa entre treinador e atleta porque eu era "A" menina da escola que jogava o futsal. Então eles faziam tudo, né, e naquela época você é criança, você é a mimada na escola, então você acha que você tem tudo, né? E o professor dava isso. No ensino médio a minha relação com meu treinador não era boa. E, por ele, eu quis fazer Educação Física e quis mudar o jeito dele tratar a relação que ele tinha com as suas atletas porque ele era muito arrogante, não sabia conversar com as meninas. E, por esse objetivo, eu falei: 'não, eu vou fazer Educação Física e vou mostrar que não é assim trata uma atleta'. Depois, na faculdade em si, a relação era muito boa, de trocas, por já estar na faculdade, ser o treinador que também era da faculdade, a cabeça pensava muito igual, eu nunca tive nenhum problema. Acho que o maior problema foi com treinador do ensino médio. A gente NÃO se batia...

¹²² Instituto Estadual de Educação de Juiz de Fora/MG.

B.: É recorrente falar que às vezes a pessoa quer fazer Educação Física por conta de uma boa experiência, né? E você foi ao contrário.

A3: Sim. Foi ao contrário.

B.: Legal. Com relação aos locais de prática, A3, quais locais você já teve treinos? Já teve... Já treinou futsal com um treinador?

A3: Local de prática... Escola, faculdade e no futebol eu tive uma experiência no Botafogo¹²³, né? Quando eu era... Quando eu tive quatorze anos pelo campo. Minha única experiência assim no campo em si, mas fora isso o local de treino, escola e faculdade.

B.: E você percebia, A3, alguma diferença nas relações com seus treinadores que poderiam ser influenciadas por esse local? Tipo, na escola tinha mais essa relação, no clube, às vezes, numa escolinha, tinha outra. Na universidade já era outra... Alguma coisa que pudesse ter uma relação com o local?

A3: Acho que na escola por você ser aluno, né? O tato é mais diferente do que no clube. No clube você está lá só. Você é jogador, se você não render, tchau. Na escola a troca era melhor porque como você era adolescente, né? Então o professor tinha que saber como conversar com você. E na faculdade era mais cabeças adultas pensando igual. Não tinha tanta...

B.: E na escola que você diz, além da Educação Física tinha um...

A3: Um horário com ele.

B.: Específico?

A3: Específico. Tinha três treinos na semana, no Patrus¹²⁴.

B.: E aí era só menina?

A3: Só menina. Ele tinha um só de menina.

B.: E isso foi durante a sua adolescência?

A3: Sim. Do primeiro ano ao terceiro ano do ensino médio.

B.: Do ensino médio. E quando era mais novinha...

A3: Fundamental... Não, aí tinha uma vez por semana no Central, mas nada... E era aqueles treinos: 'ah, coletivo.' O professor juntava as meninas que sabiam jogar e praticava de competição. No Patrus não, já era uma pegada totalmente diferente. Três

¹²³ Botafogo de Futebol e Regatas, clube da cidade do Rio de Janeiro/RJ.

¹²⁴ Escola Estadual Sebastião Patrus de Souza, na cidade de Juiz de Fora/MG.

treinos na semana, várias competições, uma pegada mais dada para competitividade mesmo.

B.: Com relação assim a sua idade, A3, pensando na A3 com oito, nove, dez, né? Aquela primeira idade que você teve contato, depois a A3 adolescente, depois a A3 adulta. Como essa A3, por exemplo, criança, via esse treinador?

A3: Cara, no primeiro momento, com oito anos, eu no meio dos meninos, eu achava o máximo. Eu era a única menina jogando no meio dos meninos e conseguia jogar, então aquele “sonhozinho” de ser jogadora ficava na cabeça. No ensino fundamental também por conta de ser o nome da escola, mas quando eu fui para o Patrus, eu não era a única menina que jogava futsal, tinha mais meninas no mesmo nível, esse pensamento foi mudando e aí eu fui vendo que o barco era mais embaixo, que o tratamento era muito diferente. E a A3 adulta? É... A A3 de oito anos não pensava que ia ser a A3 que é hoje. Eu pensava que ia ser jogadora mesmo, ia estar em outro... Em outra cidade jogando bola. Não pensaria que eu estaria ajudando as meninas hoje a ter esse sonho... Isso...

B.: Então, A3, de maneira geral, quais efeitos e impactos seus treinadores, aí você pode falar de maneira geral ou pode falar o que cada um impactou ou fez, né, de diferença, tem na sua trajetória?

A3: Então, acho que o mais marcante assim foi o treinador do ensino médio que pelo tato, pelo jeito que ele tratava a gente, eu posso até dar o exemplo, teve a final do estadual do JEMG¹²⁵, a gente tomou um gol em trinta segundos do primeiro tempo, saiu a bola, foi gol. Ele pediu tempo e acabou com a gente. Assim, a gente não precisava daquilo aquela hora, a gente precisava do apoio dele e ele usou várias palavras assim, eu não vou lembrar todos, mas como se a gente fosse nada, que a gente não merecia estar no final e tudo e aquele dia me marcou. E aí a gente foi campeão do JEMG, a gente virou o jogo para três a um e naquele dia eu falei assim: ‘Não, senão der certo com o futsal, eu vou ser treinadora para não ter esse... Essa postura dentro de quadra’. Isso não traz a atleta para você, só afasta as meninas e, não sou só eu que tenho esse trauma. Acho que todas as meninas que jogaram comigo aquela época tem, esse receio com esse treinador. Então acho que foi o mais marcante assim... E na faculdade, que não foi um treinador que me ajudou a desenvolver, mas foi um dos, ele como treinador, mas sim as minhas amigas que

¹²⁵ Jogos Escolares de Minas Gerais.

estavam por volta assim. O lugar onde eu estava, o time onde eu estava, fez eu querer mais, querer estudar, querer entender e criou a cabeça que eu sou hoje em relação ao futsal e ao futebol. Eu acho que a primeira... Eu acho que o que mais marca é a questão negativa. De... 'pô, por que que ele fez com uma menina de quatorze anos?' e hoje eu trabalho com essa idade, eu vejo que não é assim que funciona. Você só vai tirar a atleta de você, você não vai ter atleta na sua mão.

B.: E como é que foi, A3, assim... Você lembra da sua sensação na hora? Alguma coisa assim mais descritiva?

A3: Nossa! Assim, quando era mais nova, até pode assustar, eu sou muito calma, né? Vocês me conheceram assim muito zen, muito na minha. Mas com quatorze anos, eu era muito explosiva. Eu mandei ele para merda e falei assim: 'não, não vai ser assim não.' E eu era capitã do time. Chamei todo mundo e a gente virou. Então o que ele fez, me ajudou a chamar o time. Mas não era só eu que tinha que fazer isso, tinha que partir dele. Ele foi totalmente negativo, então a forma negativa que ele fez, desencadeou a minha forma de líder. Então a partir daquele momento ali a questão da liderança foi mudando, em cima de mim. Até então daquele time para os outros, eu sempre era relacionada como capitã por questão de liderança mesmo. Foi um pontapé esse feedback negativo que ele deu. Eu chamei as meninas, foi... Acho que, eu falo, senão foi o melhor jogo da minha vida, foi um dos. Que eu chamei as meninas, que eu fiz os três gols e aí depois eu joguei na cara dele que a gente foi campeão. Acho que foi a forma negativa que resultou na forma positiva depois, né?

B.: Mas que na hora foi um...

A3: Foi um baque.

B.: Foi um baque...

A3: Sim! Você pensa uma menina de quatorze anos, você olha para sua referência que está fora de quadra e ele fala que a gente não vai ganhar, que a gente não merece estar no final, que o time é muito ruim e não falando dessa forma, mas falando gritando e a gente ficou meio assim... 'O que que ele tá falando isso?'

B.: Uma coisa assim, que é hoje, extrapolando assim um pouquinho até o roteiro com você, assim, mas havia outra forma de chegar nesse resultado, não fosse através...

A3: Sim!

B.: Dessa, desse seu, trauma mesmo, né? E aí senão fosse talvez você para virar essa chavinha com as outras meninas, talvez, a história da competição poderia ter sido outra...

A3: Sim.

B.: Beleza, A3, a gente vai passar por um bloquinho agora bastante de comportamento, aí vai pegar bastante na sua memória mesmo, de situação e tudo mais, tá bom?

A3: Sim.

B.: Até agora está tudo tranquilo?

A3: Aham.

B.: Beleza, agora as perguntas são bem gerais e aí você fala do que você vier na sua cabeça, se quiser fazer um, todos um pouquinho também não tem problema, mas vamos fazer perguntas bem generalizadas, tá? Você percebia mudanças significativas de comportamento deles em treinos e competições?

A3: Mudanças? Não muito. Mais nova eu não consigo lembrar... É... No ensino médio, muito. Esse treinador. Ele sempre foi muito arrogante.

((problemas no carregador do computador))

B.: Vou pausar aqui. Pausar rapidinho... Vamos lá, retomando, problemas técnicos (risos). Eu tinha acabado de perguntar das mudanças de comportamento entre treino e competição, você começou a falar do seu ensino médio.

A3: Ensino médio, é. Eu acho que ele sempre foi muito agressivo. Nos treinos também, a forma de falar meio arrogante, mas quando chegava no período competitivo, era absurdo a cobrança que ele tinha em cima da gente. O tempo inteiro resultado, resultado, resultado e esquecia que a gente era adolescentes que estava tendo aula, a gente estava se descobrindo, então todas essas questões ele nunca levou em relação para dentro de quadra ou fora de quadra. Então, a gente tinha uma relação ok fora de quadra, mas quando entrava no treino era sempre muito autoritário, uma coisa: 'eu decido tudo e você só obedece'. Já na faculdade, nos times mais adultos, não. Era mais autocrático¹²⁶, né, a relação entre o treinador comigo e com as outras atletas. A gente sempre conversava e é um ponto muito legal no treinador da faculdade que ele sempre gostava de escutar todo mundo. Então a relação tanto dentro, quanto fora de quadra era muito boa. E mudava um pouco na competição, porque você quer ganhar, né? Seu lado aflora um pouquinho mais, mas nunca passou do ponto de chegar de falar assim: 'nossa, não, não quero mais treinar com esse treinador. Não consigo

¹²⁶ Cremos que a atleta tenha se confundido e pelo contexto, gostaria de utilizar a palavra "democrático" ao invés de "autocrático".

entender as ideias dele'. Pelo contrário, sempre batia e eu sempre entendi o porquê que ele estava fazendo aquilo naquele momento. E quando era mais nova, não consigo lembrar porque não era treino mesmo, era uma vez na semana, aí era mais coletivo e professor de escola é mais paizão, deixava a gente mais solto, nada muito ali em cima.

B.: Você chegou a competir alguma vez quando você estava na escola, tipo, um JEMG mais novinha, alguma coisa assim?

A3: Não, a gente jogou muito mais intercolegial. Eu fui disputar mais JEMG, essas coisas quando eu fui para o primeiro ano lá no Patrus.

B.: Só para saber se você teve alguma experiência quando era mais novinha assim...

A3: Não, era mais treino mesmo.

B.: Beleza. Como você lembra, A3, que os seus treinadores manifestavam satisfação, tanto em treino quanto em competição?

A3: No ensino médio, acho que a satisfação dele era quando a gente fazia o gol e aí ele xingava, acho que dava para ver que ele estava feliz. Aquele xingamento que tem nas beiradas de quadra. E já na faculdade não, era o gesto... Um abraço, um feedback positivo depois do jogo ou no treino mesmo. São dois opostos assim, acho que já deu para perceber... Treinador do ensino médio para o treinador da faculdade. Mais isso, estou tentando lembrar mais alguma coisa. Não vem à cabeça assim.

B.: Se vier, você pode falar, tá?

A3: Sim.

B.: Aí pensando agora do outro lado, né? Como ele manifestava insatisfação? Como reagia quando alguma coisa estava desfavorável, como que eles reagiam?

A3: No ensino médio era te tirar e falar para caramba na sua cabeça. 'Por que você não está fazendo isso? Você não entende aquilo lá que eu falo? Você é burra?' Mais ou menos... E você com quatorze anos, você fica assim: 'ué, mas por quê? Não sei o que eu estou errando. O que que eu estou errando?' E nunca corrigia em si, só ficava falando: 'está errado. Está errado!' E na faculdade não, quando a gente errava, chamava, conversava, perguntava se entendia o porquê desse erro e aí corrigia, se a gente não conseguisse acertar, parava de novo. O jeito era diferente, sempre um era bem autoritário, mais grosso, e outro sempre mais democrático, conversando... É, mostrando o porquê que eu estava errando e o que que estava errado. Então eu nunca tive isso no ensino médio. Aí eu sabia que eu estava fazendo errado, mas o porquê

eu tava fazendo errado e o como eu poderia corrigir aquilo, nunca existiu assim de fato no Ensino Médio.

B.: E como você acha, A3, como você considera que a forma como eles reagiam, né, tanto positivamente, no momento favorável, quanto negativamente, no momento desfavorável. Você considera que isso influenciava o seu desempenho?

A3: Sim, muito! Eu sabia que eu poderia me doar mais quando era mais nova, mas chegou um momento até que no terceiro ano, eu até parei de jogar com eles. Que eu já não aguentava mais, era só feedback negativo... Eu estava desenvolvendo, mas nunca o feedback positivo: 'Nossa, você tá jogando bem, é isso!' E quando você é adolescente você precisa desse feedback. Até que eu parei de jogar. Falei: 'ah, eu não vou jogar mais, eu vou estudar para passar na faculdade'. E na faculdade só fez essa vontade de virar treinadora aumentar mais. Que aí eu vi: 'olha, é isso, ó, tá vendo? Eu sou adulta já só que ele consegue conversar comigo. Ele me mostra o que que está certo, o que que está errado. O que eu posso melhorar. E sempre quando eu acertava, o feedback não poderia vir imediato, mas no final do treino vinha. Então isso fez, eu falo que na faculdade foi um momento que eu mais evoluí, em si, como jogadora em si. E aí depois quando eu comecei a estudar também o futsal foi que eu evoluí mais ainda, eu consegui... Antes eu conseguia ver só na prática e aí com... Estudando, tendo feedback do treinador e colocando na prática, eu conseguia ver a prática e a teoria em relação a prática. Então foi crescente! Hoje em dia eu só bato pelada, eu vejo que a minha cabeça é totalmente diferente jogando, então foi muito da ajuda do treinador, de colocar isso na minha cabeça mostrando: 'ó, você pode fazer os dois'.

B.: A forma como você agia, você acredita que já interferiu na maneira como o treinador se comportou?

A3: Hm... Quando eu era mais nova? Acho que sim porque eu falava as coisas na cara dele, não estava nem aí, porque eu não gostava da forma dele falar comigo e ele continuava. Então... Ele sabia que aquela forma, que pode ser na cabeça dele, né? Ele gritando daquele jeito na final, ele fez virar chavinha. Então ele poderia achar que daquele jeito que ele falava comigo e eu retrucava, era o jeito certo de trabalhar. Só que aquilo hoje, A3, pensando como treinadora, eu só queria atenção dele naquela época. Eu tratava ele assim porque ele não me dava atenção. Porque se ele me desse atenção, eu ia ter uma abertura diferente com ele, coisa que eu tive com o treinador

da faculdade. Que esse gesto mais de carinho, mais de atenção, de entender mesmo o lado dele.

B.: Beleza, A3. Se tiver alguma coisa que você vai lembrando, você vai falando, tá? A gente vai para um quarto bloco agora, que a gente vai abordar um pouquinho assédio, abuso, algumas situações, tá bom? Você já questionou algum treinador seu? Pode ser embate acerca do jogo, pode ser algum comportamento, pode ser com relação a algum outro assunto.

A3: Cara, sobre questão de assédio assim, com nenhum! Nenhum teve alguma coisa que eu posso, vamos dizer, percebido mais nova ou mais velha para esse lado. E daí eu fico até feliz, né? Não teve comigo. Comigo ou com as outras meninas, não.

B.: Quando você comenta do seu treinador do ensino médio, né? Você fala que você fala que você retrucava ele, né? Você rebatia. Você acreditava que isso, você rebater, você de alguma maneira colocava... Ter um embate com ele ali, você acha que isso interferia na sua relação com ele? Na maneira do jogo ou enfim algum outro tipo de impacto nessa relação?

A3: Acho que sim, porque como a gente tinha um embate, às vezes, ele falava alguma coisa tanto dentro de quadra quanto fora de quadra que eu nem ligava, né? Deixava para lá. Mas algumas coisas que ele falava que eram pontuais, eu escutava. Acho que essa relação... Eu sempre até, quando eu era um pouquinho mais nova, eu conseguia separar a pessoa do treinador. Então ele como treinador não era um treinador bom, tinha muito impasse. Mas como pessoa, fora da quadra, a relação era boa.

B.: Mas se...

A3: Mesmo se tivesse esses impasses... Não, não tinha.

B.: Ficava também restrito ao jogo em si, né?

A3: Sim, porque até hoje se eu encontrar ele na rua, ele me trata super bem, a gente conversa. E ponto. Ficou lá atrás. Era a mesmo a relação atleta e treinador que não batia.

B.: Como que você lembra, A3, que os seus treinadores te incentivavam durante os treinos e competições? Aí de maneira tentando pegar na memória mesmo, se ele usava frases, usava gestos... Como que isso era feito? Se era feito também, né?

A3: Sim, o do ensino médio era daquele jeito que eu venho falando muito. Ah... Desleixado, muito arrogante e o outro da faculdade era com frases: 'Ah não, você consegue, está fazendo certo, continua que você vai conseguir. Olha, você está errando isso aqui, mas isso que você está acertando'. Então eram frases motivadoras,

né? Com embasamento, que eu acho que faltava muito no ensino médio. A gente não tinha isso. Era: 'ah, você está acertando! Boa', não, era muito o tempo inteiro: 'Não, você está errando, você tem que acertar isso'. Mas e por quê?

B.: Sim, e você se recorda se esses incentivos eram diretamente com você, esse tipo de incentivo era com o grupo?

A3: Era com o grupo, de maneira geral. Tipo, o tratamento dos dois era totalmente diferente. Com o grupo, o treinador do ensino médio sempre foi assim. E o treinador da faculdade também, em geral.

B.: E aí no incentivo era o individual às vezes? Mas também no grupo?

A3: Também no grupo, é... Mensagem no WhatsApp ou até mesmo como eu sempre fui a capitã do Ensino Médio e fui algumas vezes da faculdade, desse feedback... No Ensino Médio não tinha WhatsApp, né? Então era mais chamando no canto, mais arrogante, mas na faculdade tinha a conversa no privado para eu poder também falar com as meninas.

((conversa paralela porque o interfone tocou))

B.: Acho que voltou. E a gente falou do incentivo, né? E aí você se lembra também como era a cobrança? E aí eu quero saber se era individual ou se era em grupo? E como essa cobrança era feita? Você já falou da situação específica dessa final, né? Mas lembrar de alguma outra coisa, se essa cobrança às vezes era individualizada demais? Se era no grupo? Como era feita? Frase, gesto?

A3: No ensino médio eu acho que era muito em grupo, muito. Pelo time que ele tinha na mão, que na cidade era o melhor da cidade, então, ele achava que aquele jeito dele autocrático era, era o certo. Tinha uma menina específica no meu time que era mais individualizado. Era muito mais arrogante com ela, isso me deixava muito puta. Porque ela era a melhor do time e ele tratava ela igual todo mundo. Se... Dentro de quadra, né? Como se ela não jogasse nada. Isso deixava, me deixava muito preocupada na época, de incentivar ela positivamente. Não só eu, mas as outras meninas também. Mas era muito mais em grupo. Não, não, não me recordo dele falar comigo mais individual. Acho que pelo fato de eu retrucar ele o tempo inteiro, dentro do treino, no jogo, ele não falava comigo individualmente, era sempre no meio das meninas. Com o treinador da faculdade tinha feedbacks mais individualizados, mas mais positivo em si... De frases... Ai, frases vai ser foda de lembrar. Mas com o da faculdade era mais técnico em si, as nossas conversas. Comigo! Aí eu não sei com as outras meninas, mas comigo era muito mais voltado para a parte técnica mesmo

do porquê, como que se deve fazer, como ele achava que tinha que fazer, como eu achava. Como que era o jeito certo de fazer naquele momento com aquele time. Mas frases, difícil lembrar.

B.: Tem problema não. Como o seu treinador, de novo, no geral para você tentar lembrar de algum caso específico, reagia quando alguma lesão, algum compromisso pessoal ou alguma outra questão limitava sua participação ou sua performance em um treino ou competição?

A3: Ah... Na faculdade não tinha problema nenhum se a gente conversasse... Não. Ele não achava ruim, nem nada. No ensino médio eu já tive duas questões. A gente estava num campeonato, no JEMG. Eu torci o tornozelo no meio do jogo. E era, se eu não me engano, a semifinal. É... Eu jogava de pivô, e aí fui disputar uma bola com a menina, e a menina pisou no meu tornozelo e eu virei o meu tornozelo. É... Naquela hora eu pedi para sair, não tinha a menor condição e ele disse 'não, você vai continuar jogando'. Eu com muita dor, continuei jogando, meu pé como uma bola, mas mesmo assim na final do JEMG eu estava jogando porque ele falava que: 'não foi nada' e aí depois disso, depois que a gente voltou, eu fiquei seis meses parada, fazendo fisioterapia e tudo porque eu joguei dois jogos machucada. E como era escola e tudo, não tem aquele tratamento diferente, era faixinha no pé e bora jogar. Então isso ocasionou eu ter ficado um período mais de botinha, fazendo fisioterapia e eu ia nos treinos e lembrando aqui, ele sempre falava: 'ah, quando você vai tirar essa botinha aí? Já deu.' Meio que a aquele mimimi que antigamente a gente não falava que era mimimi porque falavam que não existia, mas que ele falava: 'não, você tá fazendo cera, isso daí já tá melhor'. Então teve esses dois momentos, no jogo, na competição e depois de achar que era mentira que eu estava machucada.

B.: Você já foi xingada, chamada de nomes, humilhada, ignorada por algum treinador?

A3: Ah, pra... Com esse treinador do ensino médio, eu acho que o xingar ele xingava todo mundo, né? Era geralzão. Nunca individual e na faculdade, não.

B.: Mas já foi xingada?

A3: Já, em geral ali, com todo mundo. No ensino médio sim. Eu acho que mais para o lado do atleta, né? Se você levar para o lado treinadora, ah, isso já! Por pais? Muitas vezes! E já ter... parte de pai falar que eu era mulher e eu não sabia o que eu estava fazendo ali. Dando [inint] para um time feminino. Isso aconteceu já.

B.: Mas como atleta?

A3: Como atleta, não.

B.: Você comentou algumas vezes, né? ‘Vocês são burras!’ e isso aí rolava...

A3: Rolava geral.

B.: Mas rolou especificamente com esse treinador do ensino médio?

A3: Sim. De resto, não.

B.: E algum treinador seu, A3, já fez alguma recomendação sobre o tipo de roupa que você deveria usar? Algum traço físico específico para a prática do esporte? Alguma interferência na sua pessoa, no jeito que você se portava, no jeito que você se vestia?

A3: Não.

B.: Beleza. No caso de derrotas, pensando agora em um momento ruim, né, desfavorável. Então uma derrota, um desempenho abaixo do esperado pessoal seu ou do grupo, ou algum erro seu específico, ou algum erro do grupo. Seu treinador já propôs algum treinamento ou exercício extremo que foi além da possibilidade física, no sentido de castigo, sabe?

A3: Hm, que eu me lembre, não.

B.: Você falou, contou, acabou de contar um relato, né? Você enquanto treinadora sendo inferiorizada por um homem por ser mulher. Isso já aconteceu parte treinador-atleta? Você já se sentiu inferiorizada, humilhada, por ser mulher?

A3: Não. Acho que pelo fato de eu trabalhar com meninas, acho que isso ajuda. Porque para elas eu sou uma referência. Independente de saber ou não o que eu tô fazendo ali é muito referência... ‘Ah, olha, olha onde a A3 está’ e não só pelas minhas atletas, mas eu acho que pelo, ai como chama? O geral lá em Juiz de Fora. As meninas dos outros times me veem muito como referência porque não tem outra treinadora mulher. Porque se for parar para ver lá em Juiz de Fora, a única mulher que é treinadora, sou eu. Que está no meio das competições assim. Mais da categoria de base. No adulto tem a T8, mas com categoria de base, eu sou a única. E eu trabalho com os pequenininhos, né? E com eles nada. Mas no começo com os pais, sim. Os pais sempre que chega lá fala assim: ‘pô, é uma mulher que está dando o treino’. Mas passa assim dois treinos, eu já tive feedbacks. E aí tipo é bom, mas a gente sabe que está comparando tipo, a gente dá o treino e ‘poxa, A3, vim te elogiar, seu treino é muito melhor do que muito homem aí’. Aí você fica: ‘mas não tem que ter essa relação’.

B.: Você já vivenciou, A3, alguma situação de omissão ou negligência por parte do seu treinador? O que que eu quero dizer com isso? Se em algum momento você se sentiu desamparada, se ele deveria ter prestado algum tipo de atenção, ou socorro, e você não se sentiu amparada?

A3: Acho que foi a época que eu machuquei.

B.: Essa lesão?

A3: Essa lesão... Tipo, ele achar que era só um mimimi, que eu não estava machucada. E naquela... Pô, a gente sabe, pô, adolescente vai querer ficar sem jogar bola? Não, não vai. Então, ele não foi a referência que ele deveria ser. 'Não, o A3, cuida. A gente está te esperando'. Não, não era assim. 'Não, não, você não vai vim treinar não? Não melhorou não? Você está... Agora você não quer treinar mesmo não'. Essas frases tipo, 'pô, você que não quer, né? Você está vindo aqui, você só tá fingindo que tá machucada'.

B.: Durante a competição, pelo seu relato também, ele...

A3: Simplesmente, zero... 'Não, é faixinha'. Ele enfaixou o pé e eu joguei, morrendo de dor, tomando remédio depois lá.

B.: E você comentou no começo, né? Acho que você nunca tinha passado por nenhum episódio de abuso ou assédio sexual? Nada? Algum episódio envolvendo um toque em alguma parte íntima ou alguma atividade sexual?

A3: Nada.

B.: Seu treinador já praticou ou estimulou o bullying com você?

A3: ((ñanã))

B.: Seu treinador já presenciou você ou alguma outra atleta sofrendo bullying ou algum tipo de violência?

A3: Que eu me lembre não.

B.: Beleza. Beleza, A3, vamos para o último bloco, tá? Você gostaria de relatar alguma recordação, alguma história marcante, alguma coisa específica de algum treinador que está na sua cabeça?

A3: Cara, eu acho mais o treinador da faculdade que foi um dos caras que fizeram eu dar o pontapé para querer mesmo estudar o futsal, querer desenvolver melhor. E ajudar, né, no desenvolvimento da modalidade em si para as meninas. Que ele foi uma referência em si. Acho que esse é o maior relato. Eu agradeço ele para caramba, que fez eu mudar minha cabeça, não só ele, mas várias pessoas do time. E fez a gente, me fez pensar de aí eu falo... Quando eu assumi lá o projeto da UF¹²⁷, no primeiro momento quando o Marquinho falou assim: 'ah não, assume o Sub-15 aí'. Eu assumi pensando que: 'ah, não, é fácil dar treino, né?'. E aí quando você entra e você

¹²⁷ Projeto de Futsal Feminino da UFJF.

fala assim: 'meu Deus! Não é! É totalmente diferente e se eu não mudar agora, eu vou ser igual o meu antigo treinador do Ensino Médio. Não vou conseguir passar o que eu quero passar para as meninas'. E aí foi o pontapé de assumir, começar a estudar, de querer sempre evoluir mais para desenvolver mesmo a categoria. E hoje em dia eu falo, eu ainda não cheguei aonde eu quero chegar, mas eu sei que com essas meninas eu estou marcada para o resto da vida.

B.: Se você tivesse a oportunidade, A3, de mandar uma carta para um treinador de acordo com as suas experiências, vivência. O que você diria sobre as relações deles com as atletas? E aí agora assim, é um momento que se você quiser falar diretamente, como se você estivesse falando diretamente para um deles e se posteriormente a essa entrevista, você quiser de fato escrever uma carta e mandar para gente de maneira anônima. Às vezes, a gente precisa de um momento de catarse mesmo para falar algumas coisas que a gente não teve oportunidade, então o espaço está aberto para fala agora quanto para sua escrita, se você quiser posteriormente.

A3: Então eu vou pegar o que me marcou positivamente, né? Falaria para ele que ele foi um dos caras que me fez desenvolver como pessoa, como atleta e como treinadora. Que se não fosse ele ali dando um feedback a mais, colocando uma dúvida na minha cabeça, eu poderia nem ter chegado aonde eu estou agora como treinadora em si. Então ele foi muito importante para esse meu desenvolvimento na faculdade, como pessoa e como atleta e como treinadora, então eu agradeço muito ele e ele é referência assim para mim até hoje. A gente conversa, né? Mas ele não está aqui, mas que ele sempre vai ser minha referência, eu tenho certeza que se eu mandar uma mensagem no WhatsApp para ele e falar assim: 'ou, estou com uma dúvida gigantesca', ele vai estar ali querendo me ajudar. Ele foi o marcante.

B.: Legal, A3. Você gostaria de fazer algum comentário, completar alguma resposta ou deixar algum depoimento sobre algum tema abordado ou não abordado na entrevista?

A3: Não, acho que não. O tema é muito relevante porque cara, se você entendeu que sua atleta está pensando, você pode ajudar ela. Não só ela, mas você mesmo, do jeito que você trata a pessoa, ou porque cada pessoa é diferente, né? E se a gente não souber disso, que uma vai gostar de por exemplo, um feedback mais duro ali, e a outra não, você vai tratar as duas iguais, uma pode evoluir, a outra não. E o seu papel como treinador é o quê? Fazer a evolução de todas que estão na sua mão. Eu acho que a

gente entender um pouco mais a cabeça da atleta ajuda no desenvolvimento não só da atleta, mas também do seu treino, da sua visão como treinador.

B.: Que bom, A3, muito obrigada, vou parar minha gravação.

((final da transcrição))

PARTICIPANTE 4 – 07/12/2022**TEMPO DE GRAVAÇÃO**

51 minutos e 3 segundos

((início da transcrição))

B.: Beleza. Tá me ouvindo tranquila ainda, né, A4?

A4: Uhum.

B.: Show. Então A4, boa noite, hoje é dia sete do doze, sete horas da noite. Vamos começar a entrevista com a A4. E, A4, primeira coisa, eu já te expliquei um pouquinho antes de começar a gravação sobre o termo. Para eu situar aqui quando a Lud for escutar também, sobre o termo, a entrevista está dividida em cinco blocos, e a gente vai te encaminhando sobre eles com os temas, tá bom? Como são perguntas que fazem bastante referência a memória, infância e tudo mais, é... é um exercício que você lembrar alguma coisinha que já aconteceu... Contar alguma história, tá bom?

A4: Tá bom.

B.: Beleza. Então, A4, com qual gênero você se identifica? Feminino, masculino...?

A4: Feminino.

B.: Qual sua orientação sexual?

A4: Eu sou bissexual.

B.: Quantos anos você tem hoje, A4?

A4: Dezenove.

B.: Com quantos começou a praticar o futsal?

A4: Com... Oito, nove.

B.: Dentre esses oito, nove, né, A4, você já começou tendo um treinador de futsal ou de futebol ou não?

A4: Hm... Tipo, logo de cara?

B.: É.

A4: Não... Eu jogava mesmo só por diversão, só.

B.: Jogava em casa, né? Algum lugar... Era assim?

A4: Ah... Era na minha escola. Na Educação Física.

B.: Ah entendi. Você lembra quando você teve seu primeiro treinador, A4? Ou treinadora?

A4: Lembro.

B.: Com quantos anos?

A4: Foi acho que com uns dez. Dez ou onze, por aí.

B.: Entendi. E era futsal ou era futebol?

A4: Era futsal.

B.: Legal. Você lembra, A4, a partir dos dez, onze, né? Você teve esse primeiro contato com o seu primeiro treinador, quantos treinadores a partir daí fazem parte da sua trajetória, A4?

A4: Hm... Contando com esse?

B.: Aham.

A4: ((silêncio prolongado)) Pode um número aproximado, assim?

B.: Pode, não tem problema não.

A4: Acho que foi mais de dez.

B.: Legal. E... é... Você teve alguma treinadora?

A4: Tive.

B.: Nesse período são quantas?

A4: Duas.

B.: Legal. E dentre esse período, A4, mais ou menos nove anos aí que você está jogando com treinadores e treinadoras, você consegue fazer um feedback? Lembrar mais ou menos quanto tempo você ficou com cada um? Só para a gente saber... Tem hora que a gente troca rapidinho, né? Tem hora que a gente demora um pouco mais, mais ou menos, quanto tempo, você esteve com cada um?

A4: Então, os primeiros que eu tive foram até bastante tempo, lá da minha escola. Aí eu acho que foi por volta de uns três a quatro anos... Com eles. Aí depois os outros foram até mais rápido... Acho que no máximo um ano, por aí, não passou disso.

B.: Entendi.

A4: E ah... Outra também, deixa eu ver, que foi bastante tempo... Mulher né? No caso, a T3, fazem mais de quatro anos já.

B.: Legal. Não teve nenhum que durou menos de um ano também, não teve. Você lembra?

A4: Ah, teve, teve.

B.: Tá, beleza. Agora pensando, A4, sem a gente entrar em algum tema específico, é... Foram bastante, um número até grande de treinadores, e aí, duas treinadoras

também, como você escreve sua relação com eles? Pode falar de cada um, pode falar de maneira geral, do jeito que você quiser...

A4: Ah... Ah, tipo, é... Quando eu era menor, assim, eu acho que a minha relação era boa mas não tinha, não sei, acho que não era tão próxima assim deles e tals, igual quando eu fui crescendo. Quando eu fui crescendo, eu acho que sei lá, teve alguns que eu fui mais próxima, né? Acho que, não sei, eu criei uma relação melhor assim, até de me comunicar, não sei, acho que os que eu mais convivi foram os que eu acabei criando uma melhor relação assim.

B.: E essa melhor relação que você relata é uma relação mais próxima de amizade? De conversa, de passar mais tempo junto? É mais ou menos isso?

A4: É, não necessariamente passar mais tempo, assim, eu acho que eu poder me sentir confortável para, sei lá, às vezes falar com ele alguma dificuldade que eu estou tendo e aí ele poder, sei lá, me ajudar. Ou sei lá, ele demonstrar que tem confiança em mim e que eu também posso confiar nele. Acho que essas coisas, tipo, foram muito importantes para mim. Meio que criar um laço afetivo, entre aspas, assim.

B.: Legal, aí, quando você era menor, mais novinha, você não sentia tanto isso?

A4: Ah, eu acho que não tanto quanto quando eu fui crescendo, né, porque acho que quando eu era mais novinha, assim, era mais para brincar... Essas coisas que eu, sei lá, eu não via tanta importância nisso.

B.: Beleza, você falou que teve duas treinadoras, né? E você percebeu alguma diferença, A4, entre as treinadoras e os treinadores? Pode falar sobre qualquer coisa que você acha que possa ter sido diferente.

A4: Sim, acho que... Sei lá. Desde o princípio, quando eu comecei a ter uma treinadora, por exemplo, mulher, acho que o tratamento é, ele foi, não sei diferente, digamos assim. Acho que por ela ser mulher e eu ser também uma mulher que joga futebol, eu acho que ela meio que me acolheu mais e, soube, no caso, me acolher mais, acho, que um treinador homem que, até tem muito treinador que sei lá, tipo, não sabe o que uma menina precisa ali, dentro do futebol porque muitas acabam se sentindo excluídas e acho que eles talvez não tenham esse cuidado que as treinadoras que eu tive, tiveram, no caso.

B.: Uhum, legal. E tem alguma coisa que você acha que era semelhante entre essas treinadoras e os treinadores? Ou alguma coisa, que: 'ah não, isso aqui era muito igual. Não tinha muita diferença'.

A4: Hm... Em relação a tratamento a mim, assim?

B.: Pode ser, o que vier na sua cabeça.

A4: Ah, o jeito, tipo, deles darem o treino... Não mudava muita coisa não. Era igual. O treinador está ali, ele dá treino. Não muda não, muda não.

B.: Beleza. E quais foram os locais de prática que você teve treinador, A4, você comentou no comecinho, né? Um pouco da escola, na Educação Física, aí seria o professor mesmo, da Educação Física, mas você treinou em alguma coisa específica da escola? Você treinou em clube? Quais foram os locais que você já treinou?

A4: Então, eu treinei na escolinha da minha antiga escola, na escolinha de futebol de lá. Treinei, cheguei a treinar um tempinho na escolinha do Vasco e depois na escolinha do Flamengo, na escolinha da Inter de Milão¹²⁸, depois no projeto da UFJF, no time de campo aqui de Juiz de Fora e... Acho que foi só.

B.: Beleza... Então, escolinhas, né? De maneira geral e essa perspectiva aí do projeto UFJF e depois o time de campo da cidade, uma ideia mais parecida com um projeto, né? Um clube alguma coisa assim, né? Que você é competia. Estou certa?

A4: Sim.

B.: Beleza, e aí, A4, se a gente comparar por exemplo, né? A gente não, você que vai comparar agora. Se você comparar esses locais e os treinadores e treinadoras desses locais, você percebeu alguma diferença quanto a sua relação com eles dependendo do espaço de prática? Por exemplo: 'a minha relação com o meu treinador na escolinha era tal. A minha relação com o treinador, já nesse time que representava a cidade e o campo, era outra', você consegue perceber alguma diferença?

A4: Sim. Eu acho que, nesse time de futebol da cidade a minha relação com o treinador era muito boa, mas teve um, por exemplo, na escolinha do Vasco, não era tão boa assim... Não sei. Acho que não me adaptei ali, não me sentia muito bem.

B.: Você chegou a participar de competição em todos esses lugares, A4, que você esteve?

A4: Não, nem todos.

B.: Mas uma certa maioria ou algum só específico que você participou de competição?

A4: Na maioria eu participei, mas, tipo, tinha alguns que eu treinava com homem, né? Aí eu não podia participar de competição oficial.

¹²⁸ Essas escolinhas são centros de treinamentos de futebol dos respectivos times que funcionam em filiais e se situam na cidade de Juiz de Fora/MG.

B.: Ah, entendi. Teve algum lugar, agora eu fiquei até curiosa, você treinava com mulheres, só com mulheres, em quais lugares?

A4: Ah... ((riso)) É... Só na UF e no futebol de campo.

B.: O resto tudo era misto?

A4: Ah, era, ah não, na do Vasco também, que era só com menina.

B.: E nesse misto você teve treinadora mulher, ou o treinadora mulher foi só quando você só treinou com as meninas?

A4: Não, mas qual misto que você está falando?

B.: Nesses outros, as suas duas treinadoras mulheres, quando foram? Quando você treinava só com as meninas? Ou não?

A4: Então, uma foi quando foi só quando treinava com as meninas e uma quando treinava com os meninos.

B.: Ah tá, massa, legal. Pensando agora, A4, um pouquinho na A4 pequena assim, né? A4 com dez, onze, doze anos, ali no primeiro contato que você teve com o treinador, começando a jogar, né, nesse sentido, com alguém específico. Como essa A4 via ou se relacionava com o seu treinador da época? Você consegue tentar lembrar um pouquinho de como a A4 pequena via esse treinador?

A4: Ah, tipo assim, eu gostava deles. No caso, me referindo mais aos primeiros que eu tive, ali. Nos meus primeiros contatos com o futebol ali. Eu gostava bastante deles. E sentia que eles gostavam bastante de mim... E acho que é isso. Igual eu falei, eu era pequena, não tinha esses negócio de me importar muito, de confiança, esses negócios assim. Mas eu gostava muito deles.

B.: Tinha carinho então, uma relação mais efetiva, né?

A4: Sim, eu gostava bastante.

B.: Legal. E durante a adolescência A4? Antes, né, de pensar na sua fase adulta aí que curtinha ainda, né? ((risos)) Mas já é uma fase adulta. Mas na adolescência, como é que a A4 via esses treinadores, treinadora também, não sei qual foi o momento exato que você teve a treinadora participando da sua vida.

A4: É... Ah, acho que em todos os lugares que eu passei a minha relação era boa assim, eu não tinha problema com o meu treinador, no caso. Mas, eu acho que, a treinadora mulher, por exemplo, a primeira que treinadora que eu tive assim, que foi até no meio dos meninos, eu acho que eu me vi ali, não sei, eu senti tipo com ela ali comigo também, meio que um conforto a mais, não sei dizer, tipo, por eu ser só por

eu ser a única mulher ali e está ali também, eu senti um conforto, um acolhimento a mais também. Que eu, sei lá, não ia ter se tivesse só homem ali, um homem treinador.

B.: Legal. E aí pensando, né, nesses dez, onze pessoas que passaram já pela sua vida, que ainda passam, né? Quais são os efeitos e impactos que essas pessoas têm na sua trajetória, A4?

A4: Ah, eu acho que muito grandes porque eles, né, cada um que passou na minha vida, mesmo que seja por um curto espaço de tempo ou até mesmo longo, eles ajudaram na construção do que eu sou hoje como, não sei, como uma pessoa que joga bola, como atleta, enfim. Não sei. Mas como pessoa que gosta de jogar futebol. De uma maneira ou outra, eles ajudaram a construir meu conhecimento sobre futebol ou naquela época me acolheram, me trataram bem, me fizeram me divertir ali dentro do espaço que eu tava.

B.: Legal. A gente vai para o terceiro bloco, se você lembrar de alguma coisa que quiser falar, alguma coisa sobre essas perguntas que a gente já fez, pode falar, me interromper. 'Ah, Bárbara, quero falar disso', está bom? Fica bem à vontade.

A4: Beleza.

B.: Nesse terceiro bloco, A4, a gente vai falar um pouquinho sobre comportamentos, algumas atitudes, é... Então é um lugar bem para você contar história, se for o caso, tá? Lembrou de alguma coisa pode contar uma historinha. 'Ah, teve um dia que aconteceu isso'. Beleza?

A4: Uhum, uhum...

B.: Você percebia mudança significativa de comportamento, ou dele ou dela... As perguntas são bem abertas, tá, A4? O que te chamar atenção, você pode falar. É... Então, você percebia mudança significativa de comportamento dele ou dela em treinos e competições? A gente está falando fazendo um comparativo mesmo: 'Ah no treino se comportava dessa forma, na competição era dessa forma'. Você já percebeu alguma mudança?

A4: Já, já... Em relação assim, em campeonato, jogo, assim, acho que até pelo calor do momento, adrenalina, às vezes, alguns acabam explodindo, né, xingando, é... Sendo mais esquentados, mais rigorosos, assim, acho que é mais em relação a isso.

B.: Tem alguma coisa ou episódio que chama muita atenção assim, você lembra?

A4: Hm... ((silêncio prolongado)) pensando... Eu acho que não, tipo que eu me senti afetada, você diz?

B.: Não, não, necessariamente alguma coisa que tiver na memória assim quando teve uma mudança de comportamento, né? E você fala alguns ficavam mais explosivos, e aí vem logo na sua memória alguma cena, alguma situação, não necessariamente como você reagiu quanto a isso, mas alguma coisa que te lembre isso, sabe....

A4: Ah, acho que foi na... Final da Copa Bahamas, do ano... Acho que foi em 2019, que eu, que o treinador ficou muito temperamental, é... Acho que isso me marcou de uma certa forma.

B.: Temperamental como, A4?

A4: Ah... Ficou muito irritado. Acho que eu sou uma pessoa que não gosto muito, que quando gritam, sabe? Que quando a pessoa fica nervosa ela começa a gritar com você dentro de quadra, assim, para você fazer alguma coisa ou algo do tipo. E aí... acho que foi mais em relação a isso.

B.: Beleza. E como seus treinadores e suas treinadoras manifestavam satisfação nos treinos e competições? O negócio estava bom, a situação estava favorável, como eles reagiam?

A4: Hm... ((silêncio prolongado)) ah... Como que eles reagiam? Alguma coisa que eles faziam?

B.: É, alguma coisa que te lembre para falar. Do tipo que saía uma jogada boa e aí como eles reagiam? Você, especificamente, fez alguma coisa boa ou a equipe, como eles manifestavam essa satisfação?

A4: Ah, acho que eles manifestavam isso meio que sinalizando, né? Durante o treino assim ou, até mesmo no jogo, comemorando ou então falando que tava certo, que era isso mesmo que era pra fazer, que ele tava satisfeito, né, que ele estava feliz de ver que a gente jogando bem, enfim, tipo, incentivando mesmo, elogiando.

B.: E quando a situação era desfavorável, A4, como eles manifestavam, e elas também, né? Insatisfação, nos treinos e competições?

A4: Hm... na maioria dos casos era, eles ficavam mais bravos assim, ou em outros eles meio que viam que às vezes não estava dando certo e a gente não estava jogando bem, aí eles falavam que iam, como é que eu vou dizer isso? Não é meio que uma punição, mas que ia é, meio que apertar a gente ali para ver se melhorava. Tipo, sei lá, às vezes, sei lá, dobrando o físico por exemplo, meio que colocando uma pressão ali, para gente meio que reagir, digamos assim.

B.: Isso durante o treino e competição também? Isso de dobrar o físico ou alguma coisa específica?

A4: Sim.

B.: E você já sentiu, isso já aconteceu alguma vez assim? Já aconteceu alguma vez assim de... Não sair do jeito que eles queriam e aí eles dobrarem de fato físico e isso de alguma forma ser além das suas possibilidades, exercícios muito extenuantes, alguma coisa do tipo?

A4: Uhum! Assim, é, não necessariamente no meu caso. Mas dava para ver é, ali que as vezes era, não para mim, mas para outras atletas ali, que era uma coisa que não estava dentro do que era confortável para ela, digamos assim, sabe? Era uma coisa que não tinha necessidade de fazer e para ela não era o mais adequado, mas eles mesmo assim impunham.

B.: Uhum... E você sentiu que nesse momento era como se fosse um - entre aspas - castigo?

A4: Aham.

B.: Pelo mal rendimento, alguma coisa assim?

A4: Sim.

B.: Entendi. E aí pensando nessas todas essas reações assim, atitudes tanto positivas, né, positivas que eu digo quando a situação estava favorável, quando a situação não estava muito favorável, isso te influenciava? Te influenciava no seu desempenho tanto no treino, na competição... Você já comentou um pouquinho que você não gosta muito que grita, né? Quando estava dentro de quadra, alguma coisa assim, isso influenciava no seu desempenho?

A4: Sim, sim. Muitas das vezes quando a pessoa meio que gritava, assim, ou eu tomava um esporro digamos assim, eu não me sentia confortável, e aí eu meio que não conseguia jogar, eu meio que sumia, assim, eu meio que tinha medo de tentar alguma coisa e errar.

B.: Uhum. E isso quando acontecia, por exemplo, né? Você, não necessariamente você tinha tomado xingo entre aspas naquela hora, mas uma amiga sua tomou um xingo, você também se sentia com medo? Assim, ficava meio desconfortável?

A4: Ah, acho que sim. Talvez não tanto quanto se fosse eu tomando o fumo, mas acho que eu também ficaria um pouco omitida ali.

B.: Se tiver algum caso que você lembra você fica à vontade para contar, tá? 'Ah, no tal jogo aconteceu isso' e fica bem à vontade, viu?

A4: Beleza.

B.: E aí pensando agora, A4, nas suas ações, suas atitudes. Alguma vez, a forma como você agiu já interferiu na maneira como o treinador se comportava? E a gente está falando de qualquer coisa. Alguma coisa que você já fez, você acredita, que você percebeu que influenciou o comportamento desse treinador ou a relação entre vocês?

A4: Hm... ((silêncio prolongado)) Ah, eu acho que pra um lado mal, não. Mas talvez para uma coisa mais positiva, não sei, acho que tentar entender o que eles querem estar passando para gente, no caso, não sei, ou se eu tiver com alguma dúvida, não sei, ter que pedir assim. Acho que isso ajudou, até, na minha relação com eles.

B.: Legal. A gente vai para o quarto bloco, viu, A4. Você já questionou algum treinador ou alguma treinadora? Aí pode ser uma situação, né, acerca do jogo. Algum embate ali que você tinha uma opinião talvez diferente da dele ou da dela, algum outro comportamento algum outro assunto. Alguma coisa que levou algum tipo de tensão, assim, entre você e o treinador ou treinadora?

A4: Hm... Acho que de forma direta, assim, eu acho que não. Eu questionei ele, e ele respondeu tipo, e eu aceitei. Não a ponto de ficar debatendo. Ele respondeu e eu só aceitei ali o que ele falou, mesmo não concordando. E aí foi isso.

B.: No sentido de questionar alguma coisa do jogo e aí ele respondeu, você não concordou, mas você aceitou, foi isso?

A4: É.

B.: Entendi, você acha que pelo fato de você só ter questionado, isso gerou algum impacto na sua relação com ele nesse momento, assim, ou depois? Ou acabou ali mesmo?

A4: Não, acho que não... Acho que não.

B.: Beleza. Você já falou um pouquinho de estímulo, né? Você falou do incentivo e tudo mais, você lembra agora de frases, gestos, ações de aprovação, alguma coisa assim que está muito na sua cabeça? E se era alguma coisa para o coletivo ou se era alguma coisa específica com você? Um incentivo assim, tanto em treino quanto em competições.

A4: Ah... Gestos, você fala?

B.: Alguma coisa de incentivo, né? Você falou um pouquinho sobre... Como 'muito bem é isso que vocês têm que fazer', alguma coisa do tipo. Isso acontecia de forma geral para o grupo? Era alguma coisa específica com você, ou quando era com você era alguma coisa específica? Alguma coisa que possa te chamar atenção, né, nesse momento efusivo de incentivo.

A4: Ah, o que, acho que o mais me chama atenção é quando incentivavam... Tipo, falando mais sobre, hm... mais sobre, tipo, nosso sonho mesmo. Tipo assim, às vezes a gente ia disputar um campeonato, um jogo, assim, aí eles meio que falavam para gente jogar bem, dar o nosso máximo, porque era o que a gente queria fazer da vida. Então que a gente fosse para se divertir, dar o nosso máximo e, enfim.

B.: Uhum... Tipo na preleção assim? Um pré jogo?

A4: Sim.

B.: Legal. E aí pensando agora ao contrário, A4, como eram as cobranças ao grupo ou individuais? Você lembra de algumas coisas específicas? Você falou um pouquinho quando ia ruim, às vezes ficava exaltado, xingava um pouco mais. Como que isso era feito? Essa cobrança.

A4: Ah, às vezes, falando de um caso mais específico: às vezes as cobranças, eu acho que elas eram um pouco demais, assim. Ele... Às vezes generalizava uma cobrança que não era para todo mundo, sabe? Que às vezes era para algumas pessoas em específico que às vezes realmente não estavam levando aquilo a sério, e eles meio que generalizavam.

B.: Isso tanto no jogo quanto no treino, ou era específico de algum desses momentos?

A4: Isso era mais nas questões de treino, essa questão de ter compromisso com o time, no treino, assim.

B.: E aí como você se sentia, assim, quando a cobrança, você falou que às vezes não era necessária para todo mundo e acabava sendo, como é que você se sentia?

A4: Ah, eu ficava um pouco... Ah, um pouco chateada, um pouco puta porque, é... Eu sentia que, sei lá, mesmo eu fazendo a minha parte, dando meu máximo ali, parecia que meu esforço não valia de nada porque eu ia ter que, meio que pagar por uma coisa que eu não fiz, entendeu? Por causa de outras pessoas que não estavam seguindo o que devia ser feito.

B.: Injustificada, assim?

A4: É...

B.: Mais ou menos essa palavra?

A4: Sim.

B.: Quando, A4, por exemplo se falar um pouquinho aí de compromisso, né? Às vezes descompromissada com o time e tudo mais, essa era uma coisa recorrente que o seu treinador ou sua treinadora, não sei exatamente quem era, mas reagia quando, por exemplo, alguém tinha uma lesão ou você tinha uma lesão e aí não podia jogar ou

não podia treinar, ou alguém tinha algum compromisso pessoal que não podia participar de alguma competição específica, alguma coisa assim, existia aí essa cobrança? Como é que isso acontecia nesses casos específicos, de compromisso pessoal ou lesão e a pessoa às vezes acabava não podendo comparecer ou não podendo performar bem no jogo, como que os treinadores reagiam?

A4: Ah... É... Eles não reagem muito bem, não. Ah, lesão, eles entendiam. Era uma lesão e tudo mais. Mas eles ficam muito em cima, até mesmo quando a pessoa tivesse lesionada que ela comparecesse ao treino. Mesmo que ela não fosse fazer nada, só ir e ficar lá. Aí eu acho que até isso é uma coisa bem desnecessária. Quando a pessoa tinha compromisso também, tinham uns que, a não ser se for um compromisso muito urgente assim, eles não aceitavam, é... Na maioria das vezes essa justificativa, enfim, acho que é isso.

B.: Para situar sim, A4, você recebeu algum dinheiro para estar lá? Alguma ajuda, alguma coisa assim que pudesse te auxiliar? Tipo, 'ah, estou lesionada, mas aí eu vou para o treino para tratar da lesão', alguma coisa específica assim ou não?

A4: Não.

B.: E era nível amador assim? Participava de alguma competição, como era?

A4: Era nível amador.

B.: Nível amador. Estou te fazendo essas perguntas para situar esse nível de cobrança, né? Entre aspas, assim, dos treinadores com relação a esses compromissos e tudo mais. Já teve algum caso, A4, da atleta, por exemplo tá lesionada, ou lesionar durante o jogo e o treinador deixar ela jogando mesmo assim? Ou forçar um retorno mais rápido ou alguma coisa do tipo? Você lembra?

A4: Hm... Ah, eu acho que tipo assim, eles ficavam em cima para a pessoa se cuidar. Fazer... Ir no preparador físico lá direitinho, seguir certinho, sabe? Para voltar rápido. Mas acho que não necessariamente, tipo, jogar lesionado, não.

B.: Uhum, beleza. Você já foi xingada, chamada de nomes, humilhada ou ignorada por algum treinador ou treinadora?

A4: Hm... Não.

B.: Alguma outra, você já presenteou isso de certa forma uma vez?

A4: Hm... Não, não.

B.: Beleza. Você já teve algum treinador ou treinadora que fez algum tipo de recomendação sobre a roupa que você deveria usar ou algum traço físico para prática

do esporte? Alguma coisa sobre alguma coisa sua ou alguma coisa que você deveria fazer ou que você deveria usar alguma coisa assim?

A4: ((Silêncio prolongado)) Acho que não.

B.: Você já se sentiu inferiorizada ou humilhada pelo seu treinador por ser mulher, aí a gente fala especificamente, né, sobre um treinador homem?

A4: ((Silêncio prolongado)) Acho que já.

B.: Quer contar alguma uma situação? Se sentir à vontade.

A4: Ah, eu não lembro especificamente. Mas era um treinador que às vezes ele fazia umas piadinhas, acho que ele nem percebia, mas que tinha um tonzinho ali meio machista, mesmo que não fosse diretamente para mim, assim. É... Acho que foi mais nesses casos, assim.

B.: Uhum. Você pode falar? Você se sente confortável de contar alguma dessas situações?

A4: É ((riso))... É que eu não lembro, tipo, exatamente o que ele falou, assim. Mas eu lembro que ele soltava algumas coisas.

B.: Umas coisas, né? Aí na hora te incomodava, te gerava um desconforto.

A4: Sim.

B.: Beleza. Você já vivenciou alguma situação de omissão ou negligência do seu treinador ou da sua treinadora? O quero dizer com isso: se alguma situação você acredita que o treinador ou treinadora deveria ter agido, deveria ter te amparado em alguma situação e ele ou ela não fez?

A4: Acho que não.

B.: Você já passou por algum episódio de assédio ou de abuso sexual?

A4: Não.

B.: Você já passou por algum episódio envolvendo toques em partes íntimas ou atividade sexual?

A4: Não.

B.: Seu treinador ou a sua treinadora já estimulou o bullying com você?

A4: Não.

B.: Seu treinador ou sua treinadora já presenciou você ou alguma outra atleta sofrendo bullying ou algum outro tipo de violência?

A4: Acho que não.

B.: Beleza. Se tiver alguma coisa que eu não perguntei especificamente e te chamar atenção, você pode também falar, viu?

A4: Tá bom.

B.: A gente vai para o último bloco agora. É um bloco bem aberto, assim, tá? De recordações, de histórias. Então fica tranquila para falar. Você gostaria de relatar alguma recordação, alguma história marcante de algum treinador ou treinadora sua?

A4: Ahn... ((silêncio prolongado))

B.: Em qualquer âmbito, tá? Não precisa ser negativo, igual eu acabei de perguntar algumas situações assim. Pode ser positiva, pode ser alguma coisa que te marcou, qualquer tipo de coisa, tá?

A4: Tá bom. ((silêncio prolongado)) Ah, eu acho, não sei. Não está vindo nada na minha cabeça, assim.

B.: Tudo bem, não tem problema não. Essa próxima pergunta, se você tiver alguma coisa, você pode falar depois. Essa próxima pergunta, A4, é um espaço aberto, na verdade, para que você fale diretamente, né, com o treinador, se você quiser falar aqui agora, né? Como se você estivesse falando para ele ou para ela. E também é um espaço aberto para se, posteriormente a essa entrevista, você desejasse escrever uma carta, por exemplo, para essa pessoa ou para eles, enfim. Obviamente a gente não vai entregar para essa pessoa essa carta, é tudo anônimo, mas um espaço de catarse mesmo. Para você, se você quiser falar alguma coisa direcionada, é o espaço para isso. Se você quiser escrever depois, alguma coisa direcionada, é um espaço para isso também. A gente vai receber essa sua carta também, tá? Então fica agora o espaço, se você quiser falar, e também o espaço posterior, se você quiser escrever.

A4: É para só uma pessoa ou várias? Não entendi.

B.: Pode ser aberto, se você quiser para várias, pode. Senão, uma pessoa... Você que manda!

A4: Pode escrever então, depois? Como é que funciona?

B.: Pode, pode! Não precisar ser agora. Se depois quiser escrever, depois você me mandar. Não precisa direcionar assim, falar quem é o treinador... Pode ser do jeito que você preferir. E aí a gente recebe essa carta também, pode analisar e botar no trabalho e tudo mais, sem estar com seu nome também, tá bom?

A4: Beleza.

B.: Aí não tem muito prazo não. Eu só devo defender esse trem lá em agosto, então... ((risos))

A4: Caraca!!! Tem um tempinho...

B: Beleza, você gostaria de fazer algum comentário acrescentar alguma resposta ou deixar algum depoimento sobre algum tema já abordado ou também não abordado na entrevista?

A4: Hm... Ah, acho que eu gostaria de deixar um comentário no geral, sobre o tema de tudo assim. Acho que é muito importante essa questão da relação entre atleta e treinador, porque o treinador ali, é como se fosse tipo, alguém de confiança, para mim no caso, tem que ser uma pessoa de confiança para o atleta e que o atleta também vê que pode confiar no treinador, e também tem que passar isso para o atleta porque senão nada flui assim. É pelo menos, vendo e o que eu sinto em relação a isso. Se o treinador souber ter uma boa relação com o atleta eu acho que, tanto o desempenho dele quanto até mesmo o sentimento que ele vai sentir ali, seja por prazer, seja para, não sei, algo mais profissional, vai ser totalmente diferente assim. Vai ser muito mais prazeroso, para ele, uma coisa que vai fazer diferença por toda a vida, assim. Aí é isso.

B.: Ah, legal! Brigada, A4. Se tiver mais alguma coisa, fica à vontade de qualquer forma muitíssimo obrigada, a gente vai fazer as transcrições agora em dezembro. E aí depois eu te dou o retorno também. E aí ficou no aguardo aí dessa da sua carta, tá bom?

A4: Tá bom, Bárbara. Pode deixar.

B.: Obrigadão viu? Vou parar de gravar aqui rapidinho em todos os meus lugares para você ver que parou de gravar.

((final da transcrição))

PARTICIPANTE 5 – 11/12/2022**TEMPO DE GRAVAÇÃO**

34 minutos e 54 segundos

((início da transcrição))

B.: Beleza, A5, então estamos aqui no dia onze do doze, a gente vai fazer entrevista aqui com a A5. As informações do termo de consentimento já foram esclarecidas e vamos dar início a entrevista. Tudo ok, A5?

A5: Tudo ok.

B.: Beleza, deu para pegar o áudio aqui certinho também. Então vamos lá: A5, com qual gênero você se identifica?

A5: Feminino.

B.: Qual a sua orientação sexual?

A5.: Eu sou bissexual.

B.: Quantos anos você tem hoje, A5?

A5: Vinte anos.

B.: Com quantos começou a praticar futsal?

A5: Puts, acho que desde os meus... Assim, de treinar mesmo, eu acho que desde os meus onze anos.

B.: Beleza. Esse é o primeiro bloco, tá? Só de identificação mesmo.

A5: Tá.

B.: Quando você teve seu primeiro treinador ou primeira treinadora de futsal, ou de futebol, A5?

A5: Acho que foi nessa faixa etária, mais ou menos... Onze, doze anos.

B.: Beleza. E foi já direto no futsal?

A5: Foi.

B.: Quantos treinadores fazem parte da sua trajetória? Você se lembra mais ou menos?

A5: Nossa, calma.

B.: Pode contar aí, tranquilo.

A5: Acho que mais ou menos uns seis a sete treinadores.

B.: E teve alguma treinadora?

A5: Sim, uma só.

B.: Beleza. Nesse tempo, A5, de, mais ou menos, uns nove anos, dos onze até agora... Seis a sete treinadores... E você lembra, mais ou menos, quanto tempo ficou com cada um?

A5: Eu acho que mais ou menos um ano com cada. Só teve um treinador meu que eu fiquei mais tempo.

B.: Mais... Beleza. Teve algum que você ficou menos? Que foi uma passagem muito rápida, alguma coisa assim?

A5: Teve. Teve um que eu fiquei, eu acho, uns dois meses só.

B.: Tá, beleza. De maneira geral, A5, pensando nesse universo inteiro, tanto com a treinadora mulher quanto com os homens, como você descreve a sua relação com eles?

A5: Ah, eu acho que de maneira geral sempre foi muito, muito boa. Muito... Uma relação muito aberta assim, eles sempre me ouviram muito. E não tenho muito o que reclamar, assim, no geral, não.

B.: Beleza. E você percebeu alguma diferença entre a treinadora mulher e os treinadores homens?

A5: Com certeza! Tipo, a minha treinadora mulher era... Eu acho que ela é mais assim, compreensiva no quesito geral mesmo, assim, tipo... De entendimento assim, pessoal mesmo e em relação ao futebol também, sempre foi assim, mais compreensiva mesmo, de ouvir mais a gente, de saber mais como falar e tudo mais.

B.: Essa é a maior diferença que você percebe?

A5: Sim.

B.: E as outras coisas você acha que eram bem semelhantes? Tem alguma outra coisa que você gostaria de falar... 'não, isso aqui era igual, isso aqui era bem parecido', alguma coisa assim'?

A5: Não, eu não vejo muita semelhança não.

B.: Beleza. E quais foram os locais de prática que você teve o treinador ou a treinadora, A5? Foram escolas? Foram escolinhas? Foi em algum clube?

A5: Foi... Já tive na escola, em dois clubes e em uma escolinha de futebol mesmo.

B.: Também, né?

A5: E na faculdade.

B.: E pensando um pouco nesses locais, A5, faz uma retrospectiva para mim, por favor? Você começou na escolinha, como é que foi esse contato durante a sua trajetória?

A5: Eu comecei na escola mesmo, no meu colégio. Depois eu fui para escolinha, aí logo após eu fui para um clube, assim, um clube menorzinho aqui de... Lá de Rio Pomba¹²⁹. Depois eu fui para um outro clube maior. Depois eu voltei para a escolinha e agora eu estou jogando pela faculdade, e pela escolinha ainda.

B.: Legal. E você percebe, A5... Você teve essas diferenças de locais e tudo mais... Na escola, era o professor de Educação Física que era o treinador ou era outra pessoa?

A5: Não, era outra pessoa.

B.: Entendi. Então era fora da Educação Física?

A5: Isso.

B.: Legal. E você percebe alguma diferença, A5, na sua relação com cada um deles dependendo do espaço de prática? Você acha que esse espaço poderia ter influenciado, de certa forma, algum tipo de relação?

A5: Sim, eu acho que quando se trata, tipo, da escola em comparação ao clube, por exemplo, no clube era muito mais rigoroso, então assim. Eram muito mais meninas também, então a gente não tinha uma relação tão próxima assim com os treinadores igual a gente tinha na escola, que eram menos meninas e normalmente era assim, estagiários ou então professores recém-formados, então eles menos rigorosos em relação ao futebol do clube.

B.: Legal, você acha que no clube tinha um rigor maior e aí por isso até um afastamento do treinador com vocês?

A5: Sim.

B.: Entendi. E era um contato diário, A5, que você tinha no clube?

A5: Era.

B.: Treinos todos os dias, né?

A5: Assim, não todos os dias no clube, mas os dias que não tinha treino no clube, a gente tinha uma série para fazer em casa e toda semana tinha reunião também, tipo, online.

¹²⁹ Cidade de Rio Pomba/MG.

B.: Entendi. Então assim, o contato era próximo, mas essa relação assim, um pouco mais afastada. É isso, mais ou menos?

A5: Isso.

B.: E agora pensando, A5, você já falou um pouquinho aí da sua trajetória... Começou na escola, depois escolinha e tudo mais... Pensando nas idades agora... A A5 de onze, doze anos, como a A5 via esse treinador ou essa treinadora? Não sei quando a treinadora entrou em cena. Mas como que a A5 descreveria essa relação pensando nele agora assim?

A5: Ah, eu acho que era uma relação muito, muito tranquila. Foi como eu disse, tipo, pelo menos na escola assim, eu tinha o treinador como um amigo mesmo. Lembro que esse treinador, tipo, eu tenho contato com ele até hoje. E... Era muito isso mesmo. Ele ouvia, ele ouvia muito eu e as meninas, a gente estava começando na época, então eu lembro que a gente chegou a disputar uma competição e teve um jogo que a gente perdeu assim, de quatorze a quatro, e tipo, ele nunca xingou a gente por causa disso. Ele sempre tentou incentivar e motivar a gente.

B.: Legal. E a A5 um pouquinho mais velha, já na adolescência, como que eram essas relações? O que a A5, naquela época, via nesses treinadores, nessa treinadora, se for o caso?

A5: Eu acho que depois que eu fui para a escolinha e tudo mais, eu acho que foi um rigor um pouco maior já, mas acho que isso é natural. Mas em relação assim ao meu treinador da escolinha de antigamente e da escolinha de agora, eu acho que a maior diferença que eu vejo é que antes assim, por exemplo, nesse caso de derrota ou algo do tipo, ele era muito mais severo com a gente do que essa treinadora de agora com a gente, sabe? Ela entende a responsabilidade dela nas coisas, mas não deixa de colocar a nossa. Então, antigamente, o meu treinador não entendia a responsabilidade dele naquilo, nos acontecimentos.

B.: Você lembra de alguma situação dessa, A5? Que você acha que a responsabilidade foi... Tirou essa responsabilidade, passou para vocês, assim? Alguma situação que você queira falar?

A5: Assim, eu acho que na final da Copa Bahamas que eu disputei, é... Eu sinto que assim, a gente tinha tudo para fazer um bom jogo, mas aconteceu uma situação logo no início do jogo assim, eu estava vindo a competição inteira sendo capitã do time, aí no dia do jogo, uma outra atleta nossa que estava viajando, ela chegou só para jogar esse jogo, não estava treinando nem nada, e além dela tirar o lugar de uma outra

menina que estava treinando junto com a gente naquele quarteto ali titular, o meu treinador colocou ela como capitã do time. Então assim, o time começou assim, bem desestruturado no início, psicologicamente, a gente ficou bem mal com isso, bem chateada, e eu tenho certeza que essa foi a maior influência para a gente ter perdido aquela final. Sem dúvidas alguma. E talvez, assim, não sei se ele entendeu isso, mas pelo menos se ele entendeu, ele nunca passou isso para a gente.

B.: Entendi. Durante a adolescência então foi mais ou menos, esse... Foi nesse período? Foi mais com esse treinador que você passou? Teve mais alguma outra situação?

A5: Não, eu acho que nada muito específico não. Talvez no último clube que eu joguei. Eles eram bem severos assim, com derrota mesmo. Às vezes eles faziam algumas modificações, algumas mexidas, que assim, pelo menos ao meu ver assim, eram erradas, mas assim, no final se a gente perdesse ou alguma coisa do tipo iria ser sempre responsabilidade nossa.

B.: E pensando agora na A5 adulta... A A5 já está jogando na faculdade, continua na escolinha, né? Mas como a A5 tem sua relação com seus treinadores e a sua treinadora?

A5: Atualmente?

B.: Uhum.

A5: É uma relação muito boa. Eu sou amiga da minha treinadora, então assim, é uma relação que é extra, extra quadra. E é bem assim, harmônica mesmo. Tem o respeito dentro de quadra, mas é um respeito mútuo. Então é uma relação bem tranquila.

B.: Legal, mas paro lado da amizade, assim?

A5: É, também, eu acho que assim, tem que saber separar... São momentos e momentos. Dentro de quadra eu vejo ela como minha treinadora, mas fora dali eu sou amiga dela. Não vejo, assim como eu vejo os outros treinadores que são apenas isso. Então, é uma relação bem tranquila.

B.: E você acha que essa amizade, assim, A5, fora, né? Essa relação interpessoal aí fora, você acha que interfere de alguma maneira na sua relação com ela dentro de quadra? Nos treinamentos, competições?

A5: Não, acho que não. Acho que nunca interferiu não.

B.: Beleza. Quais os efeitos e impactos então, A5, que esses treinadores, esses seis ou sete, tem na sua trajetória? Você continua jogando, então... Quais são esses

impactos e efeitos que esses treinadores têm na sua trajetória? E até extrapolando um pouquinho a quadra, pensando na A5 hoje, de vinte anos, universitária...

A5: Não sei dizer muito bem, tipo, quais são os impactos assim, diretamente. Nenhum treinador nunca me fez desistir do futebol ou algo do tipo. Mas é claro que assim, algumas situações, nada em específico assim, mas algumas situações me fizeram querer continuar. Então assim, nunca aconteceu algo drástico assim que eu fale: 'agora eu vou dar uma parada'. Mas tem situações que me deixam meio cabreira, meio incomodada. Já aconteceram com vários treinadores isso, principalmente nos dois clubes que eu joguei, mas nada que me fizesse assim, querer desistir de jogar bola.

B.: Entendi. Pensando do lado um pouco mais negativo, digamos assim... E do lado positivo, assim, algum impacto, alguma coisa que você olhe para trás e fale assim: 'eu sou dessa forma por causa dele, ou não...' Alguma coisa assim?

A5: Não, acho que ninguém nunca teve um impacto assim tão grande assim, pra eu.... Que mostrasse isso hoje na minha vida hoje não.

B.: Massa, A5. Você comentou um pouquinho sobre algumas situações, né? Especificamente nos dois clubes. Você gostaria de comentar quais foram essas situações que te deixaram cabreira?

A5: Então, no primeiro clube que eu joguei, que era um clube menor, como eu disse, lá assim, a gente foi chamada para ficar na cidade durante um mês, iríamos disputar um campeonato lá... E beleza, fizeram uma reunião com os pais e tudo mais. E a princípio a gente iria para lá, iria ajudar só na questão da alimentação... A gente iria ficar lá, eles iriam pagar a casa, bancar alojamento e tudo mais, e a gente teria que ajudar apenas com uma taxa lá no início. Beleza. Só que quando chegamos lá, logo de cara, a gente já teve que começar a ajudar em questão de alimentação e tudo mais. Até então ok. Só que aí passaram duas semanas e apareceu conta de água para a gente pagar, conta de luz, coisas que não estavam inclusas anteriormente, então assim, isso foi uma coisa que me deixou um pouco incomodada porque no final das contas, a gente foi para outra cidade e a gente já estava se bancando lá e isso não era o combinado desde o início. Então, assim, isso era uma coisa que me incomodava muito lá, e... Quando eu cogitava, tipo, falar sobre isso... Quando eu cogitei falar sobre isso, o treinador tirou como se eu fosse topetuda, ou como se eu estivesse influenciando negativamente as meninas. Então assim, essa é uma situação que me deixou um pouco incomodada nesse primeiro clube. E no segundo clube, é o fato de

que lá assim, os treinadores, eles eram evangélicos então assim, eles tentavam a todo custo impor a religião dele sobre a gente. Assim, para mim, nunca foi um problema isso, mas já teve uma situação em que um dos treinadores chegou para uma amiga minha e falou que era errado ela ser católica porque católico adorava imagem e ela tinha que adorar a Deus, então assim, eram situações que me deixavam incomodada. E o fato deles não aceitarem a orientação sexual minha e de outras meninas. Ele se incomodava muito com isso, mesmo que ele não falasse sobre o tempo inteiro, mas inclusive, eu descobri tipo, recentemente, que... Descobri assim, vi uma conversa em que ele dizia que tinha medo de uma das minhas amigas, assim, ela é hétero, e ele tinha medo que essa menina fosse influenciada por minha causa. Então, assim, essas situações me deixaram incomodadas, mas não foi nada que eu fale agora assim: 'olha, eu sou assim por causa disso'. Tipo, não teve essa influência tão grande. Porque para mim é meio que indiferente. Não levo isso como algo que vai mudar a minha vida.

B.: Você acha que essas situações interferiram de alguma forma a sua relação com ele, A5?

A5.: Sim, com os dois.

B.: Com os dois?

A5.: Uhum.

B.: Beleza. Eu vou perguntar de outras coisas mais especificamente, mas eu não iria perder esse seu... Essa sua fala, tá? A gente para um terceiro bloco agora, A5, que a gente vai falar um pouco sobre comportamentos, então talvez, algumas coisas vai te pegar na memória mesmo assim, para você tentar lembrar alguma situação, alguma coisa do tipo. Beleza? Até agora tá tranquilo?

A5.: Tá tranquilo.

B.: Beleza. É... São perguntas bem gerais, tá, A5? Eu não vou perguntar especificamente sobre um treinador, então você pode ficar à vontade para falar sobre mais de um, para falar sobre um. Beleza?

A5.: Beleza.

B.: Você percebia mudanças significativas de comportamento do seu treinador ou da sua treinadora em treinos e competições? Né... Treino era de uma maneira, competição era de outra, alguma coisa assim?

A5.: Acho que não. Nenhuma mudança muito expressiva não.

B.: Beleza. Como o seu treinador ou a sua treinadora manifestava satisfação nos treinos e nas competições, A5? Tem alguma situação específica, alguma coisa que te chame a atenção na reação dele quando a situação estava favorável, sabe?

A5.: Nada, nada específico também não. Só, tipo parabenizar a galera ou alguma coisa do tipo mesmo.

B.: E era para todo mundo essa reação? Era de maneira homogênea?

A5.: Assim, acho que dependia do lugar, né? Acho que no último clube não era muito para todo mundo não. Era mais assim, para a panela mesmo do treinador.

B.: Você sentia essa diferença?

A5.: Sim.

B.: Entendi. E aí ao contrário agora, A5, como ele manifestava insatisfação nos treinos e competições?

A5.: Ah, ficava puto, xingava, reclamava com a gente durante o jogo, depois do jogo.

B.: Alguma situação específica que te salte a memória?

A5.: Não.

B.: E esse... Você está falando mais sobre um treinador ou de maneira geral, esse era um comportamento, digamos assim...

A5.: De maneira geral mesmo.

B.: Normal, né? De maneira geral, seus seis, sete tinham esse comportamento?

A5.: Sim.

B.: Beleza. E a forma como ele reagia, ou ela reagia, A5, tanto no treino como na competição, independente da situação, influenciava no seu desempenho?

A5.: Sim. Tanto para bem, quanto para mal.

B.: Tem alguma situação que você se lembre?

A5.: Não... Tipo, não. Não tem.

B.: Você lembra se quando ele reagia bem te motivava e quando ele reagia mal te desmotivava ou o contrário? Tinha alguma relação?

A5.: Não, é exatamente isso mesmo, tipo... Quando, às vezes em treino ou em jogo, a gente errava e o treinador assim, tentava colocar a gente para cima, a gente acertava muito mais do que quando a gente errava e ele já gritava ou xingava a gente de alguma forma.

B.: Beleza. E a forma como você agia, A5, já interferiu de alguma maneira o seu treinador? A forma como ele se comportava, sua relação com ele, alguma coisa do

tipo? Alguma ação, alguma atitude, seja dentro de campo, seja fora de campo, alguma coisa que você acredita que possa ter interferido?

A5.: Na maneira como ele me tratasse, você diz?

B.: É, de forma geral... Alguma ação sua que você acredita que tenha interferido, sabe?

A5.: Não... Acho que não. Não consigo pensar em nada que tenha acontecido isso. Talvez essa questão que eu disse mesmo, tipo, lá do clube, do treinador achar que eu estava incentivando mal essa menina, alguma coisa assim.

B.: E você acha que isso, de certa forma, por ele achar que você estava agindo de uma certa maneira, isso influenciou, não é? Interferiu na sua relação com ele.

A5.: É, isso.

B.: Beleza, vocês chegaram a ter alguma conversa sobre isso, A5?

A5.: Não.

B.: Beleza. Vamos para um bloco, A5, a gente vai falar um pouquinho... É... Sobre algumas situações agora, viu? De cobranças, de incentivo e como que isso acontecia. Beleza?

A5.: Beleza.

B.: Você já questionou algum treinador ou treinadora?

A5.: Em relação ao quê? Ou de maneira geral?

B.: De maneira geral, o que você quiser falar.

A5.: Acho que já. Com certeza já.

B.: E qual situação que isso aconteceu, você lembra? Alguma que te chame a atenção?

A5.: Não, não lembro de nada específico não, mas já, tipo assim, já questionei em relação tipo, algo do jogo, alguma coisa que eu não concordasse.

B.: E você acha que isso impactou de certa forma a sua relação com ele?

A5.: Não sei... Não me lembro de nada específico não, que tenha impactado... Acho que não.

B.: Beleza. Você se lembra só desses questionamentos do jogo mesmo, né? Assim...

A5.: Sim.

B.: Alguma coisa sobre o jogo?

A5.: Sim.

B.: Beleza. Se a gente falar um pouquinho sobre incentivo, A5, como que os seus treinadores te incentivavam durante treinos e competições? É... Se você lembra, né,

frases, gestos, algum tipo de reação que possa te chamar muito a atenção... É... Aí falando especificamente de você assim, alguma coisa direcionada a você.

A5.: Acho que conversas mesmo, tipo, conversas pré-jogo. Eu acho que mais isso, extracampo mesmo.

B.: Legal. Antes do jogo, você acha que... Você lembra de acontecer esse tipo de conversa, tipo na preleção, assim?

A5.: É, isso.

B.: Legal. Aí você percebia que isso acontecia com você? Com as outras meninas também?

A5.: Acho que na maioria das situações comigo e com elas também. Quando acontecia, era com todo mundo.

B.: Legal. E agora cobrança, A5, como que ele te cobrava? Em treinos, competições, enfim... Sem separar isso aí.

A5.: Ah, eu acho que no geral eram todos assim, eles cobravam normalmente mesmo, falando com a gente e tudo mais. Mas tem um treinador meu que, ele, o jeito dele falar, era gritando, assim. Então ele parava o treino para explicar, aí ele gritava, ficava muito puto. E no, no jogo era a mesma coisa.

B.: Uhum....

A5.: Ficava puto com qualquer situação que fugisse do controle dele.

B.: E também, de novo, era mais individual? Ou grupo...

A5.: É.

B.: Essa cobrança?

A5.: Com o grupo, isso.

B.: Com o grupo inteiro, né?

A5.: Sim.

B.: Beleza. Se tiver alguma situação, A5, que você lembre, igual essa que você lembrou assim de: 'ah, um treinador específico gritava muito...'. Se tiver alguma situação que te salte a memória, você pode me interromper e falar, tá bom?

A5.: Beleza.

B.: Como o seu treinador reagia, A5, quando lesões, ou compromissos ou questões pessoais limitavam sua participação ou sua performance de fato, né, no treino ou na competição?

A5.: Não lembro de nenhum caso que tenha... Tido uma reação ruim ou algo do tipo assim, muito drástica não.

B.: De maneira geral, como, como que isso acontecia?

A5.: Ah, tipo, não era nada específico não, tipo, eu só converso, explico a situação e fica por isso mesmo.

B.: Uhum.. Nada que te chame a atenção, né?

A5.: Não.

B.: Então, de certa forma, você acha que eram compreensíveis, né, com seus compromissos, com suas questões?

A5.: Sim.

B.: Beleza. Você já foi xingada, chamada de nomes, humilhada, ignorada por algum treinador?

A5.: Acho que já, não xingada, mas assim, humilhada, talvez, de certa forma.

B.: Você gostaria de contar, se sente à vontade para contar?

A5.: Ah, eu acho que a situação que, que me vem à cabeça foi no último jogo que eu fiz pelo Campeonato Carioca¹³⁰ no ano passado, que tipo, a gente estava no banco e a goleira machucou. Daí, eles não queriam trocar ela e colocar a goleira reserva. Queria que ela fosse para os pênaltis e ela não tinha condições físicas de ir para os pênaltis. Daí eu e as meninas que estávamos no banco, a gente ficou bem incomodada com isso, é, reclamando, tipo, deles levarem a galera para o banco, mas não sentirem confiança de colocar esse pessoal. Aí a massagista do time, que assim, ela é mulher do treinador, ela meio que falou com a gente que se a gente quisesse tirar o uniforme e entregar ela, tipo, para meio que convidando a gente a sair, sabe? Era só a gente pegar e fazer isso.

B.: Uhum...

A5.: Então assim, foi uma situação meio chata. Eu senti que a gente não podia, não podia falar as coisas com medo de vim alguém e mandar a gente embora do time.

B.: Uhum... Não foi especificamente com o treinador, mas com alguém muito próxima a ele, né?

A5.: É.

B.: Beleza. Você já teve algum treinador, A5, que fez recomendações sobre o tipo de roupa que você deveria usar ou algum traço físico para a prática do esporte ou alguma coisa específica?

¹³⁰ Campeonato Carioca de Futebol Feminino.

A5.: Hmm... Acho que só teve um treinador um vez que fez um comentário, tipo, por eu estar acima do peso, para poder jogar, tipo...

B.: Que você estaria acima do peso?

A5.: É, para poder jogar.

B.: Entendi. E como você se sentiu, A5?

A5.: Ah, eu acho que no momento foi incômodo, mas tipo, hoje eu fico tranquila em relação a isso.

B.: E esse comentário teve algum tipo de contexto? Algum tipo de suporte que ele te dava para isso...? Alguma coisa do tipo, ou foi isolado assim? Sem justificativa?

A5.: Não, foi em um dia que ele resolveu que iria falar tudo que cada, que cada uma tinha que melhorar e começou a falar de características físicas e tudo mais. Esse foi um treinador que eu tive pouquíssimo contato, então para mim não foi nada muito impactante não.

B.: Uhum... Foi esse que você ficou menos tempo?

A5.: É.

B.: Ou não?

A5.: Mas teve um outro também que eu fiquei menos tempo...

B.: Ah, tá.

A5.: Acabei de lembrar, inclusive.

B.: ((riso)) Tem problema não. É... E aí ele tirou esse dia para falar, para falar dessas coisas de vocês?

A5.: É.

B.: Entendi. E essas questões, né, de traços físicos e tudo mais, foi específico com você? Ou foi com outras meninas também?

A5.: Não, foi com outras meninas também.

B.: Entendi. No caso de derrota, A5, ou algum tipo de desempenho abaixo do esperado, ou algum erro que comprometeu a performance do time, alguma coisa tipo... Seu treinador já propôs treinamentos e exercícios extremos, que foram além das suas possibilidades? Como se fosse um castigo?

A5.: Não... Acho que não.

B.: Você já se sentiu inferiorizada ou humilhada por seu treinador por ser mulher?

A5.: Também não.

B.: Você já vivenciou alguma situação de omissão ou negligência do seu treinador, A5? Algum tipo de situação, por exemplo, que ele deveria ter... Você acredita, né?

Que ele deveria ter te amparado, deveria ter tomado partido de alguma coisa, e... Você não teve esse, esse suporte?

A5.: Sim.

B.: A5?

A5.: Oi, está me ouvindo?

B.: Agora sim.

A5.: Sim, já tive sim.

B.: Você gostaria de contar?

A5.: Eu acho que foi essa mesma situação mesmo, tipo, em questão da massagista, né? Nem o coordenador, nem o coordenador técnico falaram nada com a gente depois disso. A gente contou a situação e eles assim, meio que se abstraíram assim, não tomaram partido de nada.

B.: Uhum... Você já passou, A5, por algum episódio de abuso ou assédio sexual?

A5.: Não.

B.: Você já passou por algum episódio que envolveu toques em partes íntimas ou alguma atividade sexual?

A5.: Não.

B.: Seu treinador já estimulou o bullying com você?

A5.: Não.

B.: Seu treinador já presenciou você, ou alguma outra atleta, sofrendo bullying ou algum tipo de violência?

A5.: Não.

B.: Beleza. Se tiver alguma coisa desse tipo, A5, que você quiser comentar, a gente vai para o último bloco agora, tá bom?

A5.: Beleza, tá bom.

B.: Você gostaria de relatar alguma recordação, alguma história marcante de algum treinador ou treinadora sua?

A5.: Hm, não, eu acho que não tem nada não.

B.: Se você tivesse a oportunidade de mandar, A5, uma carta para um treinador ou uma treinadora, o que você diria sobre as relações dele com as atletas? Então agora, A5, é um momento assim, se você quiser falar, você pode falar como se estivesse falando diretamente para essa pessoa e também o espaço aberto para se você quiser, de fato, escrever alguma coisa, né, uma carta, você pode escrever e mandar para a gente também, de maneira anônima, que a gente também vai receber.

A5.: Entendi. É, eu acho que seria para a minha única treinadora mulher mesmo, tipo. Não seria uma carta negativa, seria uma carta mesmo para agradecer porque eu acho que dentre todos os treinadores que eu tive, tipo, a maneira dela trabalhar e a forma dela lidar comigo e com as outras meninas foi a melhor assim, disparado. Não só tecnicamente ou taticamente, mas assim, no extra quadra mesmo, tipo, cuidar do lado psicológico das atletas, de incentivar as atletas dela. Então eu acho que a minha carta seria de agradecimento mesmo.

B.: Legal. É... Fica o espaço, tá, A5, se você quiser mandar. E, e... Eu também queria saber assim, é, é... Essas características, de maneira um pouco mais descritiva, que você considera que são muito importantes, que essa treinadora tem, que você acha que fazem a diferença assim, é... Conta um pouquinho mais, por favor?

A5.: Eu acho que assim, eu digo isso agora não só como atleta, mas também como treinadora, eu acho que para o atleta... Eu acho que uma das principais coisas é ele saber que ele está à vontade no espaço que ele tá e que ele é importante, que ele é querido ali. Então assim, o fato dela fazer com que a gente se sinta dessa forma, é, a gente sentir que todo mundo ali tem a sua devida importância, não só dela falar isso, mas dela demonstrar mesmo, colocar isso em prática, eu acho que isso é um dos pontos positivos que eu destacaria porque eu já me senti inferiorizada em outros lugares em relação a outras meninas. Outros treinadores faziam comparativos ou algo do tipo, e agora eu não me sinto mais. Eu tenho certeza que as outras meninas que, que treinam comigo também não se sentem porque a minha atual treinadora ela não faz isso.

B.: Uhum... Legal, A5. Tem algum comentário para acrescentar? Alguma resposta que, você gostaria de alterar? Alguma coisa do tipo? Ou deixar mesmo algum depoimento sobre um tema do trabalho ou algum tema que não foi abordado na entrevista?

A5.: Acho que não.

B.: Beleza! "Acabemos".

A5.: Só isso mesmo?

B.: Só isso tudo. ((risos)) Vou parar de gravar aqui rapidinho e a gente despede, pera aí.

A5.: Tá bom.

((final da transcrição))

PARTICIPANTE 6 – 11/01/2023**TEMPO DE GRAVAÇÃO**

40 minutos e 54 segundos

((início da transcrição))

B.: Aqui também. Beleza, A6. Tudo gravando, são sete horas da noite, do dia onze de janeiro. É... Vamos começar a entrevista.

A6: Beleza.

B.: Novamente, A6, a qualquer momento que você quiser parar, não se sentir confortável para responder alguma pergunta, você pode falar, tá bom?

A6: Tá ótimo.

B.: Beleza. Eu vou te chamar o tempo inteiro pelo nome, tá, A6, mas depois eu suprimo o seu nome, tá? Só para você não achar estranho.

A6: Tá bom. Tá bom. ((riso))

B.: Só por isso. Com qual gênero você se identifica, A6?

A6: É, feminino.

B.: Qual sua orientação sexual?

A6: Eu sou bissexual.

B.: Quantos anos você tem hoje?

A6: Vinte e nove.

B.: Com quantos começou a praticar o futsal?

A6: Ah... Com dezessete, senão me engano.

B.: Beleza. E o futebol também foi nesse período ou tem diferença?

A6: É, não, tudo junto, né? Jogava no campo, jogava na quadra, tudo na mesma época.

B.: A gente para o primeiro bloco, tá bom, A6? Quando você teve seu primeiro treinador de futsal ou de futebol ou sua primeira treinadora?

A6: É... Foi... Estou tentando lembrar aqui. Foi... Foi treinadora. Na verdade o time nem tinha treinadora, né, tinha uma pessoa responsável, mas era uma mulher, que era na época a T13.

B.: E você tinha quantos anos?

A6: Tinha dezessete.

B.: Foi nessa idade mesmo? Já começou tendo essa pessoa?

A6: É, não, na verdade eu comecei jogando antes, né? Jogava na escola. Jogava na escola, isso desde nova. Mas assim quando eu comecei a treinar de fato foi com dezessete.

B.: Na escola era na Educação Física?

A6: É, Educação Física.

B.: Nada separado, né? Era já um...

A6: Não, não.

B.: E aí o professor ou a professora de Educação Física era quem ali na hora...

A6: É, jogava na escola mesmo.

B.: Na aula mesmo, né?

A6: Isso.

B.: Legal, você lembra, A6, quantos treinadores, quantas treinadoras fazem parte da sua trajetória?

A6: Ah... Deixa eu pensar... Foi a T13... Foi a T13, depois o T14. Depois... A T15, o T16... Eu acho que o T11, eu acho que cinco!

B.: Beleza, então foram quantas treinadoras desses cinco?

A6: Foi a T13, a T15... Ah, pera aí que agora esqueci... Foi a T13, T15... Duas.

B.: Duas treinadoras e três treinadores?

A6: É. E a T17¹³¹ também ficava, né? Na época do Buscapé, então, assim... Não sei se conta. ((riso))

B.: Ah, se você considera, considera! ((riso))

A6: Ah, ela era referência, né? Então vale! ((risos))

B.: Então bora. Então três mulheres, né? E três homens, é isso?

A6: Isso.

B.: Beleza. Você consegue contar, A6, mais ou menos, quanto tempo você ficou com cada? Só para a gente ter uma noção se durou muito tempo essa relação com esses treinadores, se foi mais rapidinho.

A6: É, a T13 foi pouco tempo, né? A T13 foi, vamos colocar aí, alguns três meses. Aí, depois eu fiquei com o T14... Ah, uns anos que eu fiquei no Machado¹³². Entrei no Buscapé em dois mil e quinze, então... Ah, uns três anos. Uns três. Uns três anos com

¹³¹ Na época, a atleta da equipe do Buscapé também assumia uma posição de liderança na equipe como capitã. Hoje, ela é atleta profissional de futsal.

¹³² Colégio e Faculdade Machado Sobrinho, em Juiz de Fora/MG.

o T14. Aí depois fiquei mais um ano e pouco com o T16. Não, minto! Nesse meio tempo do T14 teve a T15, na época do time de Juiz de Fora. Foi em dois mil e quatorze, então, eu fiquei um ano com a T15, mais ou menos, um ano e pouco com T16, que é o treinador de Ubá¹³³. E depois com o T11. Aí com o T11 eu estou desde dois mil e quatorze também... Não, foi dois mil e dezesseis que o T11 entrou. Então o T11 está há quatro, vai fazer seis anos que o T11 está.

B.: Legal, A6, bastante tempo então com cada um, né? E só a primeira que foi mais rapidinho, não é isso?

A6: É, é.

B.: E como você é goleira, A6, você também teve treinadores ou treinadoras específicas da sua posição? Ou não?

A6: É... Eu tive só o T11. Específico. E o T18. Teve o T18 também, esqueci dele.

B.: Entendi.

A6: Mas ele foi parte do projeto do T11... Então...

B.: Então vamos considerar todo esse pessoal aí porque ainda mais que é uma posição que tem uma pessoa específica...

A6: Sim, sim. Importante.

B.: A gente trata deles também como se fosse seus treinadores, tá bom?

A6: Uhum, lógico, lógico. De fato é, né?

B.: Isso. De maneira geral, A6, antes da gente entrar em partes mais específicas, como você descreve sua relação com essas pessoas?

A6: Ah... Todas eu tenho um bom relacionamento. O T11 hoje eu considero um amigo, né? Tantos anos junto com ele, então... Todos eu tenho uma boa relação. Nenhum deles eu tenho algum obstáculo. Mas o T11, especificamente, eu considero ele como um amigo mesmo.

B.: Legal, é quem mais te chama atenção agora?

A6: É.

B.: Beleza. Você percebeu, A6, alguma diferença entre a treinadora, as treinadoras e os treinadores?

A6: Em qual o sentido que você fala?

B.: No que você achar que pode ser diferente, sem nada muito específico.

¹³³ Ubá é um município da Zona da Mata de Minas Gerais e está próxima à Juiz de Fora.

A6: Ah, às vezes o jeito que conduz as coisas. O jeito de falar, o falar dos treinadores para as treinadoras, talvez um pouco diferente, mas cada um deles, inclusive as mulheres, tinham personalidades bem diferentes uma da outra, né? Então, mas questão entre as mulheres e os homens eu acho que é mais um jeito de conduzir as coisas. Elas querendo ou não tem um pouco mais de tato para poder falar as coisas, sabe?

B.: Você sentia essa diferença maior então...

A6: Isso, isso.

B.: Legal. Tem alguma coisa que você acha que te marcou nessa diferença, A6, que você gostaria de comentar? Algum caso específico que te chama atenção sobre isso?

A6: Hm... Estou tentando pensar em uma coisa específica aqui. Mas não, acho que não.

B.: Beleza. Beleza. Quais foram os locais de prática que você teve contato com o treinador ou com a treinadora, A6? Eram escolinhas? Eram clubes?

A6: É, hoje, hoje é no clube¹³⁴, né? Mas já estive na escola, foi no Machado. No Clube Sesi de Ubá e praça.

B.: E aí esses locais diferentes, você percebeu alguma diferença quanto a sua relação com ele ou com ela dependendo desse espaço? No clube era mais assim, na praça era mais, assim?

A6: Não, mesma coisa. Em relação a treino, essas coisas, não. Era a mesma coisa.

B.: Alguma coisa além do treino que possa te chamar atenção?

A6: Não.

B.: Nível de cobrança, alguma coisa.

A6: Não. Hoje por estar no clube, por representar o clube, o T11 acaba cobrando mais da gente, né? Como atletas, mas só.

B.: Legal. Pensando um pouquinho agora na A6 das várias idades, né? Quando você começou, você tinha dezessete, né?

A6: Sim.

B.: Como que a A6, naquela época via... É T15, não é? Que foi a primeira?

A6: Não, a primeira foi a T13.

B.: Como a A6 via a T13?

¹³⁴ Clube Bom Pastor com a parceria com o Buscapé.

A6: Ah, na época, eu não levava tão a sério, né? Porque eu entrei meio que em um grupo de pelada. Então assim, era brincadeira que aí vamos entrar no time da Bahamas e assim, então via ela como de fato uma treinadora. E respeitava... Não, eu respeitava, mas assim a visão diferente de respeito treinador e jogador, não tinha muito isso.

B.: E foi seu primeiro contato também, né, com essa...

A6: É, isso. Treino, essas coisas, foi nessa época, meu primeiro contato.

B.: E aí depois um pouquinho mais velha, né, no caso do seu segundo treinador, como isso era estabelecido assim entre vocês? Como é que você pode pensar naquela A6 participando dos treinos e tudo mais?

A6: É, então, aí depois quando eu mudei e de fato comecei a treinar com o T14, respeitava e via que... E queria, né? Eu como atleta assim, tentava ouvir, prestar atenção, tentar melhorar para, porque assim aí eu comecei a ver que: 'não, é o que eu quero. Eu quero jogar. Então vamos pensando, né? Vamos fazer do jeito certo, respeitar a hierarquia' e assim foi indo, né?

B.: E aí depois já na A6 mais adulta, né? Depois dessa segunda experiência aí já foi logo com T11? Que aí você ficou mais tempo?

A6: É.

B.: E como é que é essa relação atual assim, com A6 já adulta?

A6: É hoje, né? Hoje a gente tem um projeto muito sério, né? Então eu levo muito a sério essa questão, por mais que não seja remunerado, que tenha toda essa questão, eu levo muito a sério porque é uma coisa que eu gosto muito e lá no clube, a gente tem tudo o suporte, né? Então a gente treina, leva tudo muito a sério, então a minha visão hoje com ele, em relação a eles, é que eu tenho que respeitar mesmo, é que se eu quero fazer o que eu faço, eu busco sempre fazer o meu melhor, né? Então eu busco ouvir, busco pegar tudo que eu posso dele porque eles são referência para mim.

B.: Legal, quais os efeitos, então, A6, ou impactos que esses treinadores e essas treinadoras têm na sua trajetória?

A6: Ah, então, eu considero eles como referência, né? Principalmente o T11 e o T18. Então eu levo que principalmente o T11, a maioria das coisas que eu aprendi hoje como goleira, eu aprendi com ele, então assim, tudo meu, tudo que eu desenvolvi foi por conta deles, então o impacto para mim é absurdo porque o meu desenvolvimento nesse tempo todo, é... Enorme! Então eu considero muito, sabe?

B.: Legal, A6. Então a gente vai passar por um outro bloco agora, tá bom? Você percebia mudanças significativas de comportamento dele ou dela em treinos e competições? Comparando assim, né, no treino era de um jeito, na competição era de outro.

A6: Não. Mas é... No caso você fala de todos ou de...?

B.: Aham, generalizado. Eu vou te perguntar agora tudo generalizada e aí você me conta o que te chamar atenção, né?

A6: Tá, tá. A maioria não, a maioria do jeito que é no treino, é em jogo. Não muda muito.

B.: Legal. E aí também vou te perguntar de maneira geral, como esses treinadores, essas treinadoras manifestavam satisfação nos treinos e nas competições? Quando a situação era favorável, como eles reagem?

A6: Ah... Pergunta difícil essa. Ah, reação de alegria mesmo e de mostrar, de empolgação e de mostrar que a gente estava fazendo que deveria ser feito.

B.: E quando era insatisfação, A6?

A6: Ó, insatisfação dependendo do treinador era um esporro, dependendo era mais na conversa individual com atleta. Para conversa, conversando muito para tentar ajustar alguma coisa durante o jogo. Mais isso.

B.: E esporro assim você diz como?

A6: Ah, esporro de... Ah, dar um gritinho e falar: 'ou, vamos querer', sabe? 'Presta atenção.' Essas coisas assim.

B.: E essas conversas que você diz e tudo mais, você falou dos individuais, né? Tinham outras conversas também?

A6: Oi?

B.: Tinha alguma outra conversa mais geral?

A6: É, é. Tem, tinha, igual por exemplo, no caso do T11, ele é muito de conversar, então se alguma coisa não está, ele conversa, explica, prancheta, o que que tem que ser feito e se ele vê alguma coisa individual com atleta, ele chega no atleta e fala o que que ele deve fazer.

B.: Isso acontece para todo mundo? Inclusive para você no gol? Para as meninas de linha?

A6: É, acontece.

B.: Você considera que a forma como ele ou ela reagia nas competições nos treinos tinham alguma influência no seu desempenho? Ainda tem?

A6: Ah, considero. Considero. É... Eu acho que a forma como você trata o atleta. Eu acho que o fato... Conhecer o atleta individualmente nessas questões de como lidar diante de pressão, eu acho muito importante. Então o jeito como ele leva as coisas é muito importante assim, porque às vezes, às vezes não consigo, né? Mas alguma, com alguma atleta se ele fala de uma forma muito diferente que a pessoa não está acostumada, sente. Não tem jeito. Aí atrapalha o desenvolvimento.

B.: E isso aconteceu com você de alguma maneira? Já aconteceu alguma coisa? Algum caso?

A6: Ah, não. Até que eu tenho facilidade de lidar assim... Ou com o treinador que grita ou com o treinador que é mais conversar mesmo. Comigo é mais tranquilo.

B.: Você consegue se adaptar, né?

A6: Consigo.

B.: Legal. E a forma como você agiu ou age, A6? Já interferiu na maneira como treinador ou treinadora se comportava? Em algum momento específico? Em alguma ação ou atitude sua?

A6: ((suspiro)) Ah, pensando... Ó, eu estou tentando lembrar aqui, eu acho que não porque normalmente quando eu quero falar alguma coisa durante o jogo, eu pergunto ao T11... Eu falo para ele o que eu estou pensando e ele vê cabe agir ou não. Já teve vezes de eu dar uma estressada durante o jogo, xingar até um treinador mesmo, mas eu acho que assim, ficou naquilo ali e o jogo seguiu. Acho que não chegou a interferir não.

B.: No calor do jogo ali.

A6: É.

B.: E você acha que morreu ali depois? Acabou o jogo, acabou.

A6: Ah não, morreu. Morreu.

B.: Beleza. Você já chegou a questionar algum treinador ou treinadora, A6?

A6: Em qual sentido que você fala? De qualquer coisa?

B.: Sobre, sobre... É. Uma situação de entre aspás, um embate acerca do jogo, algum outro comportamento, algum outro assunto dessa relação entre treinador e atleta?

A6: É, entre treinador e atleta não, mas eu costumo dar minha opinião sobre o que eu acho. É, eu respeito o que ele define, mas se eu não concordo com uma coisa que ele fala ou que ele acha que tem que ser, eu falo. Eu falo: 'ó, você acha que não seria melhor assim?' ou às vezes eu falo: 'ah, desse jeito, eu acho que não vai dar certo', mas se ele falar que é aquilo, é aquilo e pronto acabou.

B.: Tem um espaço, né?

A6: É, não, eu tenho um espaço para poder falar.

B.: E isso acontecia desde sempre ou agora você está fazendo mais alusão ao atual momento?

A6: Então, hoje eu falo mais porque com o T11 eu tenho liberdade. Eu acho que pelo fato de ser capitã da equipe, né? Então acabo, querendo ou não, tendo mais espaço para poder falar.

B.: Tem alguma situação que você lembra que possa te chamar atenção, A6? Desse tipo de questionamento, algum embate, alguma coisa do tipo?

A6: Ah... Já teve vários jogos que por exemplo, às vezes ele estava usando... Ele queria jogar de uma forma e eu falava: 'T11, dessa forma não está dando certo. Vamos jogar, por exemplo, de três-um'¹³⁵. Às vezes vai encaixar melhor. Exemplo da final agora da Copa... Que a gente jogou agora, esqueci o nome.

B.: Da Zona da Mata?

A6: Isso, da Zona da Mata. A gente estava jogando a final, ele queria jogar de redondo ou de quatro-zero'¹³⁶. Eu vi que não estava entrando e falei: 'T11, vamos entrar de três-um. Eu acho que vai encaixar melhor do que a gente ficar batendo cabeça'. E acabou dando certo, assim.

B.: Legal e você acha que isso teve um impacto na sua relação com ele nesse caso, A6?

A6: Nesse caso específico que você fala?

B.: É, nesse caso que você contou, ou em outro caso também, mas nesse caso específico?

A6: Ah, não! Eu acho que assim, o impacto que causa só aumenta a confiança que ele tem em mim e o espaço que eu tenho para poder abrir a mente dele, ou a minha mesmo, para alguma outra forma de jogo.

B.: Alguma outra situação que teve isso, você sentiu que teve algum tipo de impacto, alguma coisa assim?

A6: Hm... Acho que não. Ó, Bárbara, eu só vou abrir o portão aqui rapidinho, tá?

B.: Tá. ((breve silêncio))

A6: Pronto, Bárbara. Voltei.

¹³⁵ Formação tática do futsal que é caracterizada pela presença de pivô.

¹³⁶ Outras formações táticas do futsal.

B.: Beleza. Vamos lá, A6, o seu treinador ou a sua treinadora te incentivava ou incentivava, né? Durante treinos e competições? E de que forma que isso acontece?

A6: Eu só não escutei o final que você falou. É, de incentivar...

B.: Perguntei. Eu perguntei de que forma que... Se esse incentivo acontece, de que forma que ele acontece?

A6: Não consegui ouvir ainda, Bárbara. Desculpa.

B.: Pera aí. Minha voz você está ouvindo? Ou não?

A6: Aham. Tá, tô te ouvindo.

B.: Vou aumentar aqui um pouquinho. Melhorou agora?

A6: Aí, melhorou.

B.: Beleza. Vou fazer a pergunta novamente, tá?

A6: Tá.

B.: O seu treinador ou a sua treinadora te incentivava, ou incentivava, durante os treinos e competições?

A6: Ah, incentiva! O tempo todo. É... Hoje, por exemplo, o T11, às vezes eu estou desanimada, ele chega para mim. Ele senta, conversa, pergunta o que está acontecendo e tenta me ajudar da melhor forma assim. Ele não me incentiva assim a, a... Querer virar profissional, essas coisas, mas a treinar melhor, a ser melhor no treino, aí ele incentiva.

B.: Legal, isso acontece com você? Com as outras meninas do grupo também?

A6: Ah, comigo eu sei o que acontece. Então, acho que com algumas atletas talvez ele seja até um pouco relaxado, mas com outras eu acho que não. Eu acho que ele pergunta sim.

B.: Mas esse incentivo geralmente acontece de maneira mais individualizada?

A6: É, mais individualizada.

B.: Conversa antes?

A6: É, isso.

B.: Legal. Em competição isso também acontece, A6?

A6: Ah, acontece.

B.: Também?

A6: Acontece. Normalmente aí, no caso de competição é mais coletivo, né? Ao fato de querer ganhar e tudo mais, então acaba sendo mais coletivo. Mas normalmente treino, essas coisas, é mais individualizado.

B.: Legal. E quando é uma cobrança, A6? Como isso acontece? Nos treinos e também como acontece nas competições?

A6: É... O T11 é muito de conversar. Ele é bem tranquilo, então... ele leva, ele tenta levar as coisas de uma maneira mais leve mesmo que seja cobrança, sabe? Ele não gosta de gritar, ele não gosta de brigar, quando é para brigar, de fato brigar, ele se sente mal porque, UMA vez ou outra, esporadicamente, ele dá uns gritos com a gente. E ele fica se sentindo mal depois por isso. Então quando é questão de cobrança, desse fato também, ele é de conversar. Ele não costuma, é, impor muitas coisas. Ele impõe de um jeito conversado, sabe?

B.: Legal e em competição também?

A6: Em competição também.

B.: A característica do T11 então, bem de conversar, né?

A6: É.

B.: Legal. Em algum outro treinador ou treinadora antes, A6, que chama atenção com relação a isso de incentivo, de cobrança?

A6: De incentivo, até que não. Pelo contrário, né? ((riso)) Até. Tirando o T16. Questão de cobrança agora... O T16, o treinador de Ubá, ele era, ele era o oposto do T11. Ele gritava, ele xingava, ainda mais quando assim, sentia na obrigação de ganhar, então a cobrança dele era pesada, sabe?

B.: E era com o grupo mesmo inteiro? Individual?

A6: Com o grupo, com o grupo.

B.: E de incentivo você até falou, né? 'Pelo contrário'. Você acha que não era feito? Como é isso?

A6: Ah... Não era. Eu não sei assim, aí não cabe a mim julgar, sabe? Cada um tem um jeito diferente de treinar. Mas... Então acabava que eu não tinha treino, por exemplo, específico de goleira. Se treinasse estava bom. A preocupação geralmente é com atleta de linha. O goleiro fica lá... Então não tem uma desenvoltura normalmente com o goleiro. Eu comecei até essa visão de jogo, essas coisas diferente, depois que entrou o T11, porque aí começou a ter específico de goleira, eu comecei, eu comecei a me sentir valorizada, entende?

B.: Entendi. Antes disso, né? Ainda mais pela sua posição, você não sentia muito...

A6: Não. Não. Normalmente o goleiro assim... É, é, eu esqueci a palavra que eu ia falar... Indiretamente acaba meio que ficando de lado. Porque normalmente goleiro não aparece muito a não ser que esteja sofrendo muito ataque, então fica ali... E chega

treino, normalmente, a preocupação é jogada, é falta, é penalti para bater. É fazer de fato o gol, né? Não, geralmente, não a proteção. Então a gente acabava não sendo muito visto, então geralmente os treinadores davam mais atenção para as atletas de linha, então depois que eu fui para o clube... É, não para o clube, né? Mas que o T11 veio treinar com a gente. Como, eu acho que pelo fato dele ser goleiro também, acabou mudando um pouco isso em mim, né? Eu acabei me sentindo mais valorizada, igual eu te falei.

B.: Legal, A6. Com relação ao incentivo e cobrança ainda, os dois agora em um balaio só. Se você tiver alguma recordação que você se lembre, que fique muito na sua memória de um treino, de um jogo, você pode falar, tá bom?

A6: Tá. Mas, recordação de que, que você fala?

B.: De alguma situação de incentivo ou de cobrança que te chame muito atenção, assim... Alguma situação que te chamou atenção, que te impactou de certa forma ou que está na sua memória.

A6: Tá, estou tentando lembrar. Eu sou péssima para isso. ((riso)) Pera aí ((silêncio)). Pô, teve um jogo, não lembro contra quem, mas eu tomei um “frangaço”¹³⁷. Um “frangaço”. Aí o T18, era o T18. Ele nem estava na quadra, ele estava do lado de fora. Mas ele me dava o treino específico. Era ele que estava me dando o treino. Ele... As palavras dele comigo, me fez assim, mudar o jogo porque quando eu tomei o gol, ficou todo mundo muito puto comigo porque era um gol que, assim, meio que não podia tomar de jeito nenhum e de uma maneira idiota, eu acabei tomando. E enquanto estava todo mundo muito puto comigo, ele deu a volta, ficou parado atrás do gol tentando me dar aquela moral, sabe? Então eu acho que isso para mim conta muito, sabe?

B.: Ai, que legal, A6. E como o seu treinador ou treinadora reagia, ou reage, quando lesões, compromissos ou questões pessoais limitam ou limitavam sua participação ou até performance?

A6: Ah, de uma forma geral. Ele... Eles são muitos preocupados, né? Então assim, eles... Se eu machucar, ele se preocupa em melhorar primeiro. Às vezes ele prefere me poupar ele. Ah, tem jogo tal dia, mas eu estou machucada, ele, senão tiver outra goleira, quer dizer, se tiver outra goleira, ele prefere usar outra goleira e prefere que

¹³⁷ Expressão do futebol/futsal utilizada para quando o/a goleiro/a comete uma falha que ocasiona no gol da equipe adversária.

eu me resguarde, que eu melhore porque a minha saúde em primeiro lugar, que ele acha assim... Graças a Deus. ((risos))

B.: Então você já se sentiu, de certa forma culpabilizada em algum momento, A6, por algum acometimento ou alguma coisa que você não controlou?

A6: Não.

B.: Beleza.

A6: Você fala de lesão e essas coisas?

B.: É, uma lesão, às vezes um compromisso, uma questão pessoal de última hora que te impede de ir ao jogo, que te impede de ir ao treino, que te impede de performar bem, alguma coisa do tipo, sabe?

A6: Uhum. A única vez que, na verdade... Não sei se a palavra é culpada, mas foi no Mineiro¹³⁸. Que aí na véspera do Mineiro eu quebrei o tornozelo. E era eu e a Tereza¹³⁹ de goleira. A Tereza [inint]. E eu trago assim, querendo ou não, o T11 não tinha definido quem ia ser titular ainda na época, eu achava que seria eu, não sei também. E na véspera eu quebrei o tornozelo e para mim era um sonho jogar o Mineiro. E aí eu fiquei muito mal assim. Eu falei: 'puts!'. Acabei não jogando, né? Porque não tinha jeito. Aí fiquei bem mal, então não sei se a palavra culpada, mas assim, bem brava por ter quebrado o tornozelo na véspera do campeonato mais importante para mim.

B.: Você teve suporte das pessoas que estavam com você, como que foi essa situação?

A6: Tive, tive!! Porque foi no treino, né, inclusive, que eu machuquei. Ali, todo mundo me ajudou, a Micaela¹⁴⁰ que era atleta, era fisioterapeuta, me deu um suporte ali na hora e depois o T11 mesmo que... Acabou que eu fui no médico só no outro dia, quebrei o tornozelo, só que eu ia internar só no domingo para poder fazer a cirurgia e foi o próprio T11 que me levou para o hospital, que me deixou no hospital no domingo então, tive todo apoio.

B.: Beleza, A6. Bom, né? Você já foi xingada, chamada de nomes, humilhada, ignorada por algum treinador ou treinadora?

A6: Ah... Xingada? Ah... Eu acho que não! Humilhada, não! Humilhada não. Xingada eu acho que já ((riso)). Assim na hora do jogo, aí xinga um palavrão. Eu acho que já, já pelo T16 já! Com certeza.

¹³⁸ Campeonato Mineiro de Futsal Feminino.

¹³⁹ Nome fictício para preservar a identidade da companheira de equipe.

¹⁴⁰ Nome fictício para preservar a identidade da companheira de equipe

B.: Esse treinador da cobrança mais excessiva?

A6: É.

B.: E você lembra da situação? Como você se sentiu?

A6: Não, eu não ligo não. Na hora do jogo eu não ligo não. O T11 também uma vez no último jogo... No último jogo não... Foi, no último jogo, contra o, contra o Alfa, que ele xingou ((riso)). Ele xingou. Ele deu uma estressada e xingou. Ele xingou, mas assim, eu não ligo. Na hora ali como se fosse um... Para mim, como se fosse uma... Despertar assim, sabe? Acabou o jogo, eu estava rindo.

B.: Beleza. Então nunca te abalou, de certa forma?

A6: Não!

B.: Você também nunca sentiu que aquilo te feria?

A6: Não, não. Nunca senti.

B.: Beleza. Você já teve algum treinador ou treinadora que fez algum tipo de recomendação sobre o tipo de roupa que você deveria usar ou algum traço físico para sua prática do esporte, alguma coisa nesse sentido?

A6: Graças a Deus, não.

B.: No caso de derrotas, A6, ou algum desempenho abaixo do esperado ou erro que comprometeu a performance, alguma coisa do tipo. Tipo o exemplo que você deu do frango que você tomou, infelizmente... O seu treinador ou a sua treinadora propôs algum tipo de treinamento ou exercício extremo que foi para além das suas possibilidades?

A6: Não, não. Nunca aconteceu não.

B.: Você já se sentiu inferiorizado ou humilhada pelo seu treinador por ser mulher?

A6: Não.

B.: Você já vivenciou alguma situação de omissão ou negligência do seu treinador ou da sua treinadora?

A6: Omissão? Não, acho que não.

B.: É como se fosse assim, você acha que ele deveria te dar um suporte ou se posicionar ou te dar algum tipo de apoio e isso não aconteceu?

A6: Mas pelo fato de eu ser mulher ou não?

B.: Não, de qualquer... No geral.

A6: Tentando lembrar. Não estou lembrando... De algum caso. Eu acho que não, Bárbara. Não estou lembrando, na verdade.

B.: Mas tem problema não, a pergunta já foi feita, então está aí na sua memória, se algum momento durante a entrevista para frente você lembrar, você fala.

A6: Eu te falo.

B.: Você já passou por algum episódio de assédio ou abuso sexual?

A6: Não.

B.: Você já passou...

A6: No futsal, né?

B.: É, com relação a isso, né? Do treinador, enfim, alguém...

A6: Não, graças a Deus, não.

B.: Você já passou por algum episódio envolvendo toques em partes íntimas ou atividade sexual?

A6: Não.

B.: Seu treinador ou sua treinadora já praticou ou estimulou o bullying com você?

A6: Não.

B.: Seu treinador ou sua treinadora já presenciou você ou alguma outra atleta sofrendo bullying ou algum tipo de violência?

A6: Não.

B.: Beleza, A6, se tiver algum caso desses específicos que eu não perguntei que você queira falar, pode falar, tá?

A6: Uhum, não, de boa.

B.: A gente vai para o último bloco agora. Gostaria, A6, de relatar alguma recordação, história marcante, alguma coisa que te salte a memória de algum treinador ou treinadora sua?

A6: ((suspiro)) Acho que não.

B.: Se você tivesse a oportunidade de mandar uma carta para um treinador ou uma treinadora, de acordo com a sua vivência e experiência. O que você diria sobre as relações deles ou delas com as atletas? E aí a gente tem opções de... Você pode falar agora, né? Como se você estivesse falando diretamente para essa pessoa ou você pode de fato escrever uma carta de maneira anônima e mandar também.

A6: Mas no caso para uma pessoa específica ou para qualquer que quiser mandar?

B.: Não, se quiser falar de mais, não tem problema.

A6: Não... É... Ah, ou tem que escrever? De fato, escrever?

B.: Ou você pode falar aqui agora também, se você quiser, como se você estivesse falando para essa pessoa ou você pode escrever porque, às vezes, a pessoa quer ter esse momento de catarse depois e escrever, então...

A6: Ah não, eu diria para o T11 que a forma com que ele lida com as atletas é muito importante, que o jeito como ele leva as coisas, tentando conversar e tentando entender o lado da atleta, é muito importante. E é diferente do que normalmente a gente costuma ver no meio geral como treinadores, não só no futsal. E que é muito importante isso, que eu agradeço muito por ele ser assim.

B.: Legal, A6, você acha que esse jeito de conversa e tudo mais, é um impacto positivo na sua vida?

A6: Sim, muito.

B.: Legal, A6. Você gostaria de fazer algum comentário, acrescentar alguma resposta ou deixar algum depoimento sobre algum tema não abordado?

A6: Não.

B.: Tranquilo?

A6: Tranquilo.

B.: Alguma coisa a mais? Senão, acabamos.

A6: Não só isso mesmo.

B.: Vou parar de gravar aqui e aí a gente despede, pera aí.

A6: Tá.

((final da transcrição))